



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA



**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 5 - SAFRA 2017/18- N. 10 - Décimo levantamento | **JULHO 2018**



Presidente da República

Michel Temer

Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa)

Blairo Maggi

Diretor - Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)

Francisco Marcelo Rodrigues Bezerra

Diretor - Executivo de Operações e Abastecimento (Dirab)

Jorge Luiz Andrade da Silva

Diretor - Executivo de Gestão de Pessoas (Digep)

Marcus Luis Hartmann

Diretor - Executivo Administrativo, Financeiro e de Fiscalização (Diafi)

Danilo Borges dos Santos

Diretora - Executiva de Política Agrícola e Informações (Dipai)

Cleide Edvirges Santos Laia

Superintendente de Informações do Agronegócio (Suinf)

Aroldo Antônio de Oliveira Neto

Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)

Cleverton Tiago Carneiro de Santana

Gerência de Geotecnologias (Geote)

Tarsis Rodrigo de Oliveira Piffer

Equipe Técnica da Geasa

Bernardo Nogueira Schlemper

Eledon Pereira de Oliveira

Fabiano Borges de Vasconcellos

Francisco Olavo Batista de Sousa

Juarez Batista de Oliveira

Juliana Pacheco de Almeida

Martha Helena Gama de Macêdo

Equipe Técnica da Geote

Aquila Felipe Medeiros (menor aprendiz)

Bárbara Costa da Silva (estagiária)

Fernanda Seratim Alves (estagiária)

Fernando Arthur Santos Lima

Gilson Panagiotis Heusi (estagiário)

João Luis Santana Nascimento (estagiário)

Joaquim Gasparino Neto

Lucas Barbosa Fernandes

Superintendências Regionais

Acre, Alagoas, Amapá, Amazonas, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins.



OBSERVATÓRIO AGRÍCOLA

**ACOMPANHAMENTO
DA SAFRA BRASILEIRA**

grãos

V. 5 - SAFRA 2017/18 - N. 10 - Décimo levantamento | **JULHO 2018**

Monitoramento agrícola

ISSN 2318-6852

Acomp. safra bras. grãos, v. 10 Safra 2017/18 - Décimo levantamento, Brasília, p. 1-178, julho 2018.

Copyright © 2018 – Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: <<http://www.conab.gov.br>>
Depósito legal junto à Biblioteca Josué de Castro
Publicação integrante do Observatório Agrícola
ISSN: 2318-6852

Colaboradores

João Marcelo Brito Alves (Geint)
João Figueiredo Ruas (Gefab - feijão)
Mozar d^o Araújo Salvador (Arroz)

Leonardo Amazonas (Gerpa-soja)
Thomé Luiz Freire Guth (Gerpa - milho)
Bruno Pereira Nogueira (Gefab-algodão)

Sérgio Roberto G. S. Júnior (Gefab - arroz)
Rodrigo Gomes de Souza (Gerpa - trigo)
Hilma Noberta de Paula Fonseca (Gecup)
Patrícia Maurício Campos (Suinfi)

Colaboradores das Superintendências

André Araújo e Thiago Cunha (AC); Aline Santos, Antônio de Araújo Lima Filho, Cesar Lima, Lourival de Magalhães (AL); Glenda Queiroz, José Humberto Campo de Oliveira, Pedro Jorge Barros (AM); Ednabel Lima, Gerson Santos, Israel Santos, Jair Lucas Oliveira Júnior, Jocktã do Couto, Marcelo Ribeiro (BA); Cristina Diniz, Danylo Tajra, Eduardo de Oliveira, Fábio Ferraz, José Iranildo Araújo, Lincoln Lima, Luciano Gomes da Silva (CE); José Negreiros (DF); Kerley Souza (ES); Adair Souza, Espedito Ferreira, Gerson Magalhães, Lucas Rocha, Manoel Ramos de Menezes Sobrinho, Michel Lima, Roberto Andrade, Rogério Barbosa (GO); Dônovan Nolêto, Humberto Souza Filho, José de Ribamar Fahd, José Francisco Neves, Olavo Oliveira Silva, Valentino Campos (MA); Eugênio de Carvalho, Hélio de Rezende, José Henrique de Oliveira, Márcio Carlos Magno, Patrícia Sales, Pedro Soares, Telma Silva, Túlio de Vasconcelos (MG); Edson Yui, Fernando Silva, Getúlio Moreno, Marcelo Calisto, Maurício Lopes, Luciana Diniz de Oliveira (MS); Allan Salgado, Gabriel Heise, José Júlio Pereira, Pedro Ramon Manhona, Raul Pio de Azevedo, Cícero Cordeiro, Benancil França, Edson Piedade, Humberto Kothe, Patrícia Leite, Rodrigo Slomoszynski, Rafael Arruda (MT); Nicolau da Silva Beltrão Júnior, Eraldo da Silva Sousa, Gilberto de Sousa e Silva (PA); Samuel Ozéias Alves, João Tadeu de Lima (PB); Francisco Dantas de Almeida Filho, Rosângela Maria da Silva (PE); Jerônimo Contin, Leônidas Kaminski, Rafael Fogaça, Rosimeire Lauretto (PR); Hélcio Freitas, Thiago Miranda, Francisco Antonio de Oliveira Lobato, Antonio Cleiton Vieira da Silva, Edgard Sobrinho (PI); Cláudio Figueiredo, Jorge de Carvalho, Matheus Ribeiro, Olavo Godoy Neto, Wilson de Albuquerque (RJ); Luis Gonzaga Costa, Manuel Oliveira (RN); Erik Colares de Oliveira, João Adolfo Kasper, Niécio Campanati Ribeiro, Thales Augusto Duarte Daniel (RO); Alcidesman Pereira, Karina de Melo, Luciana Dall'Agnese (RR); Carlos Bestetti, Alexandre Pinto, Marcio Renan Weber Schorr, Matheus Carneiro de Souza, Iure Rabassa Martins, Jordano Luis Girardi (RS); Cezar Rubin, Ricardo Paschoal, Luana Schneider (SC); José Bomfim de Oliveira Santos Junior, José de Almeida Lima Neto, Bruno Valentim Gomes (SE); Cláudio Ávila, Elias Tadeu de Oliveira, Marisete Belloli (SP); Alzeneide Batista, Francisco Pinheiro, Eduardo Rocha, Luiz Miguel Ricordi Barbosa, Rafael Alvez da Silva, Samuel Valente Ferreira (TO).

Informantes

Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Seapa/RR); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Rondônia (Emater/RO); Agência de Defesa Sanitária Agrosilvopastoril do Estado de Rondônia (Idaron); Secretaria de Estado de Extensão Agroflorestal e Produção Familiar (Seaprof/AC); Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas (Idam); Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Pará (Emater/PA); Instituto de Desenvolvimento Rural do Estado do Tocantins (RuralTins) e a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Tocantins (Adapec); Agência Estadual de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural (Agerp/MA); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematerce); Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte (Emater-RN); Secretaria de Agricultura, da Pecuária e da Pesca do Rio Grande do Norte (Sape); Empresa de Pesquisa Agropecuária do RN (Emparn); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural da Paraíba (Emater/PB); Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA); Instituto de Inovação para o Desenvolvimento Rural Sustentável de Alagoas (Emater/AL); Empresa de Desenvolvimento Agropecuário de Sergipe (Emdagro); Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR/BA); Secretaria da Agricultura, Pecuária, Irrigação, Pesca e Aquicultura (Seagri); Federação da Agricultura e Pecuária do Estado da Bahia (FaeB); Banco do Nordeste do Brasil (BNB); Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR/BA); Agência de Defesa Agropecuária da Bahia (Adab); Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (Indea); Empresa Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural (Empaer); Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico; Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural do Mato Grosso do Sul (Agraer/MS); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Goiás (Emater-GO); Agência Goiana de Defesa Agropecuária (Agrodefesa); Secretária Estadual de Agricultura de Goiás (Seagro); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (Emater-DF); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Minas Gerais (Emater-MG); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio de Janeiro (Emater-RJ); Coordenadoria de Assistência Técnica Integral (Cati-SP); Departamento de Economia Rural (Deral/PR); Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri); Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul (Emater-RS); Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga).

Editoração

Estúdio Nous (Célia Matsunaga e Elzimar Moreira)
Superintendência de Marketing e Comunicação (Sumac)
Gerência de Eventos e Promoção Institucional (Gepin)

Diagramação

Martha Helena Gama de Macêdo, Guilherme Rodrigues

Fotos

Superintendência Regional do Piauí

Normalização

Thelma Das Graças Fernandes Sousa – CRB-1/1843

Impressão

Superintendência de Administração (Supad)/ Gerência de Protocolo, Arquivo e Telecomunicações (Gepat)

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

633.1(81)(05)
C737a

Companhia Nacional de Abastecimento.

Acompanhamento da safra brasileira de grãos. – v. 1, n.1 (2013-) – Brasília : Conab, 2013-
v.

Mensal

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Recebeu numeração a partir de out./2013. Continuação de: Mês Agrícola (1977-1991); Previsão e acompanhamento de safras (1992-1998); Previsão da safra agrícola (1998-2000); Previsão e acompanhamento da safra (2001); Acompanhamento da safra (2002-2007); Acompanhamento da safra brasileira: grãos (2007-).

ISSN 2318-6852

1. Grão. 2. Safra. 3. Agronegócio. I. Título.

SUMÁRIO



1. Resumo executivo 8



2. Introdução 10



3. Estimativa de área plantada 12



4. Estimativa de produtividade 20



5. Estimativa de produção 27



6. Crédito rural 35



7. Prognóstico climático - Inmet 43



8. Monitoramento agroclimático 48



9. Análise das culturas -----	52
9.1. Culturas de verão -----	52
9.1.1. Algodão -----	52
9.1.2. Amendoim -----	58
9.1.3. Arroz -----	63
9.1.4. Feijão -----	70
9.1.5. Girassol -----	90
9.1.6. Mamona -----	92
9.1.7. Milho -----	93
9.1.8. Soja -----	102
9.1.9. Sorgo -----	109
9.2. Culturas de inverno -----	113
9.2.1. Aveia Branca -----	113
9.2.2. Canola -----	114
9.2.3. Centeio -----	115
9.2.4. Cevada -----	116
9.2.5. Trigo -----	118
9.2.6. Triticale -----	121



10. Receita bruta -----	123
--------------------------------	------------



11. Balanço de oferta e demanda -----	130
11.1. Algodão -----	130
11.2. Arroz -----	131
11.3. Feijão -----	131
11.4. Milho -----	133
11.5. Soja -----	134
11.6. Trigo -----	135



12. Calendário agrícola de plantio e colheita -----	170
--	------------





1. RESUMO EXECUTIVO

A produção brasileira de grãos está estimada em 228,5 milhões de toneladas. Isso equivale a uma redução de 3,9% em relação à safra anterior. As reduções nas precipitações impactaram o potencial produtivo do milho segunda safra e novamente é responsável pela queda de 0,5% em relação ao levantamento anterior, cerca de 1,2 milhão de toneladas. Essa é a segunda maior cultura do país em volume de produção.

A área plantada é estimada em 61,6 milhões de hectares, crescimento de 1,2% ou 760,6 mil hectares se comparada à safra 2016/17.

Algodão: a cultura se encontra em maturação/colheita. O expressivo aumento de área (25,2%), aliado ao ganho de produtividade de 2,6%, resulta numa produção de 1,96 milhão de toneladas de pluma.

Arroz: produção de 11,76 milhões de toneladas.

Feijão segunda safra: com a colheita próxima do fim, a produção permanece estimada em 1,3 milhão de toneladas.

Feijão terceira safra: com o plantio próximo do fim, a estimativa é de redução de área em 6,5%. A produtividade é estimada em 1.222 kg/ha. Se confirmada, serão 660,3 mil toneladas de feijão-comum cores, 11,6 mil toneladas de feijão-comum preto e 62,2 mil toneladas de feijão-caupi.

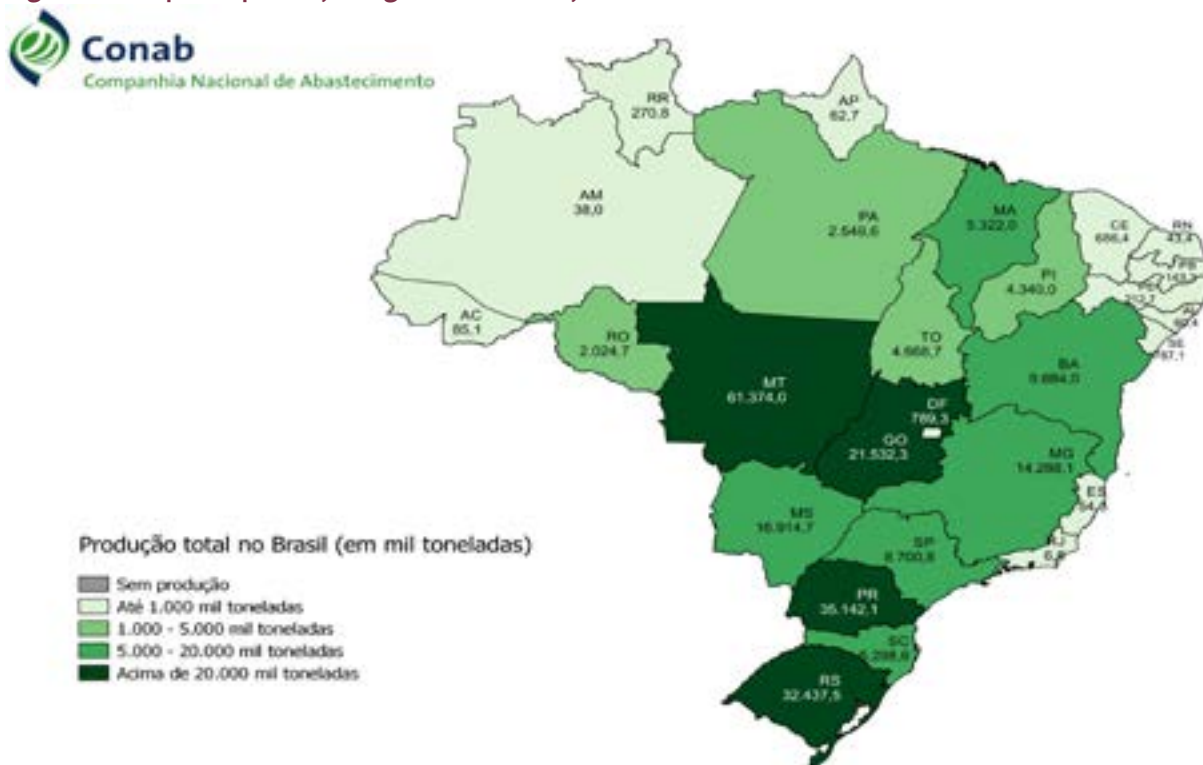
Milho primeira safra: com a colheita finalizando no Nordeste, a produção está estimada em 26,9 milhões de toneladas, 11,7% inferior à safra passada, influenciada, principalmente, pela redução na área semeada.

Milho segunda safra: com a colheita em andamento e parte da produção impactada por forte estresse hídrico, a produtividade sofreu forte impacto e resulta numa produção de 56 milhões de toneladas, 16,9% inferior à safra passada e 3,8% inferior ao levantamento anterior.

Soja: a produção de soja alcança recorde de 118,9 milhões de toneladas, 4,2% superior à safra passada.

Trigo: a estimativa é de aumento de 4,9% na área semeada, estimada em 2 milhões de hectares, resultando numa produção de 4,9 milhões de toneladas.

Figura 1 - Mapa da produção agrícola - Produção total



Fonte: Conab.





2. INTRODUÇÃO

Entre os primordiais objetivos da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), empresa pública vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), há de se citar o acompanhamento da safra brasileira de grãos, que visa fornecer informações e os conhecimentos relevantes aos agentes envolvidos nos desafios da agricultura, segurança alimentar, nutricional e do abastecimento do país.

No citado processo de acompanhamento da safra brasileira de grãos se gera um relatório, construído de maneira a registrar e indicar variáveis que auxiliem na compreensão dos resultados da safra, inserindo-se como parte da estratégia de qualificação das estatísticas agropecuárias, do processo de transparência e da redução da assimetria da informação. O objetivo deste trabalho é subsidiar o referido ministério, em tempo hábil, no monitoramento e na formulação das políticas públicas, agrícola e de abastecimento, além do atendimento aos demais agentes do agronegócio brasileiro, especialmente no auxílio relacionado à tomada de decisão por parte dos produtores rurais.

Assim, a Companhia, para a consecução desses serviços, utiliza métodos que envolvem modelos estatísticos, pacotes tecnológicos modais das principais culturas em diversos locais de produção, acompanhamentos agrometeorológicos e espectrais, pesquisa subjetiva de campo, como outras informações que complementam os métodos citados.

Nesse foco, além das diversas variáveis levantadas, abordam-se informações da área plantada com as culturas de inverno e de terceira safra, que se encontram em desenvolvimento, e a de segunda safra, que se encontram em processo de colheita.

Aos resultados das pesquisas empreendidas pela Companhia, em todo território nacional, agregam-se outros instrumentos como: indicadores econômicos nas áreas de crédito rural, mercado de insumos, custos de produção, como também, informes da situação climática, acompanhamento agrometeorológico e espectral e a análise de mercado das culturas pesquisadas.

É importante realçar que a Companhia detém a característica de suprir suas atividades de levantamen-

to de safra de grãos por meio do envolvimento direto com diversas instituições e informantes cadastrados por todo o país.

Assim, os resultados, quando divulgados, devem registrar a colaboração e os esforços dos profissionais autônomos, dos técnicos de escritórios de planejamento, de cooperativas, das secretarias de agricultura, dos órgãos de assistência técnica e extensão rural (oficiais e privados), além dos agentes financeiros, dos revendedores de insumos, de produtores rurais e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A todos, o especial agradecimento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), pelo empenho e dedicação profissional, quando instados a colaborar.





3. ESTIMATIVA DE ÁREA PLANTADA

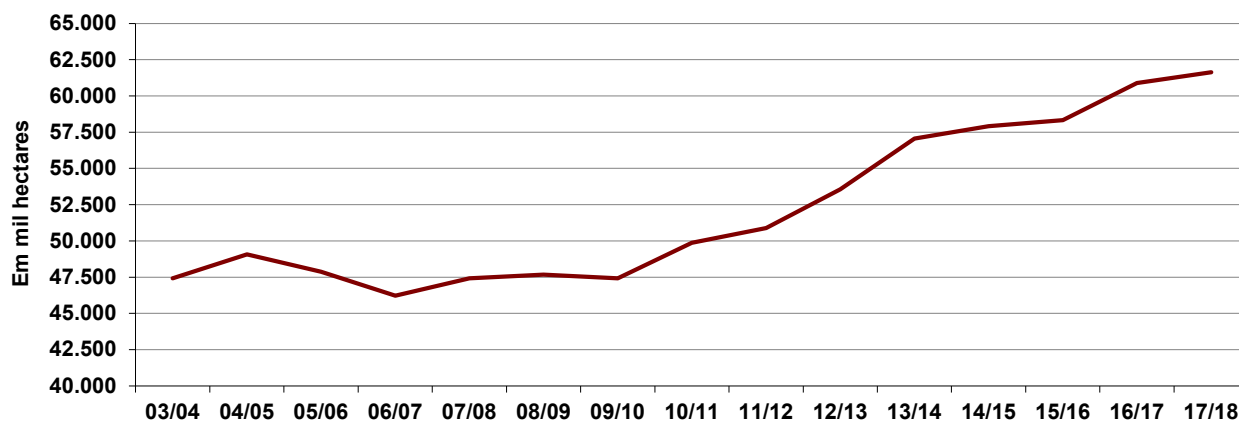
A área semeada está estimada em 61,6 milhões de hectares, na safra 2017/18, e confirma mais uma vez a maior área semeada no país. O incremento estimado permanece em 1,2% ou 760,6 mil hectares em relação à safra passada.

A área só não é maior porque houve redução na área de milho primeira e segunda safras. A área de milho primeira safra reduziu de 5,5 para 5,1 milhões de hectares e a área de segunda safra reduziu de 12,1 para 11,6 milhões de hectares em razão, principalmente, da expectativa futura de mercado.

Em contrapartida, a soja teve um expressivo aumento da área semeada, saindo de 33,9 para 35,1 milhões de hectares na safra atual, um ganho absoluto de 1,2 milhão de hectares, o maior entre todas as culturas avaliadas.

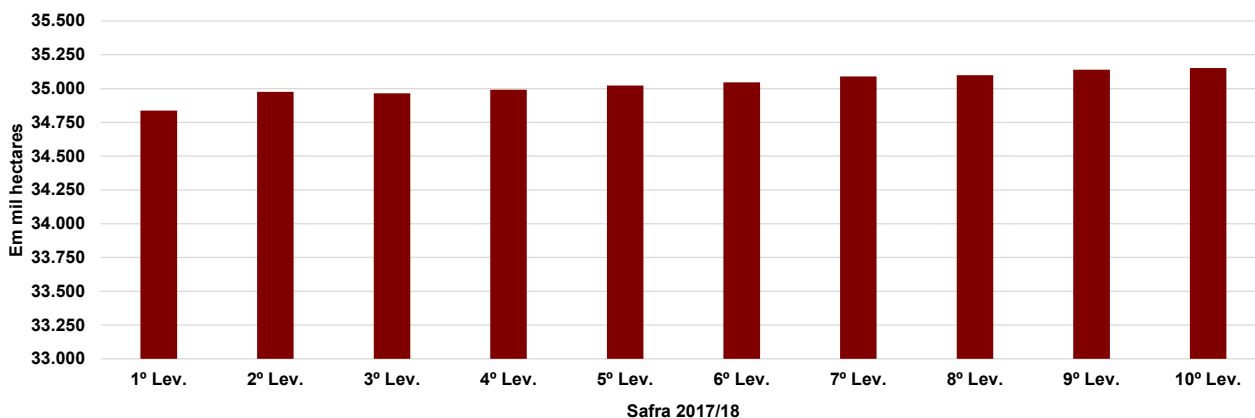
Outras culturas também tiveram ganho absoluto de área nessa safra, tais como o algodão, que alcançou 1,2 milhão de hectares (ganho de 236,9 mil hectares) e do feijão segunda-safra, que atingiu 1,5 milhão de hectares (aumento de 108,3 mil hectares), impulsionado pelo feijão-caupi, que deve ter 158,5 mil hectares a mais na atual safra, atingindo 1 milhão de hectares.

Gráfico 1 – Evolução da área de grãos



Fonte: Conab.

Gráfico 2 – Comportamento da área de grãos na safra 2017/18



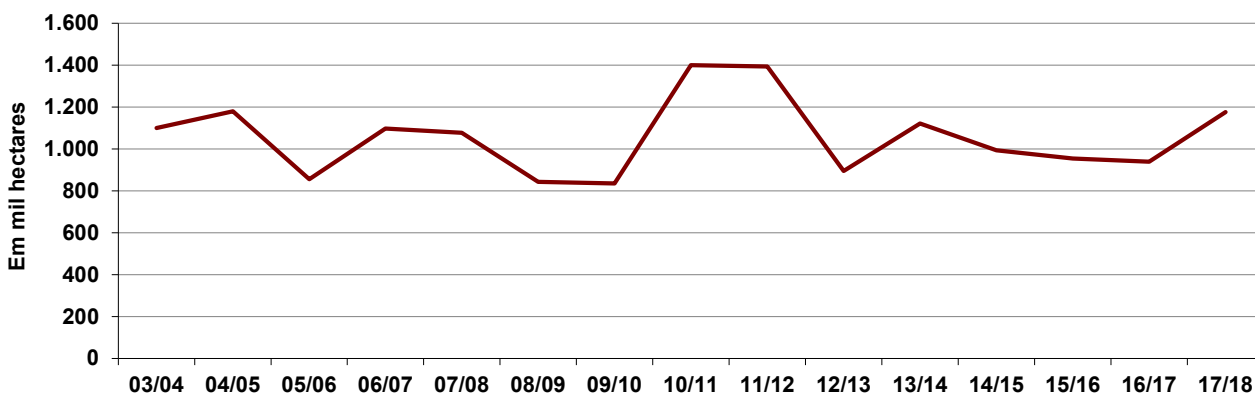
Fonte: Conab.

3.1. ALGODÃO

O algodão permanece com um incremento estimado de 25,2% na área depois de três safras consecutivas de queda. A melhora no preço pago ao produtor estimulou o plantio da cultura. O avanço é tão expressivo

nessa safra que ela se tornou a segunda maior em ganho absoluto de área semeada, atrás apenas da soja. São 236,9 mil hectares superior à safra 2016/17, sendo essa safra a maior das últimas seis.

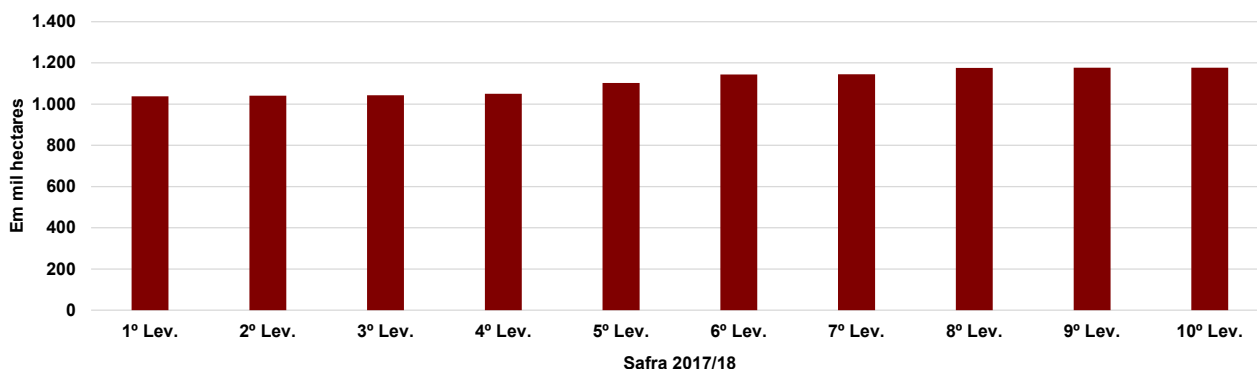
Gráfico 3 – Evolução da área de algodão



Fonte: Conab.



Gráfico 4 – Comportamento da área de algodão na safra 2017/18



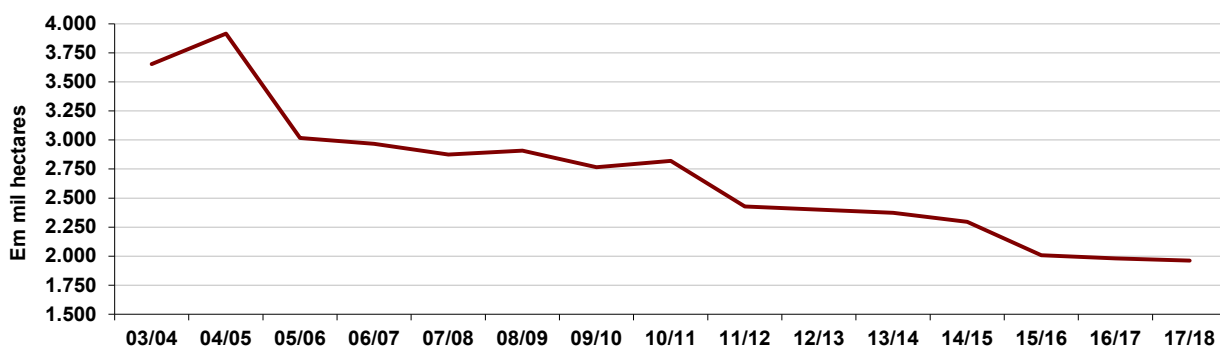
Fonte: Conab.

3.2. ARROZ

O arroz tem sido uma das culturas que mais tem perdido área semeada ao longo das safras. As áreas que mais perderam foram as semeadas em manejo de sequeiro, substituídas por culturas mais rentáveis, como soja e milho. A irrigação tem se mantido estável, for-

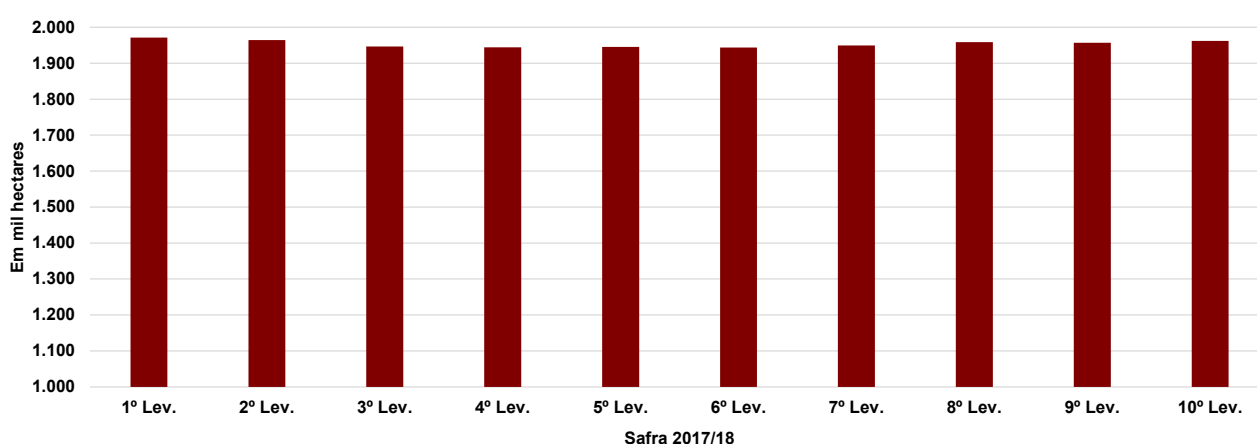
temente concentrada no sul do país, mas experimentou uma redução nessa safra, decorrente da rotação com outras lavouras. A estimativa é que a área brasileira de arroz seja 1% menor em relação à área da safra 2016/17, totalizando 1,96 milhão de hectares.

Gráfico 5 – Evolução da área de arroz



Fonte: Conab.

Gráfico 6 – Comportamento da área de arroz na safra 2017/18



Fonte: Conab.



3.3. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

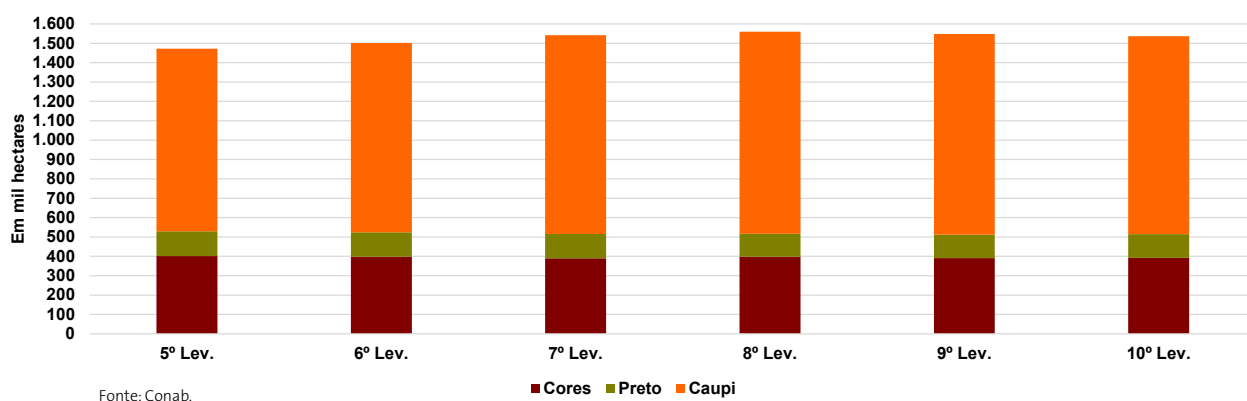
O feijão segunda safra teve o terceiro maior incremento absoluto de área semeada, resultado dos baixos preços do milho no momento da tomada de decisão na segunda safra levaram alguns produtores a apostarem no plantio de feijão segunda safra, sobretudo no Centro-Oeste do país, e do tipo caupi, que tem como destino a Região Nordeste, principal consu-

midora desse produto, e a exportação para a África e Ásia. A recuperação da área semeada na Região Nordeste devido às condições climáticas mais favoráveis nesta safra também tem contribuído para tal aumento. A área total cultivada, no país, deve ser de 1.535,2 mil hectares, sendo 388,8 de feijão-comum cores, 126 de feijão-comum preto e 1.020,4 de feijão-caupi.

Gráfico 7 – Evolução da área de feijão segunda safra



Gráfico 8 – Comportamento da área de feijão segunda safra na safra 2017/18



3.4. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

O feijão terceira safra é regulador da safra brasileira. Sua produção é determinada pelo comportamento da primeira e segunda safras e serve para ofertar o grão na entressafra (inverno). A cultura é irrigada na Região Centro-Sul e cultivada em regime de sequeiro na Região Norte/Nordeste, uma vez que nesse momento é o período chuvoso nessas regiões, o que dispensa o uso de irrigação. A boa oferta nas safras de primeiro

e segundo ciclos refletiram na redução de área nessa safra, sendo estimada uma redução de 6,5% (41,9 mil hectares), saindo de 642,4 mil hectares na safra 2016/17 para 600,5 mil hectares na safra 2017/18, sendo quase sua totalidade de feijão-comum cores (496,9 mil hectares) e em menor proporção de feijão comum-preto e caupi, sendo 17,1 e 86,5 mil hectares, respectivamente.



Gráfico 9 – Evolução da área de feijão terceira safra

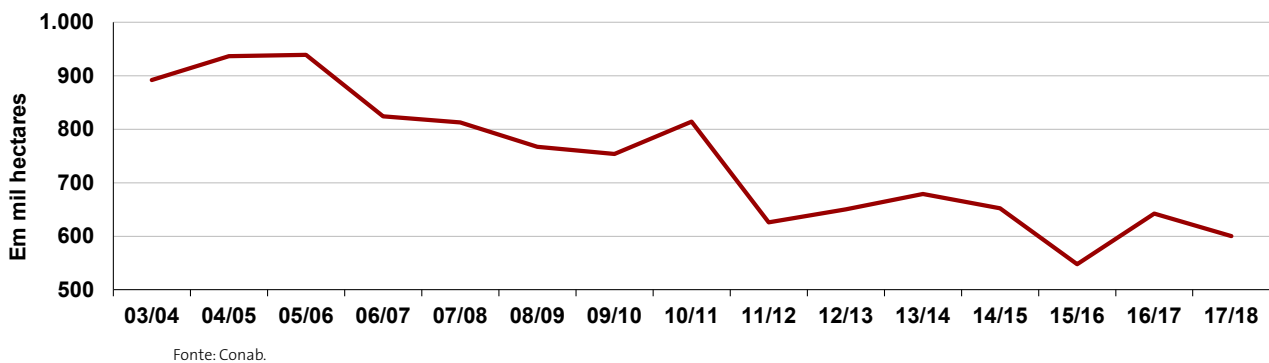
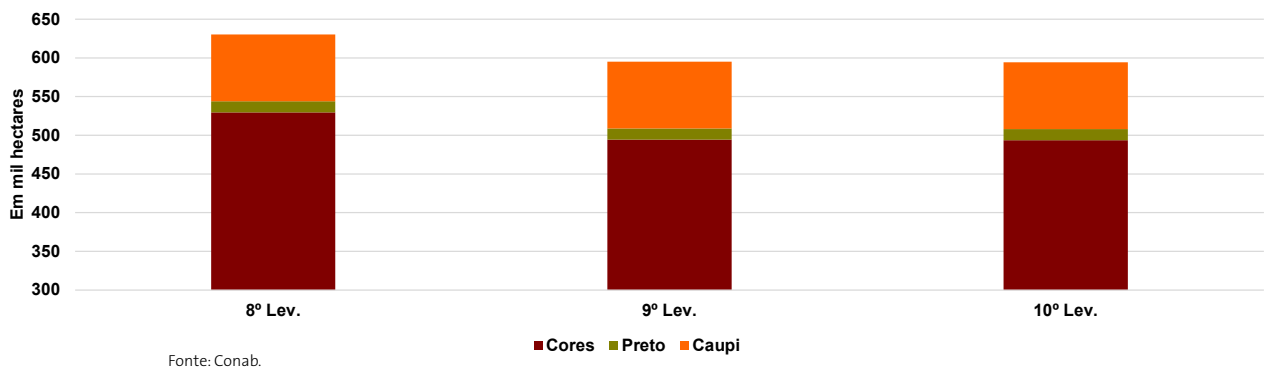


Gráfico 10 – Comportamento da área de feijão terceira safra na safra 2017/18



3.45. MILHO SEGUNDA SAFRA

Esse levantamento consolida a redução da área de milho segunda safra nessa safra. A previsão é de queda de 4,1%, comparada com o ano anterior. A estimativa é

de plantio de 11.613,8 mil hectares. É a primeira queda nos últimos nove anos e tem relação com a expectativa futura de mercado no momento da semeadura.

Gráfico 11 – Evolução da área de milho segunda safra

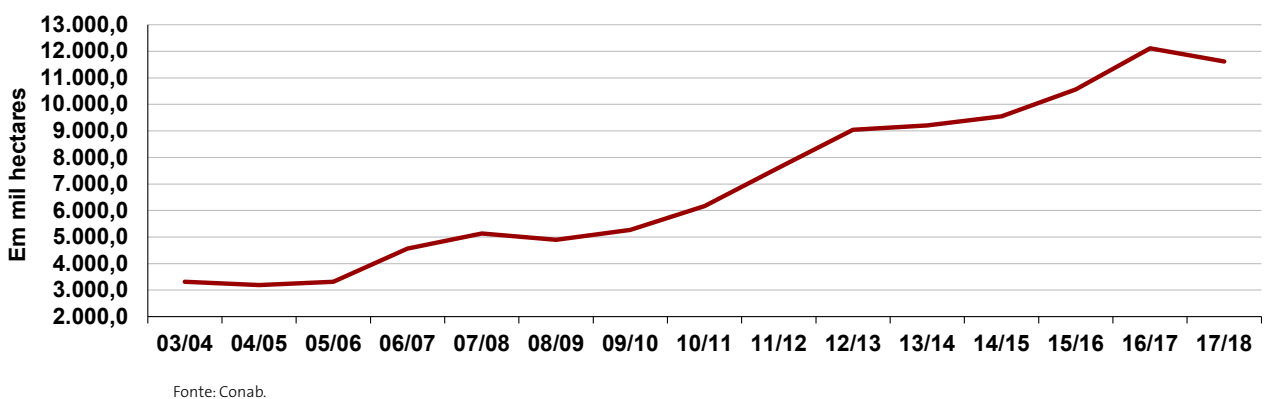
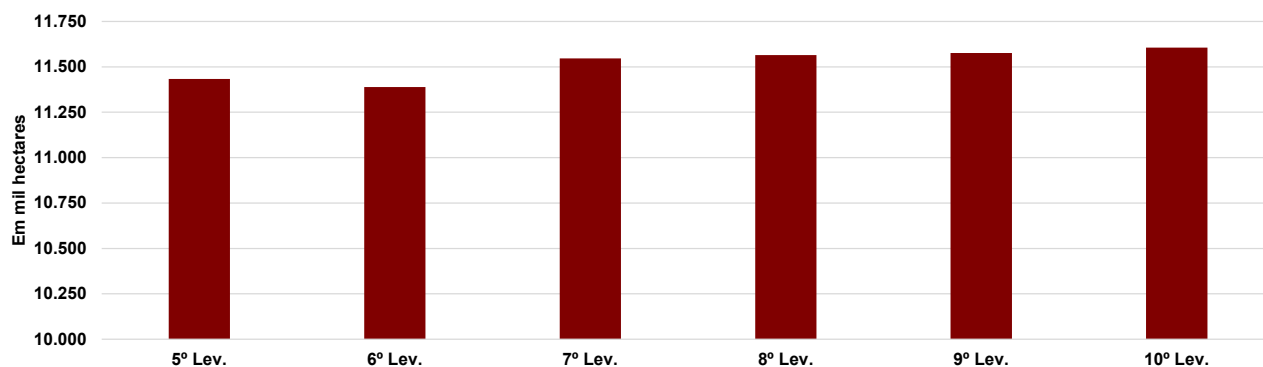


Gráfico 12 – Comportamento da área de milho segunda safra na safra 2017/18



Fonte: Conab.

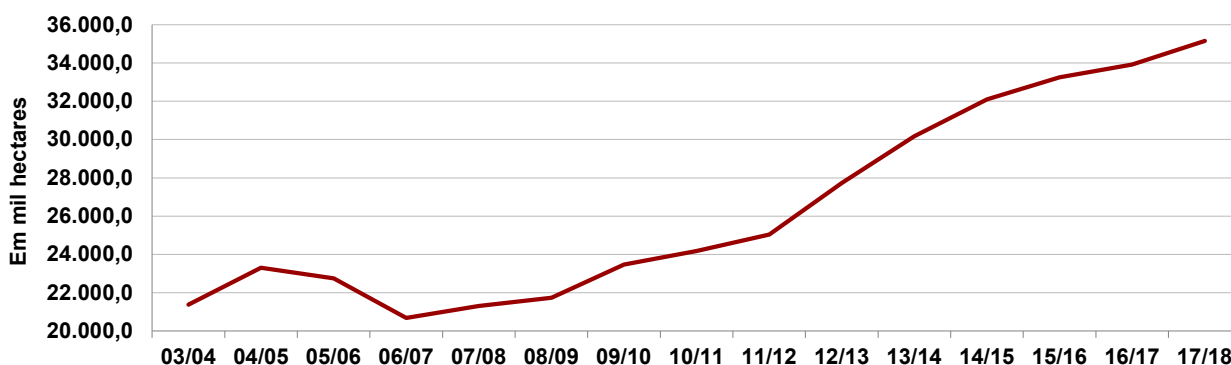
3.6. SOJA

A estimativa de 35,2 milhões de hectares semeados na atual safra é 3,7% superior ao cultivado na safra 2016/17 e 69,9% maior do que a safra 2006/07, reafirmando o décimo primeiro aumento consecutivo na área total cultivada com essa oleaginosa.

fra 1997/98 e, desde então, ocupa o primeiro lugar em área semeada no país. Nas últimas 12 safras o Brasil teve um incremento de 14,5 milhões hectares novos de soja, tornando a cultura a protagonista no aumento da área no país. Atualmente corresponde à cerca de 57% da área total semeada com grãos no país.

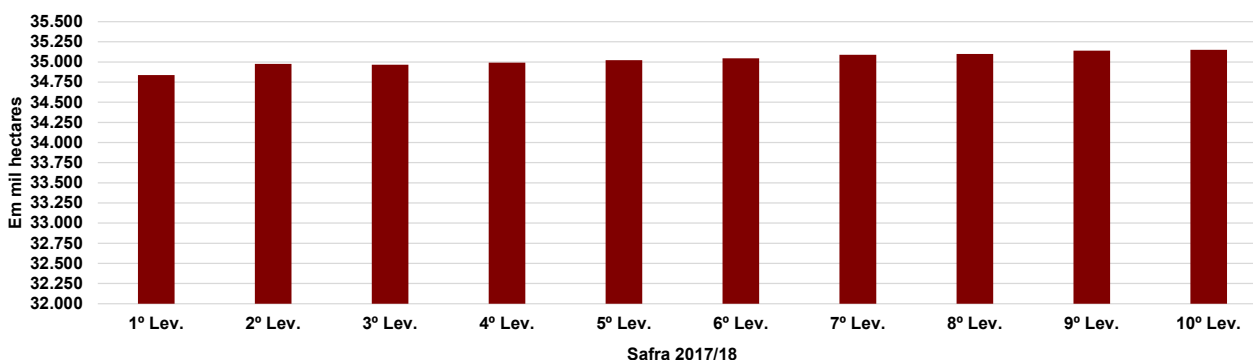
A área de soja ultrapassou a área de milho total na sa-

Gráfico 13 – Evolução da área de soja



Fonte: Conab.

Gráfico 14 – Comportamento da área de soja na safra 2017/18



Fonte: Conab.

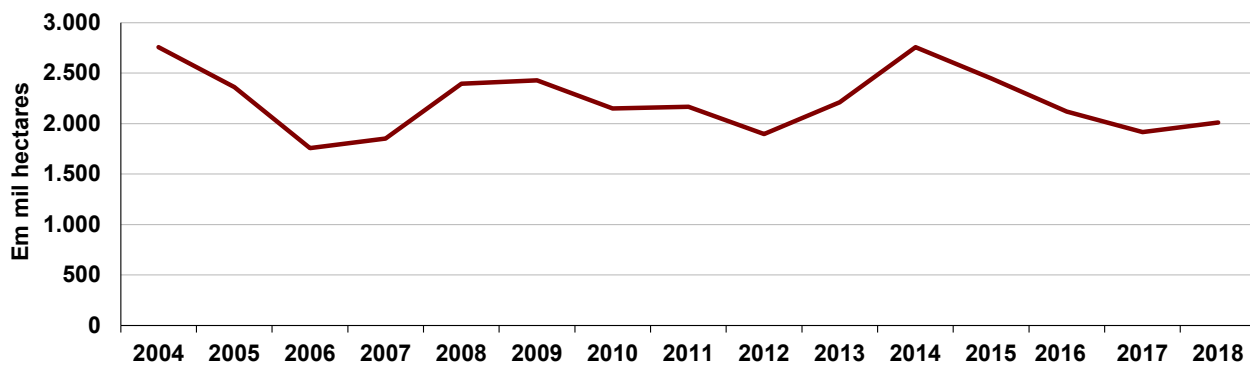


3.7. TRIGO

Apesar do atraso de plantio no Paraná e São Paulo, a semeadura ganhou velocidade e agora também avança em Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A estima-

tiva é que a área supere a de 2017 em 4,9% (93,6 mil hectares), atingindo 2 milhões de hectares.

Gráfico 15 – Evolução da área de trigo



Fonte: Conab.



Tabela 1 – Estimativa de área plantada de grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		jun/2018 (b)	jul/2018 (c)		
ALGODÃO	939,1	1.176,0	1.176,0	25,2	236,9
AMENDOIM TOTAL	129,3	139,2	138,6	7,2	9,3
AMENDOIM 1ª SAFRA	118,3	133,1	132,0	11,6	13,7
AMENDOIM 2ª SAFRA	11,0	6,1	6,6	(40,0)	(4,4)
ARROZ	1.980,9	1.956,8	1.961,8	(1,0)	(19,1)
ARROZ SEQUEIRO	524,4	526,9	529,9	1,0	5,5
ARROZ IRRIGADO	1.456,5	1.429,9	1.431,9	(1,7)	(24,6)
FEIJÃO TOTAL	3.180,3	3.197,2	3.189,5	0,3	9,2
FEIJÃO TOTAL CORES	1.447,3	1.347,7	1.348,1	(6,9)	(99,2)
FEIJÃO TOTAL PRETO	323,7	316,4	323,3	(0,1)	(0,4)
FEIJÃO TOTAL CAUPI	1.409,3	1.533,1	1.518,1	7,7	108,8
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.111,0	1.053,8	1.053,8	(5,1)	(57,2)
CORES	478,2	462,4	462,4	(3,3)	(15,8)
PRETO	174,7	180,2	180,2	3,1	5,5
CAUPI	458,1	411,2	411,2	(10,2)	(46,9)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.426,9	1.548,4	1.535,2	7,6	108,3
CORES	430,3	390,8	388,8	(9,6)	(41,5)
PRETO	134,7	121,9	126,0	(6,5)	(8,7)
CAUPI	861,9	1.035,7	1.020,4	18,4	158,5
FEIJÃO 3ª SAFRA	642,4	595,0	600,5	(6,5)	(41,9)
CORES	538,8	494,5	496,9	(7,8)	(41,9)
PRETO	14,3	14,3	17,1	19,6	2,8
CAUPI	89,3	86,2	86,5	(3,1)	(2,8)
GIRASSOL	62,7	96,6	97,0	54,7	34,3
MAMONA	28,0	31,6	31,6	12,9	3,6
MILHO TOTAL	17.591,7	16.664,8	16.696,0	(5,1)	(895,7)
MILHO 1ª SAFRA	5.482,5	5.089,0	5.082,2	(7,3)	(400,3)
MILHO 2ª SAFRA	12.109,2	11.575,8	11.613,8	(4,1)	(495,4)
SOJA	33.909,4	35.139,6	35.151,4	3,7	1.242,0
SORGO	628,5	657,5	656,7	4,5	28,2
SUBTOTAL	58.449,9	59.059,3	59.098,6	1,1	648,7
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2017 (a)	2018		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		jun/2018 (b)	jul/2018 (c)		
AVEIA	340,3	347,4	352,6	3,6	12,3
CANOLA	48,1	45,0	43,9	(8,7)	(4,2)
CENTEIO	3,6	3,7	3,7	2,8	0,1
CEVADA	108,4	112,2	119,7	10,4	11,3
TRIGO	1.916,0	1.992,5	2.009,6	4,9	93,6
TRITICALE	23,0	22,4	21,8	(5,2)	(1,2)
SUBTOTAL	2.439,4	2.523,2	2.551,3	4,6	111,9
BRASIL	60.889,3	61.582,5	61.649,9	1,2	760,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.

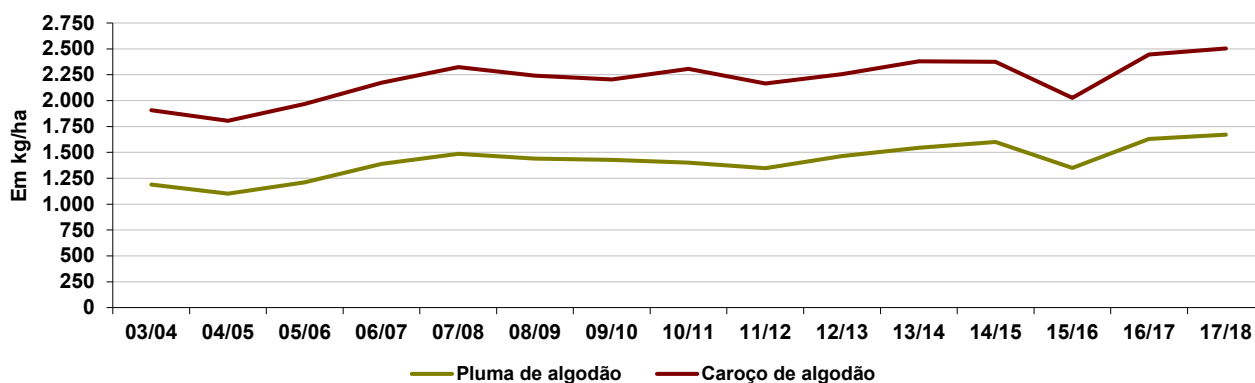


4. ESTIMATIVA DE PRODUTIVIDADE

4.1. ALGODÃO

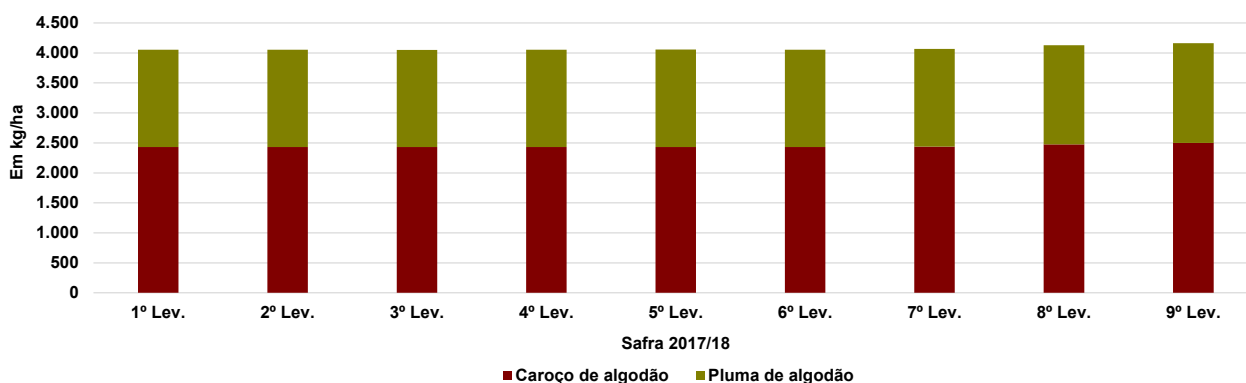
Volumes consideráveis de precipitações e temperaturas favoráveis ao longo do desenvolvimento e agora com a redução nas precipitações, favorecendo a frutificação e início da maturação, contribuíram para as estimativas recordes de produtividade para essa cultura. A estimativa é que essa seja a melhor produtividade alcançada para a cultura, estimada em 4.175 kg/ha de algodão em caroço, sendo 1.671 kg/ha de pluma, o que equivale 111,4 @/ha.

Gráfico 1 – Evolução da produtividade de algodão no Brasil



Fonte: Conab.

Gráfico 2 – Comportamento da produtividade de algodão na safra 2017/18



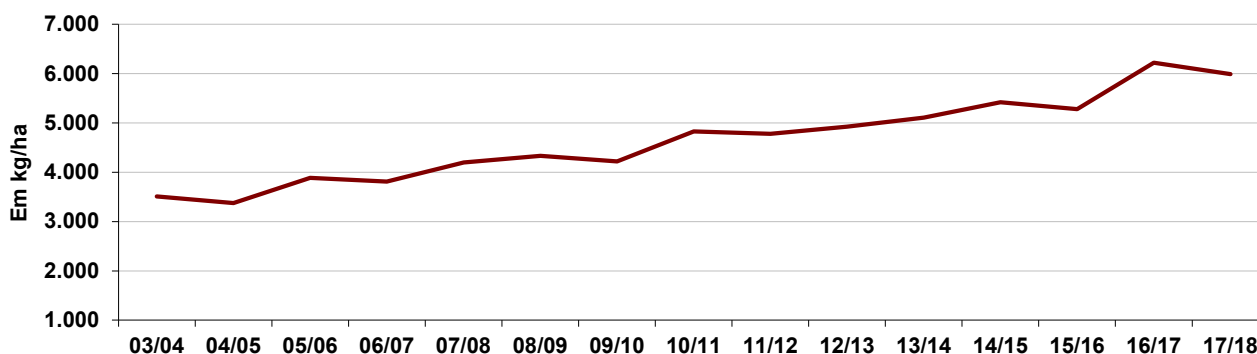
Fonte: Conab.

4.2. ARROZ

A produtividade está estimada atualmente em 5,994 kg/ha, a segunda melhor da série histórica, inferior apenas à safra 2016/17, tendo em vista que apesar das

condições climáticas próximas do normal, elas não foram totalmente favoráveis no país todo, como foi na safra passada.

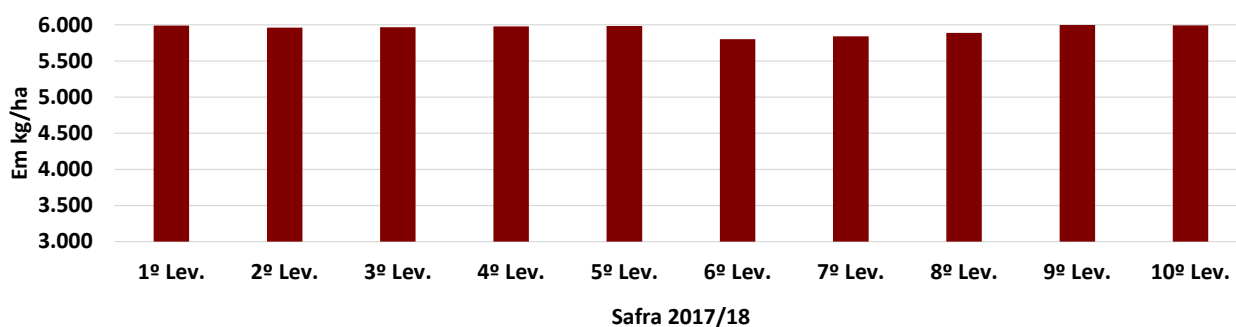
Gráfico 3 – Evolução da produtividade de arroz



Fonte: Conab.



Gráfico 4 – Comportamento da produtividade de arroz na safra 2017/18



Fonte: Conab.

4.3. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

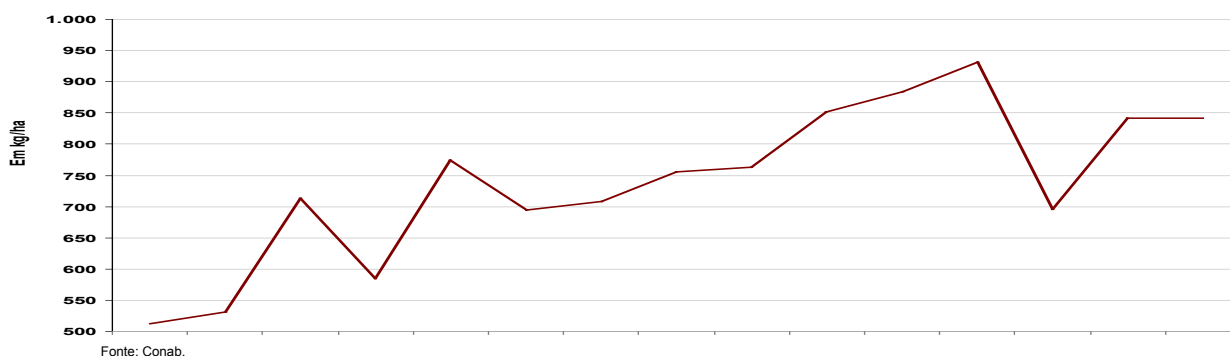
Com a colheita finalizada nas principais regiões produtoras, a estimada é que o país colha uma média de 842 kg/ha, o mesmo valor da safra passada.

O feijão-comum cores deve ter um incremento de 0,6%, saindo de 1.338 kg/ha na safra 2016/17 para 1.347

kg/ha na safra 2017/18.

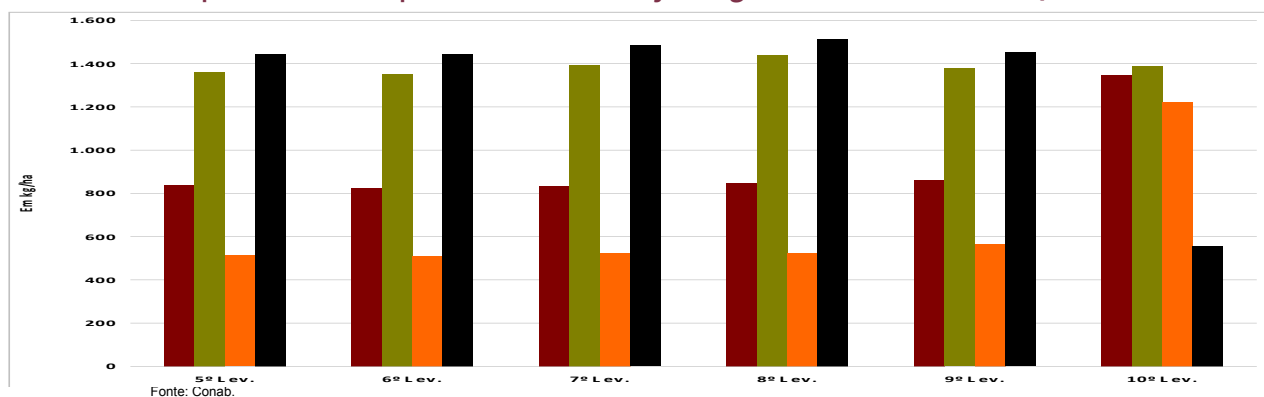
Em relação ao feijão-comum preto, o ganho é de 3,8%, saindo de 1.338 para 1.389 kg/ha. Para o feijão-caupi, a estimativa de 557 kg/ha é 7,9% superior à safra 2016/17, que alcançou 516 kg/ha.

Gráfico 5 – Evolução da produtividade de feijão segunda safra



Fonte: Conab.

Gráfico 6 – Comportamento da produtividade de feijão segunda safra na safra 2017/18



Fonte: Conab.



4.4. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

O feijão terceira safra é cultivado sob regime de irrigação na Região Centro-Sul e cultivada em regime de sequeiro na Região Norte/Nordeste, uma vez que nesse momento é o período chuvoso nessas regiões, o que dispensa o uso de irrigação. Com as barragens abas-

tecidas nas regiões de cultivo irrigado e bom regime pluviométrico nas regiões de cultivo de sequeiro, a estimativa é de produtividade próxima de 1.222 kg/ha, inferior à safra passada em 6,3%, que foi recorde para a cultura.

Gráfico 7 – Evolução da produtividade de feijão terceira safra

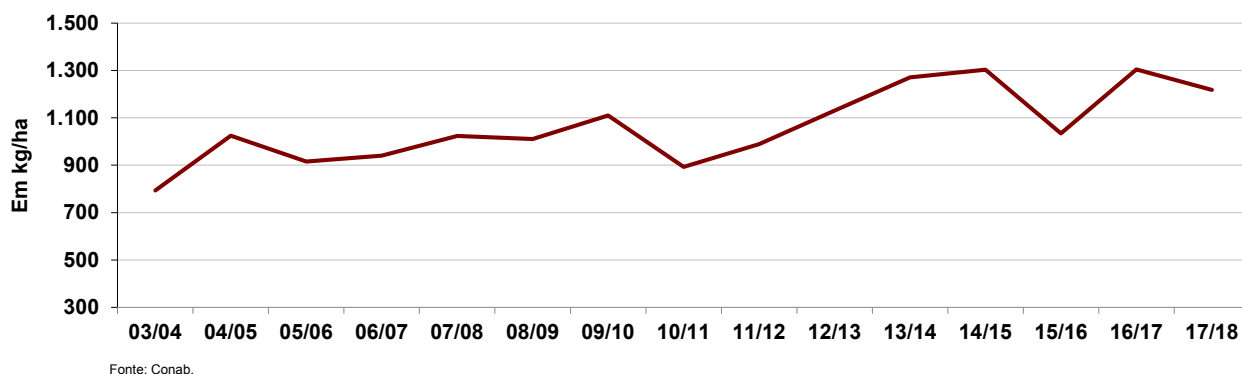
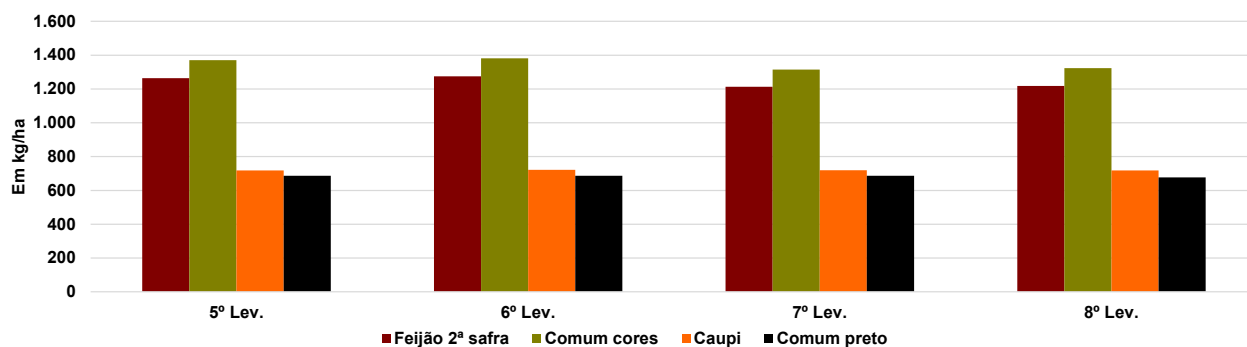


Gráfico 8 – Comportamento da produtividade de feijão terceira safra na safra 2017/18



4.5. MILHO SEGUNDA SAFRA

A redução do pacote tecnológico utilizado nessa safra, uma opção para reduzir os custos da cultura, reduziu o potencial produtivo da cultura. Além disso, apesar do desenvolvimento vegetativo da cultura ter ocorrido dentro da normalidade, grande parte da produção

que se encontra no estágio reprodutivo (floração e enchimento do grão) foi impactada com a redução das precipitações no final de abril e maio. O resultado foi uma redução da produtividade estimada, chegando a 4.823 kg/ha.

Gráfico 9 – Evolução da produtividade de milho segunda safra

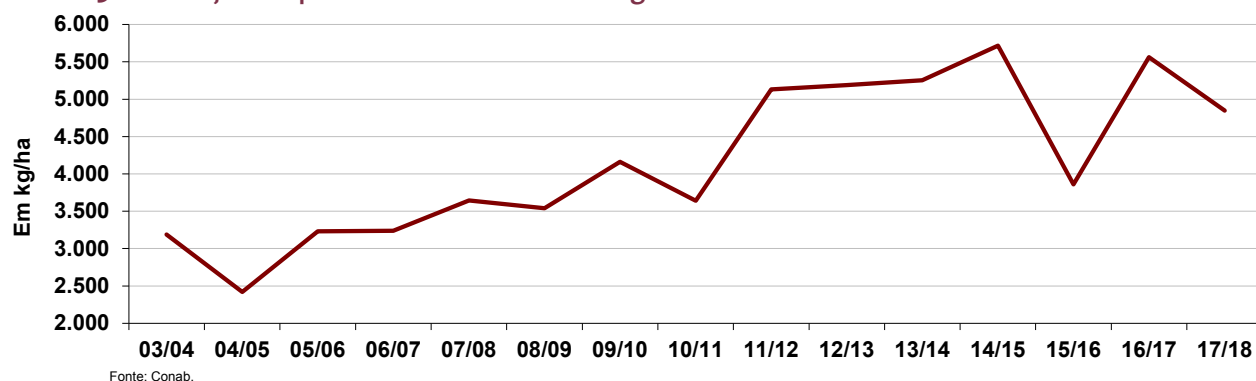
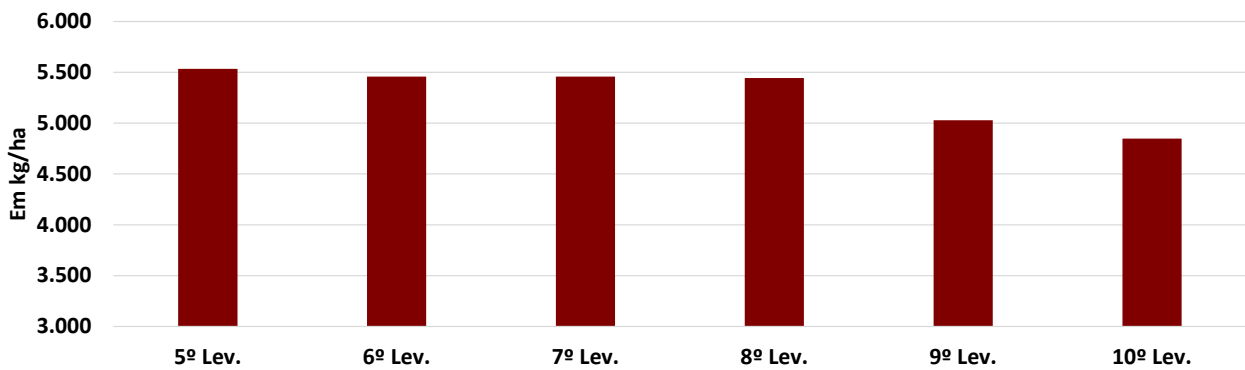


Gráfico 10 – Comportamento da produtividade de milho segunda safra na safra 2017/18



Fonte: Conab.

4.6. SOJA

A colheita praticamente terminou e os bons resultados para a cultura levaram a produtividade a atingir 3.382 kg/ha, contabilizando um novo recorde na produtividade média. A produtividade dessa safra é re-

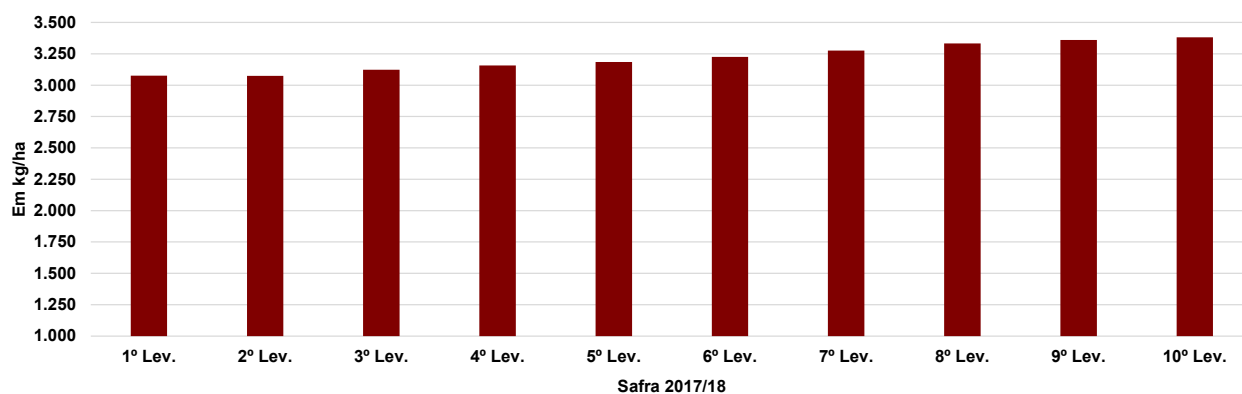
sultado da aplicação de um bom pacote tecnológico, aliado a precipitações e temperaturas favoráveis, apesar de alguns problemas no Sul do país.

Gráfico 11 – Evolução da produtividade de soja



Fonte: Conab.

Gráfico 12 – Comportamento da produtividade de soja na safra 2017/18



Fonte: Conab.

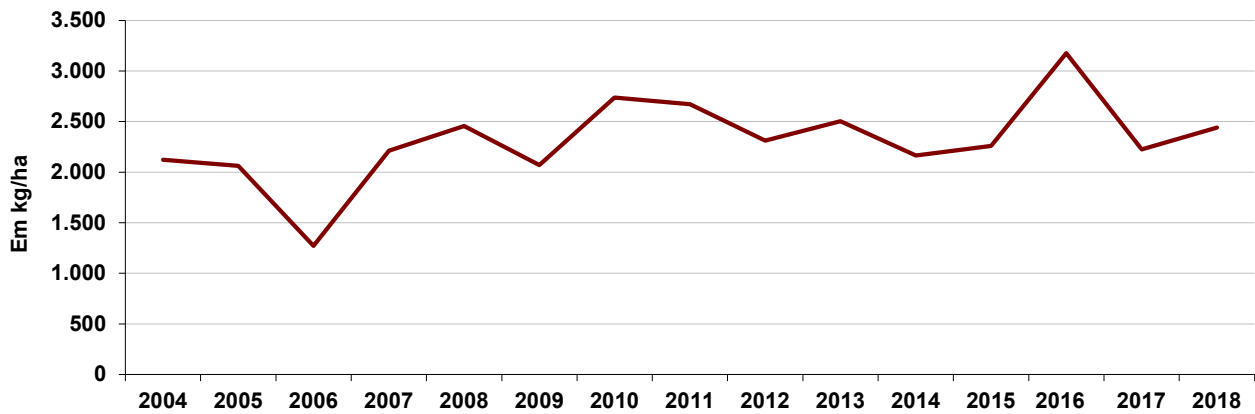


4.7. TRIGO

As estimativas iniciais, com o plantio em andamento, baseadas no pacote tecnológico utilizado pelo produtor e nas condições climáticas atuais, apontam para

uma produtividade superior à safra passada em 9,6%. O aumento tem relação com melhores condições climáticas nessa safra, em relação ao ano passado.

Gráfico 13 – Evolução da produtividade de trigo



Fonte: Conab.



Tabela 1 – Estimativa de produtividade – Grãos

(Em kg/ha)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		jun/2018 (b)	jul/2018 (c)		
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.445	2.498	2.505	2,4	59,5
ALGODÃO EM PLUMA	1.629	1.666	1.671	2,6	41,6
AMENDOIM TOTAL	3.606	3.702	3.707	2,8	101,7
AMENDOIM 1ª SAFRA	3.709	3.796	3.802	2,5	93,1
AMENDOIM 2ª SAFRA	2.494	1.668	1.812	(27,3)	(681,9)
ARROZ	6.223	5.997	5.994	(3,7)	(229,0)
ARROZ SEQUEIRO	2.347	2.365	2.362	0,6	14,5
ARROZ IRRIGADO	7.619	7.336	7.339	(3,7)	(280,3)
FEIJÃO TOTAL	1.069	1.043	1.037	(3,0)	(31,8)
FEIJÃO TOTAL CORES	1.505	1.474	1.470	(2,3)	(35,0)
FEIJÃO TOTAL PRETO	1.568	1.532	1.499	(4,4)	(68,9)
FEIJÃO TOTAL CAUPI	506	563	554	9,5	47,9
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.225	1.215	1.215	(0,8)	(9,4)
CORES	1.779	1.726	1.726	(3,0)	(52,5)
PRETO	1.829	1.652	1.655	(9,5)	(173,9)
CAUPI	416	449	449	7,7	32,2
FEIJÃO 2ª SAFRA	842	860	842	0,1	0,6
CORES	1.338	1.378	1.347	0,6	8,5
PRETO	1.338	1.452	1.389	3,8	50,7
CAUPI	516	567	557	7,9	40,9
FEIJÃO 3ª SAFRA	1.304	1.213	1.222	(6,3)	(81,8)
CORES	1.514	1.315	1.329	(12,2)	(185,0)
PRETO	554	687	677	22,1	122,4
CAUPI	869	719	718	(17,3)	(150,6)
GIRASSOL	1.653	1.526	1.531	(7,4)	(121,7)
MAMONA	470	615	612	30,2	142,0
MILHO TOTAL	5.562	5.101	4.967	(10,7)	(594,9)
MILHO 1ª SAFRA	5.556	5.264	5.295	(4,7)	(261,4)
MILHO 2ª SAFRA	5.564	5.029	4.823	(13,3)	(741,0)
SOJA	3.364	3.359	3.382	0,5	18,0
SORGO	2.967	2.850	2.837	(4,4)	(130,6)
SUBTOTAL	3.976	3.786	3.763	(5,4)	(213,0)
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		abr/2018 (b)	mai/2018 (c)		
AVEIA	1.862	2.212	2.213	18,9	351,0
CANOLA	848	1.260	1.257	48,2	409,0
CENTEIO	1.722	1.919	1.919	11,4	197,0
CEVADA	2.602	3.018	2.882	10,8	280,0
TRIGO	2.225	2.438	2.439	9,6	214,0
TRITICALE	2.326	2.612	2.610	12,2	284,0
SUBTOTAL	2.164	2.412	2.409	11,3	245,0
BRASIL (2)	3.903	3.730	3.707	(5,0)	-196,3

Legenda: (1) Produtividade de caroço de algodão; (2) Exclui a produtividade de algodão em pluma.
 Fonte: Conab.
 Nota: Estimativa em julho/2018.





5. ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO

Com a colheita da segunda safra avançada e da terceira safra iniciando, além do plantio avançado das culturas de inverno, a estimada para a safra 2017/18 permanece como a segunda maior da série histórica, alcançando 228,5 milhões de toneladas, 1,2 milhão de toneladas inferior ao levantamento passado, resultado dos impactos climáticos que resultaram numa nova estimativa de produtividade para o milho segunda safra. O resultado é 3,9% menor que o da última safra ou 9,2 milhões de toneladas.

A soja e o milho, que possuem os maiores volumes de produção do país, devem ter produção de 118,9 e 82,9 milhões de toneladas, respectivamente. Do total da produção de milho, 26,9 milhões de toneladas deverão ser colhidas na primeira safra e 56 milhões de toneladas na segunda safra.

Para a atual safra, destaca-se também a estimativa de aumento da produção de algodão em pluma, estimada em 1,96 milhão de toneladas de pluma, representando aumento de 28,5% em relação à safra passada e do feijão segunda safra, estimada em 1,3 milhão de toneladas, aumento de 7,7%.

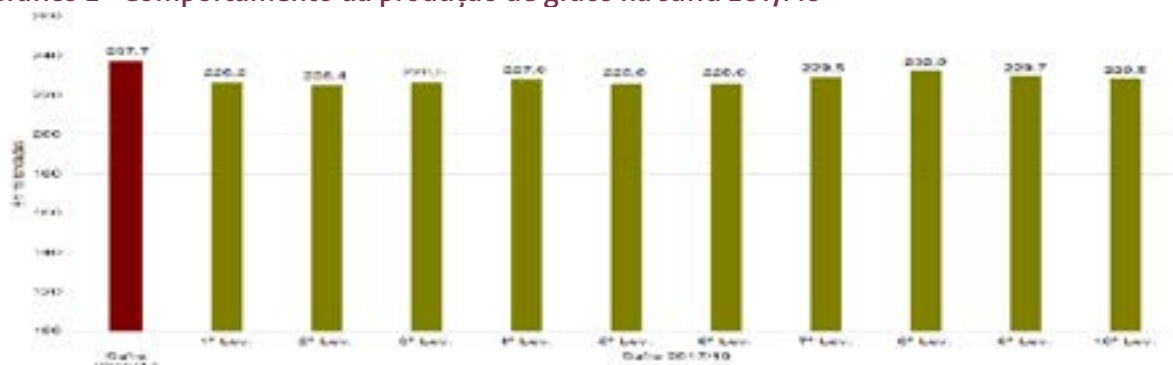
5.1. GRÃOS

Gráfico 1 -Evolução da produção de grãos



Fonte: Conab.

Gráfico 2 - Comportamento da produção de grãos na safra 2017/18



Fonte: Conab.

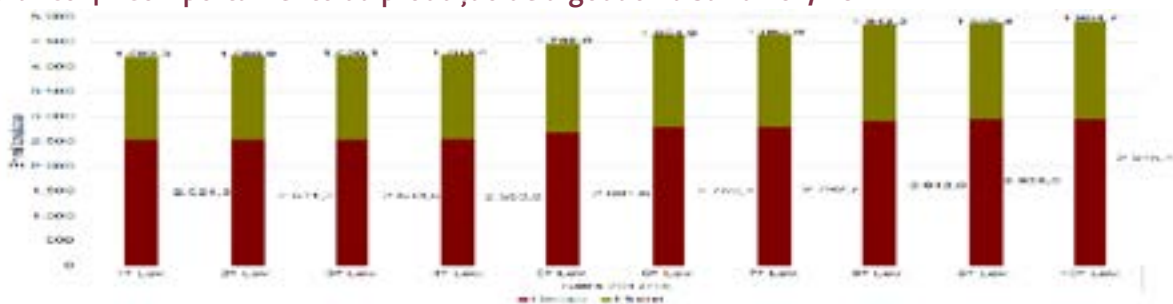
5.2. ALGODÃO

Gráfico 3 - Evolução da produção de algodão



Fonte: Conab.

Gráfico 4 - Comportamento da produção de algodão na safra 2017/18

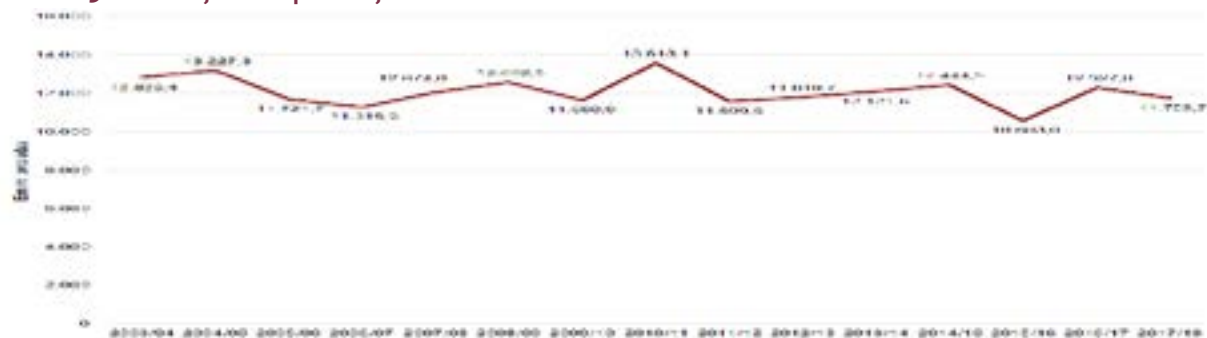


Fonte: Conab.



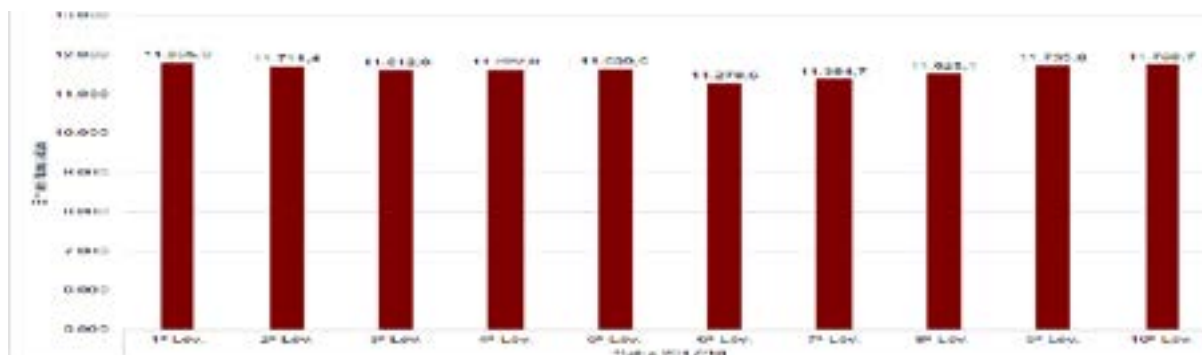
5.3. ARROZ

Gráfico 5 - Evolução da produção de arroz



Fonte: Conab.

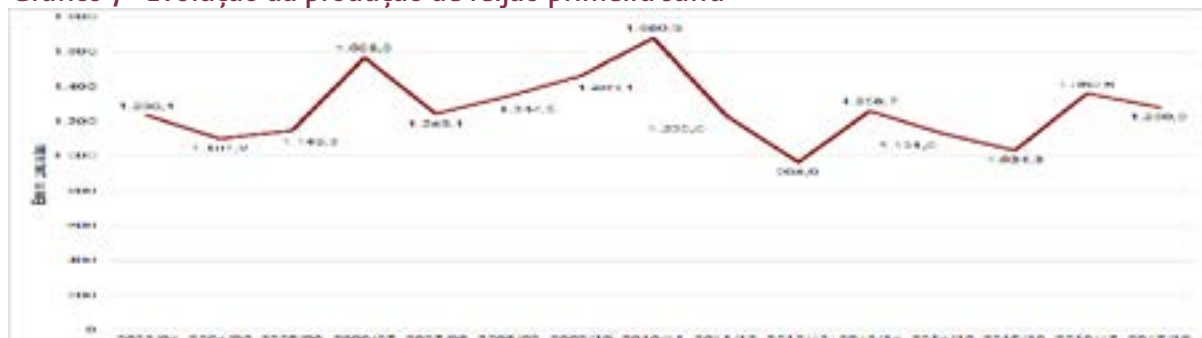
Gráfico 6 - Comportamento da produção de arroz na safra 2017/18



Fonte: Conab.

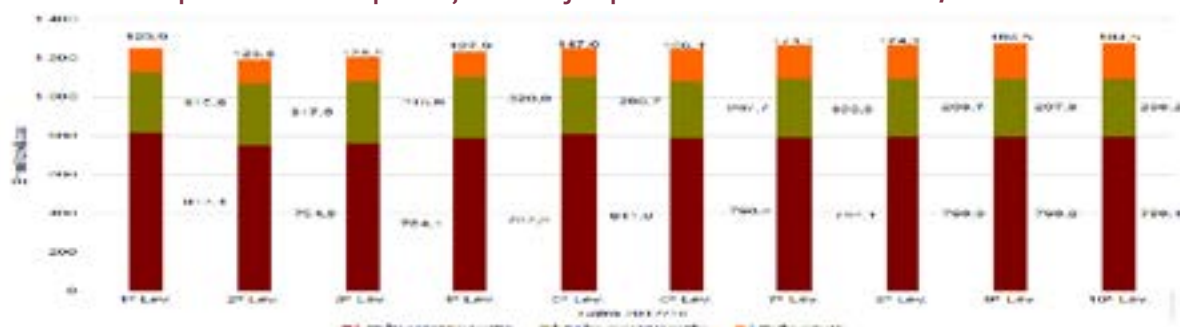
5.4. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

Gráfico 7 - Evolução da produção de feijão primeira safra



Fonte: Conab.

Gráfico 8 - Comportamento da produção de feijão primeira safra na safra 2017/18

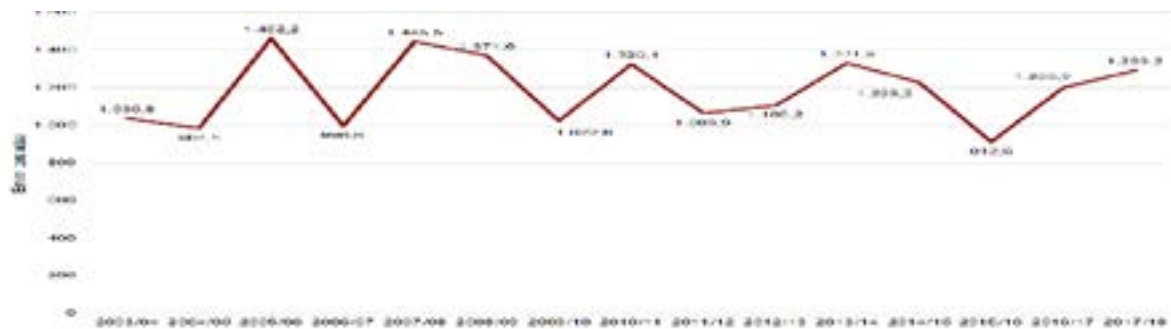


Fonte: Conab.



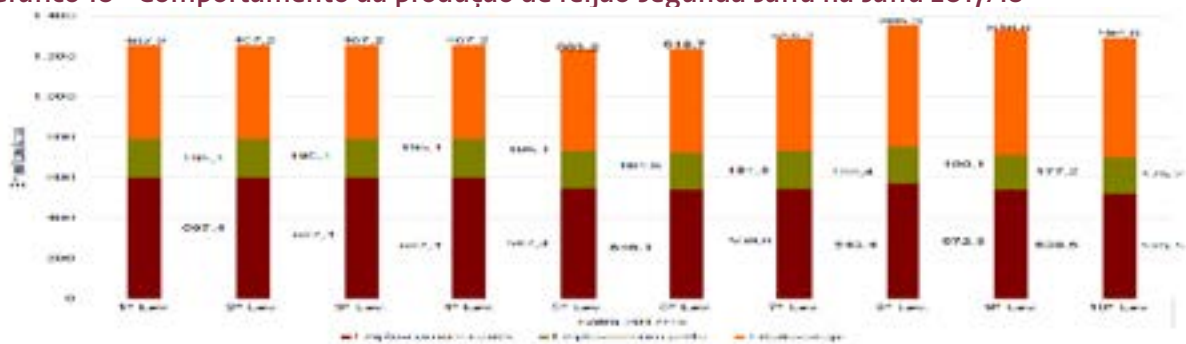
5.5. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Gráfico 9 - Evolução da produção de feijão segunda safra



Fonte: Conab.

Gráfico 10 - Comportamento da produção de feijão segunda safra na safra 2017/18



Fonte: Conab.

5.6. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

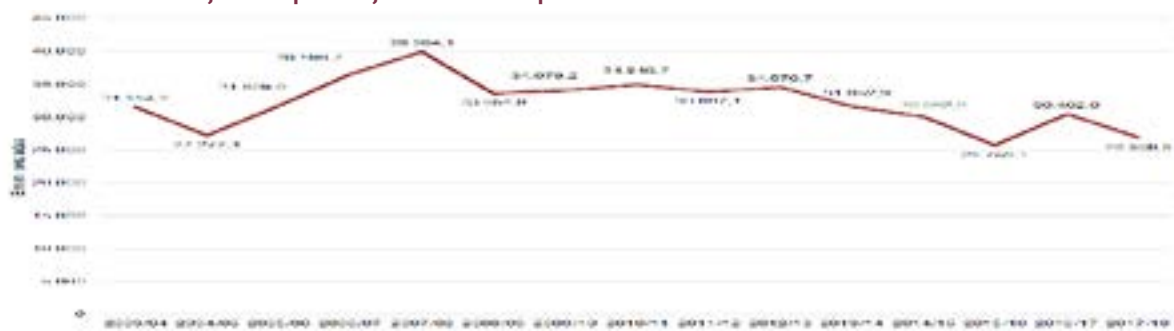
Gráfico 11 - Evolução da produção de feijão terceira safra



Fonte: Conab.

5.7. MILHO

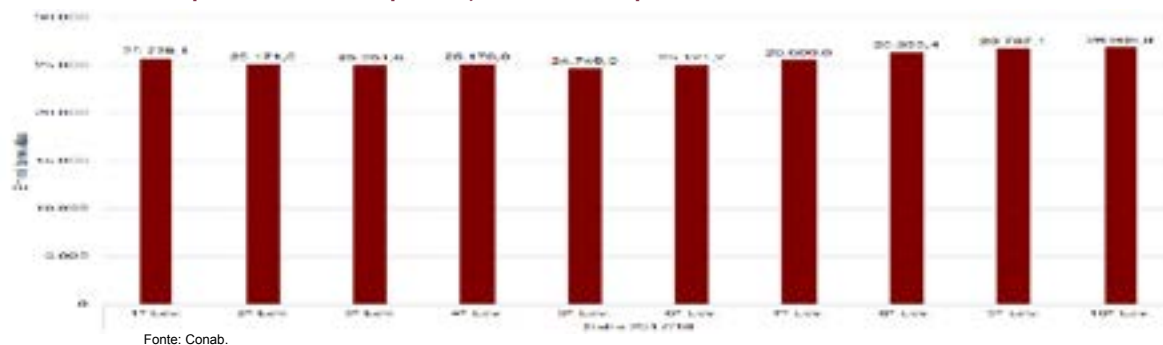
Gráfico 12 - Evolução da produção de milho primeira safra



Fonte: Conab.



Gráfico 13 - Comportamento da produção de milho primeira safra na safra 2017/18

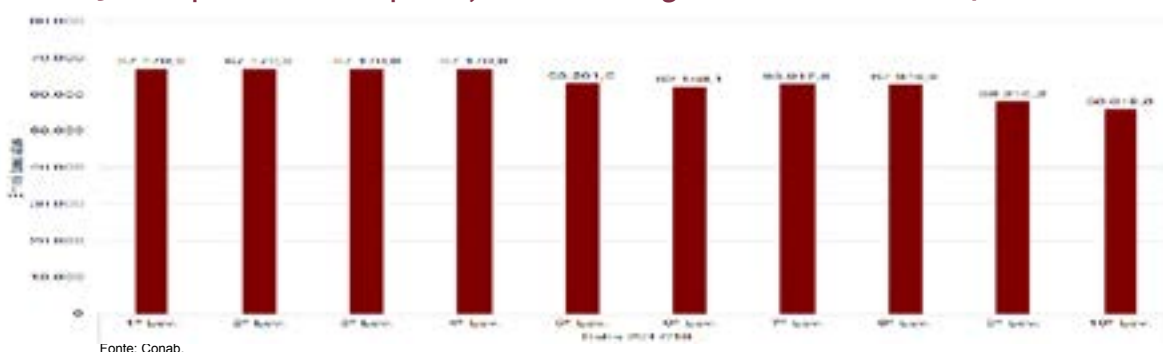


5.8. MILHO SEGUNDA SAFRA

Gráfico 14 - Evolução da produção de milho segunda safra



Gráfico 15 - Comportamento da produção de milho segunda safra na safra 2017/18



5.9. SOJA

Gráfico 16 - Evolução da produção de soja

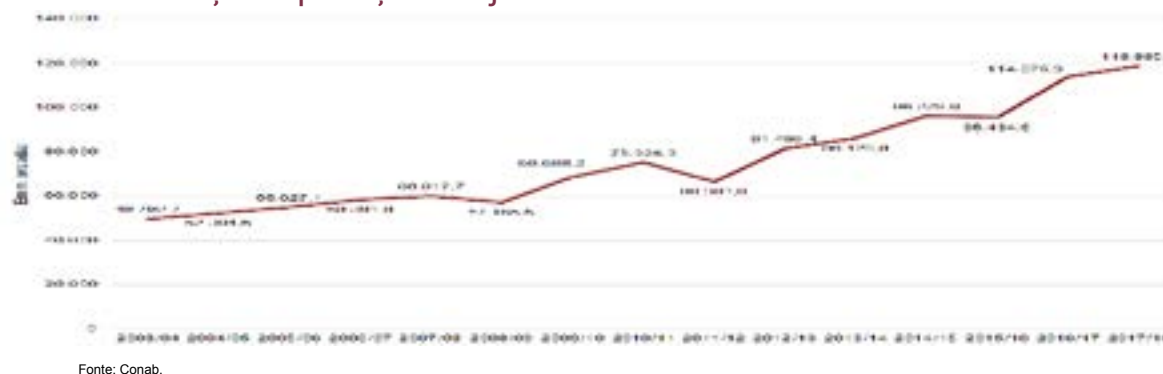
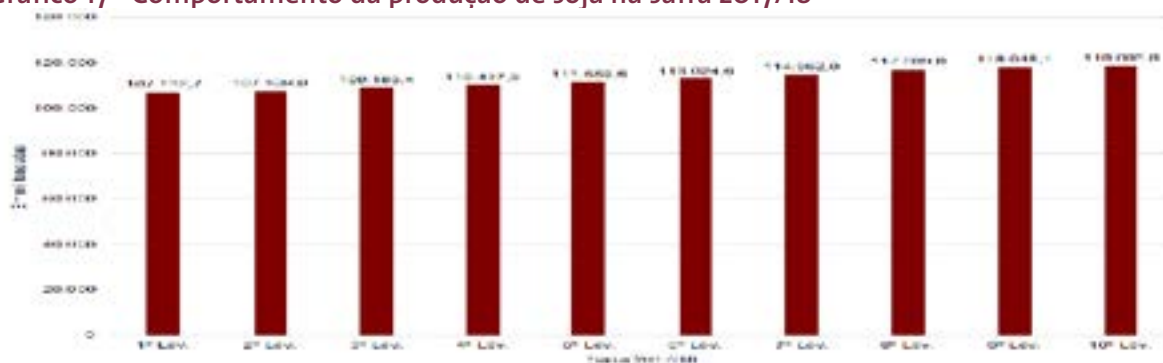


Gráfico 17 - Comportamento da produção de soja na safra 2017/18



Fonte: Conab.

5.10. TRIGO

Gráfico 18 - Evolução da produção de trigo



Fonte: Conab.



Tabela 1 – Estimativa de produção – Grãos

(Em 1000 t)

CULTURAS DE VERÃO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2016/17 (a)	2017/18		Percentual (c/a)	Absoluta (c-a)
		jun/2018 (b)	jul/2018 (c)		
ALGODÃO - CAROÇO (1)	2.298,3	2.938,0	2.945,4	28,2	647,1
ALGODÃO - PLUMA	1.529,5	1.959,4	1.964,7	28,5	435,2
AMENDOIM TOTAL	466,2	515,4	513,7	10,2	47,5
AMENDOIM 1ª SAFRA	438,8	505,2	501,8	14,4	63,0
AMENDOIM 2ª SAFRA	27,4	10,2	11,9	(56,6)	(15,5)
ARROZ	12.327,8	11.735,8	11.759,7	(4,6)	(568,1)
ARROZ SEQUEIRO	1.230,7	1.246,0	1.251,3	1,7	20,6
ARROZ IRRIGADO	11.097,1	10.489,8	10.508,4	(5,3)	(588,7)
FEIJÃO TOTAL	3.399,5	3.334,4	3.308,0	(2,7)	(91,5)
FEIJÃO TOTAL CORES	2.178	1.987	1.982	(9,0)	(196,4)
FEIJÃO TOTAL PRETO	508	485	485	(4,5)	(22,6)
FEIJÃO TOTAL CAUPI	713	863	841	17,9	128,0
FEIJÃO 1ª SAFRA	1.360,6	1.280,6	1.280,9	(5,9)	(79,7)
CORES	850,4	798,2	798,1	(6,2)	(52,3)
PRETO	319,5	297,8	298,2	(6,7)	(21,3)
CAUPI	190,7	184,5	184,5	(3,3)	(6,2)
FEIJÃO 2ª SAFRA	1.200,9	1.331,9	1.293,2	7,7	92,3
CORES	575,8	538,5	523,5	(9,1)	(52,3)
PRETO	180,2	177,2	175,2	(2,8)	(5,0)
CAUPI	445,0	616,6	594,6	33,6	149,6
FEIJÃO 3ª SAFRA	837,7	721,7	734,1	(12,4)	(103,6)
CORES	752,1	649,9	660,3	(12,2)	(91,8)
PRETO	7,9	9,8	11,6	46,8	3,7
CAUPI	77,6	62,1	62,2	(19,8)	(15,4)
GIRASSOL	103,7	147,4	148,6	43,3	44,9
MAMONA	13,1	19,4	19,3	47,3	6,2
MILHO TOTAL	97.842,8	85.003,5	82.927,9	(15,2)	(14.914,9)
MILHO 1ª SAFRA	30.462,0	26.787,1	26.908,8	(11,7)	(3.553,2)
MILHO 2ª SAFRA	67.380,9	58.216,2	56.019,0	(16,9)	(11.361,9)
SOJA	114.075,3	118.048,1	118.885,8	4,2	4.810,5
SORGO	1.864,8	1.873,9	1.862,7	(0,1)	(2,1)
SUBTOTAL	232.391,5	223.615,9	222.371,1	(4,3)	(10.020,4)
CULTURAS DE INVERNO	SAFRAS			VARIÇÃO	
	2017 (a)	2018		Percentual (b/a)	Absoluta (b-a)
		jun/2018 (b)	jul/2018 (c)		
AVEIA	633,8	768,5	780,4	23,1	146,6
CANOLA	40,8	56,7	55,2	35,3	14,4
CENTEIO	6,2	7,1	7,1	14,5	0,9
CEVADA	282,1	338,6	344,9	22,3	62,9
TRIGO	4.263,5	4.857,3	4.901,6	15,0	638,1
TRITICALE	53,5	58,5	56,9	6,4	3,4
SUBTOTAL	5.279,9	6.086,7	6.146,1	16,4	866,3
BRASIL (2)	237.671,4	229.702,6	228.517,2	(3,9)	(9.154,1)

Legenda: (1) Produção de caroço de algodão; (2) Exclui a produção de algodão em pluma.

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.

Tabela 2 – Comparativo de área, produtividade e produção – Produtos selecionados (*)

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	2.934,9	3.015,0	2,7	3.246	3.217	(0,9)	9.527,5	9.699,6	1,8
RR	54,8	69,1	26,1	4.210	3.919	(6,9)	230,7	270,8	17,4
RO	553,0	576,6	4,3	3.371	3.511	4,2	1.864,0	2.024,7	8,6
AC	46,8	44,2	(5,6)	1.976	1.925	(2,6)	92,5	85,1	(8,0)
AM	19,2	17,3	(9,9)	2.214	2.197	(0,8)	42,5	38,0	(10,6)
AP	23,5	24,7	5,1	2.498	2.538	1,6	58,7	62,7	6,8
PA	861,5	882,4	2,4	3.129	2.889	(7,7)	2.696,0	2.549,6	(5,4)
TO	1.376,1	1.400,7	1,8	3.301	3.333	1,0	4.543,1	4.668,7	2,8
NORDESTE	7.852,4	8.285,2	5,5	2.319	2.568	10,8	18.206,1	21.279,3	16,9
MA	1.565,3	1.720,8	9,9	3.061	3.093	1,0	4.790,7	5.322,0	11,1
PI	1.476,8	1.534,2	3,9	2.469	2.829	14,6	3.645,5	4.340,0	19,1
CE	932,0	938,6	0,7	591	731	23,7	550,4	686,4	24,7
RN	67,6	88,7	31,2	426	489	14,9	28,8	43,4	50,7
PB	179,5	218,1	21,5	393	657	67,2	70,5	143,3	103,3
PE	344,3	461,8	34,1	329	461	40,0	113,4	212,7	87,6
AL	80,1	80,1	-	790	754	(4,5)	63,3	60,4	(4,6)
SE	193,0	194,6	0,8	4.468	4.045	(9,5)	862,4	787,1	(8,7)
BA	3.013,8	3.048,3	1,1	2.681	3.177	18,5	8.081,1	9.684,0	19,8
CENTRO-OESTE	24.963,6	25.337,0	1,5	4.144	3.971	(4,2)	103.449,8	100.610,3	(2,7)
MT	15.119,1	15.325,1	1,4	4.100	4.005	(2,3)	61.986,5	61.374,0	(1,0)
MS	4.441,3	4.542,8	2,3	4.229	3.723	(12,0)	18.784,2	16.914,7	(10,0)
GO	5.241,5	5.306,6	1,2	4.173	4.058	(2,8)	21.873,1	21.532,3	(1,6)
DF	161,7	162,5	0,5	4.985	4.857	(2,6)	806,0	789,3	(2,1)
SUDESTE	5.486,0	5.552,6	1,2	4.221	4.151	(1,7)	23.157,8	23.049,8	(0,5)
MG	3.372,7	3.335,3	(1,1)	4.175	4.284	2,6	14.080,0	14.288,1	1,5
ES	24,0	28,2	17,5	2.058	1.926	(6,4)	49,4	54,3	9,9
RJ	4,8	4,2	(12,5)	1.938	1.571	(18,9)	9,3	6,6	(29,0)
SP	2.084,5	2.184,9	4,8	4.327	3.982	(8,0)	9.019,1	8.700,8	(3,5)
SUL	19.652,4	19.460,1	(1,0)	4.240	3.796	(10,5)	83.330,2	73.878,2	(11,3)
PR	9.732,7	9.551,7	(1,9)	4.197	3.679	(12,3)	40.851,4	35.142,1	(14,0)
SC	1.312,8	1.271,0	(3,2)	5.303	4.956	(6,6)	6.962,1	6.298,6	(9,5)
RS	8.606,9	8.637,4	0,4	4.127	3.755	(9,0)	35.516,6	32.437,5	(8,7)
NORTE/NORDESTE	10.787,3	11.300,2	4,8	2.571	2.741	6,6	27.733,6	30.978,9	11,7
CENTRO-SUL	50.102,0	50.349,7	0,5	4.190	3.923	(6,4)	209.937,8	197.538,3	(5,9)
BRASIL	60.889,3	61.649,9	1,2	3.903	3.707	(5,0)	237.671,4	228.517,2	(3,9)

Legenda: (*) Produtos selecionados: Carvão de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale.
 Fonte: Conab.
 Nota: Estimativa em julho/2018.



6. CRÉDITO RURAL

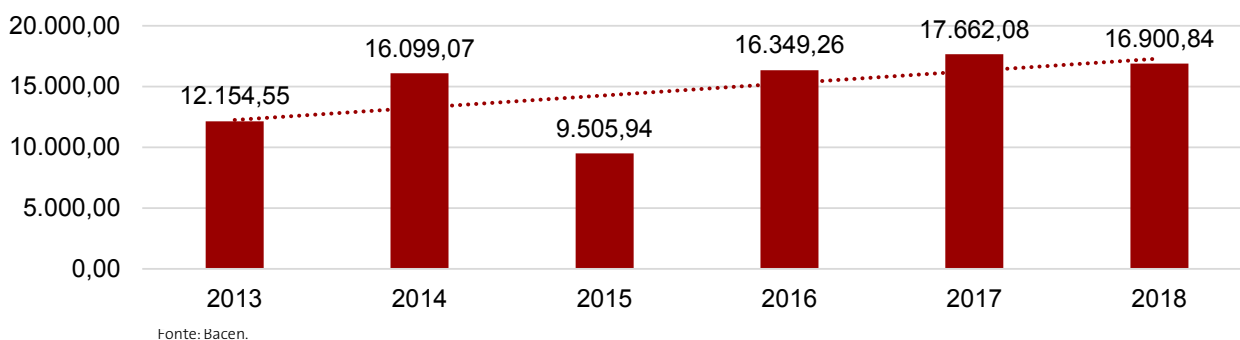
As informações do crédito rural são utilizadas para compreensão e acompanhamento das principais culturas avaliadas pela Companhia. As análises realizadas tomam como base o crédito liberado pelas instituições financeiras oficiais, mas tem-se a consciência que outras fontes de crédito são utilizadas pelos produtores rurais. A análise apresentada terá como foco o valor agregado dos meses de janeiro a maio de 2013 a 2018.

O foco são os dados de custeio que foram obtidos do Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor), do Banco Central do Brasil (Bacen), cujo último acesso foi realizado em 03/07/18, para o Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor (Pronamp), o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) e o Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico.

6.1. ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES DO SICOR E DO BACEN

A utilização do crédito de custeio no acumulado janeiro a maio de 2018, tem queda em relação ao mesmo período do ano imediatamente anterior, cerca de 4%. No período analisado (2013 a 2018), o montante do crédito de 2018 é inferior apenas ao observado em 2017 e superior ao encontrado nos demais anos. Para o Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico o volume foi de R\$ 12,38 bilhões, para o Pronamp o volume observado foi de R\$ 2,95 bilhões e para o Pronaf o total de aporte foi cerca de R\$ 1,52 bilhões.

Gráfico 1 – Financiamento total – Janeiro a março de 2013 a 2018



Uma outra maneira de visualizar e compreender o aporte do crédito rural no âmbito do custeio está no valor observado em cada região geográfica brasileira. Isso posto, o valor aportado para a Região Centro-Oeste entre janeiro e maio de 2018 foi de R\$ 6,39 bilhões, para o Nordeste, observa-se R\$ 1,5 bilhão, para o Norte R\$ 514,9 milhões, para o Sudeste o valor foi de R\$ 3,7 bilhões e para a Região Sul tem-se o total aportado de R\$ 4,7. Para as Regiões Sul e Sudeste foram observados

decréscimos percentuais no aporte quando comparado com o mesmo período do ano anterior – 2017 – a menor queda percentual foi de 6% no Sul, já para as Regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste foram verificados incrementos percentuais no aporte, esses aumentos variam de 0,61% a 9,88%. Os Gráficos 2 e 3 apresentam os valores totais para as regiões de maior queda e maior incremento percentuais, respectivamente.

Gráfico 2 – Sudeste – Valores absolutos - Janeiro a maio de 2013 a 2018

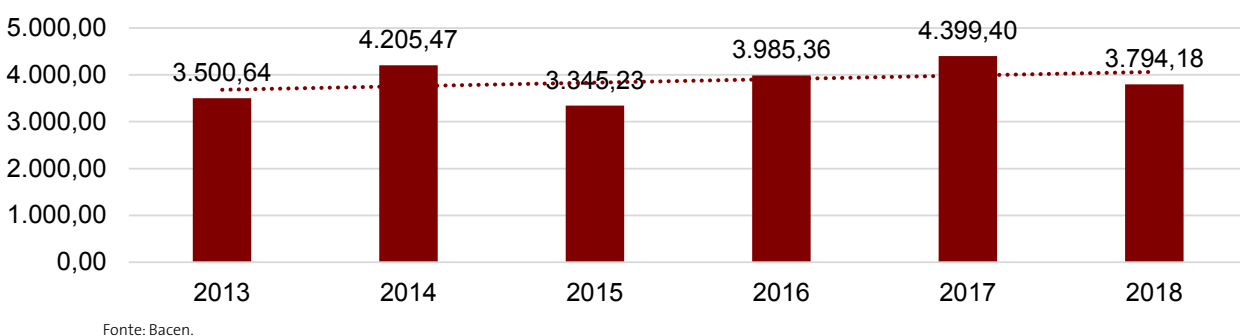
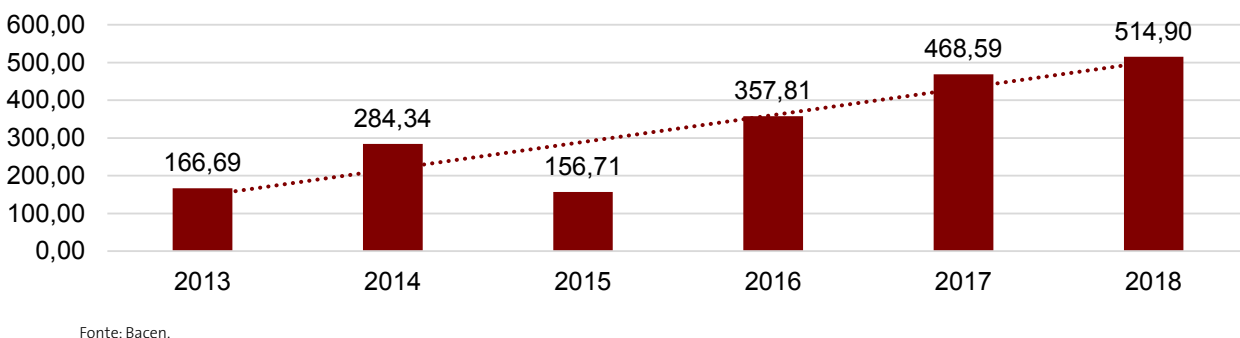


Gráfico 3 – Norte – Valores absolutos - Janeiro a maio de 2013 a 2018



As análises seguintes serão particularizadas para os produtos algodão, arroz, feijão, milho e soja, tendo como

fonte as informações do crédito rural obtidas do Sicor/ Bacen, nos anos de 2013 a 2018.

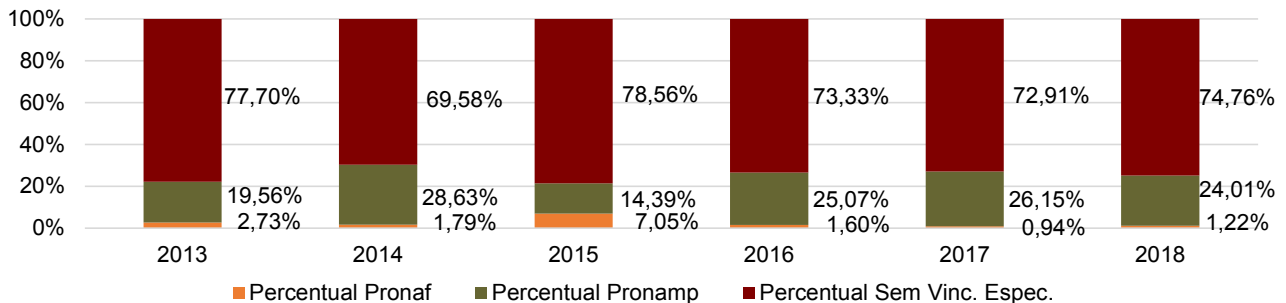


6.2. A CULTURA DO ARROZ

As informações constantes do Gráfico 4 apresentam a baixa utilização de crédito pelo Pronaf e do Pronamp,

quando comparado ao aporte observado Sem Vínculo à Programa Específico.

Gráfico 4 – Arroz - Tipo de financiamento – Participação por programa - Janeiro a abril de 2013 a 2018



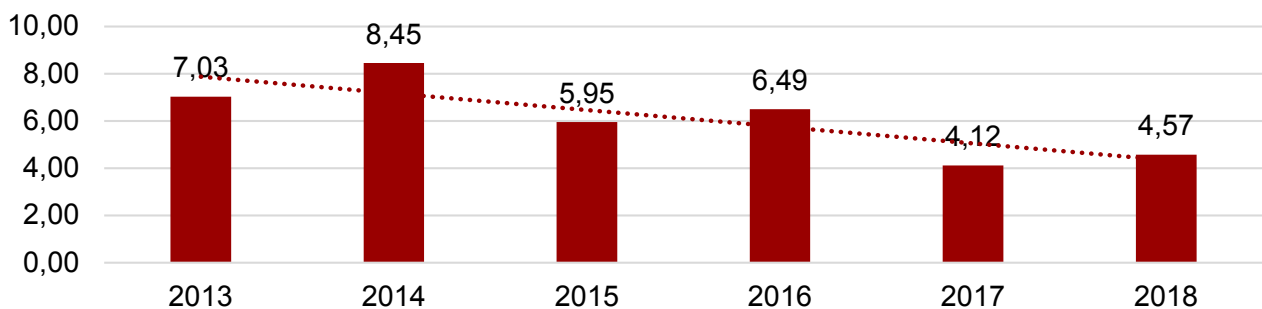
Fonte: Bacen.

É importante ressaltar as tendências de crescimento no aporte para o Pronamp e no aporte Sem Vínculo a Programa Específicos quando comparados os valores de 2013 até 2018. Por outro lado, nota-se tendência de decréscimo no valor disponibilizado via Pronaf. Esse

cenário é indicativo da presença de grandes produtores e de uso de tecnologia na cultura do arroz.

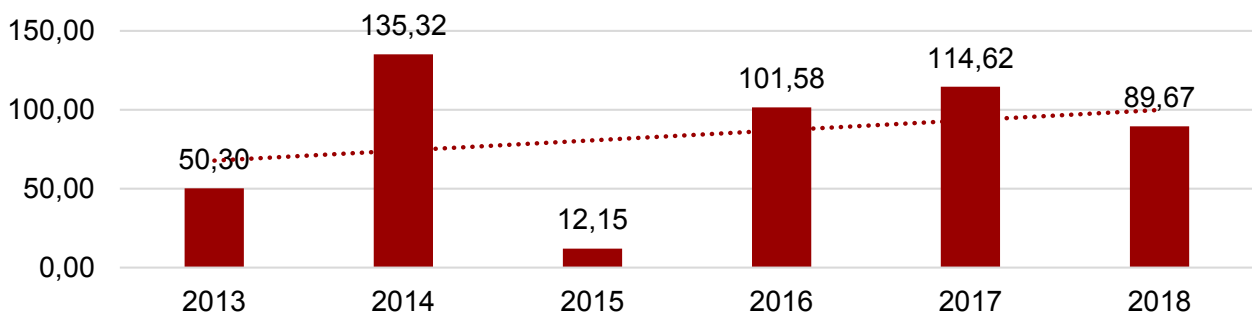
Os Gráficos 5 e 6 representam graficamente as tendências supracitadas.

Gráfico 5 – Arroz - Pronaf - Janeiro a maio de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

Gráfico 6 – Arroz – Pronamp - Janeiro a maio de 2013 a 2018



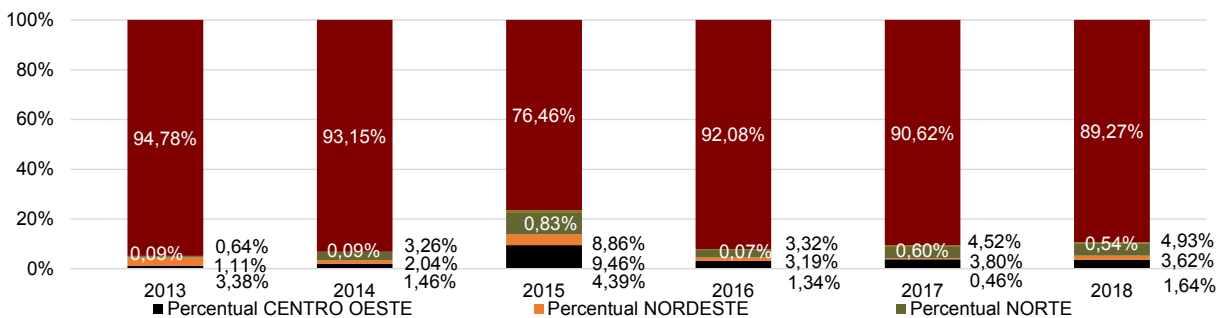
Fonte: Bacen.

Pode-se comentar que a concentração do plantio na Região Sul explica as informações da participação por região (Gráfico 7). É importante destacar a retomada

da utilização do crédito para a Região Nordeste, com crescimento em relação ao período do ano anterior de R\$ 4,09 milhões (R\$ 2,04 milhões em 2017).



Gráfico 7 – Arroz - Participação por região - Janeiro a maio de 2013 a 2018



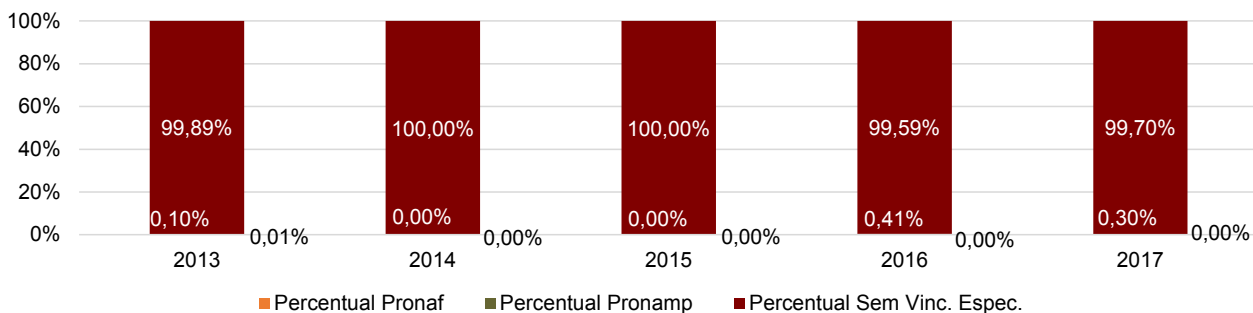
Fonte: Bacen.

6.3. A CULTURA DO ALGODÃO

O plantio do algodão exige alta tecnologia, o que explica a concentração do Financiamento Sem Vínculo a Programa Específico (Gráfico 8). Para o acumulado

entre janeiro a maio de 2018, observa-se retração na obtenção de crédito para custeio do algodão (-25,91%).

Gráfico 8 - Participação por programa - Janeiro a maio de 2013 a 2018

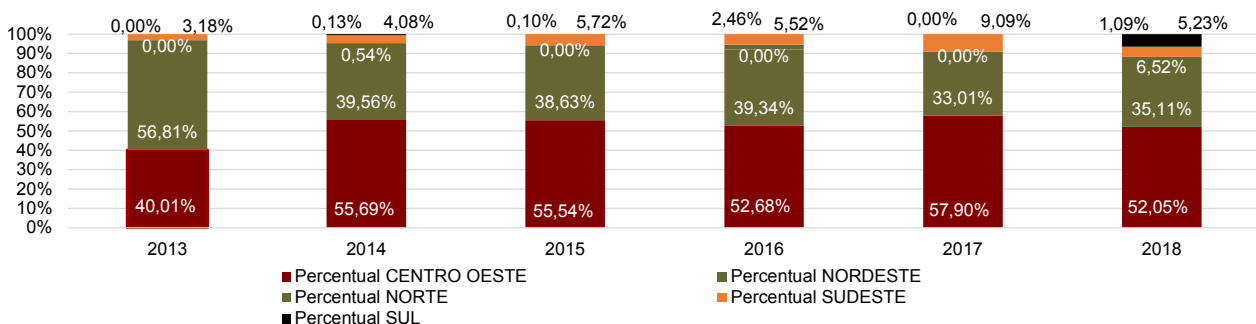


Fonte: Bacen.

As Regiões Centro-Oeste e Nordeste compreendem as Unidades da Federação com maior produção de algodão, o que explica as informações do Gráfico 9. É possível visualizar a menor participação da Região

Centro-Oeste em relação ao total nacional buscado para o custeio do algodão. Diferentemente, a Região Nordeste apresenta retomada na participação do total nacional aportado.

Gráfico 9 – Algodão – Participação por região - Janeiro a maio de 2013 a 2018



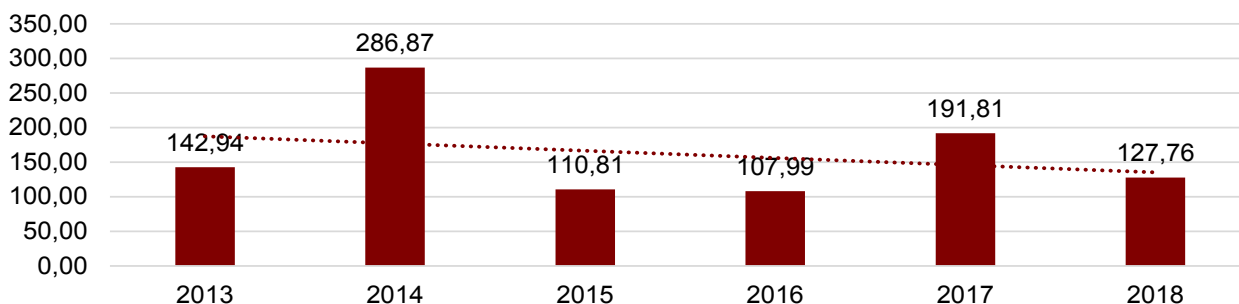
Fonte: Bacen.



Por outro lado, quando utilizamos o escopo de aporte em cada região, em separado, observa-se diminuição no volume aportado, tanto para a Região Centro-Oeste como para a Região Nordeste. O decréscimo para

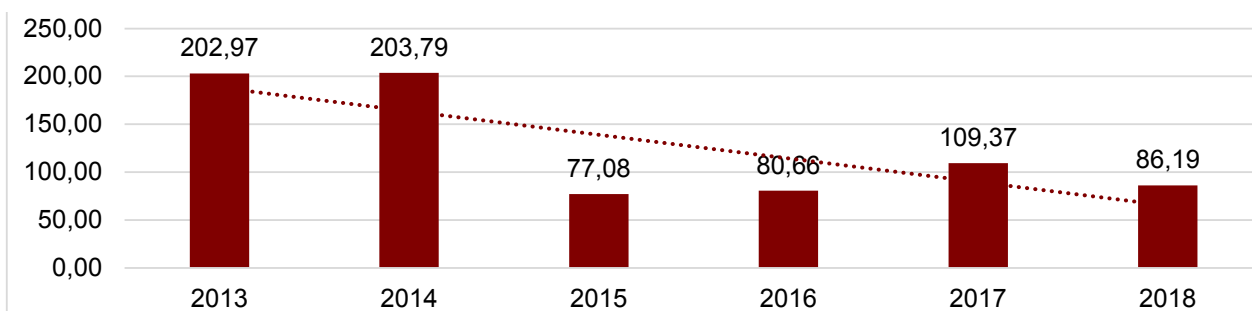
o Centro-Oeste é de 33,4% e para a Região Nordeste é de 21,2%. Os Gráficos 10 e 11 apresentam os totais aportados para cada região em específico.

Gráfico 10 - Algodão – Região Centro-Oeste - Janeiro a maio de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.

Gráfico 11 - Algodão –Região Nordeste - Janeiro a maio de 2013 a 2018



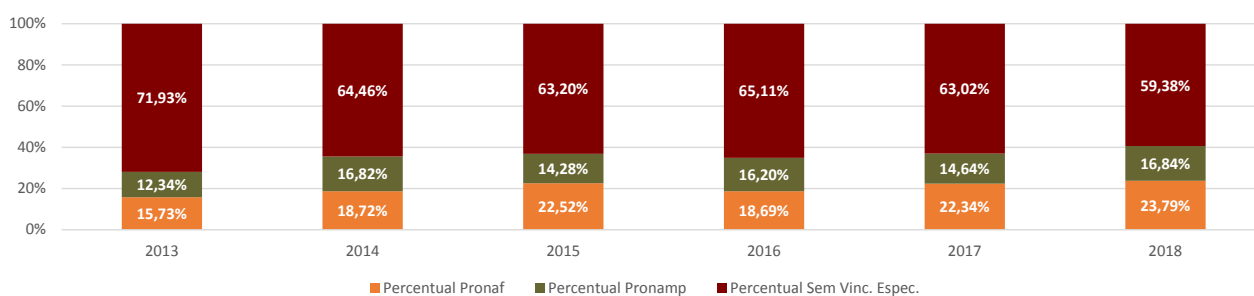
Fonte: Bacen.

6.4. A CULTURA DO FEIJÃO

Para a cultura do feijão, observam-se os seguintes valores para o aporte, em cada tipo de programa: para o aporte Sem Vínculo a Programa Específico o valor foi de R\$ 124 milhões, para o Pronamp o valor encontra-

do foi de R\$ 35,12 milhões e, por fim, para o Pronaf o montante foi de R\$ 49,62 milhões. Esses valores correspondem a -15,21%; 3,5% e -4,19%, respectivamente, quando comparados ao mesmo período de 2017.

Gráfico 12 - Feijão – Feijão – Participação de programa - Janeiro a maio de 2013 a 2018



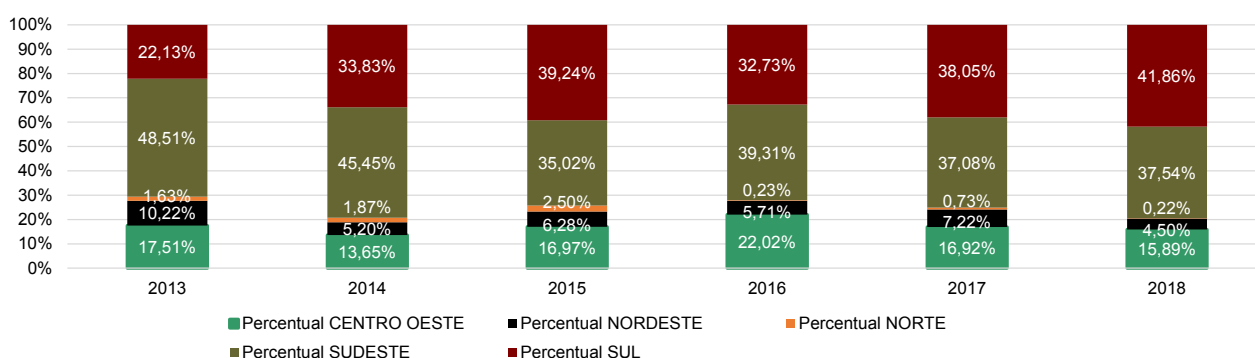
Fonte: Bacen.

Para a Região Sul, o valor do aporte foi de R\$ 87,32 milhões em 2018, esse valor pode ser compreendido como uma manutenção do valor buscado, na mesma região, para o ano de 2017 (R\$ 88,20 milhões). As maio-

res regiões produtoras são as Regiões Sul, Sudeste e o Centro-Oeste, isso posto, as informações constantes do Gráfico 13 são compatíveis com as principais regiões produtoras.



Gráfico 13 – Feijão - Participação por região - Janeiro a maio de 2013 a 2018



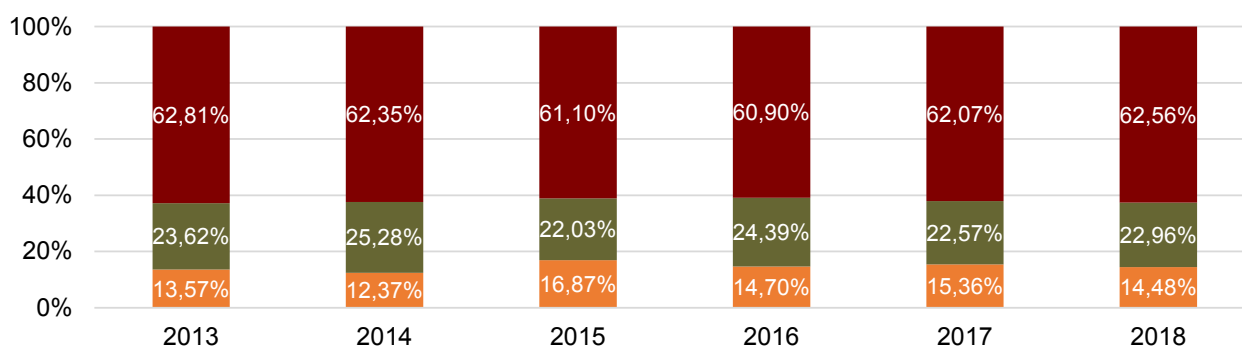
Fonte: Bacen.

6.5. A CULTURA DO MILHO

No acumulado entre janeiro a maio de 2018, o total nacional aportado para a cultura de milho foi de R\$ 2,33 bilhões, esse valor é cerca de 6,13% menor ao observado no mesmo período de 2017. Todavia, a dis-

tribuição da participação de cada um dos programas de custeio federal se manteve estável no período em análise.

Gráfico 14 – Milho - Participação de programa - Janeiro a maio de 2013 a 2018

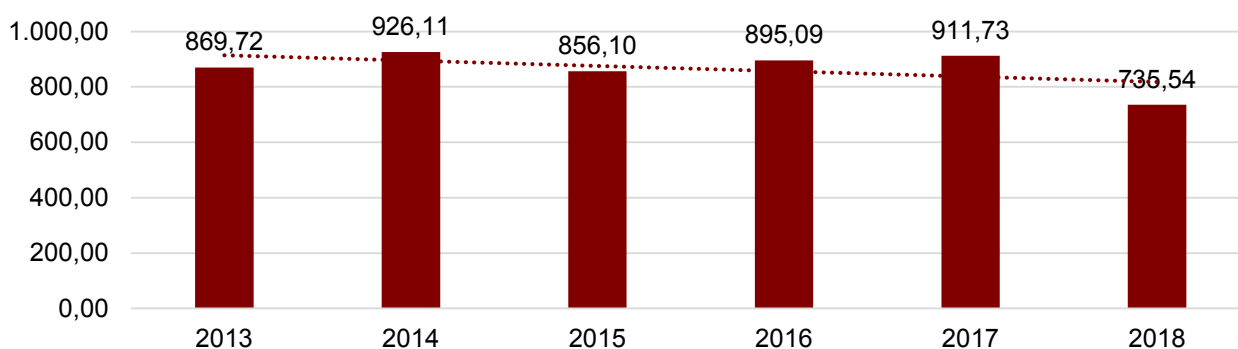


Fonte: Bacen.

Dada a queda apresentada no valor total para o país no parágrafo anterior, ressalta-se a diminuição relativa no aporte em todas as regiões brasileiras, tirante a Região Nordeste. Observa-se um decréscimo médio

de 11,84% entre as regiões com diminuição do aporte. A maior região produtora de milho é a Região Centro-Oeste, para essa, a diminuição no valor aportado foi de R\$ 176 milhões (-19,32%). Como destacado, a

Gráfico 15 – Milho – Aporte total – Centro-Oeste - Janeiro a maio de 2013 a 2018



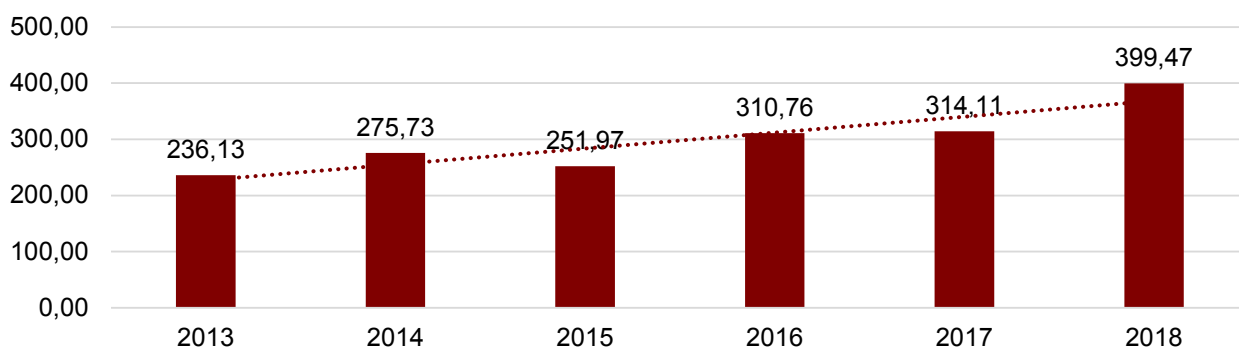
Fonte: Bacen.



Região Nordeste vai de encontro ao observado nas demais regiões brasileiras. Isso posto, o aumento percentual no aporte para a região foi de 27,17% quando

comparado o total aportado na região entre janeiro e maio de 2017 e janeiro e maio de 2018.

Gráfico 16 – Milho – Aporte total – Nordeste - Janeiro a maio de 2013 a 2018

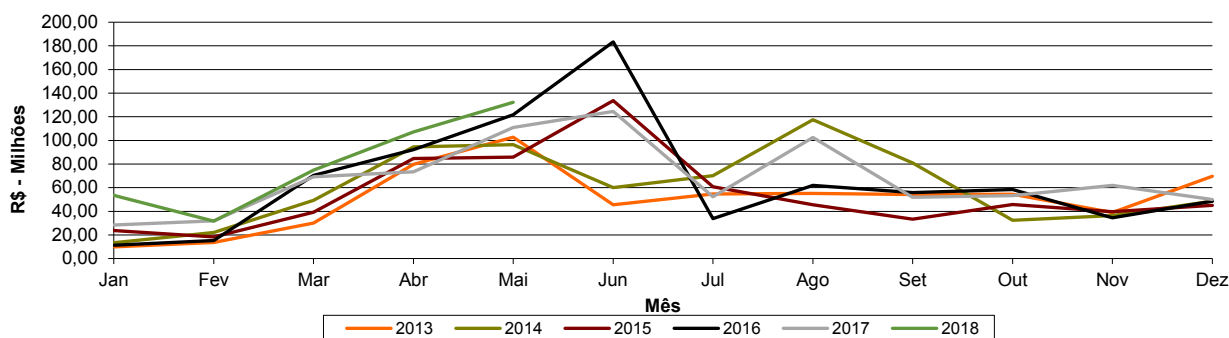


Fonte: Bacen.

Outra maneira de averiguar esse comportamento para a Região Nordeste pode ser utilizando o escopo dos aportes mensais, em cada ano. No Gráfico 17,

pode-se perceber a manutenção de superioridade no aporte de cada mês em relação aos demais anos disponíveis para análise..

Gráfico 17 – Milho – Aporte total mensal – Nordeste - Janeiro a maio de 2013 a 2018



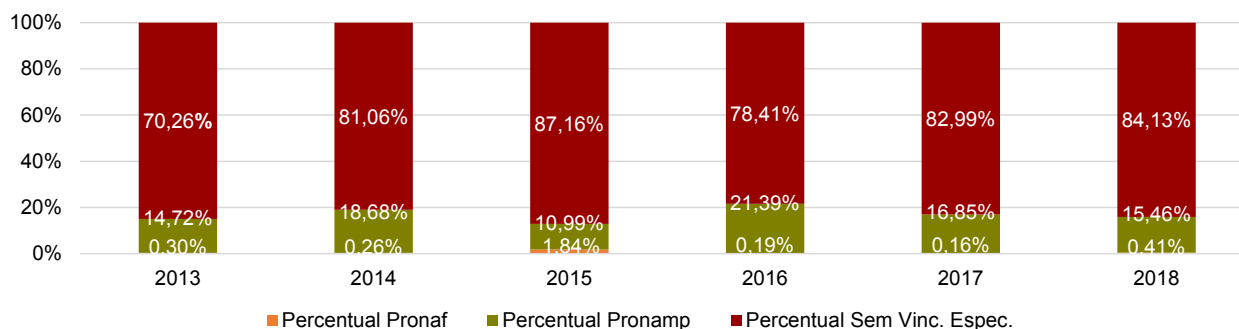
Fonte: Bacen.

6.6. A CULTURA DA SOJA

O valor aportado entre janeiro a maio de 2018 foi de R\$ 8,56 bilhões. A distribuição das participações de cada

programa de crédito manteve a tendência de aumento para o aporte Sem Vínculo a Programa Específico.

Gráfico 18 – Soja - Participação de programa - Janeiro a maio de 2013 a 2018



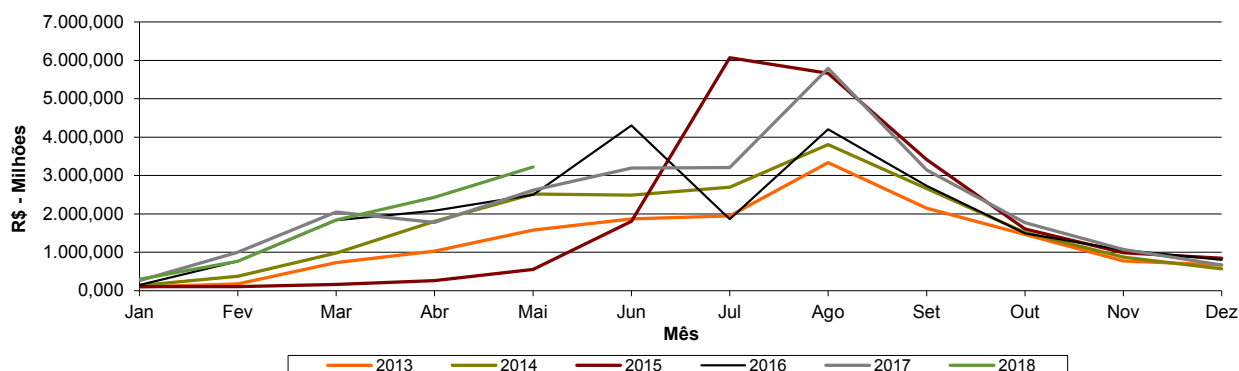
Fonte: Bacen.



Ainda no contexto nacional, é salutar destacar o valor aportado em maio de 2018. O valor de R\$ 3,22 bilhões

para a cultura da soja é o maior já observado na série em análise.

Gráfico 19 – Soja – Aporte total mensal – Nordeste - Janeiro a maio de 2013 a 2018

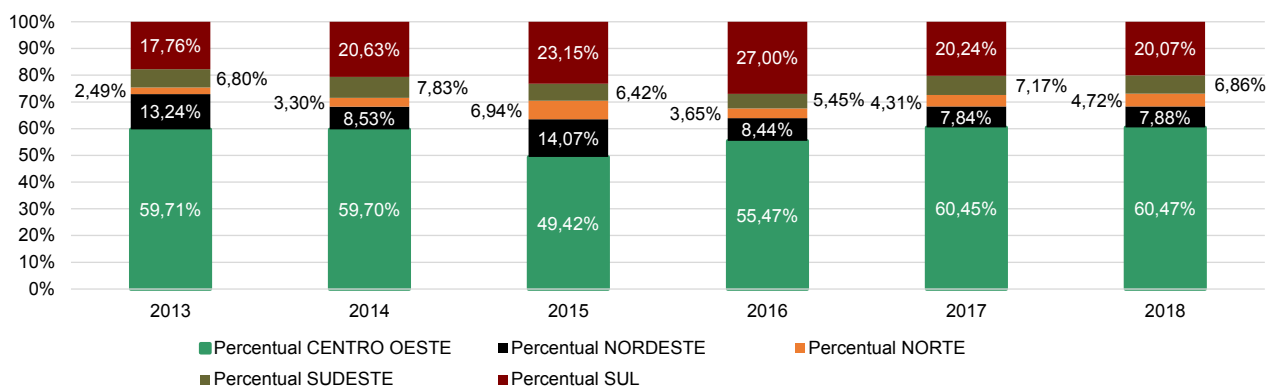


Fonte: Bacen.

No escopo das regiões brasileiras observa-se a manutenção da Região Centro-Oeste como maior detentora do crédito disponibilizado para o cultivo da oleagino-

sa. A região supracitada corresponde à maior parcela do valor total disponibilizado, quando comparadas às regiões brasileiras.

Gráfico 20 – Soja – Participação por região – Janeiro a maio de 2013 a 2018



Fonte: Bacen.





7. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO¹ - INMET

7.1. ANÁLISE CLIMÁTICA EM JUNHO DE 2018

Junho apresentou padrão de chuvas dentro da sua característica de baixa ou nenhuma pluviosidade na maior parte do território nacional durante os meses de inverno. Contudo, mesmo nas regiões que se encontram no auge do período chuvoso, como o leste do Nordeste, as chuvas registradas foram bem abaixo da média na grande maioria das localidades dessas regiões.

Na mesorregião Nordeste da Bahia e em parte de Sergipe, onde o milho segunda safra está em andamento, a ocorrência de chuvas na maioria dos dias de junho resultou em acumulados entre 70 e 170 mm (Figura 1), dentro da faixa normal do período. Em Alagoinhas, no estado da Bahia, o acumulado foi de aproximadamente 170 mm (média histórica de 152 mm), e em Propriá-SE, o acumulado foi de pouco mais de 160 mm (média histórica de 173 mm). Na Bahia, também foram registradas chuvas significativas nas mesorregiões Metropolitana de Salvador e Sul Baiano, com totais entre 120 e 250 mm.

Na faixa leste do Nordeste, entre o norte de Sergipe e a Paraíba, mesmo com a ocorrência de mais de 15 dias com precipitação, o acumulado entre 50 e 150 mm foi muito abaixo da média dessa região, que varia entre 100 e 300 mm.

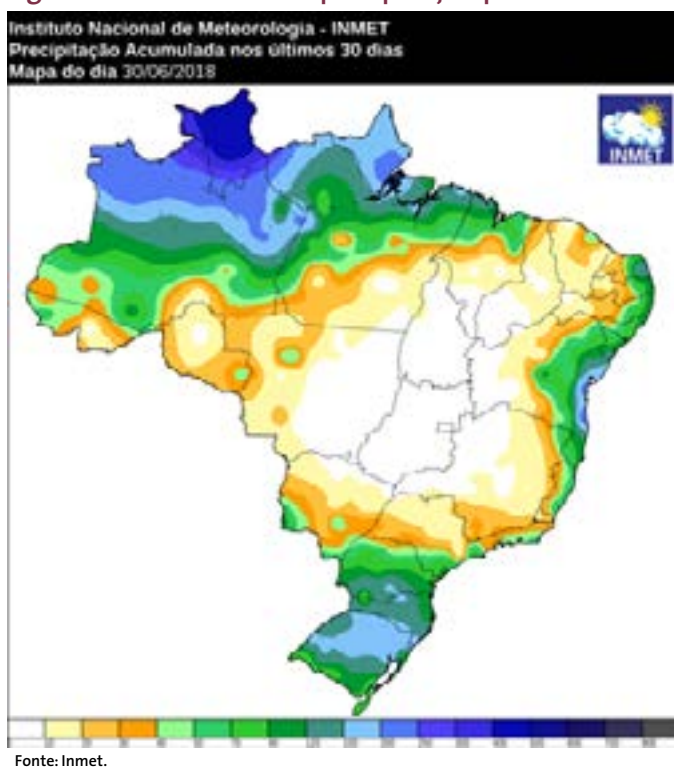
¹ Mozar de Araújo Salvador – Meteorologista do Inmet-Brasília.

Na Região Sul, a distribuição espacial das chuvas foi bastante irregular em junho (Figura 1). Os maiores volumes ficaram concentrados entre o centro-norte do Rio Grande do Sul e o centro-sul do Paraná, com volumes acumulados variando entre 100 e 200 mm, o que foi suficiente para atingir ou ultrapassar a média climatológica na maior parte das localidades dessa área da região. No norte do Paraná, os volumes ficaram entre 40 e 70 mm (Figura 1), o que corresponde a menos que 60% da média em alguns casos. Nos municípios de Londrina, por exemplo, os totais de acumulados registrados pelas estações meteorológicas do Inmet foram inferiores a 50 mm, enquanto a

média climatológica nessas localidades é de mais de 100 mm no mês. Também o extremo sul do Rio Grande do Sul apresentou áreas com deficit pluviométrico. Santa Vitória do Palmar, por exemplo, a precipitação total foi de aproximadamente 70 mm e a sua média climatológica é de 155 mm.

A ação de um sistema de alta pressão sobre grande parte do Brasil manteve uma intensa massa de ar seco e inibiu o avanço de sistemas frontais em direção ao sudeste, resultando em volumes abaixo da média em grande parte da região, como também no sul do Mato Grosso do Sul e norte do Paraná.

Figura 1 - Acumulado da precipitação pluviométrica em junho de 2018



7.2. CONDIÇÕES OCEÂNICAS RECENTES E TENDÊNCIA

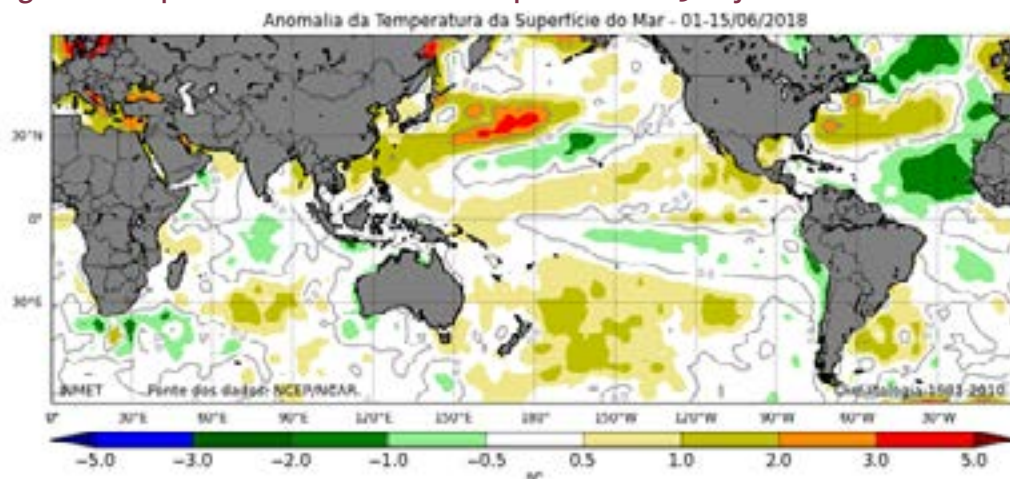
O mapa de anomalias da temperatura na superfície do mar (TSM) da primeira metade de junho (Figura 2) mostra que a área com anomalias negativas no Pacífico Equatorial continua diminuindo em extensão e intensidade, mantendo uma condição de neutralidade. Tal condição é também percebida no gráfico diário de índice de El Niño/La Niña até o dia 3 de julho (Figura 3),

onde se observa que nesse período o Pacífico Equatorial na área 3.4 (entre 170°W-120°W) manteve-se com um padrão médio dentro da faixa de neutralidade, porém com desvios positivos nas últimas semanas.

A faixa de neutralidade está em entre -0,5°C e +0,5°C de desvio de TSM nas áreas de El Niño.



Figura 2 - Mapa de anomalias da TSM no período 1º a 15 de junho de 2018



Fonte: Inmet.

No sudoeste do Atlântico Sul, entre o litoral norte da Argentina e o Rio Grande do Sul, as anomalias positivas na TSM permaneceram na segunda metade do mês (Figura 2), porém com menor intensidade que na quinzena anterior. As anomalias positivas nessa área

do Atlântico são favoráveis ao aumento da precipitação no Rio Grande do Sul em virtude de um fluxo potencialmente maior de umidade do oceano em direção ao continente.

Gráfico 1 - Monitoramento do índice diário de El Niño/La Niña 3.4



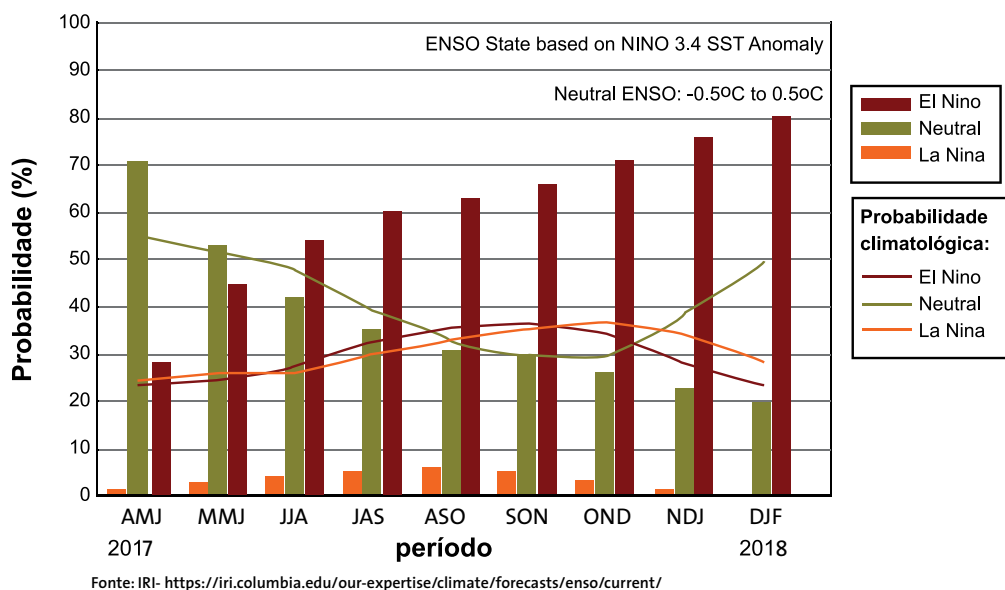
Fonte: <https://www.tropicaltidbits.com/analysis/>.

A média dos modelos de previsão de El Niño/La Niña do IRI (Research Institute for Climate and Society) apresenta uma alta probabilidade de continuidade do processo de enfraquecimento manutenção da fase neutra e com gradativa substituição por uma fase de

positiva (Figura 4). Com base nas saídas dos modelos e nas condições térmicas observadas no Oceano Pacífico, há significativa probabilidade de formação de um novo episódio de El Niño em meados do segundo semestre de 2018.



Gráfico 2 - Previsão probabilística do IRI para ocorrência de El Niño ou La Niña



7.3. PROGNÓSTICO CLIMÁTICO PARA O BRASIL – PERÍODO JULHO, AGOSTO E SETEMBRO DE 2018

O modelo de previsão climática do Inmet indica para a Região Sul maior probabilidade de que as chuvas fiquem dentro da faixa normal ou abaixo na maioria das localidades (Figura 5). Porém, em julho, o volume total deve ficar próximo à média da região, principalmente no Rio Grande do Sul, por consequência da chegada de sistemas frontais que causam instabilidade na atmosfera.

As regiões Centro-Oeste e Sudeste estão no período seco climatológico, e o modelo do Inmet reforça a condição de baixa precipitação, indicando maior probabilidade dentro da faixa normal ou abaixo em quase a totalidade das duas regiões, com volumes mais significativos, em relação aos outros estados, no sul do Mato Grosso do Sul e de São Paulo em julho.

Na Região do Matopiba, o prognóstico climático indica maior probabilidade de chuvas dentro ou abaixo da faixa normal do trimestre na maior parte da re-

gião. Contudo, do mesmo modo que no Centro-Oeste, o trimestre julho-agosto-setembro no Matopiba é caracterizado por ser tipicamente seco e a previsão apenas reforça a condição de baixa precipitação.

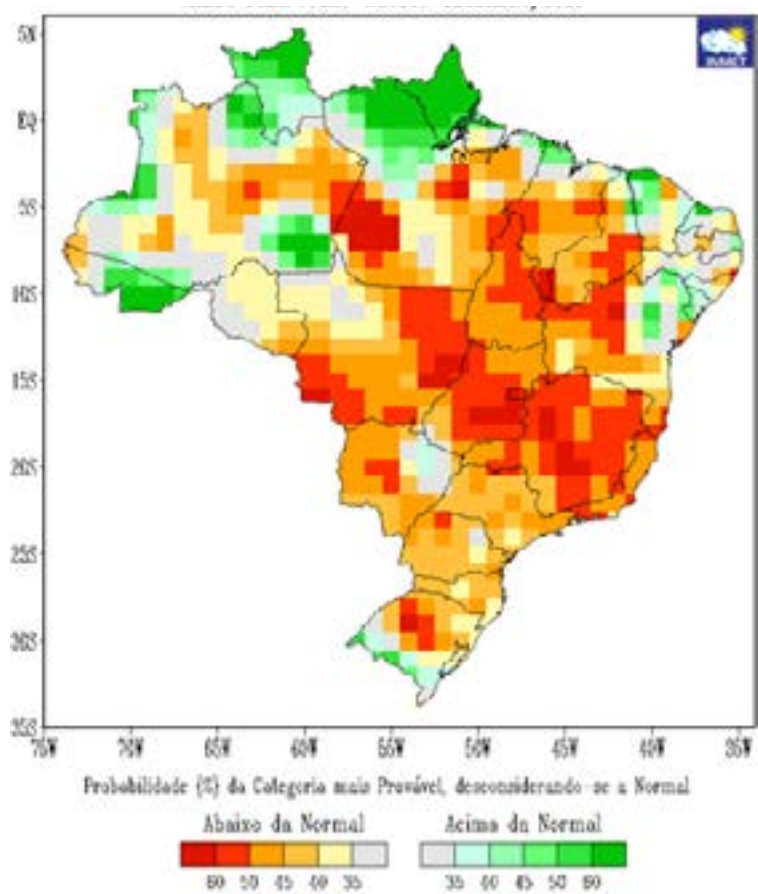
Na faixa leste do Nordeste, entre o norte da Bahia e a Paraíba, a probabilidade maior é que os volumes acumulados fiquem dentro da faixa normal ou abaixo em praticamente toda a região, segundo o modelo estatístico do Inmet (Figura 5).

Em média, as temperaturas devem ficar acima da faixa normal na maior parte do Brasil nesse trimestre. Nas Regiões Sul e Nordeste, as temperaturas devem ficar dentro da faixa normal.

Mais detalhes sobre prognóstico e monitoramento climático podem ser vistos na opção CLIMA do menu principal do site do Inmet (www.inmet.gov.br)



Figura 3 - Previsão probabilística de precipitação do modelo estatístico do Inmet para o trimestre janeiro, agosto e setembro de 2018



Fonte: Inmet.





8. CONDIÇÕES CLIMÁTICAS

8.1. REGIÃO NORTE

8.1.1. AMAZONAS

Apesar das previsões de maior probabilidade de precipitações acima do normal, nos últimos meses, tem-se observado chuvas dentro da normalidade.

8.1.2. PARÁ

O índice pluviométrico está favorável para o desenvolvimento das culturas.

8.2. REGIÃO NORDESTE

8.2.1. CEARÁ

A segunda quinzena de maio, marcou o encerramento do período chuvoso nas principais regiões pesquisadas. As previsões climatológicas favoráveis, evidenciadas nos diversos levantamentos anteriores, confirmaram-se, sobretudo quanto aos totais mensais de chuvas observados de novembro de 2017 a abril de 2018.

8.2.2. MARANHÃO

Predomina-se o período seco, caracterizado pela existência de altas temperaturas medias, com alguns mu-

nicipios registrando médias ligeiramente acima dos 32 graus, baixa umidade relativa do ar e ausência de

chuvas, principalmente, na região sul do estado.

8.2.3. PIAUÍ

Na região sul do estado, apesar de ter ocorrido um pequeno atraso em relação ao início do período chuvoso, as precipitações foram bem distribuídas.

Na região do semiárido, o volume de precipitação reduziu bastante.

Já na região norte, as chuvas estão regulares

8.2.4. RIO GRANDE DO NORTE

A situação climática tem sido favorável.

As chuvas em junho foram abaixo da média na maioria dos municípios. Contudo, as chuvas acumuladas

de janeiro a junho estão dentro da média na grande maioria dos municípios, com exceção de alguns municípios do extremo oeste do estado e alguns municípios da mesorregião Leste.

8.2.5. PERNAMBUCO

As chuvas permanecem abaixo da média, principalmente, na mesorregião do agreste.

8.2.6. BAHIA

No extremo oeste, centro-sul, centro-norte e Vale do São Francisco, a baixa umidade do solo é característica normal para o período.

No nordeste baiano, há o início das chuvas.

8.2.7. SERGIPE

As precipitações foram favoráveis em todas as regiões produtoras. Os índices variaram entre 80 e 150 mm.

A distribuição das chuvas foi melhor nas regiões sul e agreste de Sergipe, em comparação à região do Sertão, que está com mais dias consecutivos sem registro de chuvas.

O modelo de previsão probabilística apresentado pelo Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) indica chuvas e temperaturas normais para o próximo trimestre, com exceção da região extremo leste do estado, na qual são esperados entre 10 e 50 mm acima da normalidade.

8.3. REGIÃO CENTRO-OESTE

8.3.1. MATO GROSSO

Houve a interrupção das chuvas em praticamente todo o estado e a ocorrência de algumas frentes frias.

Esse é o padrão climático segundo a média histórica.

8.3.2. MATO GROSSO DO SUL

As chuvas ocorreram muito abaixo do normal.

A estação climática de inverno teve início no segundo decêndio de junho. Nesse período, as temperaturas são amenas, o volume de precipitação é menor, o ar

mais seco e o vento calmo. Após a passagem de frentes frias, normalmente há a queda das temperaturas, com a ocorrência de geadas, principalmente, na mesorregião sudoeste do estado.



8.3.3. DISTRITO FEDERAL

O tempo permaneceu seco durante todo o mês de junho no Distrito Federal.

Com o início do inverno, o tempo é seco e frio ao longo de todo o período, com baixa nebulosidade. A possibilidade de chuva é praticamente nula para os próxi-

mos meses.

A onda de frio não deve ser tão frequente quanto nos últimos anos, embora ainda ocorram de forma bastante intensa em junho e julho.

8.4. REGIÃO SUDESTE

8.4.1. MINAS GERAIS

As condições climáticas são consideradas desfavorá-

veis em razão do prolongado período sem chuvas.

8.4.2. SÃO PAULO

A estiagem nas diversas regiões produtoras do esta-

do paulista é considerada insatisfatória para manter uma boa umidade do solo.

8.1.5. REGIÃO SUL

8.5.1. PARANÁ

Junho iniciou com nebulosidade constante em praticamente todo o Paraná, pouca luz, ocorrência de chuvas, queda nas temperaturas, formação de geada fraca e moderada em muitos municípios, principalmente sudoeste e centro-sul e, em algumas regiões, bastante neblina. As condições permaneceram assim até meados do mês.

O volume de chuvas recuperou a umidade no solo. Com as chuvas generalizadas, houve atraso na colheita do feijão, mas o desenvolvimento para as gramíneas de inverno já semeadas foi bom. Em outras regiões

do estado deverá haver concentração no plantio de inverno devido a boa umidade no solo.

Na segunda quinzena de junho, devido à presença de uma massa de ar frio e seco sobre o sul do Brasil, não houve precipitação por vários dias. As noites e manhãs foram frias, com temperaturas em elevação durante o dia e tempo firme, que possibilitaram o retorno das várias operações agrícolas. As chuvas retornaram, irregulares, nos últimos dias do mês. A atmosfera se manteve parcialmente nublada, mas com temperaturas mais altas. Alguns registros de chuvas e ventos fortes e tempestades causaram prejuízos principalmente nos milharais do oeste e sudoeste paranaense.

8.5.2. RIO GRANDE DO SUL

A última semana de maio alternou períodos úmidos com dias secos e frio em todo Rio Grande do Sul.

No início de junho, a propagação de uma frente fria provocou chuva em todas as regiões. O ingresso de uma massa de ar seco e frio afastou a nebulosidade

e manteve o tempo firme, com temperaturas baixas e formação de geadas. O deslocamento de área de baixa pressão novamente provocou chuva na maioria das regiões, principalmente na metade norte e na faixa leste. Os totais acumulados oscilaram entre 15 e 25 mm na maioria das localidades, com valores acima



de 30 mm nas Missões, Vale do Uruguai e no Planalto, e em algumas localidades da Campanha, Zona Sul e Região Metropolitana.

Houve registros de temporais, fortes rajadas de vento e queda de granizo em vários municípios. As tempestades provocaram danos severos em diversas áreas, com ocorrência de um tornado entre os municípios de Coxilha e Tapejara. Os totais de chuva registrados no meio do mês oscilaram entre 20 e 35 mm na maioria das localidades. No Planalto e na Serra do Nordeste os valores superaram 50 mm em diversos municípios.

O frio extremo e o tempo seco caracterizam as últimas

semanas de junho no estado. A presença de uma forte massa de ar polar determinou o predomínio do tempo firme e frio em todas as áreas do território gaúcho. As temperaturas mínimas oscilaram em torno de 0°C na maioria das regiões e em vários municípios foram registradas temperaturas negativas. A presença do ar frio favoreceu a formação de geadas amplas em todas as regiões. O ar frio perdeu intensidade e ocorreu uma ligeira elevação das temperaturas e a formação de nevoeiros ao amanhecer. A presença de uma forte massa de ar polar determinou o predomínio do tempo firme e frio em todas as áreas do território gaúcho, segundo a Secretaria da Agricultura Pecuária e Irrigação do Rio Grande do Sul (Seapi).





9. ANÁLISE DAS CULTURAS

9.1. CULTURAS DE VERÃO

9.1.1. ALGODÃO

No décimo levantamento da safra 2017/18 de algodão em caroço, a expectativa é de aumento de 28,3% na produção, influenciado pelo forte aumento de área plantada em relação à safra passada, saindo de 939,1 mil hectares para 1.176 mil hectares na safra atual, e pelas melhores condições climáticas, que devem propiciar um aumento de produtividade de 2,4% em relação à safra passada. Em Mato Grosso, a colheita deve ganhar força em julho. Na Bahia, a colheita já atinge 15% da área semeada.

A Região Norte deverá produzir 31,1 mil toneladas de algodão em caroço em uma área de 7,6 mil hectares.

Em Tocantins, a estimativa é de redução na área cultivada, estimada em 2,8 mil hectares. O maior entrave para a expansão da cultura, no estado, está relacionado ao fim da isenção do ICMS para o produto.

As lavouras se encontram em fase de maturação e a produtividade do algodão em caroço é estimada em 3.900 kg/ha.

Na Região Nordeste, estima-se aumento na produção devido à maior área plantada nessa safra, influenciado pelos bons resultados obtidos na safra 2016/17, que estimularam o produtor a aumentar os investimentos na cotonicultura, e pela boa produtividade propiciada pelo clima favorável.

No Maranhão, há a manutenção do cenário evidenciado no levantamento anterior, especialmente quanto ao bom estabelecimento e desenvolvimento da cultura, influenciado pelas condições climáticas favoráveis. A área plantada é estimada em 22,3 mil hectares, com produtividade média de 4.102 kg/ha.

No Piauí, as lavouras se encontram totalmente em fase de maturação e colheita. Até o momento, aproximadamente 12,5% da área plantada já foi colhida.

A produtividade estimada para o algodão em caroço é de 3.910 kg/ha, aumento de 11,3% em relação à safra anterior em razão das boas condições climáticas da safra atual.

Figura 1 - Algodão em Corrente - PI



Na Paraíba esta previsto o incremento de 38% das áreas de cultivo quando comparadas com a safra anterior, saindo de 0,4 mil hectares na safra passada para 0,6 mil hectares na atual, com produtividade média de 946 kg/ha para o algodão em caroço. A ampliação das áreas de algodão se deve ao apoio técnico e institucional do governo estadual, com vistas a atender a demanda de empresas beneficiadoras de algodão colorido e algodão branco orgânico, que estão realizando contrato de compra junto aos produtores, ofertando sementes, garantindo um preço mínimo e o frete do produto colhido até a unidade de beneficiamento.

Na Bahia, as lavouras de sequeiro tiveram a colheita iniciada e atingiram aproximadamente 15% da área total de algodão. A previsão inicial era que até o final de junho a colheita atingisse cerca de 30% da área, mas a greve dos caminhoneiros acarretou em dificuldades para o abastecimento das máquinas, causando o atraso na colheita.

As lavouras irrigadas têm colheita prevista para agosto. Os cultivos apresentam ótimo desenvolvimento, com plantas vigorosas e sem sintomas significativos de pragas e doenças. As chuvas de fevereiro e abril proporcionaram às plantas boas condições para expressar o potencial produtivo, estando no momento em fase de

maturação as lavouras de sequeiro e florescimento as lavouras irrigadas.

Considerando a média entre os plantios de sequeiro e irrigado, estima-se uma produtividade de 4.462 kg/ha e a produção de 1.182,9 mil toneladas de algodão em caroço.

No extremo oeste do estado, os cultivos de sequeiro estão em fase de maturação e colheita e os cultivos irrigados em fase de formação do capulho. No centro-sul e no Vale do São Francisco, os cultivos são realizados em sequeiro e também com irrigação por gotejamento e pivô central. As lavouras irrigadas por pivô central estão com a colheita finalizada. As áreas de sequeiro e irrigadas por gotejamento são conduzidas pela agricultura familiar e são colhidas de forma manual e mecanizada.

A Região Centro-Oeste é a região onde mais se produz algodão. A área plantada é estimada em 840,8 mil hectares, um crescimento de 23,2% quando comparada com a safra anterior.

Em Mato Grosso, o algodão se encontra predominantemente em estágio de maturação, com algumas áreas já colhidas na região sudeste do estado, totalizando cerca de 5% das lavouras colhidas até o fechamento de junho. A colheita deve ganhar ritmo na primeira quinzena de julho e o rendimento médio deve ficar na ordem dos 4.100 kg/ha. Destaca-se que, paralelamente aos trabalhos de colheita, são realizadas ações de combate ao bicudo, a fim de reduzir a pressão da praga para a próxima safra.

Cerca de 75% da produção estadual está comercializada. Diferentemente do mercado da soja e do milho, o impasse envolvendo o tabelamento dos fretes rodoviários não prejudicou tanto os negócios com a pluma durante o mês, pois as indústrias estão desabastecidas e necessitam do produto mesmo com um custo logístico maior. Além disso, o valor agregado da carga, mais elevado, minimiza o aumento no custo do transporte.

Figura 2 - Lavoura de algodão em maturação em Sinop – MT



e Araçuaia, a cultura já foi colhida e está em fase de



beneficiamento nas algodozeiras do sudoeste do estado. Na região norte e nordeste do estado, o algodão está principalmente nas fases de abertura das maçãs e maturação. O algodão primeira safra está com o desenvolvimento mais adiantado, enquanto o algodão segunda safra está principalmente nas fases reprodutivas de formação dos botões e abertura das maçãs. A partir do final de junho e início de julho a colheita irá se intensificar nessa região produtora.

O bicudo do algodozeiro é a praga que mais acomete a cultura no estado, mas as aplicações de inseticidas, atrelado ao manejo, estão controlando a praga, apesar dos custos e do elevado número de aplicações, aumentando o custo de produção. Além disso, há relatos de ataques de tripes, ácaros, pulgões e mosca-branca, essas duas últimas causam perdas qualitativas na pluma.

No tocante a doenças, a ramulária tem sido a principal doença que acomete a cultura, sendo necessárias várias aplicações para controle da doença. Para o caso dessa doença, o clima seco tem sido favorável ao controle durante junho.

Até o momento pouco produto foi comercializado em operações de trocas e houve uma recuperação dos preços em relação ao mês anterior.

Em Goiás, as primeiras áreas começaram a ser colhidas mas a maior parte deverá ser colhida a partir de julho. Muitas áreas estão em fase de maturação e abertura do capulho no terço superior das plantas. Aplicação de desfolhantes começaram a ser utilizado nesse momento, pois as baixas temperaturas, comum nessa época do ano, alonga o ciclo da cultura.

Não há registros de ataques severos ou com danos econômicos. As principais pragas que demandaram aplicações foram o ácaro e o bicudo. O monitoramento de pragas, o calendário de aplicações e demais ações de manejo, foram importantes para aumento na produtividade nessa safra.

Figura 3 - Lavoura de algodão em Montividiu-GO



Na Região Sudeste, a área cultivada com algodão deve-

rá apresentar forte crescimento, estimado em 67,4%, quando comparada com a safra passada.

Em Minas Gerais, estima-se um crescimento de 60% na área de algodão, que passou de 15,6 mil hectares, na safra passada, para 25 mil hectares nessa safra, somando-se os plantios da safra de verão e da segunda safra, nas diversas regiões produtoras (Noroeste, Alto Paranaíba e Norte de Minas), refletindo o otimismo dos cotonicultores diante das boas condições climáticas e dos bons preços alcançados ao longo da safra passada, assim como às boas expectativas de mercado para a safra atual.

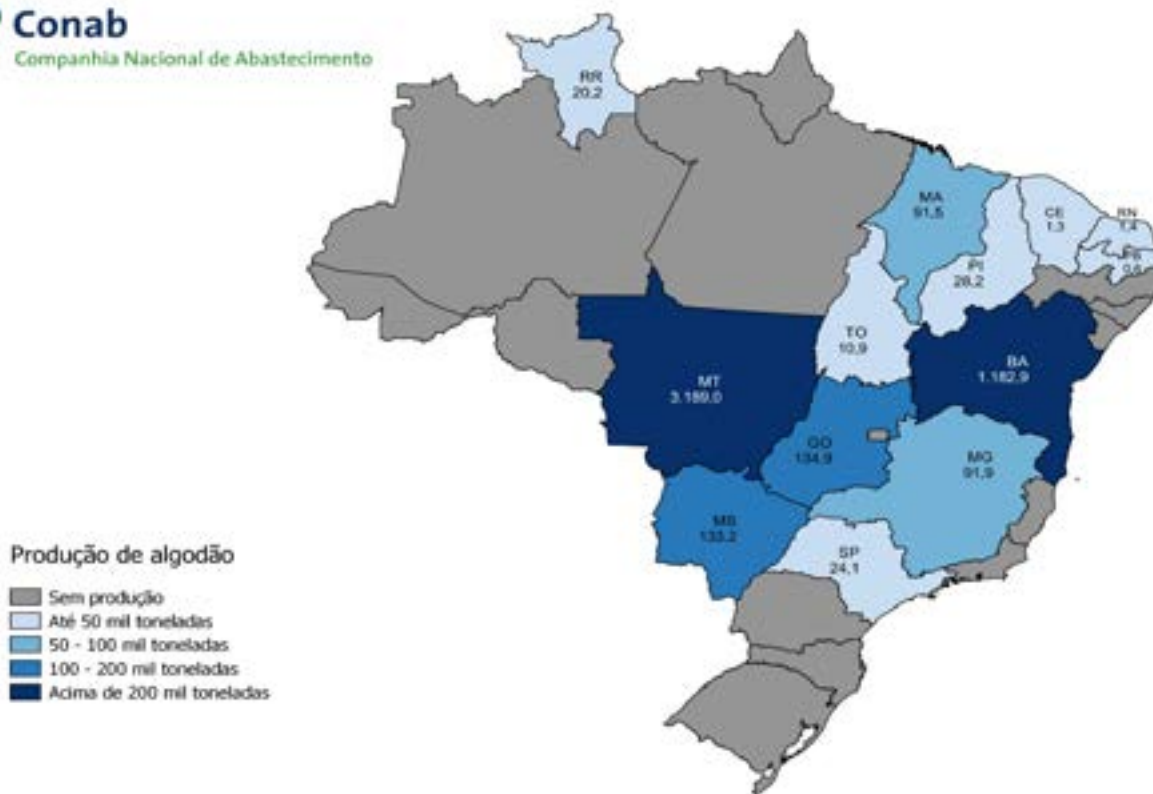
Predomina o plantio em áreas de agricultura empresarial, mas na região do Norte de Minas a cotonicultura também é explorada por agricultores familiares. Projeta-se, para o estado, uma produtividade média de 3.675 kg/ha e a produção poderá alcançar 91,9 mil toneladas. A colheita ainda é muito incipiente, com previsão de intensificação a partir de meados de junho.

Em São Paulo, a cultura está praticamente toda colhida. Desse total, aproximadamente 85% já foi beneficiado. Quanto à produtividade, a estimativa é que seja de 4.162 kg/ha. O algodão não sofreu com a estiagem, uma vez que os produtores são tecnificados e produzem sob sistema de irrigação do tipo pivô central.

Os melhores preços dessa safra foram determinantes para a retomada do plantio do algodão na região de Avaré, polo de maior concentração do algodão no estado.



Figura 4 - Mapa da produção agrícola - Algodão



Fonte: Conab.



Quadro 1 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Algodão

UF	Mesorregiões	Algodão											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
MA	Sul Maranhense - 1ª Safra	C			P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Sul Maranhense - 2ª Safra	C	C			P	G/DV	DV	F	F/FR	FR/M	M	M/C
PI	Sudoeste Piauiense	C			P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
BA	Extremo Oeste Baiano	C		P	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
	Centro Sul Baiano	C		P	P/G	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M	M/C	C
MG	Noroeste de Minas - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Noroeste de Minas - 2ª Safra	C					P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C
MS	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - 2ª Safra	C					P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV/F	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 1ª Safra				P/G/DV	DV	F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
MT	Norte Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Norte Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Nordeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Nordeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudoeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Centro-Sul Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Mato-grossense - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sudeste Mato-grossense - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
GO	Leste Goiano - 1ª Safra			PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste Goiano - 2ª Safra	C				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C
	Sul Goiano - 1ª Safra				P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C	C
	Sul Goiano - 2ª Safra					P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR	FR/M	M/C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (C)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 1 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em caroço

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,3	7,6	4,1	3.540	4.089	15,5	25,8	31,1	20,5
RR	2,5	4,8	92,0	4.200	4.200	-	10,5	20,2	92,4
TO	4,8	2,8	(41,1)	3.196	3.900	22,0	15,3	10,9	(28,8)
NORDESTE	230,8	296,8	28,6	4.226	4.399	4,1	975,3	1.305,9	33,9
MA	22,5	22,3	(0,9)	3.915	4.102	4,8	88,1	91,5	3,9
PI	5,6	7,2	28,8	3.514	3.910	11,3	19,7	28,2	43,1
CE	0,4	1,3	225,0	1.083	1.000	(7,7)	0,4	1,3	225,0
RN	0,3	0,3	-	4.461	4.652	4,3	1,3	1,4	7,7
PB	0,4	0,6	38,0	819	946	15,5	0,3	0,6	100,0
BA	201,6	265,1	31,5	4.293	4.462	3,9	865,5	1.182,9	36,7
CENTRO-OESTE	682,6	840,8	23,2	4.042	4.112	1,7	2.758,9	3.457,1	25,3
MT	627,8	777,8	23,9	4.027	4.100	1,8	2.528,2	3.189,0	26,1
MS	28,6	30,0	5,0	4.350	4.440	2,1	124,4	133,2	7,1
GO	26,2	33,0	25,8	4.056	4.087	0,8	106,3	134,9	26,9
SUDESTE	18,4	30,8	67,4	3.684	3.767	2,2	67,8	116,0	71,1
MG	15,6	25,0	60,0	3.739	3.675	(1,7)	58,3	91,9	57,6
SP	2,8	5,8	107,4	3.377	4.162	23,2	9,5	24,1	153,7
NORTE/NORDESTE	238,1	304,4	27,8	4.205	4.392	4,4	1.001,1	1.337,0	33,6
CENTRO-SUL	701,0	871,6	24,3	4.032	4.099	1,7	2.826,7	3.573,1	26,4
BRASIL	939,1	1.176,0	25,2	4.076	4.175	2,4	3.827,8	4.910,1	28,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.



Tabela 2 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão em pluma

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,3	7,6	4,1	1.387	1.583	14,1	10,1	12,1	19,8
RR	2,5	4,8	92,0	1.596	1.596	-	4,0	7,7	92,5
TO	4,8	2,8	(41,1)	1.278	1.560	22,1	6,1	4,4	(27,9)
NORDESTE	230,8	296,8	28,6	1.693	1.762	4,1	390,7	523,1	33,9
MA	22,5	22,3	(0,9)	1.566	1.641	4,8	35,2	36,6	4,0
PI	5,6	7,2	28,8	1.511	1.681	11,3	8,5	12,1	42,4
CE	0,4	1,3	225,0	379	350	(7,7)	0,2	0,5	150,0
RN	0,3	0,3	-	1.695	1.768	4,3	0,5	0,5	-
PB	0,4	0,6	38,0	295	341	15,4	0,1	0,2	100,0
BA	201,6	265,1	31,5	1.717	1.785	3,9	346,2	473,2	36,7
CENTRO-OESTE	682,6	840,8	23,2	1.615	1.645	1,9	1.102,3	1.383,3	25,5
MT	627,8	777,8	23,9	1.611	1.640	1,8	1.011,3	1.275,6	26,1
MS	28,6	30,0	5,0	1.784	1.820	2,0	49,1	54,6	11,2
GO	26,2	33,0	25,8	1.598	1.610	0,8	41,9	53,1	26,7
SUDESTE	18,4	30,8	67,4	1.435	1.499	4,4	26,4	46,2	75,0
MG	15,6	25,0	60,0	1.496	1.470	(1,7)	22,7	36,8	62,1
SP	2,8	5,8	107,4	1.317	1.623	23,2	3,7	9,4	154,1
NORTE/NORDESTE	238,1	304,4	27,8	1.683	1.758	4,4	400,8	535,2	33,5
CENTRO-SUL	701,0	871,6	24,3	1.610	1.640	1,9	1.128,7	1.429,5	26,7
BRASIL	939,1	1.176,0	25,2	1.629	1.671	2,6	1.529,5	1.964,7	28,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.

Tabela 3 – Comparativo de área, produtividade e produção - Carozo de algodão

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	7,3	7,6	4,1	2.153	2.507	16,4	15,7	19,0	21,0
RR	2,5	4,8	92,0	2.604	2.604	-	6,5	12,5	92,3
TO	4,8	2,8	(41,1)	1.918	2.340	22,0	9,2	6,5	(29,3)
NORDESTE	230,8	296,8	28,6	2.533	2.637	4,1	584,6	782,8	33,9
MA	22,5	22,3	(0,9)	2.349	2.461	4,8	52,9	54,9	3,8
PI	5,6	7,2	28,8	2.003	2.229	11,3	11,2	16,1	43,8
CE	0,4	1,3	225,0	704	650	(7,7)	0,2	0,8	300,0
RN	0,3	0,3	-	2.766	2.884	4,3	0,8	0,9	12,5
PB	0,4	0,6	38,0	524	605	15,5	0,2	0,4	100,0
BA	201,6	265,1	31,5	2.576	2.677	3,9	519,3	709,7	36,7
CENTRO-OESTE	682,6	840,8	23,2	2.424	2.466	1,7	1.656,6	2.073,8	25,2
MT	627,8	777,8	23,9	2.416	2.460	1,8	1.516,9	1.913,4	26,1
MS	28,6	30,0	5,0	2.567	2.620	2,0	75,3	78,6	4,4
GO	26,2	33,0	25,8	2.458	2.477	0,8	64,4	81,8	27,0
SUDESTE	18,4	30,8	67,4	2.215	2.268	2,4	41,4	69,8	68,6
MG	15,6	25,0	60,0	2.243	2.205	(1,7)	35,6	55,1	54,8
SP	2,8	5,8	107,4	2.060	2.539	23,2	5,8	14,7	153,4
NORTE/NORDESTE	238,1	304,4	27,8	2.522	2.634	4,4	600,3	801,8	33,6
CENTRO-SUL	701,0	871,6	24,3	2.419	2.459	1,7	1.698,0	2.143,6	26,2
BRASIL	939,1	1.176,0	25,2	2.445	2.505	2,4	2.298,3	2.945,4	28,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.



Tabela 4 – Comparativo de área, produtividade e produção - Algodão rendimento

REGIÃO/UF	PRODUÇÃO - (Em mil t)						RENDIMENTO % - PLUMA		
	ALGODÃO EM CAROÇO			ALGODÃO EM PLUMA			Safr 16/17	Safr 17/18	VAR. %
	Safr 16/17	Safr 17/18	VAR. %	Safr 16/17	Safr 17/18	VAR. %			
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d/c)	(e)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	25,8	31,1	20,5	10,1	12,1	19,8	39,2	38,7	1,3
RR	10,5	20,2	92,4	4,0	7,7	92,5	38,0	38,0	-
TO	15,3	10,9	(28,8)	6,1	4,4	(27,9)	40,0	40,0	-
NORDESTE	975,3	1.305,9	33,9	390,7	523,1	33,9	40,1	40,1	-
MA	88,1	91,5	3,9	35,2	36,6	4,0	40,0	40,0	-
PI	19,7	28,2	43,1	8,5	12,1	42,4	43,0	43,0	-
CE	0,4	1,3	225,0	0,2	0,5	150,0	35,0	35,0	-
RN	1,3	1,4	7,7	0,5	0,5	-	38,0	38,0	-
PB	0,3	0,6	100,0	0,1	0,2	100,0	36,0	36,0	-
BA	865,5	1.182,9	36,7	346,2	473,2	36,7	40,0	40,0	-
CENTRO-OESTE	2.758,9	3.457,1	25,3	1.102,3	1.383,3	25,5	40,0	40,0	-
MT	2.528,2	3.189,0	26,1	1.011,3	1.275,6	26,1	40,0	40,0	-
MS	124,4	133,2	7,1	49,1	54,6	11,2	41,0	41,0	-
GO	106,3	134,9	26,9	41,9	53,1	26,7	39,4	39,4	-
SUDESTE	67,8	116,0	71,1	26,4	46,2	75,0	39,9	39,8	0,3
MG	58,3	91,9	57,6	22,7	36,8	62,1	40,0	40,0	-
SP	9,5	24,1	153,7	3,7	9,4	154,1	39,0	39,0	-
NORTE/NORDESTE	1.001,1	1.337,0	33,6	400,8	535,2	33,5	40,0	40,0	-
CENTRO-SUL	2.826,7	3.573,1	26,4	1.128,7	1.429,5	26,7	40,0	40,0	-
BRASIL	3.827,8	4.910,1	28,3	1.529,5	1.964,7	28,5	40,0	40,0	-

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.

9.2.2. AMENDOIM

9.2.2.1. AMENDOIM PRIMEIRA SAFRA

Em São Paulo, a plantação de amendoim se faz presente durante a entressafra da cana-de-açúcar, é uma opção bastante utilizada. O amendoim permite a recuperação do solo por meio da fixação de nitrogênio. A produtividade aponta leve crescimento em 3,0%. A área cresceu 13%, se comparada à safra passada.

O produto já foi todo comercializado. Principalmente pela Cooperativa Cooplane, responsável por boa parte do amendoim no estado na região de Jaboticabal.

Em Minas Gerais, a estimativa de área de cultivo de amendoim se encontra estimada em 2,3 mil hectares, 11,5% menor em relação ao levantamento anterior devido ao atraso do período chuvoso. As áreas de plantio comercial, concentradas na região do Triângulo Mineiro, representam 90% da área de cultivo e 96,8% do volume de produção do estado, caracterizadas por lavouras conduzidas com alta tecnologia, com uso de sementes de boa qualidade e produtividade média variando de 3.000 a 4.250 kg/ha.

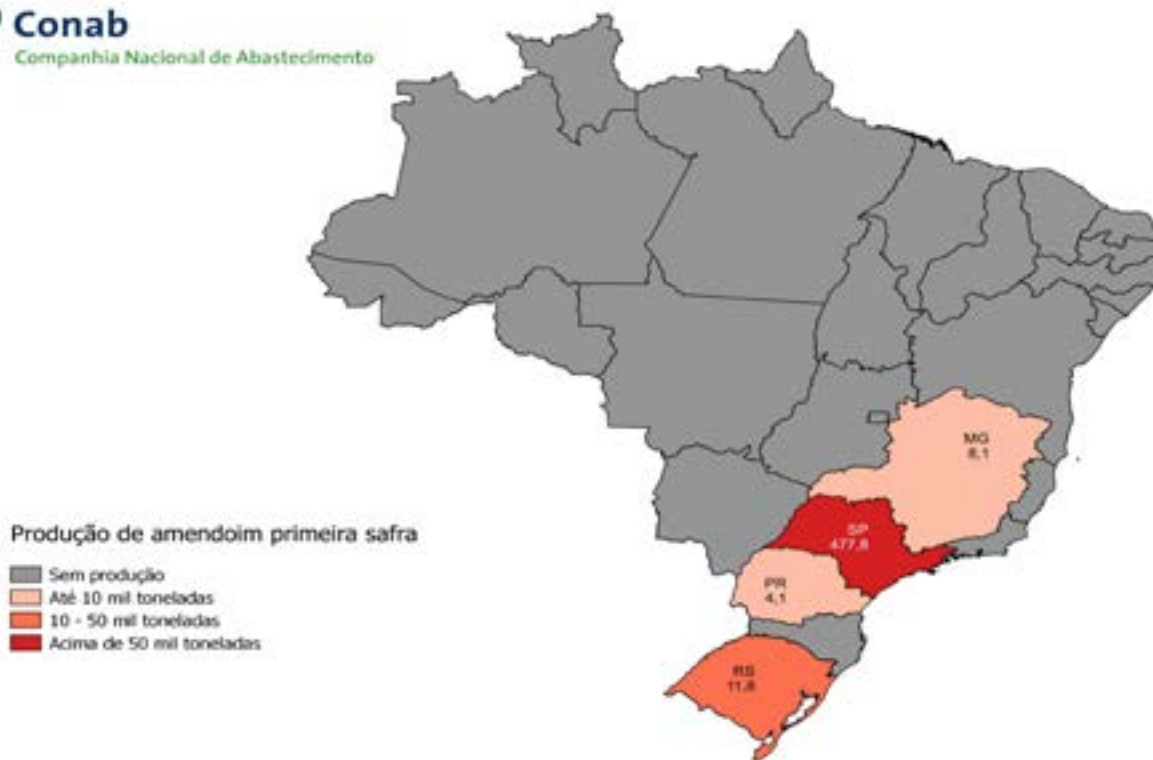
Nas demais regiões do estado predomina o cultivo em áreas de agricultura familiar, conduzidas com baixo nível tecnológico. Com uma produtividade média de 3.527 kg/ha, a produção estadual está estimada em 8,1 mil toneladas. Colheita concluída.

No Paraná, a colheita foi finalizada em todas as regiões, com exceção de Paranavaí, que encerrará em maio. Cerca de 60% das lavouras são de subsistência, com baixo investimento e baixa produtividade. O rendimento até o momento é de 2.747 kg/ha, redução de 19,3% em relação à safra passada.

O clima desfavorável foi o principal fator para que as lavouras não atingissem o potencial produtivo. Faltou chuva no plantio e choveu demais durante o ciclo da cultura. A comercialização está abaixo dos 30% da produção, mas deverá acelerar entre maio e julho em razão do maior consumo por ocasião das festas juninas.



Figura 5 - Mapa da produção agrícola - Amendoim primeira safra



Fonte: Conab.

Quadro 2 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim primeira safra

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
SP	Araçatuba	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Araraquara	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Assis	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Bauru	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Marília	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Presidente Prudente	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Ribeirão Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	São José do Rio Preto	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 5 - Comparativo de área, produtividade e produção - Amendoim primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	112,9	126,9	12,4	3.721	3.829	2,9	420,2	485,9	15,6
MG	2,6	2,3	(11,5)	3.615	3.527	(2,4)	9,4	8,1	(13,8)
SP	110,3	124,6	13,0	3.724	3.835	3,0	410,8	477,8	16,3
SUL	5,4	5,1	(5,6)	3.447	3.120	(9,5)	18,6	15,9	(14,5)
PR	2,0	1,5	(25,0)	3.406	2.747	(19,3)	6,8	4,1	(39,7)
RS	3,4	3,6	5,6	3.471	3.276	(5,6)	11,8	11,8	-
CENTRO-SUL	118,3	132,0	11,6	3.709	3.802	2,5	438,8	501,8	14,4
BRASIL	118,3	132,0	11,6	3.709	3.802	2,5	438,8	501,8	14,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.

9.1.2.2. AMENDOIM SEGUNDA SAFRA

Em Tocantins, a área cultivada sofreu uma leve redução em relação à da safra passada. Uma das limitações à expansão da cultura no estado é a distância do mercado, uma vez que a comercialização é toda feita para São Paulo. A produtividade foi de 3.787 kg/ha, retração de 21,1% em relação à safra 2016/17. A cultura já teve seu ciclo encerrado.

Na Paraíba, na safra passada, foram plantados 4 mil hectares de amendoim, cuja cultura foi prejudicada pela insuficiência de chuvas e apresentou produtividade de 985 kg/ha. Na presente safra não existe perspectiva de crescimento da área, sendo estimada a repetição das áreas da safra anterior, com produtividade de 1.319 kg/ha.

Em São Paulo, o amendoim segunda safra está todo plantado. A área apresenta incremento de 39,04%, comparada com a safra passada. O amendoim em muitas regiões do estado entra na rotação com a cana-de-açúcar.

A produtividade, até o momento, apresenta redução de 11,1% em razão da estiagem.

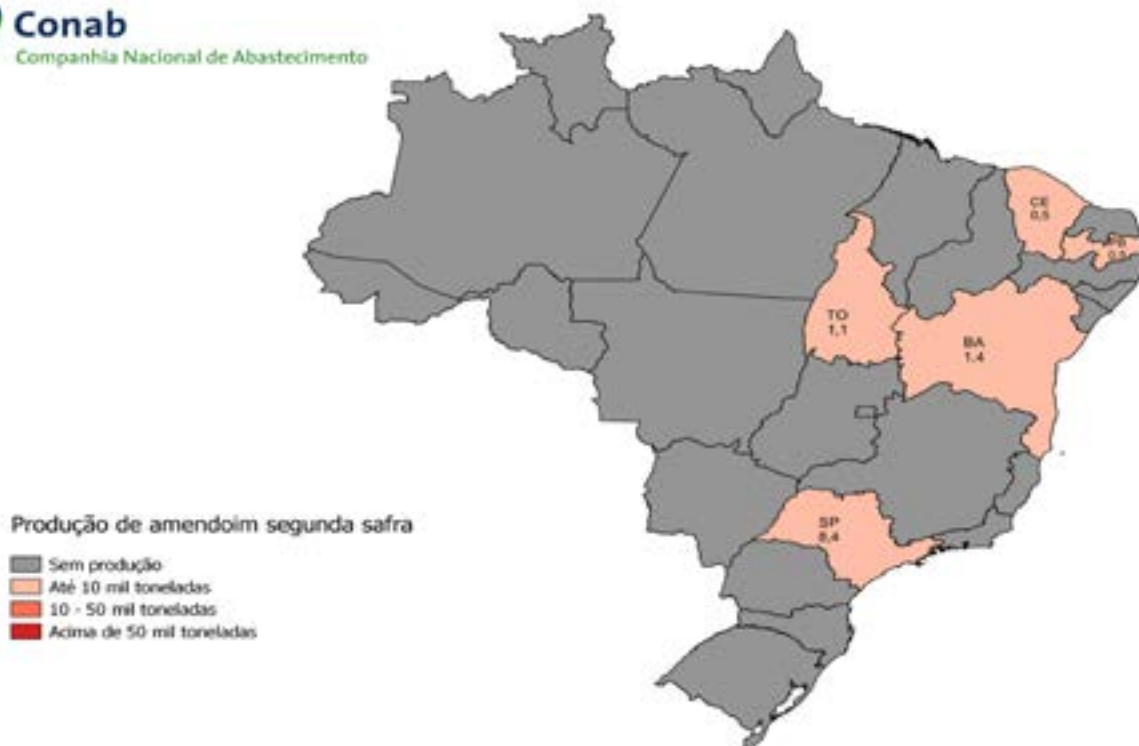
A safra da seca normalmente produz menos do que às das águas devido basicamente pela falta de melhores condições climáticas, nesse período de plantio. Entretanto, boa parte dos plantadores de amendoim realizam o cultivo nessa época do ano, visando garantir sementes para o próximo plantio. O período mais adequado para o plantio da safra da seca vai do início de janeiro, após a colheita do amendoim primeira safra (águas), até meados de fevereiro.

É importantíssimo que esse amendoim seja plantado dentro da janela acima, pois fora dela, dificilmente dá bons resultados.

O estágio do amendoim se encontra com 20% colhido e 80% em maturação.



Figura 6 - Mapa da produção agrícola - Amendoim segunda safra



Fonte: Conab.

Quadro 3 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Amendoim segunda safra

UF	Mesorregiões	Amendoim segunda safra												
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	
SE	Agreste Sergipano	C								PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
	Nordeste Baiano	C								PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
BA	Metropolitana de Salvador	C								PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M
SP	São José do Rio Preto						P	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Ribeirão Preto						P	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Presidente Prudente						P	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Marília						P	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Assis						P	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas Favorável Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 6 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,3	0,3	-	4.800	3.787	(21,1)	1,4	1,1	(21,4)
TO	0,3	0,3	-	4.800	3.787	(21,1)	1,4	1,1	(21,4)
NORDESTE	3,3	2,3	(30,3)	1.201	1.068	(11,0)	4,0	2,4	(40,0)
CE	0,3	0,4	23,2	1.269	1.236	(2,6)	0,4	0,5	25,0
PB	0,4	0,4	-	985	1.319	33,9	0,4	0,5	25,0
SE	1,1	-	(100,0)	1.613	-	(100,0)	1,8	-	(100,0)
BA	1,5	1,5	-	942	957	1,6	1,4	1,4	-
CENTRO-OESTE	2,5	-	(100,0)	4.200	-	(100,0)	10,5	-	(100,0)
MS	2,5	-	(100,0)	4.200	-	(100,0)	10,5	-	(100,0)
SUDESTE	4,9	4,0	(18,4)	2.354	2.092	(11,1)	11,5	8,4	(27,0)
SP	4,9	4,0	(18,4)	2.354	2.092	(11,1)	11,5	8,4	(27,0)
NORTE/NORDESTE	3,6	2,6	(27,8)	1.501	1.382	(7,9)	5,4	3,5	(35,2)
CENTRO-SUL	7,4	4,0	(45,9)	2.978	2.092	(29,7)	22,0	8,4	(61,8)
BRASIL	11,0	6,6	(40,0)	2.494	1.812	(27,3)	27,4	11,9	(56,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.

9.1.2.3. AMENDOIM TOTAL

Figura 7 - Mapa da produção agrícola – Amendoim total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab.



Tabela 7 – Comparativo de área, produtividade e produção – Amendoim total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,3	0,3	-	4.800	3.787	(21,1)	1,4	1,1	(21,4)
TO	0,3	0,3	-	4.800	3.787	(21,1)	1,4	1,1	(21,4)
NORDESTE	3,3	2,3	(30,3)	1.201	1.068	(11,0)	4,0	2,4	(40,0)
CE	0,3	0,4	33,3	1.269	1.236	(2,6)	0,4	0,5	25,0
PB	0,4	0,4	-	985	1.319	33,9	0,4	0,5	25,0
SE	1,1	-	(100,0)	1.613	-	(100,0)	1,8	-	(100,0)
BA	1,5	1,5	-	942	957	1,6	1,4	1,4	-
CENTRO-OESTE	2,5	-	(100,0)	4.200	-	(100,0)	10,5	-	(100,0)
MS	2,5	-	(100,0)	4.200	-	(100,0)	10,5	-	(100,0)
SUDESTE	117,8	130,9	11,1	3.665	3.776	3,0	431,7	494,3	14,5
MG	2,6	2,3	(11,5)	3.615	3.527	(2,4)	9,4	8,1	(13,8)
SP	115,2	128,6	11,6	3.666	3.781	3,1	422,3	486,2	15,1
SUL	5,4	5,1	(5,6)	3.447	3.120	(9,5)	18,6	15,9	(14,5)
PR	2,0	1,5	(25,0)	3.406	2.747	(19,3)	6,8	4,1	(39,7)
RS	3,4	3,6	5,9	3.471	3.276	(5,6)	11,8	11,8	-
NORTE/NORDESTE	3,6	2,6	(27,8)	1.501	1.382	(7,9)	5,4	3,5	(35,2)
CENTRO-SUL	125,7	136,0	8,2	3.666	3.752	2,3	460,8	510,2	10,7
BRASIL	129,3	138,6	7,2	3.606	3.707	2,8	466,2	513,7	10,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.

9.1.3. ARROZ

O plantio de arroz de sequeiro no Acre se inicia no período chuvoso, de outubro a dezembro, época favorável ao desenvolvimento da cultura, visto que esse é o único sistema de plantio. O sistema de produção é fator que influencia na produtividade do estado devido à utilização de baixa tecnologia e a agricultura ser familiar, cuja a finalidade da produção é para o consumo familiar e o excedente para comercialização.

Geralmente a cultura é consorciada com outras culturas, como o milho, após o término do ciclo é realizado o plantio de feijão comum.

O plantio de arroz de sequeiro no Acre se inicia no período chuvoso, de outubro a dezembro, época favorável ao desenvolvimento da cultura, visto que esse é o único sistema de plantio. O sistema de produção é outro fator que influencia na baixa produtividade do estado devido à utilização de baixa tecnologia e a agricultura ser familiar, cuja finalidade da produção é para o consumo familiar e o excedente para comercialização. Geralmente a cultura é consorciada com outras culturas, como o milho, após o término do ciclo é realizado o plantio de feijão-comum cores.

Na safra 2016/17 e na safra atual, 2017/18, houve aumento significativo na produção de arroz no Acre devido ao aumento de área plantada em Epitaciolândia. Na safra atual Epitaciolândia se destaca no cultivo de

arroz de sequeiro, com área de 450 hectares de arroz de apenas um produtor. De acordo com dados do IBGE, a área colhida de arroz de sequeiro foi de 4.992 hectares, e a quantidade produzida de 6.107 toneladas. No entanto, a produção com fins de comercialização é apenas o arroz produzido no município de Epitaciolândia, nos demais municípios a produção é proveniente da agricultura familiar, cujo objetivo é para o consumo familiar.

Em Rondônia, considerando os níveis percentuais, as lavouras de arroz no estado, safra e safrinha, são financiadas nas seguintes proporções: 5% por bancos oficiais, 7% com recursos do próprio produtor e 88% por agentes econômicos financiadores entre outras empresas que fomentam a rizicultura em todo o estado de Rondônia. O cultivo é exclusivamente de sequeiro, safra e safrinha, não havendo cultivos irrigados.

A justificativa para o reduzido volume de recursos financeiros captados em bancos oficiais está relacionada à documentação das terras. A titulação/escrituração de imóveis rurais no estado é muito incipiente, esse fato inviabiliza o acesso dos produtores ao crédito disponível junto aos bancos, o recurso financeiro existe, no entanto, o produtor não consegue captá-lo em sua integralidade. Nesse contexto, as tradings e empresas privadas entram como segunda e principal opção ao produtor que necessita de aporte financeiro



para investir/custear as lavouras.

A área cultivada estimada para a implantação da cultura do arroz safra e safrinha 2017/18 é de 42,4 mil hectares, desses, 38.414 mil hectares são de arroz safra e 4 mil hectares, de arroz safrinha. Ao longo das safras o produtor de arroz não enxerga benefícios concretos e rentáveis para aumentar a área e alguns abandonam a cultura, migrando para milho e principalmente para a soja.

A produtividade do arroz safra é de 3.243 kg/ha, já a produtividade do arroz safrinha tende a ser menor, em torno de 3.006 kg/ha, esse dado pode sofrer flutuação nos levantamentos seguintes. A produção do arroz primeira safra é de 124.591,5 mil toneladas e a produção do arroz safrinha é de 12.024 mil toneladas.

O arroz de sequeiro primeira safra já foi 100% colhido, já o arroz de sequeiro safrinha está nas seguintes fases: florescimento 15%, maturação 60% e colheita 25%.

Muitos produtores implantam o arroz em área de pastagem degradada ou em área de pousio, já no segundo ano cultivam soja. O arroz se configura como um grande desbravador para culturas anuais sucessoras, principalmente soja. A possibilidade de o arroz retornar à área tende a ser como opção para a rotação/sucessão de culturas, quebrando ciclos bióticos e abióticos nocivos.

A cultivar de arroz amplamente difundida e semeada em Rondônia é a AN Cambará, categoria C2, safra 2016/17, com 99% de pureza e 80% de germinação. Tal cultivar apresenta ciclo precoce e evidenciou ampla adaptabilidade às condições edafoclimáticas em Rondônia. Outra cultivar largamente utilizada é ANA 6005, categoria C1, com pureza mínima e germinação de 99 e 80%, respectivamente, safra 2016/17. O ciclo da cultura oscila entre 100 a 115 dias, sendo mais precoce quando submetida a algum tipo de estresse, principalmente o hídrico.

O calendário agrícola segue um pouco atípico devido ao atraso das chuvas iniciais, retardando o estabelecimento de muitas lavouras no campo. De forma geral, a safra foi implantada em novembro e dezembro e a safrinha entre janeiro e fevereiro, esta última sendo inserida em áreas cultivadas com soja safra.

O regime atual de chuvas já é bem reduzido, ou seja, as precipitações ocorrem em menor volume, localizadas e, uma vez por semana, no entanto, há bom aporte de água no solo para suprimento das plantas e enchimento de grãos, visto que se observa água empoçada em estradas vicinais e de igual modo em

carreadores entre talhões.

Boa parte da produção é consumida no próprio estado e o excedente enviado ao Acre e Amazonas, principalmente. Uma pequena quantidade é enviada para a Bolívia e Peru.

Em Tocantins, as lavouras de sequeiro se desenvolveram bem dado aos bons volumes precipitados ocorridos durante todo o ciclo da cultura. Nas lavouras dos agricultores familiares, principalmente os assentados da reforma agrária, a colheita já está encerrada. O rendimento médio das lavouras deve ficar acima da média e a qualidade do produto também está melhor do que nas safras anteriores em virtude das excelentes condições pluviométricas nesta safra.

No caso do arroz irrigado, nessa safra houve atraso do plantio devido aos baixíssimos níveis dos reservatórios e rios da região. Todos os produtores tiveram que esperar o retorno das chuvas para poderem realizar o plantio com segurança de abastecimento de água para a inundação dos tabuleiros.

O excesso de chuvas em fevereiro provocou inundação dos tabuleiros deixando parte das lavouras submersas, inclusive em áreas onde as lavouras já estavam em ponto de colheita. Em razão desse excesso de água nos tabuleiros, aliada a menor disponibilidade de luminosidade, as lavouras têm apresentado uma produtividade um pouco abaixo da esperada pela avaliação visual dessas. As lavouras em estágio de enchimento de grãos foram as mais prejudicadas com essa inundação, apresentado um percentual de grãos chochos acima do normal. A colheita está finalizada.

No Pará, a área total do arroz é de 62,7 mil hectares, 8,9% menor que a safra 2016/17, retração de 2,4% na produtividade e 11% na produção em relação à safra anterior. A cultura do arroz se encontra em fase de colheita. Aproximadamente 50% da área plantada já foi colhida, com destaque para o município de Novo Progresso, que já colheu em torno de 60% dos 12 mil hectares semeados, que representam 19% do arroz cultivado no estado.

Na Bahia, o arroz é cultivado no extremo oeste, na região do Coaceral (Formosa do Rio Preto), fronteira com o Piauí. De modo geral, o plantio é utilizado para aberturas de novas áreas em solos de baixa fertilidade. Nos últimos anos essa cultura tem perdido espaço para o sorgo e a soja.

A produção do cereal ocorre em regime de sequeiro, utilizando tanto o sistema de plantio direto quanto o convencional. O cultivo de arroz ocupa a área de 7,8 mil hectares. Espera-se a produtividade de 1.200 kg/



ha de grãos de arroz. A colheita está finalizada, com a estimativa de produção em torno de 9,4 mil toneladas.

No Maranhão, as lavouras de arroz de sequeiro, conduzidas normalmente por agricultores familiares, encontram-se com 80% da sua área colhida e 20% em fase de maturação. Com uma produção estimada em 310,3 mil toneladas, distribuídas numa área de 164,7 mil hectares, a cultura avançou 17,5% em relação à safra 2016/17, que teve uma área semeada de 140,2 mil hectares. A produtividade média das lavouras devem permanecer na casa dos 1.884 kg/ha devido às condições climáticas favoráveis.

Para o arroz irrigado, cultivado na região dos Campos Naturais do Maranhão ou "Baixada Maranhense", mais precisamente nos municípios de Arari, Vitória do Mearim e São Mateus do Maranhão, o arroz irrigado mantém os dados de área plantada e produtividade média, devendo permanecer no mesmo patamar, de 2,9 mil hectares, evidenciado no levantamento anterior, com uma produtividade média de 5.398 kg/ha. As lavouras foram bem estabelecidas e se encontram em sua totalidade no estágio de maturação.

Na Paraíba, nas regiões pesquisadas têm-se o histórico do plantio de 12.000 hectares de arroz. A impossibilidade de competitividade com os preços do produto vindo de outras regiões do país fez com que parte dos produtores deixasse a exploração da cultura do arroz. O baixo regime de chuvas nos últimos cinco anos tornou escassas as reservas d'água para irrigação de salvação, dificultando a atividade da rizicultura. Dado o histórico dos prejuízos sofridos na exploração dessa cultura, na safra passada foram plantadas apenas 921ha de arroz, que por insuficiência de chuvas apresentou produtividade de apenas 875kg/ha. Apesar das frustrações ocorridas na safra pretérita, para esta safra tem-se a possibilidade de área em torno de 1.080 hectares da cultura com produtividade de 1.561kg/ha.

Figura 8 - Lavoura de arroz no Maranhão



Fonte: Conab.

Em Pernambuco, o arroz cultivado no estado fica restrito a áreas situadas entre os municípios de Cabrobó e Orocó, onde são cultivadas às margens e sobre ilhas do Rio São Francisco. Atualmente, toda área cultivada é conduzida por agricultores integrados à empresa de beneficiamento de arroz da região, a qual deve cul-

tivar uma área de 350 hectares ao longo do ano por meio desse sistema de parceria.

No Rio Grande do Norte, a situação do arroz é a mesma que relatamos no último levantamento, ou seja, o plantio é predominantemente de arroz vermelho. É cultivado no Vale do Apodi-RN e se trata de uma cultura que oferece um excelente suporte econômico e social para a região.

A área total de arroz a ser plantada nesta safra deverá atingir 1,1 mil hectares e se concentra, principalmente, nos municípios situados à margem do Rio Apodi/Mossoró, inseridos na Região do Vale do Apodi. A maior parte do cultivo é feita por meio de irrigação via inundação e em menor escala também é plantada em áreas de várzeas úmidas sem irrigação.

A atividade é basicamente desenvolvida em pequenas propriedades rurais, utilizando-se de mão de obra do grupo familiar. A atividade é de subsistência e em torno de 80% do arroz são consumidos na própria região e o excedente comercializado em outros mercados consumidores. Estima-se para esta safra um aumento de área de 10%.

Em Sergipe, a safra de arroz se encontra no início, com o plantio de cerca de 4% da área total até o momento. Os principais perímetros irrigados do estado ainda não realizaram a semeadura, uma vez que a maior parte das sementes ainda não foram distribuídas pelo governo de Sergipe. Em contrapartida, alguns produtores da região de Propriá utilizaram sementes compradas no mercado, avançando em cerca de 3% a área plantada naqueles perímetros irrigados. Os perímetros do Betume e Cotinguiba também não haviam iniciado até a última semana de junho e, mesmo com a previsão anterior, o plantio deverá se concentrar entre julho a setembro, situação semelhante à ocorrida no município de Brejo Grande. A expectativa é de que a área a ser plantada e a produtividade média sejam as mesmas da safra anterior, com 4.695 hectares e 7.500 kg/ha, respectivamente.

Com relação ao financiamento da safra, observa-se que os principais agentes são Banco do Brasil, Banco do Nordeste e principalmente pelos atravessadores, que realizam o fornecimento de insumos e sementes, sendo responsáveis inclusive pela compra de mais de 90% de toda produção do estado. Estima-se que cerca de 50% dos produtores são financiados dessa forma, enquanto que menos de 10% são realizados por recursos próprios.

Em Goiás, nos municípios de Formosa e Flores de Goiás, onde a cultura é irrigada, o arroz já foi praticamente todo colhido, faltando poucos talhões, alcançando



uma produtividade média de 6.200 kg/ha. Já nos outros municípios produtores de arroz de sequeiro da região leste e sul, a colheita já foi finalizada, com rendimentos entre 2.000 a 2.300 Kg/ha.

Em Mato Grosso, a colheita dos 137,8 mil hectares de arroz primeira safra foi finalizada em maio. A qualidade do produto é considerada excelente, com produtividade satisfatória, de 3.252 kg/ha, apresentando leve queda de 0,8% em relação aos 3.226 kg/ha registrados no último ciclo. Em termos de mercado, o término da colheita do cereal de sequeiro elevou a oferta disponível no estado, reduzindo as cotações do grão em diversas praças comerciais, cujos preços já se encontravam baixos desde a safra 2016/17. A desvalorização do preço do cereal tem estimulado os produtores rurais a armazenar o produto com expectativas de melhores preços nos próximos meses.

A colheita do arroz irrigado e sequeiro de segunda safra, cujas lavouras se encontram predominantemente na região médio-norte e norte de Mato Grosso, atingiu cerca de 70% dos 5,8 mil hectares cultivados com o arrozal, até o término de maio. Houve relatos de algumas lavouras de sequeiro com redução na qualidade do grão devido ao atraso no plantio da cultura, fato que prejudicou a granação do arrozal, provocado pela redução da precipitação pluviométrica, normal para o período. Contudo, a estiagem não afetou o aproximadamente um terço da área que foi cultivado sob pivôs, a fim de realizar a rotação de cultura.

Em Minas Gerais, seguindo a tendência dos últimos anos, a área de arroz sofreu redução em relação à safra anterior. Houve redução de 25,5% na área de plantio em relação à safra 2016/17, ficando estimada em 3,5 mil hectares.

A redução ocorreu principalmente em área de sequeiro devido à menor competitividade dessa cultura em relação a outras mais rentáveis e de menor risco, como milho e soja, ao desestímulo provocado pelo alto custo de produção, que inviabiliza a comercialização junto ao produto do sul do país, ao risco de perdas por estiagens prolongadas, recorrentes nas principais regiões produtoras, além das restrições ao cultivo em áreas de várzea.

A produtividade média estadual deve ficar 12,3% maior em relação à safra anterior devido à predominância das áreas irrigadas, onde se obtém produtividades mais altas. Colheita concluída.

Em São Paulo, como já informado anteriormente, demonstra uma estabilidade de área. O produto é pouco cultivado no estado. O cereal se concentra basicamente em dois municípios, Guaratinguetá e Pinda-

monhangaba, ambos pertencentes ao vale do Paraíba (sentido Rio Janeiro). O arroz consumido em São Paulo é todo oriundo do Rio Grande do Sul.

Os poucos produtores que se dedicam ao plantio do arroz no estado comercializam sua produção em nível de propriedade ou com finalidade de consumo doméstico.

Quanto à área prevista dentro do estado fica em torno de 7,6 mil hectares e, a produtividade média, em torno de 4.317 kg/ha.

No Paraná, a safra já encerrada com produção final de 3,4 mil toneladas. O volume de chuvas, ainda que demasiado, parece não ter afetado a cultura, que apresentou boa produtividade, de 1.973 kg/ha, mesmo sendo uma cultura de subsistência. A produtividade só não foi maior que a da safra anterior, que se desenvolveu em condições climáticas excelentes. A produção, em sua grande parte, destina-se ao consumo na propriedade. A pequena parte que se destina à comercialização já foi vendida.

A colheita do arroz irrigado foi encerrada no início de maio, com produtividade média de 6.324 kg/ha. A queda na produtividade, 17,9% em relação à safra 2016/17, foi resultado de vários fatores. Houve relato de enchentes. As temperaturas baixas não foram favoráveis para o desenvolvimento da soqueira, ficando o rendimento obtido por conta da primeira colheita. Também devido ao prolongamento do ciclo, muitos produtores não conseguiram plantar a segunda safra, o que explica a diminuição de área de 19,8 para 19,7 mil hectares, com resultante diminuição de 18,3% na produção, que nesta safra foi de 124,6 mil toneladas.

A falta de compradores é outro problema enfrentado pelos rizicultores, uma vez que pela atual política de importação não existe taxa para a compra de produto beneficiado. Com isso, as grandes indústrias brasileiras estão optando por trazer o produto do Paraguai, já empacotado e a um custo mais baixo que o arroz brasileiro. Atualmente, apenas 36% da produção foi comercializada, contra 52% neste mesmo período do ano passado.

Em Santa Catarina, com o término da colheita do arroz, um levantamento detalhado realizado junto aos informantes elevou ainda mais os dados referentes a safra 2017/18 no estado. Com o ajuste das informações a produtividade média das lavouras passou para 7.850 kg/ha, resultando em 1.151,6 mil toneladas de arroz produzido em Santa Catarina, nesta safra.

As altas produtividades, assim como a excelente qualidade dos grãos colhidos, devem-se principalmente

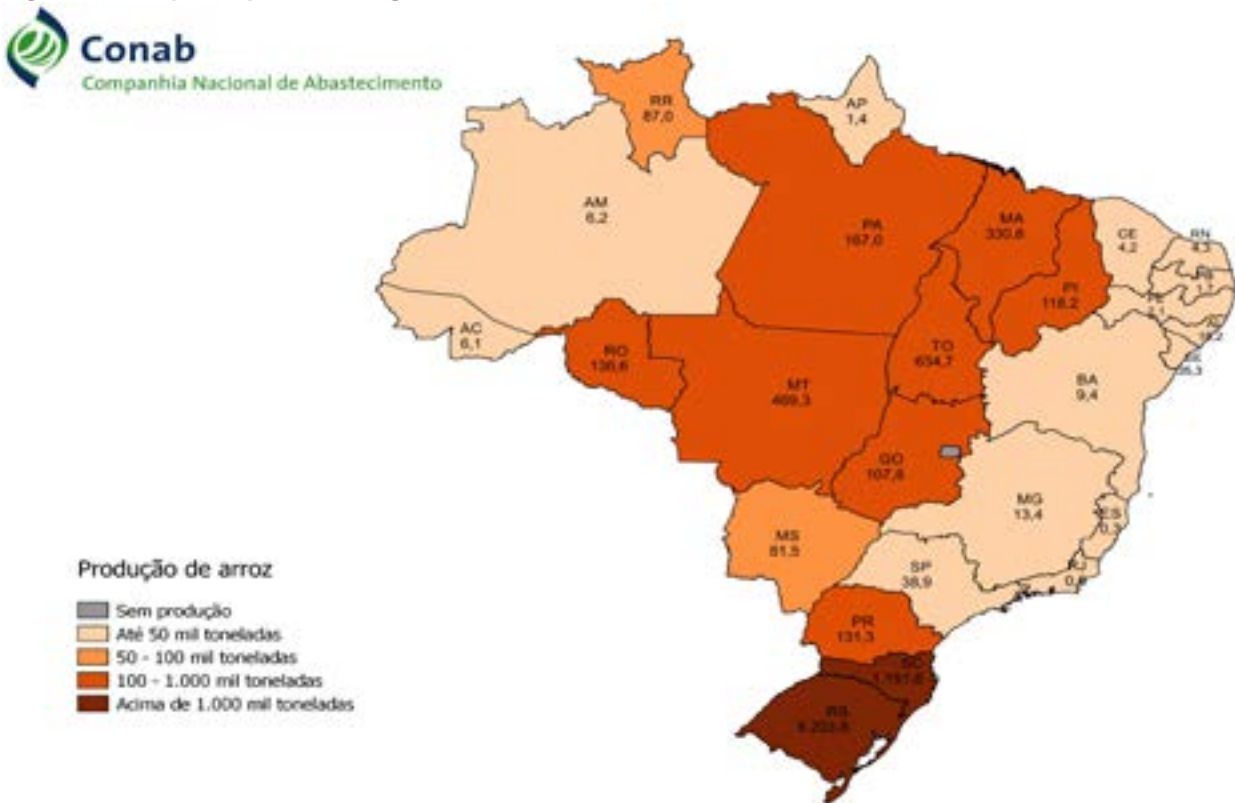


ao clima favorável, à baixa incidência de pragas e doenças ao longo de toda a safra e ao uso de cultivares altamente produtivas.

No Rio Grande do Sul, a colheita já foi concluída. O excesso de chuvas ocorrido em outubro de 2017, que acarretou atraso no plantio, foi compensado pelos excelentes índices de luminosidade em fevereiro e

março de 2018, que, de certa forma, compensaram a redução no fotoperíodo. Tal índice de luminosidade se refere à redução dos dias nublados, aliados ao calor que fez com que as plantas conseguissem produzir mais amido, diminuindo a queda prevista na produtividade em relação à safra passada, que foi uma das maiores da história. Os rendimentos são considerados muito bons, com produtividades superando os 8.000 kg/ha em algumas regiões produtoras.

Figura 9 - Mapa da produção agrícola – Arroz



Fonte: Conab.



Quadro 4 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Arroz

UF	Mesorregiões	Arroz											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
TO**	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MA	Centro Maranhense					P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
MT	Norte Mato-grossense			P/G	DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
PR**	Noroeste Paranaense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
SC**	Norte Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M/C	M/C	C					
	Vale do Itajaí	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sul Catarinense	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M/C	M/C	C					
RS**	Centro Ocidental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Centro Oriental Rio-grandense	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Porto Alegre	PP	P	P/G	G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudoeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C					
	Sudeste Rio-grandense	P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	C					

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas	 Favorável	 Média restrição - falta de chuva	 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva			

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 8 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	263,0	259,1	(1,5)	4.129	4.010	(2,9)	1.085,8	1.039,0	(4,3)
RR	12,3	12,3	-	7.077	7.075	-	87,0	87,0	-
RO	40,6	42,4	4,4	2.956	3.221	9,0	120,0	136,6	13,8
AC	4,3	5,0	16,3	1.399	1.223	(12,6)	6,0	6,1	1,7
AM	3,2	2,7	(15,6)	2.183	2.296	5,2	7,0	6,2	(11,4)
AP	1,5	1,5	-	945	952	0,7	1,4	1,4	-
PA	68,8	62,7	(8,9)	2.728	2.663	(2,4)	187,7	167,0	(11,0)
TO	132,3	132,5	0,2	5.115	4.790	(6,3)	676,7	634,7	(6,2)
NORDESTE	229,2	261,1	13,9	1.908	2.000	4,8	437,3	522,2	19,4
MA	141,6	168,5	19,0	1.807	1.963	8,6	255,9	330,8	29,3
PI	65,2	70,8	8,6	1.629	1.670	2,5	106,2	118,2	11,3
CE	4,7	3,9	(17,0)	2.076	1.070	(48,5)	9,7	4,2	(56,7)
RN	1,0	1,1	10,0	3.766	3.945	4,8	3,8	4,3	13,2
PB	0,9	1,1	22,2	875	1.561	78,4	0,8	1,7	112,5
PE	0,2	0,4	100,0	4.000	5.259	31,5	0,8	2,1	162,5
AL	2,8	2,8	-	6.220	5.796	(6,8)	17,4	16,2	(6,9)
SE	4,7	4,7	-	7.540	7.500	(0,5)	35,4	35,3	(0,3)
BA	8,1	7,8	(3,7)	900	1.200	33,3	7,3	9,4	28,8
CENTRO-OESTE	199,4	179,5	(10,0)	3.672	3.669	(0,1)	732,3	658,6	(10,1)
MT	162,3	143,6	(11,5)	3.266	3.268	0,1	530,0	469,3	(11,5)
MS	15,5	14,3	(7,7)	6.000	5.700	(5,0)	93,0	81,5	(12,4)
GO	21,6	21,6	-	5.059	4.990	(1,4)	109,3	107,8	(1,4)
SUDESTE	16,1	14,7	(8,7)	3.399	3.619	6,5	54,7	53,2	(2,7)
MG	6,0	4,8	(20,0)	2.534	2.791	10,2	15,2	13,4	(11,8)
ES	0,1	0,1	-	2.471	3.468	40,3	0,2	0,3	50,0
RJ	0,3	0,3	-	3.667	1.892	(48,4)	1,1	0,6	(45,5)
SP	9,7	9,5	(2,1)	3.935	4.094	4,0	38,2	38,9	1,8
SUL	1.273,2	1.247,4	(2,0)	7.868	7.605	(3,3)	10.017,7	9.486,7	(5,3)
PR	25,1	23,1	(8,0)	6.506	5.684	(12,6)	163,3	131,3	(19,6)
SC	147,4	146,7	(0,5)	7.638	7.850	2,8	1.125,8	1.151,6	2,3
RS	1.100,7	1.077,6	(2,1)	7.930	7.613	(4,0)	8.728,6	8.203,8	(6,0)
NORTE/NORDESTE	492,2	520,2	5,7	3.095	3.001	(3,0)	1.523,1	1.561,2	2,5
CENTRO-SUL	1.488,7	1.441,6	(3,2)	7.258	7.074	(2,5)	10.804,7	10.198,5	(5,6)
BRASIL	1.980,9	1.961,8	(1,0)	6.223	5.994	(3,7)	12.327,8	11.759,7	(4,6)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.



Tabela 9 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz sequeiro

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	140,6	133,3	(5,2)	2.526	2.614	3,5	355,1	348,5	(1,9)
RO	40,6	42,4	4,4	2.956	3.221	9,0	120,0	136,6	13,8
AC	4,3	5,0	16,0	1.399	1.223	(12,6)	6,0	6,1	1,7
AM	3,2	2,7	(15,6)	2.183	2.296	5,2	7,0	6,2	(11,4)
AP	1,5	1,5	-	945	952	0,7	1,4	1,4	-
PA	63,7	56,0	(12,1)	2.592	2.503	(3,4)	165,1	140,2	(15,1)
TO	27,3	25,7	(5,9)	2.036	2.257	10,9	55,6	58,0	4,3
NORDESTE	213,3	242,9	13,9	1.623	1.727	6,4	346,2	419,5	21,2
MA	140,2	164,7	17,5	1.775	1.884	6,1	248,9	310,3	24,7
PI	60,0	65,5	9,2	1.384	1.443	4,3	83,0	94,5	13,9
CE	4,1	3,8	(7,3)	1.516	953	(37,1)	6,2	3,6	(41,9)
PB	0,9	1,1	22,0	875	1.561	78,4	0,8	1,7	112,5
BA	8,1	7,8	(3,7)	900	1.200	33,3	7,3	9,4	28,8
CENTRO-OESTE	158,1	144,5	(8,6)	3.187	3.208	0,7	503,8	463,5	(8,0)
MT	151,4	137,8	(9,0)	3.226	3.252	0,8	488,4	448,1	(8,3)
GO	6,7	6,7	-	2.300	2.300	-	15,4	15,4	-
SUDESTE	7,1	5,8	(18,3)	2.093	2.266	8,3	14,8	13,1	(11,5)
MG	4,7	3,5	(25,5)	1.563	1.756	12,3	7,3	6,1	(16,4)
ES	0,1	0,1	-	2.471	3.468	40,3	0,2	0,3	50,0
RJ	0,3	0,3	-	3.667	1.892	(48,4)	1,1	0,6	(45,5)
SP	2,0	1,9	(5,0)	3.082	3.200	3,8	6,2	6,1	(1,6)
SUL	5,3	3,4	(35,8)	2.032	1.973	(2,9)	10,8	6,7	(38,0)
PR	5,3	3,4	(35,8)	2.032	1.973	(2,9)	10,8	6,7	(38,0)
NORTE/NORDESTE	353,9	376,2	6,3	1.982	2.041	3,0	701,3	768,0	9,5
CENTRO-SUL	170,5	153,7	(9,9)	3.105	3.145	1,3	529,4	483,3	(8,7)
BRASIL	524,4	529,9	1,0	2.347	2.362	0,6	1.230,7	1.251,3	1,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.



Tabela 10 – Comparativo de área, produtividade e produção – Arroz irrigado

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	122,4	125,8	2,8	5.970	5.489	(8,1)	730,7	690,5	(5,5)
RR	12,3	12,3	-	7.077	7.075	-	87,0	87,0	-
PA	5,1	6,7	31,4	4.433	4.000	(9,8)	22,6	26,8	18,6
TO	105,0	106,8	1,7	5.915	5.400	(8,7)	621,1	576,7	(7,1)
NORDESTE	15,9	18,2	14,5	5.732	5.644	(1,5)	91,1	102,7	12,7
MA	1,4	3,8	171,4	5.020	5.398	7,5	7,0	20,5	192,9
PI	5,2	5,3	2,6	4.453	4.478	0,6	23,2	23,7	2,2
CE	0,6	0,1	(83,3)	5.900	5.500	(6,8)	3,5	0,6	(82,9)
RN	1,0	1,1	10,0	3.766	3.945	4,8	3,8	4,3	13,2
PE	0,2	0,4	75,0	4.000	5.259	31,5	0,8	2,1	162,5
AL	2,8	2,8	-	6.220	5.796	(6,8)	17,4	16,2	(6,9)
SE	4,7	4,7	-	7.540	7.500	(0,5)	35,4	35,3	(0,3)
CENTRO-OESTE	41,3	35,0	(15,3)	5.532	5.575	0,8	228,5	195,1	(14,6)
MT	10,9	5,8	(46,8)	3.815	3.659	(4,1)	41,6	21,2	(49,0)
MS	15,5	14,3	(7,7)	6.000	5.700	(5,0)	93,0	81,5	(12,4)
GO	14,9	14,9	-	6.300	6.200	(1,6)	93,9	92,4	(1,6)
SUDESTE	9,0	8,9	(1,1)	4.429	4.501	1,6	39,9	40,1	0,5
MG	1,3	1,3	-	6.043	5.577	(7,7)	7,9	7,3	(7,6)
SP	7,7	7,6	(1,3)	4.157	4.317	3,8	32,0	32,8	2,5
SUL	1.267,9	1.244,0	(1,9)	7.893	7.621	(3,4)	10.006,9	9.480,0	(5,3)
PR	19,8	19,7	(0,5)	7.704	6.324	(17,9)	152,5	124,6	(18,3)
SC	147,4	146,7	(0,5)	7.638	7.850	2,8	1.125,8	1.151,6	2,3
RS	1.100,7	1.077,6	(2,1)	7.930	7.613	(4,0)	8.728,6	8.203,8	(6,0)
NORTE/NORDESTE	138,3	144,0	4,1	5.943	5.509	(7,3)	821,8	793,2	(3,5)
CENTRO-SUL	1.318,2	1.287,9	(2,3)	7.795	7.543	(3,2)	10.275,3	9.715,2	(5,5)
BRASIL	1.456,5	1.431,9	(1,7)	7.619	7.339	(3,7)	11.097,1	10.508,4	(5,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.

9.1.4. FEIJÃO

9.1.4.1. FEIJÃO PRIMEIRA SAFRA

A colheita está completamente finalizada. A área semeada com o feijão primeira safra foi de 1.053,8 mil hectares, 5,1% menor se comparada à safra passada, que foi de 1.111 mil hectares.

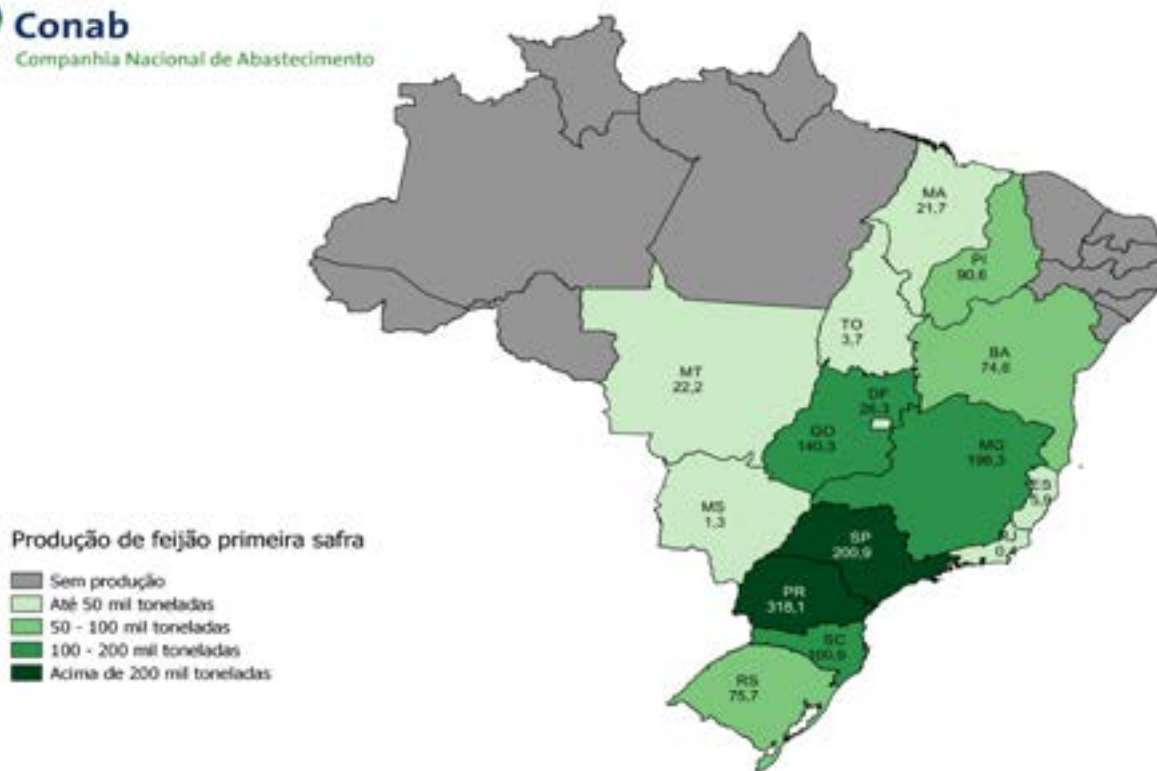
A produtividade média estimada para essa cultura foi de 1.215 kg/ha, na média nacional, 0,8% abaixo do ob-

tido na última safra.

A partir desses resultados de área e produtividade, a produção nacional para feijão primeira safra está estimada em 1.280,9 mil toneladas, representando decréscimo de 5,9% em relação à safra anterior.



Figura 10 – Mapa da produção agrícola – Feijão primeira safra



Fonte: Conab.



Quadro 5 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão primeira safra

UF	Mesorregiões	Feijão primeira safra											
		JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
PI	Centro-Norte Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	
	Sudoeste Piauiense						P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Piauiense							P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	
BA	Extremo Oeste Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	C		
	Vale São-Franciscano da Bahia					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	M/C	M/C		
	Centro Norte Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C		
	Centro Sul Baiano					P/G	P/G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C		
MT	Sudeste Mato-grossense			P/G	DV	F	F/FR/M	M/C					
	Norte Mato-grossense			P/G	DV/F	F/FR	M/C	C					
GO	Leste Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sul Goiano				P/G	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Norte Goiano				P/G	G/DV	F/FR	FR/M	M/C				
DF	Distrito Federal				PP	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Norte de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Oeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Sul/Sudoeste de Minas				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Campo das Vertentes				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
	Zona da Mata				P/G	P/G/DV	F/FR	M/C	C				
SP**	Bauru	PP	P/G	DV/F	FR	FR/M	M/C	C					
	Assis	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga	P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Norte Central Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Norte Pioneiro Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Centro Oriental Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Oeste Paranaense			P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense			P/G/DV	G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Sudeste Paranaense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
	Metropolitana de Curitiba			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C				
SC	Oeste Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C				
	Norte Catarinense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C				
	Serrana			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	M/C				
RS	Noroeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M/C	C					
	Nordeste Rio-grandense			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C				
	Metropolitana de Porto Alegre			P/G	P/G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M/C	C				

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 11 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,8	5,9	22,9	649	624	(3,8)	3,1	3,7	19,4
TO	4,8	5,9	22,9	649	624	(3,8)	3,1	3,7	19,4
NORDESTE	490,2	429,8	(12,3)	453	435	(4,1)	222,1	186,9	(15,8)
MA	36,4	37,8	3,8	570	575	0,9	20,7	21,7	4,8
PI	226,9	235,3	3,7	294	385	31,0	66,7	90,6	35,8
BA	226,9	156,7	(30,9)	594	476	(19,9)	134,7	74,6	(44,6)
CENTRO-OESTE	81,5	81,7	0,2	2.203	2.326	5,6	179,5	190,1	5,9
MT	10,8	12,6	16,7	1.525	1.762	15,5	16,5	22,2	34,5
MS	0,8	0,8	-	1.800	1.650	(8,3)	1,4	1,3	(7,1)
GO	57,8	56,2	(2,8)	2.400	2.496	4,0	138,7	140,3	1,2
DF	12,1	12,1	-	1.895	2.170	14,5	22,9	26,3	14,8
SUDESTE	247,3	243,7	(1,5)	1.651	1.664	0,8	408,3	405,5	(0,7)
MG	161,0	157,2	(2,4)	1.213	1.261	4,0	195,2	198,3	1,6
ES	4,6	6,1	32,6	1.174	970	(17,4)	5,4	5,9	9,3
RJ	0,6	0,4	(33,3)	1.127	938	(16,8)	0,7	0,4	(42,9)
SP	81,1	80,0	(1,4)	2.552	2.511	(1,6)	207,0	200,9	(2,9)
SUL	287,2	292,7	1,9	1.907	1.690	(11,3)	547,6	494,7	(9,7)
PR	194,1	199,6	2,8	1.880	1.594	(15,2)	364,8	318,1	(12,8)
SC	51,3	53,6	4,5	2.160	1.883	(12,8)	110,8	100,9	(8,9)
RS	41,8	39,5	(5,5)	1.721	1.916	11,3	72,0	75,7	5,1
NORTE/NORDESTE	495,0	435,7	(12,0)	455	437	(3,9)	225,2	190,6	(15,4)
CENTRO-SUL	616,0	618,1	0,3	1.843	1.764	(4,3)	1.135,4	1.090,3	(4,0)
BRASIL	1.111,0	1.053,8	(5,1)	1.225	1.215	(0,8)	1.360,6	1.280,9	(5,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.

Tabela 12 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	1,2	1,2	-	1.850	1.900	2,7	2,2	2,3	4,5
DF	1,2	1,2	-	1.850	1.900	2,7	2,2	2,3	4,5
SUDESTE	9,8	9,2	(6,1)	965	900	(6,8)	9,5	8,3	(12,6)
MG	6,9	6,8	(1,6)	838	868	3,6	5,8	5,9	1,7
ES	2,3	2,0	(13,0)	1.304	1.000	(23,3)	3,0	2,0	(33,3)
RJ	0,6	0,4	(28,0)	1.127	938	(16,8)	0,7	0,4	(42,9)
SUL	163,7	169,8	3,7	1.880	1.694	(9,9)	307,8	287,6	(6,6)
PR	112,0	118,7	6,0	1.929	1.670	(13,4)	216,0	198,2	(8,2)
SC	19,9	21,6	8,4	2.200	1.885	(14,3)	43,8	40,7	(7,1)
RS	31,8	29,5	(7,2)	1.508	1.650	9,4	48,0	48,7	1,5
CENTRO-SUL	174,7	180,2	3,1	1.829	1.655	(9,5)	319,5	298,2	(6,7)
BRASIL	174,7	180,2	3,1	1.829	1.655	(9,5)	319,5	298,2	(6,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.



Tabela 13 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	0,4	0,8	100,0	1.080	881	(18,4)	0,4	0,7	75,0
TO	0,4	0,8	100,0	1.080	881	(18,4)	0,4	0,7	75,0
NORDESTE	57,0	43,9	(23,0)	862	470	(45,5)	49,1	20,6	(58,0)
BA	57,0	43,9	(23,0)	862	470	(45,5)	49,1	20,6	(58,0)
CENTRO-OESTE	73,9	74,1	0,3	2.296	2.430	5,9	169,6	180,1	6,2
MT	4,4	6,2	40,9	1.998	2.342	17,2	8,8	14,5	64,8
MS	0,8	0,8	-	1.800	1.650	(8,3)	1,4	1,3	(7,1)
GO	57,8	56,2	(2,8)	2.400	2.496	4,0	138,7	140,3	1,2
DF	10,9	10,9	-	1.900	2.200	15,8	20,7	24,0	15,9
SUDESTE	223,4	220,7	(1,2)	1.752	1.765	0,7	391,5	389,6	(0,5)
MG	140,0	136,6	(2,4)	1.301	1.353	4,0	182,1	184,8	1,5
ES	2,3	4,1	78,0	1.043	955	(8,4)	2,4	3,9	62,5
SP	81,1	80,0	(1,3)	2.552	2.511	(1,6)	207,0	200,9	(2,9)
SUL	123,5	122,9	(0,5)	1.941	1.685	(13,2)	239,8	207,1	(13,6)
PR	82,1	80,9	(1,5)	1.812	1.482	(18,2)	148,8	119,9	(19,4)
SC	31,4	32,0	1,9	2.134	1.881	(11,9)	67,0	60,2	(10,1)
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.700	12,5	24,0	27,0	12,5
NORTE/NORDESTE	57,4	44,7	(22,1)	864	477	(44,7)	49,5	21,3	(57,0)
CENTRO-SUL	420,8	417,7	(0,7)	1.903	1.860	(2,3)	800,9	776,8	(3,0)
BRASIL	478,2	462,4	(3,3)	1.779	1.726	(3,0)	850,4	798,1	(6,2)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.

Tabela 14 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	4,4	5,1	15,9	610	584	(4,3)	2,7	3,0	11,1
TO	4,4	5,1	15,9	610	584	(4,3)	2,7	3,0	11,1
NORDESTE	433,2	385,9	(10,9)	400	431	7,8	173,0	166,2	(3,9)
MA	36,4	37,8	3,8	570	575	0,9	20,7	21,7	4,8
PI	226,9	235,3	3,7	294	385	31,0	66,7	90,6	35,8
BA	169,9	112,8	(33,6)	504	478	(5,2)	85,6	53,9	(37,0)
CENTRO-OESTE	6,4	6,4	-	1.200	1.200	-	7,7	7,7	-
MT	6,4	6,4	-	1.200	1.200	-	7,7	7,7	-
SUDESTE	14,1	13,8	(2,1)	519	548	5,6	7,3	7,6	4,1
MG	14,1	13,8	(2,1)	519	548	5,6	7,3	7,6	4,1
NORTE/NORDESTE	437,6	391,0	(10,6)	402	433	7,7	175,7	169,2	(3,7)
CENTRO-SUL	20,5	20,2	(1,5)	732	755	3,1	15,0	15,3	2,0
BRASIL	458,1	411,2	(10,2)	416	449	7,7	190,7	184,5	(3,3)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.



9.2.4.2. FEIJÃO SEGUNDA SAFRA

Para o feijão segunda safra está previsto a semeadura de 1.535,2 mil hectares, um incremento de 7,6% quando comparada à safra passada. Nas Regiões Norte/Nordeste, a estimativa é de uma área de 852,7 mil

hectares semeadas nessa safra, aumento de 17,6% em relação à safra passada, enquanto na Região Centro-Sul é esperada uma redução de 2,8%, se comparada à safra passada.

Feijão-comum cores

O feijão-comum cores é o segundo tipo de feijão mais produzido na segunda safra. A estimativa é de 523,5 mil toneladas para a safra 2017/18, ou seja, 9,1% inferior à safra passada.

Em Rondônia, a área cultivada nessa safra deverá ser de 14,4 mil hectares e a produtividade em torno de 851 kg/ha, totalizando uma produção de 12,3 mil toneladas. A colheita já iniciou e atualmente a cultura se encontra nos seguintes estádios: 2% em frutificação, 20% em maturação e 78% já colhido ou pronto para ser colhido.

Na Paraíba, as cinco últimas safras foram prejudicadas pela insuficiência de chuvas, no entanto a atual safra aponta para um pequeno crescimento da área, aumento de 5%, o que corresponderá a 27 mil hectares de feijão-comum cores segunda safra, com produtividade estimada de 590 kg/ha.

Em Pernambuco, a colheita do feijão-comum cores segunda safra está concluída. A produtividade média foi de 400 kg/ha, um expressivo aumento em relação à última safra devido a condições climáticas mais favoráveis.

Na Bahia, o extremo oeste é a mesorregião onde se cultiva a segunda safra de feijão-comum cores. Os plantios ocorreram em meados de fevereiro, em uma área de 10 mil hectares, com manejo irrigado em sistema de pivô central, em sucessão às lavouras de soja. A colheita evoluiu e está finalizando. A expectativa é de uma produção de 24 mil toneladas.

Em Mato Grosso, a colheita do feijão-comum cores segunda safra se encontra finalizada e o produto apresenta boa qualidade.

A área plantada totalizou 22,3 mil hectares, queda de 21,5% em relação aos 28,4 mil hectares do ciclo anterior, devido às baixas cotações do produto. A produtividade média foi afetada pela escassez de chuvas, em especial durante a fase de granação do feijoeiro, e ficou avaliada em 1.667 kg/ha, ante os 1.831 kg/ha da safra anterior, queda de 9% no período.

Em Mato Grosso do Sul, a área com feijão-comum

cores segunda safra é estimada em 26 mil hectares e uma produtividade média estimada de 1.500 kg/ha. As lavouras estão principalmente nos estádios de floração e frutificação (enchimento de grãos), com início da colheita no sul do estado.

Com o veranico de 40 dias entre abril e maio, durante o desenvolvimento vegetativo da cultura, muitos produtores gradearam parte das áreas plantadas com feijão. Mesmo com as chuvas em maio as lavouras voltaram a sofrer com o déficit hídrico, pois na mesorregião centro-sul há mais de 20 dias sem precipitação, contribuindo para a redução da produtividade.

No Distrito Federal, a colheita está finalizada. A área semeada com feijão-comum cores segunda safra foi de 0,5 mil hectares e estimando-se produtividade de 2.200 kg/ha.

Em Minas Gerais, a área de feijão-comum cores segunda safra se encontra estimada em 106,4 mil hectares, 3,5% menor em relação à safra passada e 2,4% maior em relação ao levantamento anterior em razão de aumento de área na região do Alto Paranaíba.

O bom volume de chuvas no decorrer da safra possibilitou o armazenamento de água no solo e condições favoráveis ao plantio segunda safra. No entanto, houve escassez de chuvas no período pós-semeadura. Relata-se prolongado período sem chuvas em volume significativo nas regiões produtoras, resultando em reduções nas produtividades inicialmente estimadas.

A colheita está em andamento, devendo finalizar até o final de junho. A produtividade média, está estimada em 1.411 kg/ha.

Em São Paulo, a produção de feijão-comum cores segunda safra se apresenta de forma reduzida devido à presença da mosca-branca, principalmente nas regiões onde existe o cultivo de feijão ou soja na primeira safra, o que desestimula os produtores a cultivarem.

Com este diferencial, o preço do feijão oscila bastante, pois a produção é praticamente inexistente nessa época do ano.



A estimativa de produtividade é de 1.701 kg/ha, 6,3% menor que na última safra, devido também ao clima não favorável à cultura.

No Paraná, a área está praticamente toda colhida no Estado, com rendimento de 1.375kg/ha, o que representa 2,3% a menos que o informado no levantamento anterior. Esta redução se deve ao longo período de estiagem que ocorreu nos meses de abril e meados de maio, o que acarretou em abortamento de flores e, consequentemente, menos vagens. Em razão disso, o número e o tamanho dos grãos também são menores, o que desvaloriza o produto na hora da comercialização.

Em Santa Catarina, as lavouras de feijão-comum cores segunda safra se encontram totalmente colhidas. A área plantada atingiu 3,9 mil hectares, 2,6% maior que a safra anterior, enquanto que a produtividade

Feijão-comum preto

O feijão-comum preto é o terceiro mais cultivado durante a segunda safra. A estimativa é de uma produção de 175,2 mil toneladas em uma área de 126 mil hectares, obtendo em média a produtividade de 1.389 kg/ha.

Na Paraíba, esse feijão é explorado em poucos municípios. Na safra passada a cultura foi prejudicada pela insuficiência de chuvas e atual safra supera as perspectivas de crescimento de área, registrando 1,1 mil hectares já implantadas e a produtividade estimada está em 600 kg/ha.

No Distrito Federal, a área de feijão-comum preto segunda safra é pouco expressiva e está estimada em 0,1 mil hectares. As lavouras estão totalmente colhidas.

Em Minas Gerais, a área de plantio é estimada em 6,4 mil hectares. Caso se confirme as projeções de produtividade média de 935 kg/ha, a produção poderá alcançar 6 mil toneladas. A colheita está em andamento e deve ser finalizada até o final de junho.

No Paraná, a colheita já está concluída, com produ-

Feijão-caupi

O feijão-caupi ocupa a maior área semeada com feijão na segunda safra, com 1.020,4 mil hectares. A produção é estimada em 594,6 mil toneladas, 33,6% superior à safra passada.

Em Tocantins, as condições das lavouras são consideradas boas e se encontram em fase de maturação e colheita.

alcançou 1.728 kg/ha, 1,6% maior que a safra passada, resultando em uma produção total de 6,7 mil toneladas, 3,1% maior que a última safra.

A qualidade do produto foi considerada boa em razão da baixa umidade durante a colheita. Contudo, o tamanho do grão ficou aquém do desejado, o que fez com que os preços se mantivessem abaixo do esperado, influenciados, também, pela alta oferta de outras regiões produtoras.

Para evitar perda de qualidade durante o armazenamento, que escurece o tegumento, o produtor acelera a comercialização. Estima-se que 90% do feijão-comum cores segunda safra já foi vendido.

atividade de 1.383 kg/ha, o que significa uma redução de 7% em relação ao levantamento anterior devido a falta de chuva nas fases iniciais da lavoura e chuva em excesso na colheita, o que resultou em grãos menores em parte da produção obtida. Ademais, a qualidade do feijão é considerada boa e regular e aproximadamente 70% do feijão já foi comercializado.

Em Santa Catarina, a segunda safra de feijão-comum preto se encontra encerrada. A área plantada atingiu 13,4 mil hectares, 7,6% menor que na safra anterior, enquanto que a produtividade alcançou 1.476 kg/ha, 9,9% maior que a última safra, resultando em uma produção total de 19,8 mil toneladas, 1,5% maior que a safra passada.

A qualidade do produto colhido, até o momento, é considerada boa, apesar que, em algumas regiões, ele apresentou tamanho menor em consequência da falta de água para o enchimento dos grãos das últimas vagens. Cerca de 70% da safra já foi comercializada.

No Rio Grande do Sul, a colheita se aproxima do final. A produtividade esperada é de 1.654 kg/ha.

No Maranhão, a colheita do feijão-caupi segunda safra atingiu 16% da área semeada, até o momento do levantamento em campo. A cultura deve ter um sensível aumento da sua área plantada, passando de 51,4 mil hectares da safra passada para 52,7 mil hectares, o que representa um incremento na ordem de 2,5%.

É importante destacar que a cadeia produtiva do fei-

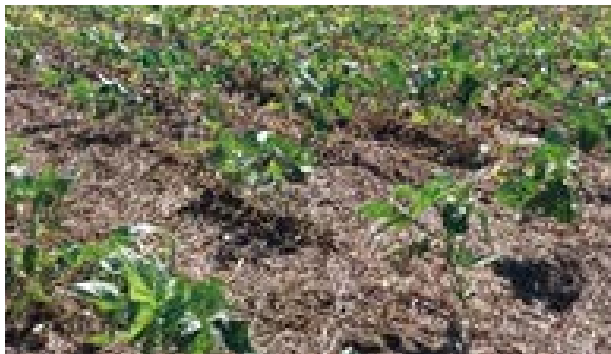


feijão-caupi no estado apresenta uma série de limitações, quer em nível de comercialização, restrito normalmente a pequenos negócios informais, normalmente ofertados na forma de feijão-verde em grão ou ainda na vagem, quer no produto final frequentemente desprovido de padronização/classificação, o que reflete na praticamente ausência total do produto no mercado local.

No Piauí, a expectativa é de redução de área na ordem de 14,9%, com uma área de 5,4 mil hectares, ante às 6,3 mil hectares da safra passada. Essa área se concentra na região sudoeste piauiense (cerrado) e se encontra totalmente plantada, tendo o plantio ocorrido entre o final de março e o início de abril. A cultura se encontra em 40% em maturação e 60% colhida.

Em relação à produtividade menor que no último levantamento, a justificativa para a redução é a interrupção das chuvas antes do esperado na região sudoeste piauiense. Essa configuração climática prejudicou todas as culturas de segunda safra na região sudoeste piauiense, não sendo diferente com o feijão-caupi.

Figura 11 - feijão-caupi segunda safra em Baixa Grande do Ribeiro – PI



Fonte: Conab.

Em Pernambuco, o feijão-caupi segunda safra está com a colheita concluída, a produtividade é estimada em 300 kg/ha e apesar da estiagem que acometeu as lavouras em março, quando causou o abortamento de flores e prejudicou a formação dos grãos, foi uma das maiores safras dos últimos seis anos, haja vista que nas safras anteriores o volume das precipitações pluviométricas ficaram muito aquém do normal e se deram de forma bastante irregular em todos os estádios de desenvolvimento das lavouras.

Na Bahia, estima-se o cultivo de 50 mil hectares, com a produção de 45 mil toneladas em regime de sequeiro, oportunizando o final da estação chuvosa e, irrigado,

em sucessão à soja precoce. Os plantios ocorreram em meados de fevereiro e a colheita está concluída em aproximadamente 90% da área.

Em Mato Grosso, a colheita do feijão-caupi atinge aproximadamente 80% dos 220,1 mil hectares. O produto é considerado de boa qualidade, com produtividade média de 1.061 kg/ha, 1,7% inferior ao rendimento de 1.079 kg/ha obtidos na última safra, queda motivada pelo atraso do plantio da cultura.

Quanto à comercialização, estima-se que pouco mais de 50% do produto já esteja negociado. Há relatos de produto da safra 2016/17 armazenados, fato que evidencia a baixa comercialização. Os fatores preponderantes para tal cenário são a boa produção no Nordeste, a menor demanda pelo grão no mercado externo, principalmente pelos países do Oriente Médio e da Ásia, além da indefinição acerca da tabela do frete. Portanto, a movimentação pontual que ocorre no setor é para cumprir contratos assinados antes da greve dos caminhoneiros.

Figura 12 - Maturação de feijão-caupi segunda safra em Vera – MT



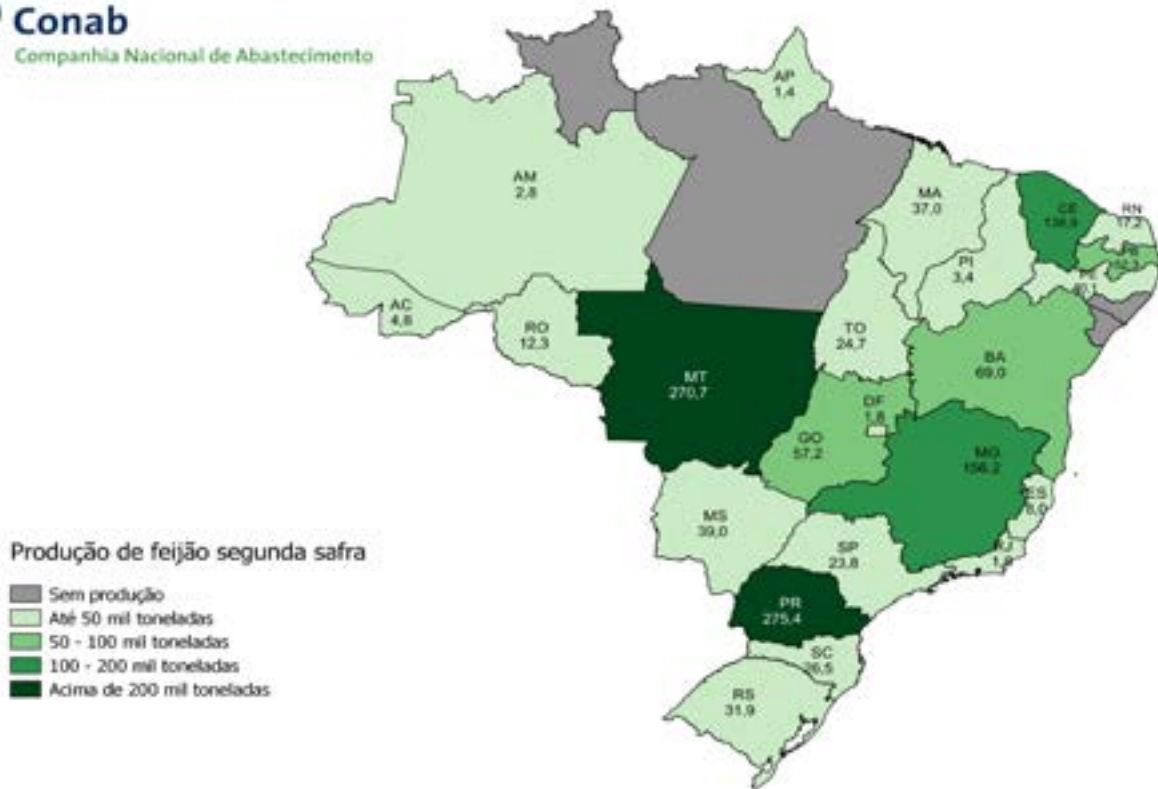
Fonte: Conab.

Em Goiás, a colheita na região sul do estado está praticamente finalizada. O rendimento médio é estimado em 1.200 kg/ha.

No Distrito Federal, a colheita do feijão-caupi segunda safra está concluída. Mais de 40% da área semeada na segunda safra corresponde ao feijão-caupi, que tem como principal mercado comprador a Região Nordeste. A área semeada foi estimada em 0,5 mil hectares, com uma produtividade média de 1.100 kg/ha.



Figura 13 – Mapa da produção agrícola – Feijão segunda safra



Fonte: Conab.



Quadro 6 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão segunda safra

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Oeste Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
MA	Centro Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
	Sul Maranhense						P	DV	F	FR	M/C	C	
CE	Noroeste Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Norte Cearense						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sertões Cearenses						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul						PP	P/G	DV/F	F/FR	M/C	C	
MT	Norte Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Nordeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sudeste Mato						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
GO	Noroeste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Norte Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Leste Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
	Sul Goiano						P/G	DV/F	FR	M/C	C		
MG	Noroeste de Minas						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Central Mineira						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Vale do Rio Doce						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Oeste de Minas						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Sul/Sudoeste de Minas						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Campo das Vertentes						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
	Zona da Mata						P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C		
ES	Central Espírito-Santense						P/G	DV	DV/F	M/C	C		
SP	Campinas						P/G	DV/F	FR/M	M/C	C		
	Assis						P/G	DV/F	FR/M	M/C	C		
	Itapetininga						P/G	DV/F	FR/M	M/C	C		
PR	Norte Central Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Norte Pioneiro Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Centro Oriental Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Oeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Centro-Sul Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Sudeste Paranaense					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Metropolitana de Curitiba					P/G	DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
SC	Oeste Catarinense					P/G	DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C		
	Norte Catarinense					P/G	DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C		
	Sul Catarinense					P/G	DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C		
RS	Noroeste Rio-grandense					P/G	DV	DV/F	F/FR/M	M/C	C		

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (C)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 15 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	55,9	47,5	(15,0)	1.171	963	(17,8)	65,4	45,8	(30,0)
RO	19,3	14,4	(25,4)	971	851	(12,4)	18,7	12,3	(34,2)
AC	7,6	7,6	-	593	605	2,1	4,5	4,6	2,2
AM	3,8	3,1	(18,4)	1.239	900	(27,4)	4,7	2,8	(40,4)
AP	1,4	1,4	-	944	993	5,2	1,3	1,4	7,7
TO	23,8	21,0	(11,8)	1.520	1.175	(22,7)	36,2	24,7	(31,8)
NORDESTE	669,0	805,2	20,4	307	442	43,7	205,6	355,9	73,1
MA	51,4	52,7	2,5	699	702	0,4	35,9	37,0	3,1
PI	6,3	5,4	(14,3)	572	621	8,6	3,6	3,4	(5,6)
CE	407,0	401,2	(1,4)	292	341	16,9	118,8	136,9	15,2
RN	35,8	45,1	26,0	347	382	10,1	12,4	17,2	38,7
PB	90,0	109,0	21,1	316	480	51,8	28,4	52,3	84,2
PE	78,5	131,8	67,9	83	304	266,4	6,5	40,1	516,9
BA	-	60,0	-	-	1.150	-	-	69,0	-
CENTRO-OESTE	276,6	309,6	11,9	1.264	1.191	(5,7)	349,6	368,7	5,5
MT	230,7	242,4	5,1	1.172	1.117	(4,7)	270,3	270,7	0,1
MS	26,0	26,0	-	1.692	1.500	(11,4)	44,0	39,0	(11,4)
GO	19,0	40,1	111,1	1.750	1.427	(18,4)	33,3	57,2	71,8
DF	0,9	1,1	22,2	2.189	1.668	(23,8)	2,0	1,8	(10,0)
SUDESTE	138,8	136,5	(1,7)	1.367	1.384	1,3	189,7	189,0	(0,4)
MG	116,8	112,9	(3,3)	1.331	1.384	4,0	155,4	156,2	0,5
ES	6,1	8,6	41,0	1.049	924	(11,9)	6,4	8,0	25,0
RJ	1,2	1,0	(16,7)	1.008	962	(4,6)	1,2	1,0	(16,7)
SP	14,7	14,0	(4,8)	1.815	1.701	(6,3)	26,7	23,8	(10,9)
SUL	286,6	236,4	(17,5)	1.363	1.412	3,6	390,6	333,8	(14,5)
PR	249,0	199,8	(19,8)	1.370	1.378	0,6	341,2	275,4	(19,3)
SC	18,3	17,3	(5,5)	1.417	1.533	8,2	25,9	26,5	2,3
RS	19,3	19,3	-	1.220	1.654	35,6	23,5	31,9	35,7
NORTE/NORDESTE	724,9	852,7	17,6	374	471	25,9	271,0	401,7	48,2
CENTRO-SUL	702,0	682,5	(2,8)	1.325	1.306	(1,4)	929,9	891,5	(4,1)
BRASIL	1.426,9	1.535,2	7,6	842	842	0,1	1.200,9	1.293,2	7,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.



Tabela 16 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	1,1	1,1	-	405	600	48,1	0,4	0,7	75,0
PB	1,1	1,1	4,0	405	600	48,1	0,4	0,7	75,0
CENTRO-OESTE	1,1	0,1	(90,9)	1.555	1.850	19,0	1,7	0,2	(88,2)
MS	1,0	-	(100,0)	1.500	-	(100,0)	1,5	-	(100,0)
DF	0,1	0,1	-	2.100	1.850	(11,9)	0,2	0,2	-
SUDESTE	10,1	9,9	(2,0)	937	888	(5,2)	9,5	8,9	(6,3)
MG	6,4	6,4	-	931	935	0,4	6,0	6,0	-
ES	2,5	2,5	-	920	740	(19,6)	2,3	1,9	(17,4)
RJ	1,2	1,0	(16,1)	1.008	962	(4,6)	1,2	1,0	(16,7)
SUL	122,4	114,9	(6,1)	1.378	1.439	4,5	168,6	165,4	(1,9)
PR	88,6	82,2	(7,2)	1.418	1.383	(2,5)	125,6	113,7	(9,5)
SC	14,5	13,4	(7,6)	1.343	1.476	9,9	19,5	19,8	1,5
RS	19,3	19,3	-	1.220	1.654	35,6	23,5	31,9	35,7
NORTE/NORDESTE	1,1	1,1	-	405	600	48,1	0,4	0,7	75,0
CENTRO-SUL	133,6	124,9	(6,5)	1.346	1.396	3,7	179,8	174,5	(2,9)
BRASIL	134,7	126,0	(6,5)	1.338	1.389	3,8	180,2	175,2	(2,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.

Tabela 17 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	32,2	25,5	(20,8)	956	799	(16,4)	30,7	20,4	(33,6)
RO	19,3	14,4	(25,2)	971	851	(12,4)	18,7	12,3	(34,2)
AC	5,6	5,6	-	580	592	2,1	3,2	3,3	3,1
AM	3,8	3,1	(18,4)	1.239	900	(27,4)	4,7	2,8	(40,4)
AP	1,4	1,4	-	944	993	5,2	1,3	1,4	7,7
TO	2,1	1,0	(52,4)	1.312	625	(52,4)	2,8	0,6	(78,6)
NORDESTE	32,1	47,5	48,0	414	957	131,2	13,3	45,5	242,1
CE	2,8	5,1	82,1	565	663	17,3	1,6	3,4	112,5
PB	25,7	27,0	5,0	447	590	32,0	11,5	15,9	38,3
PE	3,6	5,4	50,0	62	400	545,2	0,2	2,2	1.000,0
BA	-	10,0	-	-	2.400	-	-	24,0	-
CENTRO-OESTE	73,2	67,8	(7,4)	1.769	1.611	(9,0)	129,6	109,2	(15,7)
MT	28,4	22,3	(21,5)	1.831	1.667	(9,0)	52,0	37,2	(28,5)
MS	25,0	26,0	4,0	1.700	1.500	(11,8)	42,5	39,0	(8,2)
GO	19,0	19,0	-	1.750	1.680	(4,0)	33,3	31,9	(4,2)
DF	0,8	0,5	(37,5)	2.200	2.200	-	1,8	1,1	(38,9)
SUDESTE	128,6	126,5	(1,6)	1.401	1.423	1,6	180,1	180,0	(0,1)
MG	110,3	106,4	(3,5)	1.354	1.411	4,2	149,3	150,1	0,5
ES	3,6	6,1	69,0	1.139	1.000	(12,2)	4,1	6,1	48,8
SP	14,7	14,0	(4,8)	1.815	1.701	(6,3)	26,7	23,8	(10,9)
SUL	164,2	121,5	(26,0)	1.352	1.386	2,5	222,1	168,4	(24,2)
PR	160,4	117,6	(26,7)	1.344	1.375	2,3	215,6	161,7	(25,0)
SC	3,8	3,9	2,6	1.700	1.728	1,6	6,5	6,7	3,1
NORTE/NORDESTE	64,3	73,0	13,5	685	902	31,6	44,0	65,9	49,8
CENTRO-SUL	366,0	315,8	(13,7)	1.453	1.449	(0,2)	531,8	457,6	(14,0)
BRASIL	430,3	388,8	(9,6)	1.338	1.347	0,6	575,8	523,5	(9,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.



Tabela 18 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	23,7	22,0	(7,2)	1.463	1.152	(21,3)	34,7	25,4	(26,8)
AC	2,0	2,0	-	630	643	2,1	1,3	1,3	-
TO	21,7	20,0	(8,0)	1.540	1.203	(21,9)	33,4	24,1	(27,8)
NORDESTE	635,8	756,6	19,0	302	409	35,6	191,9	309,7	61,4
MA	51,4	52,7	2,5	699	702	0,4	35,9	37,0	3,1
PI	6,3	5,4	(14,9)	572	621	8,6	3,6	3,4	(5,6)
CE	404,2	396,1	(2,0)	290	337	16,2	117,2	133,5	13,9
RN	35,8	45,1	26,1	347	382	10,1	12,4	17,2	38,7
PB	63,2	80,9	28,0	261	441	69,0	16,5	35,7	116,4
PE	74,9	126,4	68,8	84	300	257,1	6,3	37,9	501,6
BA	-	50,0	-	-	900	-	-	45,0	-
CENTRO-OESTE	202,3	241,7	19,5	1.079	966	(10,5)	218,3	259,4	18,8
MT	202,3	220,1	8,8	1.079	1.061	(1,7)	218,3	233,5	7,0
GO	-	21,1	-	-	1.200	-	-	25,3	-
DF	-	0,5	-	-	1.100	-	-	0,6	-
SUDESTE	0,1	0,1	-	1.013	995	(1,8)	0,1	0,1	-
MG	0,1	0,1	-	1.013	995	(1,8)	0,1	0,1	-
NORTE/NORDESTE	659,5	778,6	18,1	344	430	25,2	226,6	335,1	47,9
CENTRO-SUL	202,4	241,8	19,5	1.079	966	(10,5)	218,4	259,5	18,8
BRASIL	861,9	1.020,4	18,4	516	557	7,9	445,0	594,6	33,6

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.

9.2.4.3. FEIJÃO TERCEIRA SAFRA

Para o feijão terceira safra, a estimativa é que sejam

cultivados 600,5 mil hectares e uma produtividade de 1.222 kg/ha.

Feijão-comum cores

O feijão-comum cores é o mais produzido na terceira safra. A estimativa é de 660,3 mil toneladas para a safra 2017/18, ou seja, 12,2% inferior à safra passada.

Em Pernambuco, as lavouras de feijão-comum cores terceira safra são semeadas na mesorregião do Agreste Pernambucano.

Grande parte das lavouras se encontram nos estádios de semeadura e desenvolvimento vegetativo. Devido às baixas precipitações registradas, o plantio está atrasado e as lavouras estão sendo acometidas por estresse hídrico.

Figura 14 - Lavoura de feijão em desenvolvimento vegetativo, em Caetés – PE



Fonte: Conab.

Em Sergipe, a semeadura do feijão-comum cores terceira safra foi concluída. A estimativa é de redução de 10,5% em relação à safra passada em razão da preferência dos produtores ao cultivo do milho. O relato é que o milho está apresentando maior vantagem financeira em relação ao feijão. Outro fator que contribuiu para a substituição desses cultivos foi a frustração obtida na última safra em razão do excesso de chuvas no período da colheita, a qual provocou perda de qualidade e desclassificação da produção do grão no estado.

É importante destacar que as áreas de cultivo com propósito comercial foram semeadas nos últimos 20 dias, tendo em vista a aproximação do período final de semeadura recomendado pelo Zoneamento Agroclimático para essas áreas. Em contrapartida, as áreas onde parte da produção é destinada ao cultivo de subsistência se encontram em estágio mais avançado de desenvolvimento vegetativo, pois foram semeadas no começo de maio. As estimativas iniciais são de 13,6 mil hectares cultivados em todo o estado, com produtividade média de 828 kg/ha.

Na Bahia, estima-se que sejam cultivados 201,5 mil



hectares, com a produção esperada de 147,7 mil toneladas. A área já foi totalmente semeada.

O plantio do feijão-comum cores terceira safra costuma ser consorciado com o milho nas microrregiões de Serrinha, Riachão do Jacuípe, Paulo Afonso e Feira de Santana, onde o nível de utilização de tecnologia é baixo. Por ter um ciclo mais curto, o feijão solteiro é cultivado em regiões com chuvas mais irregulares que as do milho e, até meado de maio, o plantio será finalizado.

Em Mato Grosso, os baixos preços do feijão-comum cores desestimularam os produtores no cultivo da terceira safra.

O plantio já acumula 95% da área, com esse percentual efetuado durante junho e o espaço remanescente em julho. A área total semeada com feijão-comum cores terceira safra é estimada em 37,6 mil hectares, redução de 30% ante os 53,7 mil hectares do ciclo 2016/17, como decorrência desta conjuntura de baixos preços.

Figura 15 - feijão-comum cores terceira safra irrigado, em Sorriso - MT



Fonte: Conab.

Em Goiás, o plantio de feijão-comum cores terceira safra se concentra na região leste do estado. Cristalina é o maior produtor. Os plantios ocorreram em maio e junho e a colheita deverá iniciar em julho, com o término previsto até o final de agosto.

Boa parte das lavouras estão com bom aspecto fitos-

Feijão-comum preto

O feijão-comum preto é pouco cultivado durante a segunda safra, sua estimativa de produção é de 11,6 mil toneladas em uma área de 17,1 mil hectares, obtendo um rendimento médio de 677 kg/ha.

Em Pernambuco, o feijão sinaliza um crescimento de área de 20,3% em relação à safra passada e a estima-

sanitário e em diferentes fases de desenvolvimento, entre a fase vegetativa e floração.

No Distrito Federal, o plantio de feijão-comum cores terceira safra está concluído e a colheita está prevista para acontecer entre julho e setembro.

A área plantada foi semelhante à cultivada na safra anterior, com 2,6 mil hectares, estimando-se uma produtividade média de 3.181 kg/ha. A produção, por sua vez, poderá ser de 8,3 mil toneladas, 2,5% superior à produção da temporada anterior.

Em Minas Gerais, o plantio está em andamento e a área total de cultivo é estimada em 53,7 mil hectares, mas há, em alguns municípios, indefinição de plantio até a ocasião do levantamento, de forma que esse dado ainda é passível de ajustes. A produtividade está estimada em 2.672 kg/ha.

Em São Paulo, a terceira safra do feijão-comum cores é plantada entre junho e julho, sempre sob sistema de irrigação do tipo pivô-central, atingindo boa produtividade e suprindo parte do mercado, entre o final da comercialização do feijão da segunda safra e o início da primeira.

A estimativa é de crescimento de 2,2% na área, quando comparado à safra passada, e uma produtividade de 2.363 kg/ha.

No Paraná, o plantio já está praticamente finalizado, sendo que da área de 2.596 ha, 96% está plantada. Com relação à safra anterior, houve uma redução de área de 41% devido ao baixo preço do produto, com rendimento esperado de 1.177 kg/ha, ou seja, 16% maior que da safra passada. A maior parte das lavouras são consideradas boas e regulares.

tiva de produtividade é de 645 kg/ha.

No Distrito Federal, a normalidade das chuvas ocasionou o enchimento das barragens, tranquilizando, de certa forma, o produtor, levando em conta que o cultivo do feijão-comum preto terceira safra é conduzido inteiramente sob irrigação.



A produtividade é estimada em 3.161 kg/ha em uma área de 0,2 mil hectares.

Feijão-caupi

O feijão-caupi deverá ocupar uma área de 86,2 mil hectares na terceira safra de feijão. A produção é estimada em 62,2 mil toneladas.

Na Bahia, estima-se que sejam cultivados 10 mil hectares, com produção de 5,3 mil toneladas. Os plantios foram iniciados e evoluem em 50% da área. Os cultivos são realizados no nordeste da Bahia, cultivado em pequenas áreas da agricultura familiar e destinado ao mercado local e à subsistência. Se destaca, quando comparado ao feijão-comum cores, pela sua maior resistência ao déficit hídrico.

Feijão-caupi

O feijão-caupi deverá ocupar uma área de 86,5 mil hectares na terceira safra de feijão. A produção é esti-

mada em 62,2 mil toneladas.

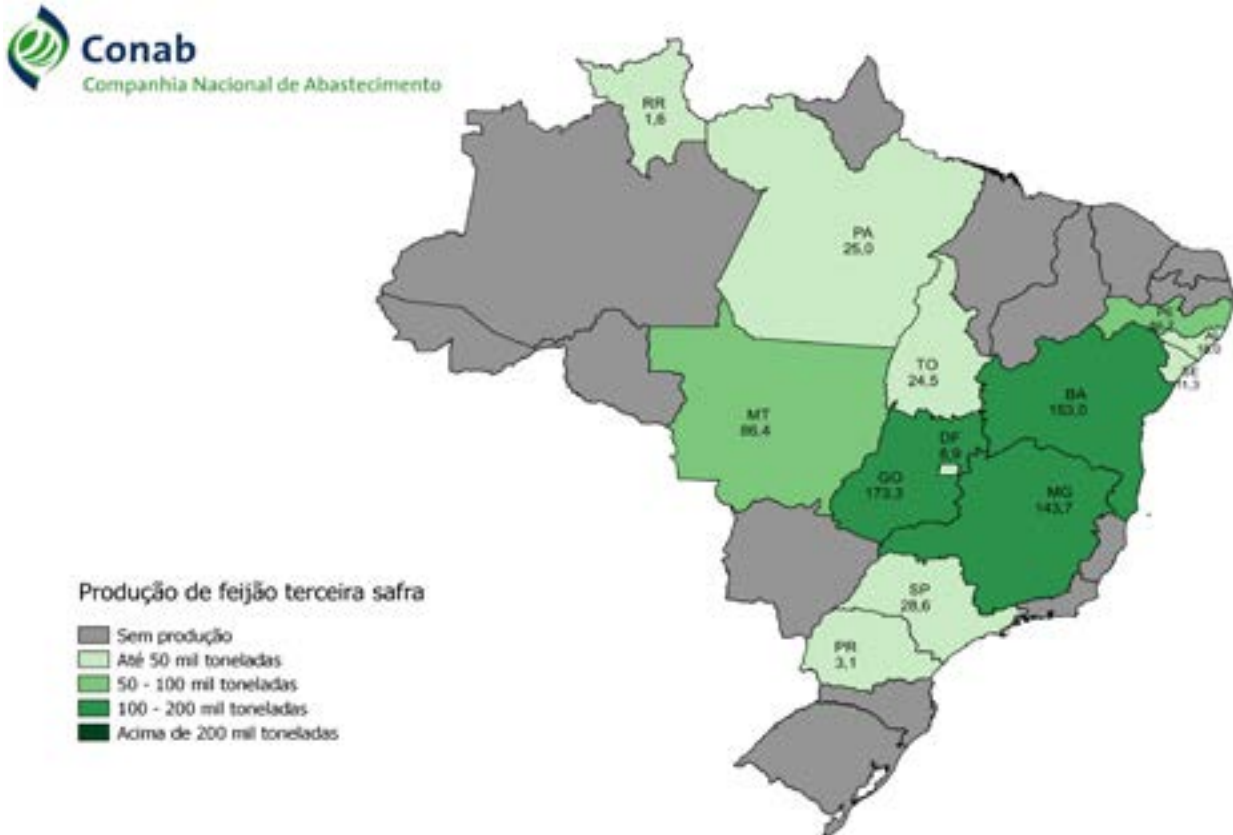
No Pará, o plantio do feijão-caupi terceira safra se encontra entre 50 e 60% da área destinada ao produto. O plantio, em toda a área, estimada em 27 mil hectares, deve ser finalizado em julho.

O cultivo do feijão-caupi terceira safra no Pará é cultivado, principalmente, nas mãos de médios e grandes produtores.

Na Bahia, estima-se que sejam cultivados 10 mil hectares de feijão-caupi terceira safra, com produção de 5,3 mil toneladas. O plantio está em fase final.

O feijão-caupi terceira safra é cultivado em pequenas áreas da agricultura familiar e destinado ao mercado local e a subsistência. Se destaca, quando comparado ao feijão cores, pela sua maior resistência ao déficit hídrico.

Figura 16 – Mapa da produção agrícola – Feijão terceira safra



Fonte: Conab.



Quadro 7 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Feijão terceira safra

UF	Mesorregiões	Feijão segunda safra												
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	
MT	Norte Mato-grossense	C									P/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
	Sudeste Mato-grossense	C									P/DV	DV/F	F/FR/M	M/C
GO	Noroeste Goiano	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Norte Goiano	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Leste Goiano	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Sul Goiano	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Noroeste de Minas	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	C									P/DV	DV/F	FR/M/C	M/C
	Ribeirão Preto	C									P/DV	F/FR/M	FR/M	M/C
SP	Araçatuba	C									P/DV	F/FR/M	FR/M	M/C
	Bauru	C									P/DV	DV/F	FR/M	M/C
	Campinas	C									P/DV	DV/F	FR/M	M/C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média Restrição - Excesso de Chuvas
 Média restrição - falta de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (C)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Tabela 19 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	52,2	52,4	0,4	1.190	974	(18,1)	62,2	51,1	(17,8)
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
PA	34,3	34,5	0,6	825	725	(12,2)	28,3	25,0	(11,7)
TO	15,5	15,5	-	2.081	1.581	(24,0)	32,3	24,5	(24,1)
NORDESTE	386,8	379,1	(2,0)	649	630	(3,0)	251,1	239,0	(4,8)
PE	107,6	113,9	5,9	478	498	4,2	51,4	56,7	10,3
AL	40,1	40,1	-	520	448	(13,7)	20,8	18,0	(13,5)
SE	15,2	13,6	(10,5)	871	828	(4,9)	13,2	11,3	(14,4)
BA	223,9	211,5	(5,5)	740	723	(2,3)	165,7	153,0	(7,7)
CENTRO-OESTE	116,8	100,4	(14,0)	2.632	2.676	1,7	307,4	268,6	(12,6)
MT	53,7	37,6	(30,0)	2.369	2.299	(3,0)	127,2	86,4	(32,1)
GO	60,0	60,0	-	2.850	2.889	1,4	171,0	173,3	1,3
DF	3,1	2,8	(9,7)	2.962	3.180	7,3	9,2	8,9	(3,3)
SUDESTE	82,2	66,0	(19,7)	2.586	2.610	0,9	212,6	172,3	(19,0)
MG	70,4	53,9	(23,4)	2.619	2.665	1,8	184,4	143,7	(22,1)
SP	11,8	12,1	2,5	2.392	2.363	(1,2)	28,2	28,6	1,4
SUL	4,4	2,6	(40,9)	1.009	1.177	16,7	4,4	3,1	(29,5)
PR	4,4	2,6	(40,9)	1.009	1.177	16,7	4,4	3,1	(29,5)
NORTE/NORDESTE	439,0	431,5	(1,7)	714	672	(5,8)	313,3	290,1	(7,4)
CENTRO-SUL	203,4	169,0	(16,9)	2.578	2.627	1,9	524,4	444,0	(15,3)
BRASIL	642,4	600,5	(6,5)	1.304	1.222	(6,3)	837,7	734,1	(12,4)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.



Tabela 20 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	6,6	8,0	21,2	655	728	11,1	5,3	5,8	9,4
PA	6,1	7,5	23,0	638	640	0,3	3,9	4,8	23,1
TO	0,5	0,5	-	2.701	2.052	(24,0)	1,4	1,0	(28,6)
NORDESTE	329,5	320,3	(2,8)	699	660	(5,6)	223,8	211,3	(5,6)
PE	72,2	75,4	4,4	510	527	3,3	36,8	39,7	7,9
AL	29,8	29,8	-	490	423	(13,7)	14,6	12,6	(13,7)
SE	15,2	13,6	(10,5)	871	828	(4,9)	13,2	11,3	(14,4)
BA	212,3	201,5	(5,1)	750	733	(2,3)	159,2	147,7	(7,2)
CENTRO-OESTE	116,3	100,2	(13,8)	3.057	2.675	(12,5)	306,3	268,0	(12,5)
MT	53,7	37,6	(30,0)	2.369	2.299	(3,0)	127,2	86,4	(32,1)
GO	60,0	60,0	-	2.850	2.889	1,4	171,0	173,3	1,3
DF	2,6	2,6	-	3.120	3.181	2,0	8,1	8,3	2,5
SUDESTE	82,0	65,8	(19,8)	3.227	2.615	(19,0)	212,3	172,1	(18,9)
MG	70,2	53,7	(23,5)	2.623	2.672	1,9	184,1	143,5	(22,1)
SP	11,8	12,1	2,2	2.392	2.363	(1,2)	28,2	28,6	1,4
SUL	4,4	2,6	(40,9)	1.708	1.177	(31,1)	4,4	3,1	(29,5)
PR	4,4	2,6	(40,9)	1.009	1.177	16,7	4,4	3,1	(29,5)
NORTE/NORDESTE	336,1	328,3	(2,3)	698	661	(5,2)	229,1	217,1	(5,2)
CENTRO-SUL	202,7	168,6	(16,8)	3.103	2.629	(15,3)	523,0	443,2	(15,3)
BRASIL	538,8	496,9	(7,8)	1.514	1.329	(12,2)	752,1	660,3	(12,2)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.

Tabela 21 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	45,6	44,4	(2,6)	1.247	1.019	(18,3)	56,9	45,3	(20,4)
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
PA	28,2	27,0	(4,3)	866	748	(13,6)	24,4	20,2	(17,2)
TO	15,0	15,0	-	2.060	1.565	(24,0)	30,9	23,5	(23,9)
NORDESTE	43,4	42,1	(3,0)	466	401	(14,0)	20,2	16,9	(16,3)
PE	21,5	21,8	1,4	350	285	(18,6)	7,5	6,2	(17,3)
AL	10,3	10,3	-	605	522	(13,7)	6,2	5,4	(12,9)
BA	11,6	10,0	(13,8)	558	528	(5,4)	6,5	5,3	(18,5)
CENTRO-OESTE	0,3	-	(100,0)	1.500	-	(100,0)	0,5	-	(100,0)
DF	0,3	-	(100,0)	1.500	-	(100,0)	0,5	-	(100,0)
NORTE/NORDESTE	89,0	86,5	(2,8)	866	718	(17,1)	77,1	62,2	(19,3)
CENTRO-SUL	0,3	-	(100,0)	1.500	-	(100,0)	0,5	-	(100,0)
BRASIL	89,3	86,5	(3,1)	869	718	(17,3)	77,6	62,2	(19,8)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.



Tabela 22 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto terceira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	13,9	16,7	20,1	510	645	26,5	7,1	10,8	52,1
PE	13,9	16,7	20,3	510	645	26,5	7,1	10,8	52,1
CENTRO-OESTE	0,2	0,2	-	3.100	3.161	2,0	0,6	0,6	-
DF	0,2	0,2	-	3.100	3.161	2,0	0,6	0,6	-
SUDESTE	0,2	0,2	-	1.100	857	(22,1)	0,2	0,2	-
MG	0,2	0,2	-	1.100	857	(22,1)	0,2	0,2	-
NORTE/NORDESTE	13,9	16,7	20,1	510	645	26,5	7,1	10,8	52,1
CENTRO-SUL	0,4	0,4	-	2.100	2.009	(4,3)	0,8	0,8	-
BRASIL	14,3	17,1	19,6	554	677	22,1	7,9	11,6	46,8

Fonte: Conab.

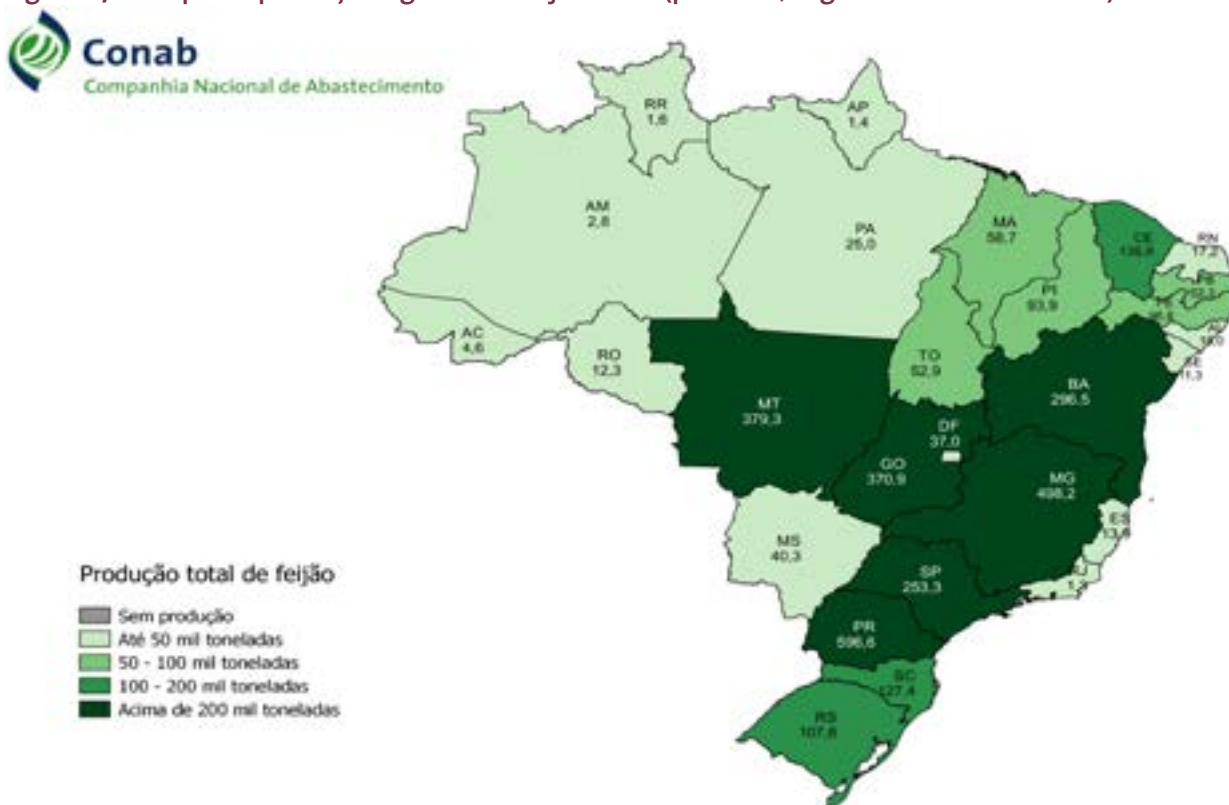
Nota: Estimativa em julho/2018.

9.2.4.4. FEIJÃO TOTAL

Considerando as três safras, estima-se para o décimo acompanhamento da safra 2017/18 que a área total de feijão será de 3.189,5 mil hectares, 0,3% maior em relação à safra passada. A produção nacional de feijão está estimada em 3.308 mil toneladas e é 2,7% menor que a última temporada.

É importante destacar que a colheita do feijão primeira safra já foi concluída. As lavouras de segunda safra se encontram, a maioria, em colheita e o plantio da lavoura de terceira safra se encontra em fase final de plantio.

Figura 17 – Mapa da produção agrícola – Feijão total (primeira, segunda e terceira safras)



Fonte: Conab.



Tabela 23 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	112,9	105,8	(6,3)	1.158	950	(18,0)	130,6	100,6	(23,0)
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
RO	19,3	14,4	(25,4)	971	851	(12,4)	18,7	12,3	(34,2)
AC	7,6	7,6	-	593	605	2,1	4,5	4,6	2,2
AM	3,8	3,1	(18,4)	1.239	900	(27,4)	4,7	2,8	(40,4)
AP	1,4	1,4	-	944	993	5,2	1,3	1,4	7,7
PA	34,3	34,5	0,6	825	725	(12,2)	28,3	25,0	(11,7)
TO	44,1	42,4	(3,9)	1.622	1.247	(23,1)	71,5	52,9	(26,0)
NORDESTE	1.546,0	1.614,1	4,4	439	484	10,2	679,1	781,6	15,1
MA	87,8	90,5	3,1	646	649	0,5	56,7	58,7	3,5
PI	233,2	240,7	3,2	302	390	29,4	70,3	93,9	33,6
CE	407,0	401,2	(1,4)	292	341	16,9	118,8	136,9	15,2
RN	35,8	45,1	26,0	347	382	10,1	12,4	17,2	38,7
PB	90,0	109,0	21,1	316	480	51,8	28,4	52,3	84,2
PE	186,1	245,7	32,0	311	394	26,5	58,0	96,8	66,9
AL	40,1	40,1	-	520	448	(13,7)	20,8	18,0	(13,5)
SE	15,2	13,6	(10,5)	871	828	(4,9)	13,2	11,3	(14,4)
BA	450,8	428,2	(5,0)	667	693	3,9	300,5	296,5	(1,3)
CENTRO-OESTE	474,9	491,7	3,5	1.761	1.683	(4,4)	836,5	827,5	(1,1)
MT	295,2	292,6	(0,9)	1.402	1.296	(7,6)	414,0	379,3	(8,4)
MS	26,8	26,8	-	1.696	1.504	(11,3)	45,4	40,3	(11,2)
GO	136,8	156,3	14,3	2.507	2.373	(5,4)	343,0	370,9	8,1
DF	16,1	16,0	(0,6)	2.117	2.312	9,2	34,1	37,0	8,5
SUDESTE	468,3	446,2	(4,7)	1.731	1.718	(0,7)	810,6	766,7	(5,4)
MG	348,2	324,0	(7,0)	1.536	1.538	0,1	535,0	498,2	(6,9)
ES	10,7	14,7	37,4	1.103	943	(14,5)	11,8	13,9	17,8
RJ	1,8	1,4	(22,2)	1.048	955	(8,8)	1,9	1,3	(31,6)
SP	107,6	106,1	(1,4)	2.434	2.387	(1,9)	261,9	253,3	(3,3)
SUL	578,2	531,7	(8,0)	1.630	1.564	(4,1)	942,7	831,6	(11,8)
PR	447,5	402,0	(10,2)	1.588	1.484	(6,5)	710,5	596,6	(16,0)
SC	69,6	70,9	1,9	1.964	1.797	(8,5)	136,7	127,4	(6,8)
RS	61,1	58,8	(3,8)	1.563	1.830	17,1	95,5	107,6	12,7
NORTE-NORDESTE	1.658,9	1.719,9	3,7	488	513	5,1	809,7	882,2	9,0
CENTRO-SUL	1.521,4	1.469,6	(3,4)	1.702	1.651	(3,0)	2.589,8	2.425,8	(6,3)
BRASIL	3.180,3	3.189,5	0,3	1.069	1.037	(3,0)	3.399,5	3.308,0	(2,7)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.

Tabela 24 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum preto total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	15,0	17,8	18,7	502	642	27,9	7,5	11,5	53,3
PB	1,1	1,1	-	405	600	48,1	0,4	0,7	75,0
PE	13,9	16,7	20,1	510	645	26,5	7,1	10,8	52,1
CENTRO-OESTE	2,5	1,5	(40,0)	1.820	2.065	13,5	4,5	3,1	(31,1)
MS	1,0	-	(100,0)	1.500	-	(100,0)	1,5	-	(100,0)
DF	1,5	1,5	-	2.033	2.065	1,5	3,0	3,1	3,3
SUDESTE	20,1	19,3	(4,0)	953	894	(6,2)	19,2	17,4	(9,4)
MG	13,5	13,4	(0,7)	886	900	1,6	12,0	12,1	0,8
ES	4,8	4,5	(6,3)	1.104	856	(22,5)	5,3	3,9	(26,4)
RJ	1,8	1,4	(22,2)	1.048	955	(8,8)	1,9	1,4	(26,3)
SUL	286,1	284,7	(0,5)	1.665	1.591	(4,5)	476,4	453,0	(4,9)
PR	200,6	200,9	0,1	1.703	1.553	(8,8)	341,6	311,9	(8,7)
SC	34,4	35,0	1,7	1.839	1.728	(6,0)	63,3	60,5	(4,4)
RS	51,1	48,8	(4,5)	1.399	1.652	18,0	71,5	80,6	12,7
NORTE-NORDESTE	15,0	17,8	18,7	502	642	27,9	7,5	11,5	53,3
CENTRO-SUL	308,7	305,5	(1,0)	1.620	1.549	(4,4)	500,1	473,5	(5,3)
BRASIL	323,7	323,3	(0,1)	1.568	1.499	(4,4)	507,6	485,0	(4,5)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.



Tabela 25 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-comum cores total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	39,2	34,3	(12,5)	930	784	(15,6)	36,4	26,9	(26,1)
RO	19,3	14,4	(25,4)	971	851	(12,4)	18,7	12,3	(34,2)
AC	5,6	5,6	-	580	592	2,1	3,2	3,3	3,1
AM	3,8	3,1	(18,4)	1.239	900	(27,4)	4,7	2,8	(40,4)
AP	1,4	1,4	-	944	993	5,2	1,3	1,4	7,7
PA	6,1	7,5	23,0	638	640	0,3	3,9	4,8	23,1
TO	3,0	2,3	(23,3)	1.513	1.024	(32,3)	4,6	2,3	(50,0)
NORDESTE	418,6	411,7	(1,6)	684	674	(1,5)	286,2	277,4	(3,1)
CE	2,8	5,1	82,1	565	663	17,3	1,6	3,4	112,5
PB	25,7	27,0	5,1	447	590	32,0	11,5	15,9	38,3
PE	75,8	80,8	6,6	489	519	6,1	37,0	41,9	13,2
AL	29,8	29,8	-	490	423	(13,7)	14,6	12,6	(13,7)
SE	15,2	13,6	(10,5)	871	828	(4,9)	13,2	11,3	(14,4)
BA	269,3	255,4	(5,2)	774	753	(2,7)	208,3	192,3	(7,7)
CENTRO-OESTE	263,4	242,1	(8,1)	2.299	2.302	0,1	605,5	557,3	(8,0)
MT	86,5	66,1	(23,6)	2.173	2.090	(3,8)	188,0	138,1	(26,5)
MS	25,8	26,8	3,9	1.703	1.504	(11,7)	43,9	40,3	(8,2)
GO	136,8	135,2	(1,2)	2.507	2.556	1,9	343,0	345,5	0,7
DF	14,3	14,0	(2,1)	2.139	2.382	11,4	30,6	33,4	9,2
SUDESTE	434,0	413,0	(4,8)	1.806	1.796	(0,6)	783,9	741,7	(5,4)
MG	320,5	296,7	(7,4)	1.609	1.613	0,2	515,5	478,4	(7,2)
ES	5,9	10,2	72,9	1.102	982	(10,9)	6,5	10,0	53,8
SP	107,6	106,1	(1,4)	2.434	2.387	(1,9)	261,9	253,3	(3,3)
SUL	292,1	247,0	(15,4)	1.596	1.533	(4,0)	466,3	378,6	(18,8)
PR	246,9	201,1	(18,6)	1.494	1.415	(5,2)	368,8	284,7	(22,8)
SC	35,2	35,9	2,0	2.087	1.864	(10,7)	73,5	66,9	(9,0)
RS	10,0	10,0	-	2.400	2.700	12,5	24,0	27,0	12,5
NORTE/NORDESTE	457,8	446,0	(2,6)	705	682	(3,2)	322,6	304,3	(5,7)
CENTRO-SUL	989,5	902,1	(8,8)	1.875	1.860	(0,8)	1.855,7	1.677,6	(9,6)
BRASIL	1.447,3	1.348,1	(6,9)	1.505	1.470	(2,3)	2.178,3	1.981,9	(9,0)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.

Tabela 26 – Comparativo de área, produtividade e produção – Feijão-caupi total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	73,7	71,5	(3,0)	1.279	1.029	(19,6)	94,3	73,7	(21,8)
RR	2,4	2,4	-	650	650	-	1,6	1,6	-
AC	2,0	2,0	-	630	643	2,1	1,3	1,3	-
PA	28,2	27,0	(4,3)	866	748	(13,6)	24,4	20,2	(17,2)
TO	41,1	40,1	(2,4)	1.630	1.260	(22,7)	67,0	50,6	(24,5)
NORDESTE	1.112,4	1.184,6	6,5	346	416	20,1	385,1	492,8	28,0
MA	87,8	90,5	3,1	646	649	0,5	56,6	58,7	3,7
PI	233,2	240,7	3,2	302	390	29,4	70,3	94,0	33,7
CE	404,2	396,1	(2,0)	290	337	16,2	117,2	133,5	13,9
RN	35,8	45,1	26,0	347	382	10,1	12,4	17,2	38,7
PB	63,2	80,9	28,0	261	441	69,0	16,5	35,7	116,4
PE	96,4	148,2	53,7	143	298	107,8	13,8	44,1	219,6
AL	10,3	10,3	-	605	522	(13,7)	6,2	5,4	(12,9)
BA	181,5	172,8	(4,8)	507	603	18,8	92,1	104,2	13,1
CENTRO-OESTE	209,0	248,1	18,7	1.083	1.076	(0,6)	226,5	267,1	17,9
MT	208,7	226,5	8,5	1.083	1.065	(1,6)	226,0	241,2	6,7
DF	0,3	0,5	66,7	1.500	1.100	(26,7)	0,5	0,6	20,0
SUDESTE	14,2	13,9	(2,1)	522	551	5,5	7,4	7,7	4,1
MG	14,2	13,9	(2,1)	522	551	5,5	7,4	7,7	4,1
NORTE/NORDESTE	1.186,1	1.256,1	5,9	404	451	11,5	479,4	566,5	18,2
CENTRO-SUL	223,2	262,0	17,4	1.048	1.049	0,1	233,9	274,8	17,5
BRASIL	1.409,3	1.518,1	7,7	506	554	9,5	713,3	841,3	17,9

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.



9.1.5. GIRASSOL

Em Mato Grosso, a cultura do girassol se encontra em estágio final de maturação, com alguns talhões já colhidos na região Médio-norte, totalizando 5% da área colhida no estado, no fechamento de junho. Os trabalhos devem se concentrar em julho. No âmbito comercial, estima-se que 95% da produção já esteja negociada, com cotação média de R\$ 70,00 a saca de 60 quilos.

Os bons preços, comparativamente em relação ao milho, cultura também de segunda safra, no momento da opção da semeadura, incentivaram o cultivo do girassol, cuja área saltou de 31,8 mil hectares na safra 2016/17 para 60,5 mil hectares em 2017/18, com parte desse aumento decorrente da ampliação do cultivo da oleaginosa na região de Sorriso.

O cultivo está principalmente localizado na região oeste do estado. De modo geral, a produtividade média esperada é positiva, ainda que tenha havido registro de incidência de chuvas acima do ideal à cultura em determinados períodos. Calcula-se rendimento médio de 1.559 kg/ha em 2017/18, 6,6% inferior aos 1.670 kg/ha contabilizados no último período.

Em Goiás, a cultura está na fase de maturação de grão. A colheita está prevista para primeira quinzena de julho na maioria das áreas do estado. A cultura foi semeada em março. Apenas uma indústria em Goiás incentiva a produção no estado. Está situada no sul de Goiás e realiza contratos com os produtores. A área plantada com o girassol é de 22,2 mil hectares, incremento de 33,7% em relação à safra anterior.

Em Minas Gerais, a estimativa aponta para um aumento na área de plantio de girassol nos municípios do triângulo mineiro. Dessa forma, a área estimada passa de 9,2 mil hectares, no levantamento anterior, para 9,6 mil. A produtividade média foi ajustada em razão da falta de chuvas, agora estimada em 1.142 kg/ha. A produção prevista é de 11 mil toneladas.

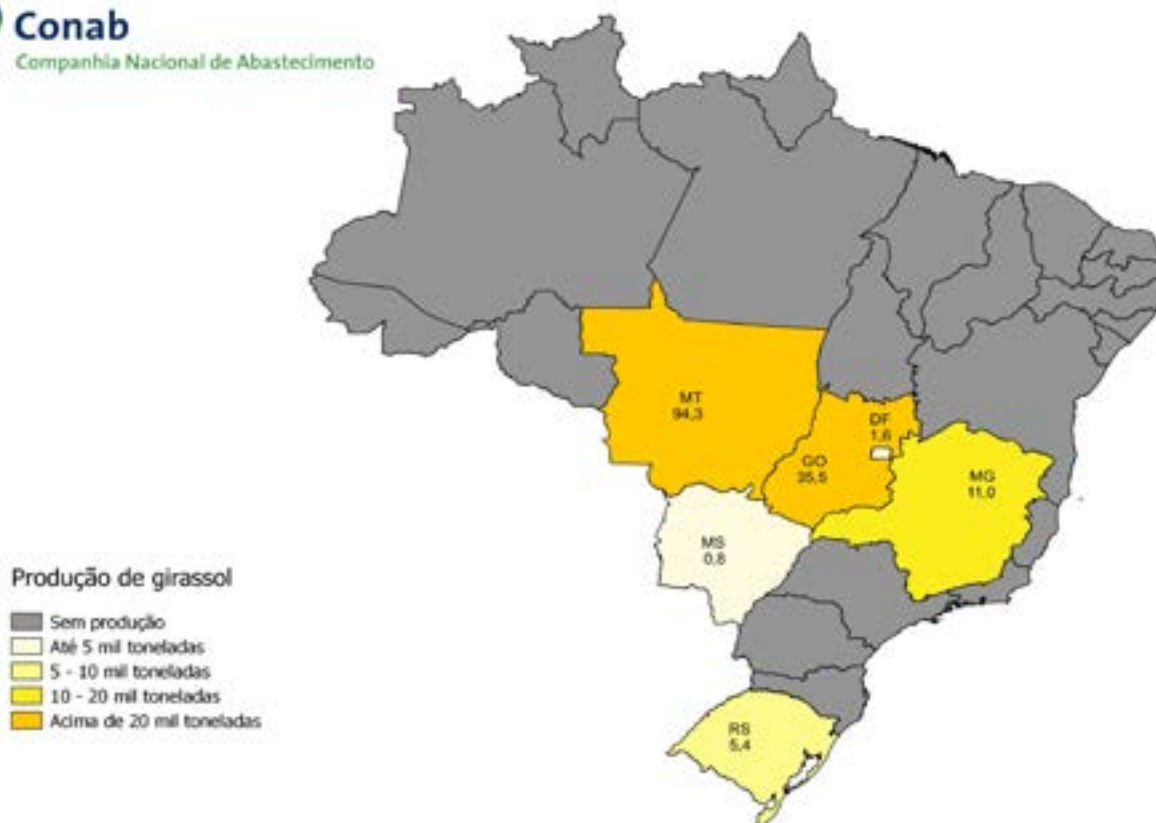
Figura 18 – Lavoura de girassol segunda safra em Sorriso-MT



Fonte: Conab.



Figura 19 – Mapa da produção agrícola – Girassol



Fonte: Conab.

Tabela 27 – Comparativo de área, produtividade e produção – Girassol

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	50,1	84,1	67,9	1.702	1.572	(7,6)	85,3	132,2	55,0
MT	31,8	60,5	90,4	1.670	1.559	(6,6)	53,1	94,3	77,6
MS	1,0	0,7	(30,0)	1.500	1.100	(26,7)	1,5	0,8	(46,7)
GO	16,6	22,2	33,7	1.750	1.600	(8,6)	29,1	35,5	22,0
DF	0,7	0,7	-	2.300	2.300	-	1,6	1,6	-
SUDESTE	9,3	9,6	3,2	1.400	1.142	(18,4)	13,0	11,0	(15,4)
MG	9,3	9,6	3,5	1.400	1.142	(18,4)	13,0	11,0	(15,4)
SUL	3,3	3,3	-	1.626	1.626	-	5,4	5,4	-
RS	3,3	3,3	-	1.626	1.626	-	5,4	5,4	-
CENTRO-SUL	62,7	97,0	54,7	1.653	1.531	(7,4)	103,7	148,6	43,3
BRASIL	62,7	97,0	54,7	1.653	1.531	(7,4)	103,7	148,6	43,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.



9.1.6. MAMONA

As estimativas para a safra 2017/18 é de aumento de área, alcançando 31,6 mil hectares, que representa acréscimo de 12,9% em relação à safra passada, que foi de 28 mil hectares.

Para a Bahia, estima-se que a área cultivada seja de 27 mil hectares, com a produção esperada de 17 mil toneladas. As estimativas da safra atual apontam para o crescimento de 28% da área cultivada e 63,5% da produção em relação à safra 2016/17. Os plantios ocorreram de novembro a janeiro, e a colheita evolui em 20% da área cultivada. O aumento de cerca de 30% da área cultivada é atribuído ao clima favorável e às crescentes cotações do valor pago ao produtor.

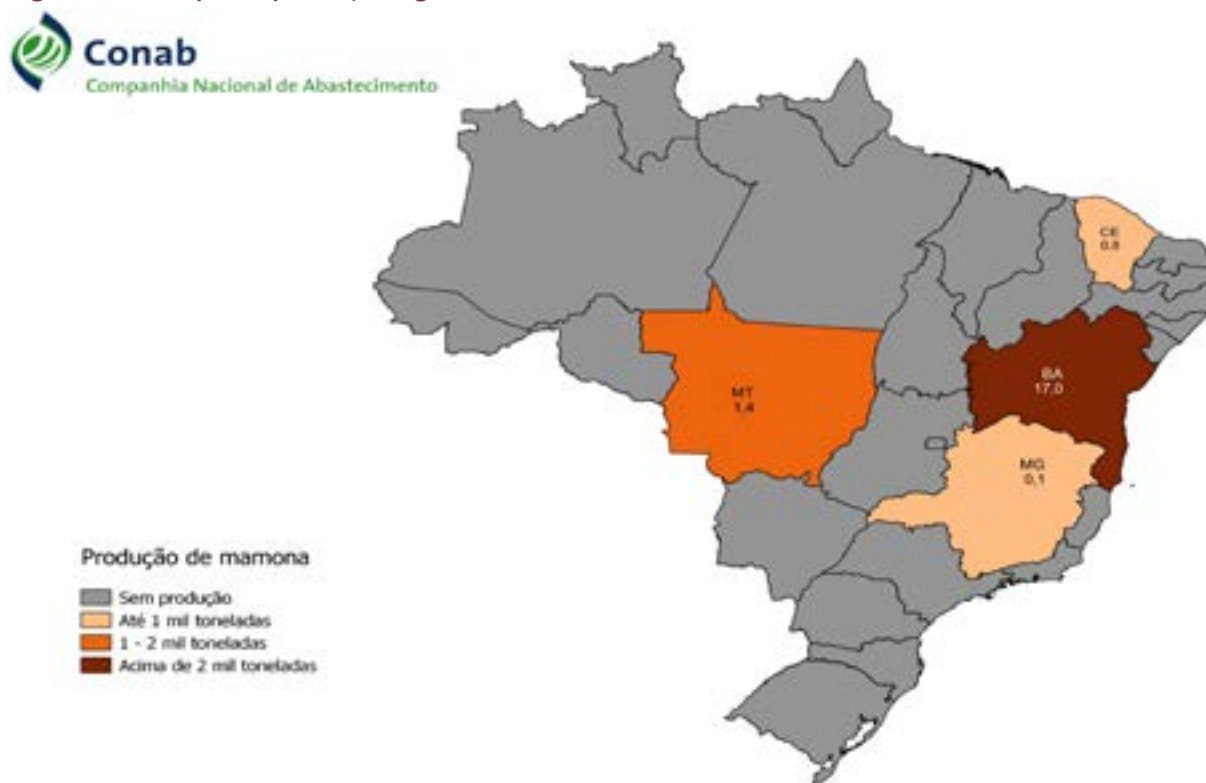
A mamona é cultivada no centro-norte do estado, tendo como polos produtores a microrregião de Irecê, Ourorândia, Lapão, São Gabriel, Cafarnaum e Canara-

na. As plantas estão em estágio de maturação das bagas, apresentando bom vigor.

Em Minas Gerais, o cultivo da mamona se mantém em declínio, com tendência ao desaparecimento. Estima-se que a área total para o estado, na presente safra, não alcance 100 hectares. A produção em pequenas áreas, pulverizadas na região norte do estado, apresentam produtividades que quase sempre inviabilizam a colheita devido à escassez de chuvas, típica da região.

As poucas áreas remanescentes têm sua produção voltada para a indústria ricinoquímica, ainda assim com comercialização muito incerta. O plantio foi realizado entre novembro e dezembro. A colheita ocorre entre março e junho.

Figura 20 – Mapa da produção agrícola - Mamona



Fonte: Conab.



Tabela 28 – Comparativo de área, produtividade e produção – Mamona

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	26,2	29,9	14,1	444	595	34,2	11,6	17,8	53,4
PI	0,2	-	(100,0)	494	-	(100,0)	0,1	-	(100,0)
CE	4,9	2,9	(40,8)	224	262	17,0	1,1	0,8	(27,3)
BA	21,1	27,0	28,0	494	631	27,7	10,4	17,0	63,5
CENTRO-OESTE	1,6	1,6	-	900	900	-	1,4	1,4	-
MT	1,6	1,6	-	900	900	-	1,4	1,4	-
SUDESTE	0,2	0,1	(50,0)	443	896	102,3	0,1	0,1	-
MG	0,2	0,1	(50,0)	443	896	102,3	0,1	0,1	-
NORTE/NORDESTE	26,2	29,9	14,1	444	595	34,2	11,6	17,8	53,4
CENTRO-SUL	1,8	1,7	(5,6)	849	900	6,0	1,5	1,5	-
BRASIL	28,0	31,6	12,9	470	612	30,2	13,1	19,3	47,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.

9.1.7. MILHO

9.1.7.1. MILHO PRIMEIRA SAFRA

Na Região Norte, estima-se redução de 5,8% na área plantada quando comparada ao ano passado. Com a produtividade superior à safra passada em 2,3%, o resultado estimado até o momento é uma produção de 960,2 mil toneladas na temporada 2017/18.

Em Rondônia, a área cultivada atingiu 31 mil hectares. A forte redução, comparada à safra passada, é justificada pelos baixos preços de mercado, praticados à época da semeadura. Atualmente, observa-se uma recuperação nas cotações, provocada pela quebra da safra argentina. A produtividade gira em torno de 2.466 kg/ha, explicada pela baixa utilização de calcário e fertilizantes, e também pelo fato de poucos produtores fazerem o controle adequado de pragas. A produção no estado será de 76,4 mil toneladas e já foi totalmente colhida.

No Acre houve forte redução na área plantada em relação à safra anterior devido às dificuldades na comercialização do milho da safra passada. A área está estimada em 31 mil hectares, com um rendimento de 2.360 kg/ha, e a produção estimada em 73,2 mil toneladas. No Pará, o milho está em fase de conclusão da colheita na região de Paragominas. Por falta de espaços nos armazéns ocorreu um pequeno retardo nessa etapa. Nas regiões sul e sudeste do estado o produto já foi todo comercializado.

Em Tocantins, a cultura teve aumento na área cultivada nesta safra em 16% em relação à safra passada. A área semeada foi estimada em 53,2 mil hectares, representando forte aumento em relação ao exercício passado e decorre do fato dos produtores

não tiveram crédito liberado em tempo hábil para plantar soja na janela ideal de plantio e, assim, optaram pelo plantio do milho. A cultura se encontra em fase de colheita, com estimativa de produtividade de 4.417 kg/ha e produção de 235 mil toneladas.

A Região Nordeste apresentou, neste exercício, a maior área cultivada com milho primeira safra do país. O acréscimo atingiu 7,2% em relação à safra passada, e o bom comportamento do clima trouxe uma melhoria nos níveis de produtividades, que deverá repercutir no aumento da produção que deverá atingir 5,7 milhões de toneladas.

No Piauí ocorreu aumento na ordem de 1,7% em relação à safra passada, totalizando 425,2 mil hectares. A lavoura já teve 65% da área colhida. A maior parte da área colhida se concentra na região sudoeste piauiense, com predominância da agricultura empresarial, e vêm confirmando a boa expectativa de produtividade. As lavouras se encontram em sua maioria em boas condições, com exceção das áreas do semiárido que são consideradas regular ou ruim. A produtividade deve ficar em 3.309 kg/ha, apresentando uma variação positiva de 9% em relação à safra passada, tendo como causa, principalmente no cerrado, do clima benéfico, das chuvas bem distribuídas e a baixa incidência de pragas e doenças.

No Ceará, a estimativa de área para plantio é 2,9% superior ao semeado na safra passada, totalizando 425,3 mil hectares. Os produtores investiram na semeadura de milho devido ao bom regime de chuvas, que se traduziu em boa produtividade nas lavouras



estaduais.

No Rio Grande do Norte, a produção de milho é insuficiente para atender a necessidade de consumo do estado. Para 2018, as estimativas apontam que a produção será de 19,3 mil toneladas, representando incremento de 89,2% em relação à safra anterior. As condições climáticas até então apresentadas são melhores que as da safra anterior e estimularam o aumento de 40% na área semeada e de 35,9% na produtividade. O levantamento indica que serão cultivados 40,9 mil hectares de milho.

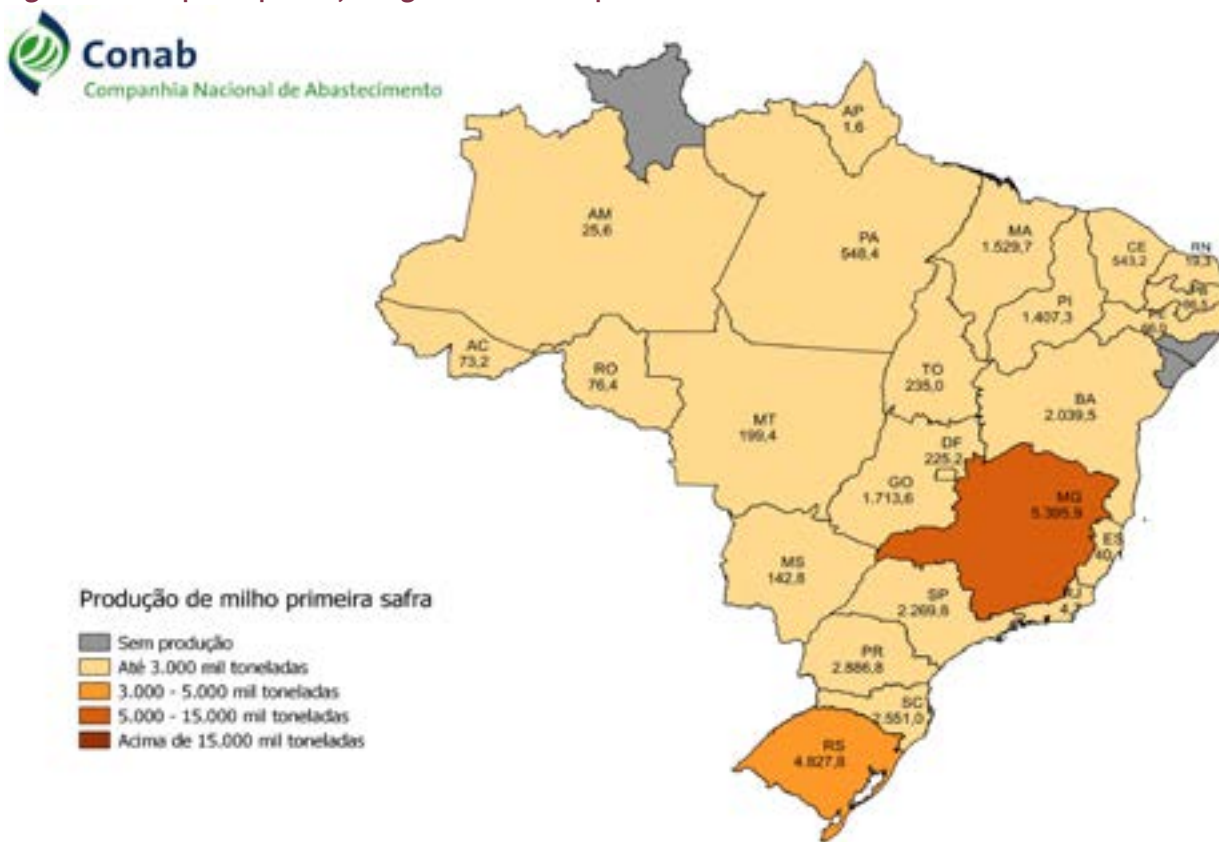
Na Paraíba, a cultura vem reduzindo sua área plantada em virtude das severas condições climáticas nas cinco últimas safras, com drásticos prejuízos na produtividade. Na safra passada foram plantados 86,5 mil hectares que, por insuficiência de chuvas, apresentou produtividades de apenas 446 kg/ha. Na presente safra, a melhora no regime de chuvas, com registros dentro da média histórica, influenciou o aumento da expectativa de plantio para 109,5 mil hectares nessa safra e expectativa de produtividade de 875 kg/ha.

Em Pernambuco, devido ao forte incremento de área e o bom rendimento das lavouras, proporcionado pela normalização do clima, bastante superior ao da safra passada, produziram um forte incremento na produção do cereal no estado. Na Bahia, o cultivo acontece em todas as regiões produtoras e ocupa 380,3 mil hectares, com a expectativa de produzir 2.039,5 mil toneladas. A produção esperada cresce 38,2% em relação à última safra, impulsionada principalmente pelas boas chuvas em todo o estado.

Na Região Sudeste, a estimativa também é de redução na área plantada, cerca de 8,2% inferior à safra anterior. Com produtividades melhores do que a safra passada, a produção da região deve atingir 7,7 milhões de toneladas.

Na Região Sul, maior produtora do milho primeira safra do país, a cultura apresentou a maior redução percentual na área plantada (19,6%), estimada agora em 1.377,4 mil hectares, contra os 1.712,9 mil hectares da safra passada. Com produtividades impactadas pela redução das precipitações, a produção deve atingir 10,3 milhões de toneladas, com uma queda de 26,6%.

Figura 21 – Mapa da produção agrícola – Milho primeira safra



Fonte: Conab.



Quadro 8 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho primeira safra

UF	Mesorregiões	Milho primeira safra													
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT
PA	Sudeste Paraense		P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Maranhense				P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C				
MA	Sul Maranhense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Norte Piauiense					P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense				P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C				
	Sudeste Piauiense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
CE	Noroeste Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Norte Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sertões Cearenses						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Jaguaribe						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Centro-Sul Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Sul Cearense						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
	Oeste Potiguar						P/G	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
RN	Agreste Potiguar							P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sertão Paraíba							PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C		
PB	Agreste Paraíba							P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sertão Pernambucano							PP	P/G/DV	F/FR	FR/M	M/C	C		
BA	Extremo Oeste Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Vale São-Franciscano da Bahia			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Norte Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Centro Sul Baiano			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
MT	Sudeste Mato-grossense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
GO	Centro Goiano			PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C					
	Leste Goiano			PP	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C					
	Sul Goiano			PP	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
DF	Distrito Federal		PP	P/G	P/G/DV	DV/F	FR/M	M/C	C						
MG	Noroeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Metropolitana de Belo Horizonte		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Oeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Sul/Sudoeste de Minas		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Campo das Vertentes		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
	Zona da Mata		P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C					
SP	São José do Rio Preto		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Ribeirão Preto		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Bauru		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Campinas		P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Itapetininga	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Macro Metropolitana Paulista	PP	P/G	G/DV	DV	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro Ocidental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
PR	Norte Central Paranaense	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Norte Pioneiro Paranaense	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro Oriental Paranaense	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sudoeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Centro-Sul Paranaense	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Sudeste Paranaense	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
SC	Metropolitana de Curitiba	P/G	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C						
	Oeste Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C							
	Norte Catarinense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
	Serrana	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C							
RS	Vale do Itajaí	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Noroeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C	C						
	Nordeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
	Centro Ocidental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C	C						
	Centro Oriental Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C	C						
	Metropolitana de Porto Alegre	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C						
Sudeste Rio-grandense	P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	C							

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado.



Tabela 29 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho primeira safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
311,8	293,8	(5,8)	3.194	3.268	2,3	996,0	960,2	(3,6)	(3,4)
40,2	31,0	(22,9)	2.661	2.466	(7,3)	107,0	76,4	(28,6)	(28,6)
34,9	31,0	(11,2)	2.350	2.360	0,4	82,0	73,2	(10,7)	(10,7)
12,2	10,0	(18,0)	2.526	2.560	1,3	30,8	25,6	(16,9)	(4,2)
1,7	1,6	(5,3)	962	988	2,7	1,6	1,6	-	-
176,9	167,0	(5,6)	3.142	3.284	4,5	555,8	548,4	(1,3)	(1,5)
45,9	53,2	16,0	4.766	4.417	(7,3)	218,8	235,0	7,4	6,8
1.806,6	1.932,9	7,0	2.469	2.945	19,3	4.460,8	5.691,5	27,6	24,4
292,8	315,6	7,8	4.240	4.847	14,3	1.241,5	1.529,7	23,2	23,9
418,2	425,3	1,7	3.037	3.309	9,0	1.270,1	1.407,3	10,8	10,8
514,0	528,9	2,9	815	1.027	26,0	418,9	543,2	29,7	28,6
29,2	40,9	40,0	348	473	35,9	10,2	19,3	89,2	89,2
86,5	105,9	22,4	446	817	83,2	38,6	86,5	124,1	148,2
84,1	136,0	61,7	74	485	555,4	6,2	66,0	964,5	1.019,4
381,8	380,3	(0,4)	3.864	5.363	38,8	1.475,3	2.039,5	38,2	27,4
350,0	284,7	(18,7)	8.060	8.012	(0,6)	2.821,0	2.281,0	(19,1)	(18,8)
33,4	27,2	(18,6)	7.676	7.331	(4,5)	256,4	199,4	(22,2)	(22,2)
28,0	15,5	(44,6)	9.340	9.212	(1,4)	261,5	142,8	(45,4)	(45,4)
260,0	214,2	(17,6)	8.000	8.000	-	2.080,0	1.713,6	(17,6)	(17,6)
28,6	27,8	(2,8)	7.800	8.100	3,8	223,1	225,2	0,9	4,7
1.301,2	1.193,4	(8,3)	6.295	6.461	2,6	8.191,5	7.710,5	(5,9)	(5,7)
909,4	825,7	(9,2)	6.374	6.535	2,5	5.796,5	5.395,9	(6,9)	(6,9)
13,2	13,4	1,5	2.832	2.995	5,8	37,4	40,1	7,2	7,2
2,7	2,5	(6,9)	2.332	1.898	(18,6)	6,3	4,7	(25,4)	28,6
375,9	351,8	(6,4)	6.255	6.452	3,1	2.351,3	2.269,8	(3,5)	(3,1)
1.712,9	1.377,4	(19,6)	8.169	7.453	(8,8)	13.992,7	10.265,6	(26,6)	(26,6)
507,7	330,0	(35,0)	9.243	8.748	(5,4)	4.692,7	2.886,8	(38,5)	(38,5)
400,3	319,0	(20,3)	8.152	7.997	(1,9)	3.263,2	2.551,0	(21,8)	(21,8)
804,9	728,4	(9,5)	7.500	6.628	(11,6)	6.036,8	4.827,8	(20,0)	(20,0)
2.118,4	2.226,7	5,1	2.576	2.987	16,0	5.456,8	6.651,7	21,9	19,3
3.364,1	2.855,5	(15,1)	7.433	7.094	(4,6)	25.005,2	20.257,1	(19,0)	(18,9)
5.482,5	5.082,2	(7,3)	5.556	5.295	(4,7)	30.462,0	26.908,8	(11,7)	(12,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.

9.1.7.2. MILHO SEGUNDA SAFRA

A semeadura do milho segunda safra é altamente dependente da velocidade da colheita da soja, tendo em vista que, na grande maioria dos estados, o cultivo é feito em sucessão. O atraso no início do plantio da soja postergou a época de colheita da oleaginosa e encurtou a janela ideal de semeadura do milho, fazendo com que parte da safra fosse semeada fora da janela ideal de plantio.

Os baixos preços, no momento da tomada de decisão do produtor, trouxeram duas consequências para a oferta do cereal. A primeira foi a redução na área semeada, agora estimada em 11,5 milhões de hectares, redução de 4,2% frente à temporada 2016/17. A segun-

da foi a decisão do produtor, nos principais estados, em reduzir o pacote tecnológico utilizado na cultura, sobretudo no quesito sementes e nutrição, que combinado com a instabilidade hídrica, levou a uma importante redução nos níveis de produtividade, visto que a cultura teve seu potencial produtivo bastante afetado. Apesar de a temperatura não ter alcançado valores tão elevados ao longo de junho, o déficit hídrico foi bem relevante no Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul, em parte de Minas Gerais, Goiás e nas regiões produtoras do Maranhão, Piauí e Tocantins, que reduziu a produtividade média nacional em 12,8% em relação à última safra. A estimativa neste levantamento é que o país colha, em média, 4.850 kg/ha nessa safra, ante



aos 5.564 kg/ha, na safra 2016/17.

Na Região Norte permanece a estimativa de diminuição na área plantada, agora em 4,8%, comparada com o ocorrido na safra passada. A produtividade média deve sofrer um recuo de 2,6% nessa safra, estimada em 4.144 kg/ha, resultando numa produção de 1,58 milhão de toneladas.

Em Roraima, o plantio da safra 2017/18 foi finalizado nas áreas de produção empresarial, sendo confirmados 9,6 mil hectares cultivados, superando em 26,4% a área de 2016/17. O aumento na área empresarial tem relação com a alta dos preços e também pelo fato de que incorporou áreas com cerca de três anos produzindo soja.

Em Rondônia, a área cultivada está estimada em 151,4 mil hectares, com produtividade aproximada de 4.586 kg/ha, resultando na produção de 694,3 mil toneladas. Atualmente o estágio da cultura é de 5% em enchimento de grãos, 63% maturação e pronto para ser colhido, 32%. Na prática os produtores tendem a deixar o milho no campo e colher mais adiante, pois a probabilidade de ocorrência de chuva reduz à medida que o tempo passa e este tende a perder umidade. No Pará, que apresentou redução na área plantada e instabilidade do clima, o milho segunda safra, plantado no polo de Paragominas deverá começar a ser colhido a partir de julho.

Em Tocantins, a expectativa inicial era de uma redução expressiva na área cultivada com milho na segunda safra devido ao atraso do plantio da soja. Porém, com as boas condições pluviométricas no final de fevereiro e março, os produtores alimentaram a esperança de que essa condição perdurasse até a fase de enchimento de grãos. Assim, o plantio foi realizado até um pouco mais tarde da janela ideal para o estado, sendo este fato registrado em praticamente todas as regiões produtoras do estado. Como a situação envolve um risco maior, houve por parte dos produtores, redução de investimentos em insumos e aumento no registro de utilização de semente própria. O decréscimo dos volumes de chuva, a partir da segunda quinzena de abril, e a quase completa ausência delas em maio, comprometeram os índices de produtividade da cultura de milho.

A Região Nordeste também registrou redução na área semeada, agora estimada em 5,3%, quando comparada à safra anterior. Com produtividade média de 2.405 kg/ha, a produção deve ser de 1,81 milhão de toneladas.

No Maranhão permanecem inalteradas as previsões quanto à possibilidade de perdas significativas nas

produtividades desse cereal, tanto na área plantada que deve apresentar redução de 13,3% em relação à safra anterior, diminuindo de 198,9 mil hectares para 172,4 mil hectares cultivados.

No Piauí ocorreu um aumento de área na ordem de 28,4% em relação à safra passada, totalizando uma área de 63,2 mil hectares. Conforme previsto, o plantio se iniciou a partir de 15 de fevereiro nos municípios de Uruçuí e Baixa Grande do Ribeiro e no final de fevereiro e início de março nos demais municípios. O plantio se estendeu até o final de março na maior parte das áreas, com exceção de algumas regiões no município de Baixa Grande do Ribeiro, onde o plantio avançou até o início de abril. As últimas chuvas que ocorreram na região, com boa intensidade e de abrangência geral, foram ainda na primeira quinzena de abril, após isso, apenas chuvas isoladas e de baixíssimo volume, o que prejudicou o desenvolvimento da cultura, diminuindo, consequentemente a produtividade devido ao estresse hídrico. A colheita se iniciou no final de junho em 5% da área plantada. A expectativa de produtividade é de 2.236 kg/ha, correspondendo a uma redução de 5,4% em relação à safra passada.

A Região Sudeste apresentou incremento de 5,1% na área plantada, com os produtores animados com os preços em franca recuperação por ocasião do plantio. Uma combinação de elevadas temperaturas com ausência de chuvas, em períodos críticos da lavoura, comprometeu os níveis de produtividades, afetando a produção. Em Minas Gerais, a área está estimada em 341,9 mil hectares, menor em 4,4% em comparação com a safra anterior em razão dos altos custos de produção e principalmente pelo atraso da colheita das culturas de verão. O clima não favoreceu as lavouras plantadas a partir de meados de março, cujo desenvolvimento ficou comprometido em razão de prolongado período sem chuvas após a semeadura. Em algumas situações, os produtores destinaram as lavouras para silagem por não considerar viável a colheita. A colheita foi iniciada em alguns municípios, mas é ainda incipiente, podendo se estender até setembro em razão das diversas fases de desenvolvimento. Com a produtividade média estimada em 5.238 kg/ha, a produção poderá atingir 1.790,9 mil toneladas.

Em São Paulo, grande parte do plantio do milho segunda safra é realizado na região sudoeste do estado, que foi bastante prejudicado pela ausência de chuvas em estágios importantes das lavouras, obrigando o uso intensivo de pivôs para garantir níveis de produtividades aceitáveis. Nas demais regiões do estado, onde o plantio é realizado quase que exclusivamente em áreas de sequeiro, está previsto, em função do quadro climático descrito, maiores comprometimento das lavouras, esperando-se acentuada redução na



produtividade, quando comparada com o exercício anterior. Aproximadamente 20% da área já foi colhida.

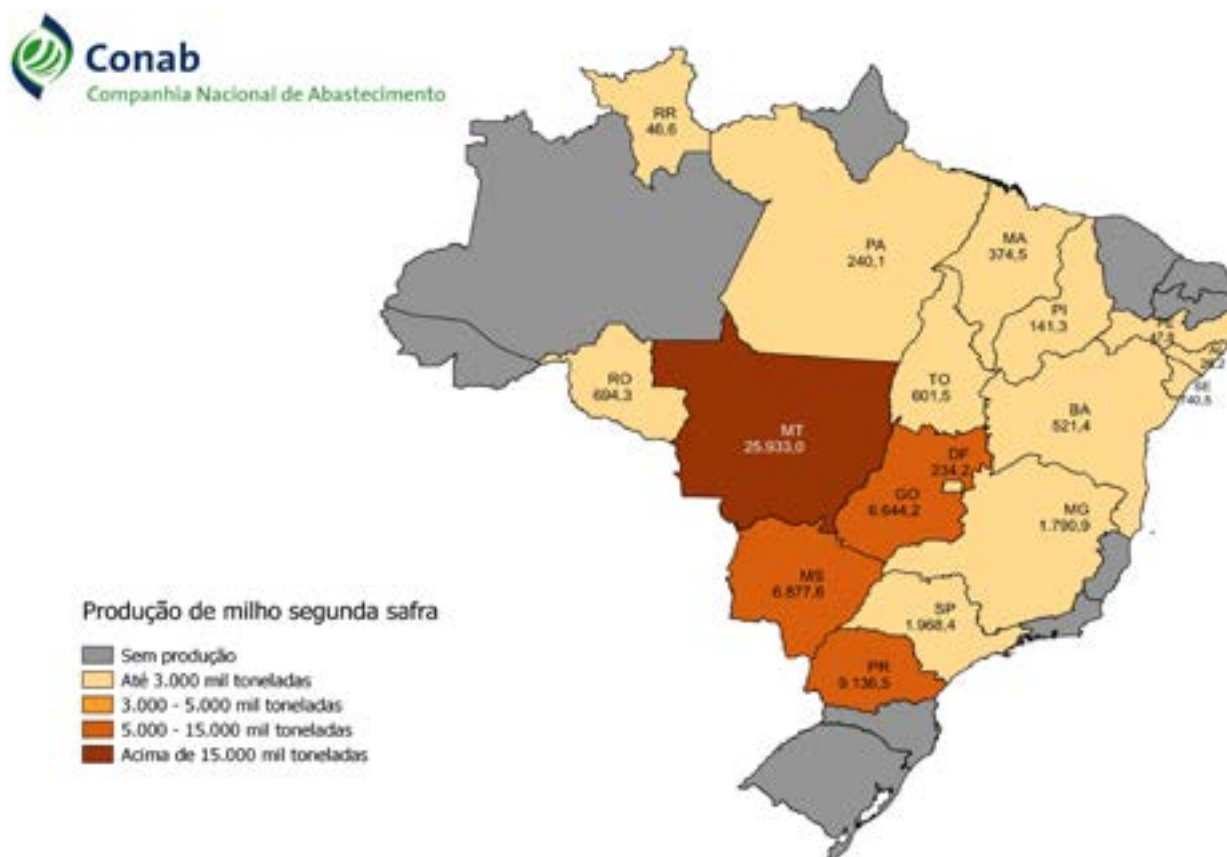
Na Região Sul, o baixo desempenho da lavoura foi afetado pela combinação da redução na área plantada com os efeitos climáticos no Paraná, a colheita está iniciando no Estado, sendo que da área de 2.131.648ha plantada, 2% está colhida. Porém, a colheita ganhará volume a partir da metade do mês de julho, podendo se estender até setembro.

A produtividade é de 4.285kg/ha, o que representa uma redução de 21,5% em relação à safra anterior. Esta redução se deve à estiagem no plantio e durante

o desenvolvimento vegetativo da planta. Com a chuva ocorrida em junho, algumas lavouras tiveram uma pequena melhora, mas não foi o suficiente para recuperar o potencial produtivo delas, que estão sendo consideradas regulares.

Outro fator climático que prejudicou algumas lavouras foi o vento forte, que resultou em acamamento de aproximadamente 30% das lavouras do oeste do Paraná e poderá prejudicar o ganho de peso dos grãos. Estima-se que 20% da produção já esteja comercializada pelos produtores. A menor oferta prevista para este ciclo, devido às condições climáticas tem dado sustentação às cotações do produto.

Figura 22 – Mapa da produção agrícola – Milho segunda safra



Fonte: Conab.



Quadro 9 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Milho segunda safra

UF	Mesorregiões	Milho segunda safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense - RO					P	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
TO	Oriental do Tocantins - TO						P	DV	F/FR	FR/M	M/C	C	
MA	Sul Maranhense - MA						P	DV	F/FR	FR/M	M/C	C	
PE	Agreste Pernambucano	M/C	C							P/G	G/DV	DV/F/FR	FR/M
BA	Nordeste Baiano - BA	M/C	C						P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	DV/F/FR	FR/M	M/C	C	C
	Leste de Mato Grosso do Sul - MS					PP	G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul - MS					P	G/DV	DV/F	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C
MT	Norte Mato-grossense - MT					P	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Nordeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
	Sudeste Mato-grossense - MT					PP	P/G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
GO	Leste Goiano - GO					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	FR/M/C	C	
	Sul Goiano - GO					P	G/DV	DV/F	FR	FR/M	M/C	C	
MG	Noroeste de Minas - MG						P	DV	F/FR	FR	FR/M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba - MG						P	DV	F/FR	FR	FR/M/C	C	
SP	Assis - SP						P	DV	F/FR	FR	FR/M/C	C	C
	Itapetininga - SP						P	DV	F/FR	FR	FR/M/C	C	C
PR	Noroeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV/F	FR	FR/M	FR/M/C	C	C
	Centro Ocidental Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C
	Norte Central Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C
	Norte Pioneiro Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C
	Oeste Paranaense - PR					PP	G/DV	DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	C	C

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.



Tabela 30 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho segunda safra

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	401,2	381,9	(4,8)	4.253	4.144	(2,6)	1.706,1	1.582,5	(7,2)
RR	7,6	9,6	26,4	6.000	4.857	(19,1)	45,6	46,6	2,2
RO	156,9	151,4	(3,5)	4.385	4.586	4,6	688,0	694,3	0,9
PA	81,4	69,0	(15,2)	3.549	3.480	(1,9)	288,9	240,1	(16,9)
TO	155,3	151,9	(2,2)	4.402	3.960	(10,0)	683,6	601,5	(12,0)
NORDESTE	796,3	759,7	(4,6)	2.789	2.437	(12,6)	2.220,7	1.851,7	(16,6)
MA	198,9	172,4	(13,3)	3.572	2.172	(39,2)	710,5	374,5	(47,3)
PI	49,2	63,2	28,4	2.363	2.236	(5,4)	116,3	141,3	21,5
PE	73,9	79,7	7,9	654	600	(8,3)	48,3	47,8	(1,0)
AL	37,2	37,2	-	674	705	4,6	25,1	26,2	4,4
SE	172,0	176,3	2,5	4.721	4.200	(11,0)	812,0	740,5	(8,8)
BA	265,1	230,9	(12,9)	1.918	2.258	17,7	508,5	521,4	2,5
CENTRO-OESTE	7.664,7	7.459,4	(2,7)	6.008	5.321	(11,4)	46.052,7	39.689,0	(13,8)
MT	4.605,7	4.471,2	(2,9)	6.212	5.800	(6,6)	28.610,6	25.933,0	(9,4)
MS	1.759,9	1.719,4	(2,3)	5.460	4.000	(26,7)	9.609,1	6.877,6	(28,4)
GO	1.260,7	1.230,4	(2,4)	6.000	5.400	(10,0)	7.564,2	6.644,2	(12,2)
DF	38,4	38,4	-	7.000	6.100	(12,9)	268,8	234,2	(12,9)
SUDESTE	837,7	880,6	5,1	5.081	4.269	(16,0)	4.256,3	3.759,3	(11,7)
MG	357,6	341,9	(4,4)	4.822	5.238	8,6	1.724,3	1.790,9	3,9
SP	480,1	538,7	12,2	5.274	3.654	(30,7)	2.532,0	1.968,4	(22,3)
SUL	2.409,3	2.132,2	(11,5)	5.456	4.285	(21,5)	13.145,1	9.136,5	(30,5)
PR	2.409,3	2.132,2	(11,5)	5.456	4.285	(21,5)	13.145,1	9.136,5	(30,5)
NORTE/NORDESTE	1.197,5	1.141,6	(4,7)	3.279	3.008	(8,3)	3.926,8	3.434,2	(12,5)
CENTRO-SUL	10.911,7	10.472,2	(4,0)	5.815	5.021	(13,7)	63.454,1	52.584,7	(17,1)
BRASIL	12.109,2	11.613,8	(4,1)	5.564	4.823	(13,3)	67.380,9	56.019,0	(16,9)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.



9.1.7.3. MILHO TOTAL

Figura 23 – Mapa da produção agrícola – Milho total (primeira e segunda safras)



Fonte: Conab.



Tabela 31 – Comparativo de área, produtividade e produção – Milho total

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	713,0	675,7	(5,2)	3.790	3.763	(0,7)	2.702,1	2.542,8	(5,9)
RR	7,6	9,6	26,3	6.000	4.857	(19,1)	45,6	46,6	2,2
RO	197,1	182,4	(7,5)	4.033	4.226	4,8	795,0	770,8	(3,0)
AC	34,9	31,0	(11,2)	2.350	2.360	0,4	82,0	73,2	(10,7)
AM	12,2	10,0	(18,0)	2.526	2.560	1,3	30,8	25,6	(16,9)
AP	1,7	1,6	(5,9)	962	988	2,7	1,6	1,6	-
PA	258,3	236,0	(8,6)	3.270	3.341	2,2	844,7	788,5	(6,7)
TO	201,2	205,1	1,9	4.485	4.079	(9,1)	902,4	836,5	(7,3)
NORDESTE	2.602,9	2.692,6	3,4	2.567	2.801	9,1	6.681,3	7.543,2	12,9
MA	491,7	488,0	(0,8)	3.970	3.902	(1,7)	1.951,9	1.904,2	(2,4)
PI	467,4	488,5	4,5	2.966	3.170	6,9	1.386,3	1.548,6	11,7
CE	514,0	528,9	2,9	815	1.027	26,0	418,9	543,2	29,7
RN	29,2	40,9	40,1	348	473	35,9	10,2	19,3	89,2
PB	86,5	105,9	22,4	446	817	83,2	38,6	86,5	124,1
PE	158,0	215,7	36,5	345	527	52,8	54,6	113,8	108,4
AL	37,2	37,2	-	674	705	4,6	25,1	26,2	4,4
SE	172,0	176,3	2,5	4.721	4.200	(11,0)	812,0	740,5	(8,8)
BA	646,9	611,2	(5,5)	3.067	4.190	36,6	1.983,7	2.560,9	29,1
CENTRO-OESTE	8.014,7	7.744,1	(3,4)	6.098	5.420	(11,1)	48.873,7	41.970,0	(14,1)
MT	4.639,1	4.498,4	(3,0)	6.223	5.809	(6,6)	28.867,0	26.132,4	(9,5)
MS	1.787,9	1.734,9	(3,0)	5.521	4.047	(26,7)	9.870,6	7.020,4	(28,9)
GO	1.520,7	1.444,6	(5,0)	6.342	5.786	(8,8)	9.644,2	8.357,8	(13,3)
DF	67,0	66,2	(1,2)	7.341	6.940	(5,5)	491,9	459,4	(6,6)
SUDESTE	2.138,9	2.074,0	(3,0)	5.820	5.530	(5,0)	12.447,9	11.469,8	(7,9)
MG	1.267,0	1.167,6	(7,8)	5.936	6.155	3,7	7.520,9	7.186,8	(4,4)
ES	13,2	13,4	1,5	2.832	2.995	5,8	37,4	40,1	7,2
RJ	2,7	2,5	(7,4)	2.332	1.898	(18,6)	6,3	4,7	(25,4)
SP	856,0	890,5	4,0	5.705	4.759	(16,6)	4.883,3	4.238,2	(13,2)
SUL	4.122,2	3.509,6	(14,9)	6.583	5.528	(16,0)	27.137,8	19.402,1	(28,5)
PR	2.917,0	2.462,2	(15,6)	6.115	4.883	(20,1)	17.837,8	12.023,3	(32,6)
SC	400,3	319,0	(20,3)	8.152	7.997	(1,9)	3.263,2	2.551,0	(21,8)
RS	804,9	728,4	(9,5)	7.500	6.628	(11,6)	6.036,8	4.827,8	(20,0)
NORTE/NORDESTE	3.315,9	3.368,3	1,6	2.830	2.994	5,8	9.383,4	10.086,0	7,5
CENTRO-SUL	14.275,8	13.327,7	(6,6)	6.196	5.465	(11,8)	88.459,4	72.841,9	(17,7)
BRASIL	17.591,7	16.696,0	(5,1)	5.562	4.967	(10,7)	97.842,8	82.927,9	(15,2)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.

9.1.8. SOJA

A área plantada de soja, nesta temporada, apresentou incremento de 3,7%, saindo de 33.909,4 mil hectares na safra 2016/17 para 35.151,4 mil hectares, na atual. A produção deverá atingir 118.885,8 mil toneladas, contra 114.075,3 mil observadas na safra passada, representando um aumento de 4,2%.

Na Região Norte, praticamente todas as áreas já foram colhidas, restando, principalmente, aquelas em que houve o plantio de uma segunda safra de soja ou em estados que se localizam acima da linha do Equador e seguem o calendário de plantio do Hemisfério Norte.

Em Rondônia, a área cultivada com soja de primeira safra atingiu 313,4 mil hectares. A produtividade alcançou 3.324 kg/ha devido a alguns fatores, tais como: quantitativo e distribuição de chuvas melhor do que na safra passada; o tamanho dos talhões nas propriedades estaduais são menores, isso faz com que o monitoramento de pragas e doenças seja mais preciso, as aplicações ocorrem no momento exato, sem atrasos e com reduzida interferência das chuvas; as lavouras em sua maior parte são circundadas por florestas ou outro tipo de vegetação nativa, que abriga uma diversidade de inimigos naturais promovendo melhor sanidade às lavouras. Com o advento da soja safrinha, a semeadura ocorreu entre a segunda quinzena de



janeiro e fevereiro, com a colheita em junho. A área de soja da segunda safra é de 23,9 mil hectares e a produtividade está sendo estimada em 2.636 kg/ha, totalizando uma produção de 63,1 toneladas.

No Pará, a soja produzida no sul do estado já foi toda colhida e comercializada. No polo de Paragominas, que responde por algo próximo de 55% da produção, foram colhidos 95% da soja. O destino dessa soja é o mercado estrangeiro.

Em Tocantins, a cultura apresentou incremento na área de 2,7% em relação à safra passada, a despeito da grande frustração na safra 2015/16, e também em algumas regiões na safra 2016/17, causando elevado comprometimento financeiro entre os produtores. As chuvas foram bastante regulares em praticamente todo o estado nesta safra, e a produtividade está estimada ter um incremento de 9,4% em relação ao ano passado. Com relação à soja subirrigada, o plantio foi iniciado em fins de junho e teve sua prorrogação autorizada devido ao atraso na colheita do arroz irrigado e condições de excesso de umidade no solo em algumas regiões. A cultura se encontra na fase de desenvolvimento vegetativo, florescimento e frutificação.

Figura 24 - Lavoura de soja em Formoso do Araguaia – TO



Fonte: Conab.

Figura 25 - Lavoura de soja em Lagoa da Confusão - TO



Fonte: Conab.

No Maranhão foi finalizada a colheita da oleaginosa em toda as regiões produtoras acompanhadas durante o levantamento, com destaque para algumas áreas que evidenciaram de forma pontual produtividades médias de 3.125 kg/ha. Esse cenário positivo nas lavouras de soja foi favorecido principalmente pelas condições climáticas extremamente favoráveis.

No Piauí, as boas condições do clima possibilitaram excelente resultados nos rendimentos alcançados no encerramento da colheita. A produção esperada deverá alcançar 2.536,5 mil toneladas, representando aumento de 23,8% em relação ao último exercício.

Na Bahia, a área de cultivo atingiu 1.602,5 mil hectares, representando aumento de 1,4% em relação à área da safra anterior e produtividade de 3.720 kg/ha, atingindo a produção de 5.961,3 mil toneladas. Essas estimativas de crescimento ocorreram devido às condições climáticas favoráveis durante todo o ciclo da lavoura.

Na Região Centro-Oeste, principal região produtora do país, a área plantada apresentou incremento de 3% em relação ao exercício anterior e a produção deve ser 7,5% maior que o da safra passada.

Em Mato Grosso, devido a fatores tais como o clima favorável, melhorias no uso de sementes e o plantio em momento propício no que diz respeito ao calendário agrícola, a produtividade média alcançou 3.394 kg/ha em Mato Grosso, patamar 3,7% superior aos 3.273 kg/ha obtidos no último ciclo. Nesse contexto, Mato Grosso colheu a maior produção já registrada, de 32,3 milhões de toneladas em 2017/18, com avanço de 5,9% em relação às 30,5 milhões obtidas no último ciclo.

Em Mato Grosso do Sul, o ciclo da cultura já está praticamente encerrado, faltando apenas concluir a comercialização que se encontra em torno de 78% do total produzido, mesmo considerando as poucas operações de venda em junho. A produtividade média desta safra foi recorde, atingindo 3.580 kg/ha.

Em Goiás, a lavoura apresentou bom desempenho graças ao comportamento do clima durante os estágios mais sensíveis da planta. A produtividade média foi estimada em 3.480 kg/ha e a produção atingiu 11.785,7 mil toneladas, apresentando incremento de 8,9% em relação à safra passada.

Na Região Sudeste, a área plantada apresentou incremento de 5%, comparada com o exercício anterior, e a produção deverá ser 9,7% superior à registrada na última safra. Em São Paulo e Minas Gerais, o desempenho das lavouras superou as expectativas em virtude do bom comportamento do clima.



Na Região Sul, com a colheita finalizada nos principais estados produtores, a forte redução na produtividade, bastante afetada pelas adversidades do clima em toda a região, fez com que a produção atingisse 38,6 milhões de toneladas.

No Paraná crescimento de 4,1% em relação à safra passada, em detrimento, principalmente, do milho. A produtividade média de 3,508 kg/ha é a segunda maior da série histórica do estado e, se não fosse o excesso de chuvas, falta de luz e baixas temperaturas na fase de desenvolvimento vegetativo, poderia ter sido melhor ainda.

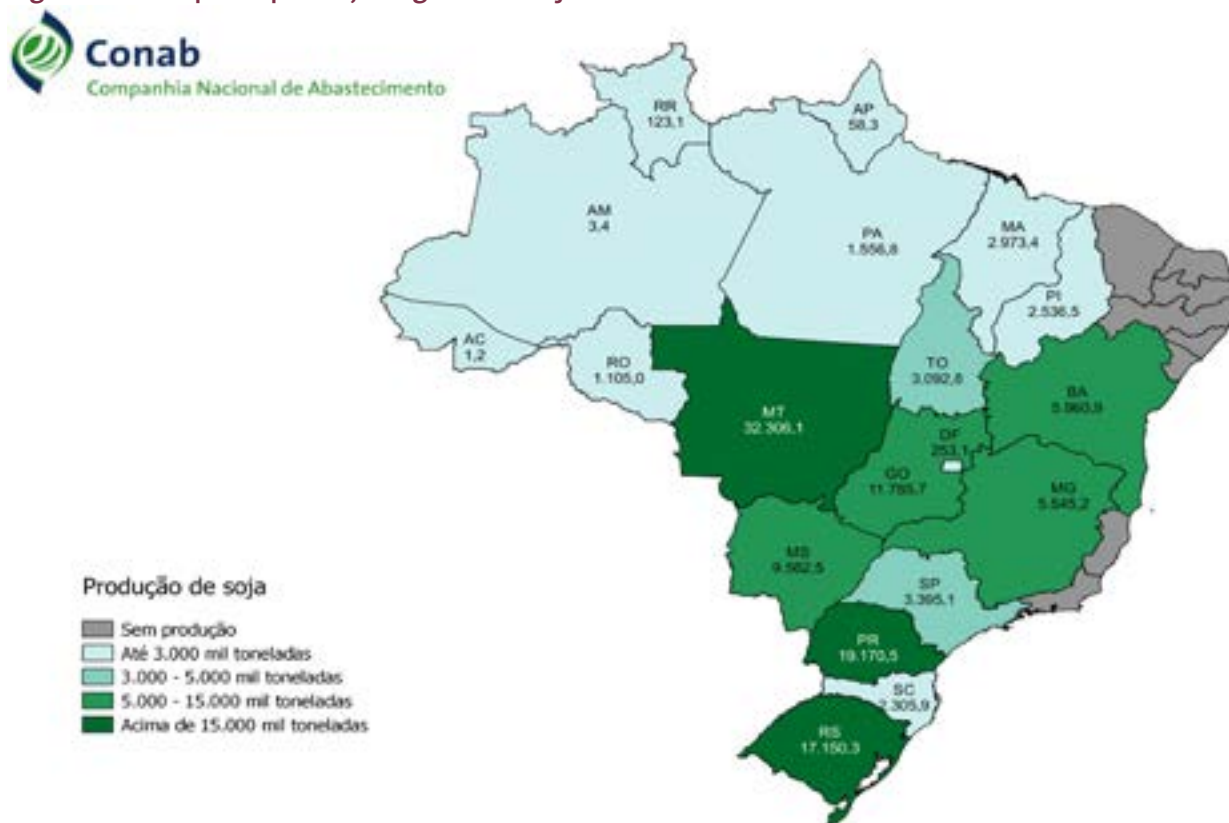
Os preços pagos ao produtor estavam com a cotação considerada baixa até início de fevereiro, quando chegou no menor patamar desde dezembro. A partir de então, os grãos começaram a valorizar constantemente. Atualmente 61% da safra está comercializada, con-

tra 44% na mesma data há um ano.

Em Santa Catarina, o clima favoreceu a operação de colheita, garantindo um produto de boa qualidade. Não houve alteração nos parâmetros de área semeada e produtividade em relação aos levantamentos anteriores. A área plantada total alcançou 678,2 mil hectares, 5,9% maior que a safra passada, enquanto que a produtividade recuou para 3.400 kg/ha, 5% menor que a safra anterior, resultando em uma produção de 2.305,9 mil toneladas ou 0,6% maior que a última safra.

No Rio Grande do Sul, a produtividade, apesar de bastante inferior ao da safra passada, uma vez que a lavoura foi bastante afetada pelos distintos cenários climáticos ocorridos entre a zona sul e região norte/noroeste do estado, fez com que ainda assim, a produção superasse 17 milhões de toneladas.

Figura 26 – Mapa da produção agrícola – Soja



Fonte: Conab.



Quadro 10 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura, nas principais regiões produtoras do país – Soja (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Amendoim primeira safra											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
RO	Leste Rondoniense		P	P/G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PA	Sudeste Paraense			PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C		
TO	Ocidental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
	Oriental do Tocantins		PP	P/G/DV	P/G/DV/F	DV/F/FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
MA	Sul Maranhense		PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
PI	Sudoeste Piauiense			P/G	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
BA	Extremo Oeste Baiano		PP	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C			
MT	Norte Mato-grossense	P/G	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Nordeste Mato-grossense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudeste Mato-grossense	PP	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
MS	Centro Norte de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Leste de Mato Grosso do Sul	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sudoeste de Mato Grosso do Sul	P/G	P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
GO	Leste Goiano		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Sul Goiano		P/G	DV	F	FR/M/C	M/C	C					
DF	Distrito Federal			P/G	DV/F	FR/M/C	FR/M/C	M/C	C				
MG	Noroeste de Minas		P	P/G	DV	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba		P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
SP	Itapetininga	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR/M	FR/M/C	M/C	C				
PR	Centro Ocidental Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Norte Central Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Norte Pioneiro Paranaense	PP	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro Oriental Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Oeste Paranaense	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C					
	Sudoeste Paranaense	P/G	G/DV	DV	DV/F	F/FR	FR/M/C	M/C	C				
	Centro-Sul Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudeste Paranaense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
SC	Oeste Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Norte Catarinense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Serrana		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
RS	Noroeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR/M	F/FR/M/C	FR/M/C	M/C	C			
	Nordeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Centro Ocidental Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			
	Sudoeste Rio-grandense		P	P/G	G/DV	DV/F/FR	F/FR	FR/M/C	M/C	C			

Legendas:

Baixa restrição - falta de chuvas
 Favorável
 Média restrição - falta de chuva
 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Fonte: Conab.



Tabela 32 – Comparativo de área, produtividade e produção – Soja

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	1.809,0	1.934,8	7,0	3.061	3.070	0,3	5.536,4	5.940,6	7,3
RR	30,0	40,0	33,3	3.000	3.077	2,6	90,0	123,1	36,8
RO	296,0	337,4	14,0	3.143	3.275	4,2	930,3	1.105,0	18,8
AC	-	0,6	-	-	2.055	-	-	1,2	-
AM	-	1,5	-	-	2.250	-	-	3,4	-
AP	18,9	20,2	6,9	2.878	2.884	0,2	54,4	58,3	7,2
PA	500,1	545,1	9,0	3.270	2.856	(12,7)	1.635,3	1.556,8	(4,8)
TO	964,0	990,0	2,7	2.932	3.124	6,5	2.826,4	3.092,8	9,4
NORDESTE	3.095,8	3.264,4	5,4	3.115	3.514	12,8	9.644,7	11.470,8	18,9
MA	821,7	951,5	15,8	3.010	3.125	3,8	2.473,3	2.973,4	20,2
PI	693,8	710,5	2,4	2.952	3.570	20,9	2.048,1	2.536,5	23,8
BA	1.580,3	1.602,4	1,4	3.242	3.720	14,7	5.123,3	5.960,9	16,3
CENTRO-OESTE	15.193,6	15.647,9	3,0	3.301	3.445	4,4	50.149,9	53.907,4	7,5
MT	9.322,8	9.518,6	2,1	3.273	3.394	3,7	30.513,5	32.306,1	5,9
MS	2.522,3	2.671,1	5,9	3.400	3.580	5,3	8.575,8	9.562,5	11,5
GO	3.278,5	3.386,7	3,3	3.300	3.480	5,5	10.819,1	11.785,7	8,9
DF	70,0	71,5	2,1	3.450	3.540	2,6	241,5	253,1	4,8
SUDESTE	2.351,4	2.469,2	5,0	3.467	3.621	4,4	8.151,5	8.940,3	9,7
MG	1.456,1	1.508,5	3,6	3.480	3.676	5,6	5.067,2	5.545,2	9,4
SP	895,3	960,7	7,3	3.445	3.534	2,6	3.084,3	3.395,1	10,1
SUL	11.459,6	11.835,1	3,3	3.542	3.264	(7,9)	40.592,8	38.626,7	(4,8)
PR	5.249,6	5.464,8	4,1	3.731	3.508	(6,0)	19.586,3	19.170,5	(2,1)
SC	640,4	678,2	5,9	3.580	3.400	(5,0)	2.292,6	2.305,9	0,6
RS	5.569,6	5.692,1	2,2	3.360	3.013	(10,3)	18.713,9	17.150,3	(8,4)
NORTE/NORDESTE	4.904,8	5.199,2	6,0	3.095	3.349	8,2	15.181,1	17.411,4	14,7
CENTRO-SUL	29.004,6	29.952,2	3,3	3.410	3.388	(0,6)	98.894,2	101.474,4	2,6
BRASIL	33.909,4	35.151,4	3,7	3.364	3.382	0,5	114.075,3	118.885,8	4,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.



Tabela 33 – Evolução de área entre as safras 2013/14 e 2017/18 – Soja

REGIÃO/UF	Área (em mil hectares)					
	Safra 13/14	Safra 14/15	Safra 15/16	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	(e/d)
NORTE	1.178,9	1.441,2	1.576,3	1.809,0	1.934,8	7,0
RR	18,0	23,8	24,0	30,0	40,0	33,3
RO	191,1	231,5	252,6	296,0	337,4	14,0
AC	-	-	-	-	0,6	-
AM	-	-	-	-	1,5	-
AP	-	-	-	18,9	20,2	6,9
PA	221,4	336,3	428,9	500,1	545,1	9,0
TO	748,4	849,6	870,8	964,0	990,0	2,7
NORDESTE	2.602,2	2.845,3	2.878,2	3.095,8	3.264,4	5,4
MA	662,2	749,6	786,3	821,7	951,5	15,8
PI	627,3	673,7	565,0	693,8	710,5	2,4
BA	1.312,7	1.422,0	1.526,9	1.580,3	1.602,4	1,4
CENTRO-OESTE	13.909,4	14.616,1	14.925,1	15.193,6	15.647,9	3,0
MT	8.615,7	8.934,5	9.140,0	9.322,8	9.518,6	2,1
MS	2.120,0	2.300,5	2.430,0	2.522,3	2.671,1	5,9
GO	3.101,7	3.325,0	3.285,1	3.278,5	3.386,7	3,3
DF	72,0	56,1	70,0	70,0	71,5	2,1
SUDESTE	1.989,9	2.116,2	2.326,9	2.351,4	2.469,2	5,0
MG	1.238,2	1.319,4	1.469,3	1.456,1	1.508,5	3,6
SP	751,7	796,8	857,6	895,3	960,7	7,3
SUL	10.492,7	11.074,1	11.545,4	11.459,6	11.835,1	3,3
PR	5.010,4	5.224,8	5.451,3	5.249,6	5.464,8	4,1
SC	542,7	600,1	639,1	640,4	678,2	5,9
RS	4.939,6	5.249,2	5.455,0	5.569,6	5.692,1	2,2
NORTE/NORDESTE	3.781,1	4.286,5	4.454,5	4.904,8	5.199,2	6,0
CENTRO-SUL	26.392,0	27.806,4	28.797,4	29.004,6	29.952,2	3,3
BRASIL	30.173,1	32.092,9	33.251,9	33.909,4	35.151,4	3,7

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.



Tabela 34 – Evolução de produtividade entre as safras 2013/14 e 2017/18 – Soja

REGIÃO/UF	Produtividade (em kg/ha)					
	Safra 13/14	Safra 14/15	Safra 15/16	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	(e/d)
NORTE	2.877	2.976	2.423	3.061	3.070	0,3
RR	3.120	2.685	3.300	3.000	3.077	2,6
RO	3.180	3.166	3.028	3.143	3.275	4,2
AC	-	-	-	-	2.055	-
AM	-	-	-	-	2.250	-
AP	-	-	-	2.878	2.884	0,2
PA	3.020	3.024	3.003	3.270	2.856	(12,7)
TO	2.751	2.914	1.937	2.932	3.124	6,5
NORDESTE	2.544	2.841	1.774	3.115	3.514	12,8
MA	2.754	2.761	1.590	3.010	3.125	3,8
PI	2.374	2.722	1.143	2.952	3.570	20,9
BA	2.520	2.940	2.103	3.242	3.720	14,7
CENTRO-OESTE	3.005	3.008	2.931	3.301	3.445	4,4
MT	3.069	3.136	2.848	3.273	3.394	3,7
MS	2.900	3.120	2.980	3.400	3.580	5,3
GO	2.900	2.594	3.120	3.300	3.480	5,5
DF	3.000	2.626	3.300	3.450	3.540	2,6
SUDESTE	2.520	2.775	3.255	3.467	3.621	4,4
MG	2.687	2.658	3.220	3.480	3.676	5,6
SP	2.246	2.970	3.316	3.445	3.534	2,6
SUL	2.792	3.071	3.047	3.542	3.264	(7,9)
PR	2.950	3.294	3.090	3.731	3.508	(6,0)
SC	3.030	3.200	3.341	3.580	3.400	(5,0)
RS	2.605	2.835	2.970	3.360	3.013	(10,3)
NORTE/NORDESTE	2.648	2.887	2.004	3.095	3.349	8,2
CENTRO-SUL	2.884	3.016	3.004	3.410	3.388	(0,6)
BRASIL	2.854	2.998	2.870	3.364	3.382	0,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.



Tabela 35– Evolução de produção entre as safras 2013/14 e 2017/18 – Soja

REGIÃO/UF	Produção (em mil toneladas)					
	Safra 13/14	Safra 14/15	Safra 15/16	Safra 16/17	Safra 17/18	VAR. %
	(a)	(b)	(c)	(d)	(e)	(e/d)
NORTE	3.391,3	4.289,5	3.818,9	5.536,4	5.940,6	7,3
RR	56,2	63,9	79,2	90,0	123,1	36,8
RO	607,7	732,9	765,0	930,3	1.105,0	18,8
AC	-	-	-	-	1,2	-
AM	-	-	-	-	3,4	-
AP	-	-	-	54,4	58,3	7,2
PA	668,6	1.017,0	1.288,0	1.635,3	1.556,8	(4,8)
TO	2.058,8	2.475,7	1.686,7	2.826,4	3.092,8	9,4
NORDESTE	6.620,9	8.084,1	5.107,1	9.644,7	11.470,8	18,9
MA	1.823,7	2.069,6	1.250,2	2.473,3	2.973,4	20,2
PI	1.489,2	1.833,8	645,8	2.048,1	2.536,5	23,8
BA	3.308,0	4.180,7	3.211,1	5.123,3	5.960,9	16,3
CENTRO-OESTE	41.800,5	43.968,6	43.752,6	50.149,9	53.907,4	7,5
MT	26.441,6	28.018,6	26.030,7	30.513,5	32.306,1	5,9
MS	6.148,0	7.177,6	7.241,4	8.575,8	9.562,5	11,5
GO	8.994,9	8.625,1	10.249,5	10.819,1	11.785,7	8,9
DF	216,0	147,3	231,0	241,5	253,1	4,8
SUDESTE	5.015,3	5.873,5	7.574,9	8.151,5	8.940,3	9,7
MG	3.327,0	3.507,0	4.731,1	5.067,2	5.545,2	9,4
SP	1.688,3	2.366,5	2.843,8	3.084,3	3.395,1	10,1
SUL	29.292,8	34.012,3	35.181,1	40.592,8	38.626,7	(4,8)
PR	14.780,7	17.210,5	16.844,5	19.586,3	19.170,5	(2,1)
SC	1.644,4	1.920,3	2.135,2	2.292,6	2.305,9	0,6
RS	12.867,7	14.881,5	16.201,4	18.713,9	17.150,3	(8,4)
NORTE/NORDESTE	10.012,2	12.373,6	8.926,0	15.181,1	17.411,4	14,7
CENTRO-SUL	76.108,6	83.854,4	86.508,6	98.894,2	101.474,4	2,6
BRASIL	86.120,8	96.228,0	95.434,6	114.075,3	118.885,8	4,2

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.

9.1.9. SORGO

A cultura do sorgo deverá ter uma área plantada de 656,7 mil hectares e uma produtividade de 2.837 kg/ha. O sorgo é uma cultura bastante resistente à seca e climas quentes e, por isso, muito utilizado em sucessão de culturas na segunda safra. Entretanto, observa-se que a escolha do sorgo pelo produtor varia muito em virtude do mercado, e seu plantio só é definido após a conclusão do plantio do milho segunda safra. Em Tocantins, para esta safra não houve crescimento de área cultivada, retração de 6,1% em relação à safra 2016/17. O motivo para a desaceleração do crescimento da cultura no estado é o resultado econômico, já que a cultura tem apresentado um resultado inferior ao do milho, por exemplo, e devido às produtividades alcançadas nas safras anteriores, que têm frustrado a expectativa dos agricultores.

As lavouras já se encontram em fase de maturação e início de colheita. A apreensão dos produtores se deve à redução drástica dos volumes precipitados, especialmente na segunda quinzena de abril e maio, que comprometerá a produtividade da cultura em todo o estado.

Na Bahia, as lavouras de sorgo foram cultivadas em 100,1 mil hectares, com a expectativa de produzir 98,2 mil toneladas, com previsão de rendimento médio de 981 kg/ha. Os grãos de sorgo são destinados às criações, nos cultivos conduzidos pela agricultura familiar e para as granjas (suínos e porcos) em substituição ao milho nos cultivos da agricultura empresarial. Os produtores estão distribuídos por todo o estado, havendo cultivo no extremo oeste, no centro-norte, no centro-sul e no Vale do São Francisco. No extremo oeste espera-se a produtividade de 1.380 Kg/ha em 39,1



mil hectares, com plantio em sucessão à lavoura de soja. As lavouras de sorgo se encontram em fase de frutificação e maturação.

No centro-norte, espera-se a produtividade de 720 kg/ha em 2.070 mil hectares. As plantas estão apresentando bom desenvolvimento, não havendo registro de danos devido a pragas e doenças ou pelo veranico ocorrido em janeiro. As condições climáticas para a cultura estão favoráveis devido a sua alta adaptação ao estresse hídrico. As lavouras estão em fase de maturação dos grãos e colheita.

No centro-sul e Vale do São Francisco, a severidade da restrição hídrica impactou na redução da expectativa da produção em 45%, reduzindo a produtividade média esperada de 1.200 Kg/ha para 660 kg/ha em 59 mil hectares. As lavouras estão em fase de maturação dos grãos e colheita.

Na Paraíba, em virtude de fatores econômicos, o produtor paraibano tradicionalmente explora o sorgo forrageiro, destinado à formação de silagem para consumo dos seus rebanhos. Essa cultura registrou na safra 2016/17 área de 1,3 mil hectares e produtividade média de 1.600 kg/ha. Do total da área plantada, têm-se 900 hectares realizado por empresa especializada na produção de sementes, com a utilização de pacote tecnológico avançado. Diante da frustração na qualidade das sementes ocorrida na safra passada, resultante do estresse hídrico na lavoura, a empresa na presente safra decidiu reduzir as áreas de cultivo, portanto, nesta safra, o total de área está em 1,1 mil hectares e, em razão da melhora no regime de chuvas, espera-se incremento na produtividade de 1.700 kg/ha.

No Piauí, a expectativa da área plantada de sorgo é de 16,5 mil hectares, representando um aumento na área de 44,3% em relação à safra 2016/17. Esse aumento se justifica, principalmente, pela substituição de área inicialmente planejada para o milho safrinha, já a produtividade prevista é de 1.620 kg/ha, inferior em 20,7% em relação à alcançada na safra anterior. Essa redução se justifica devido à suspensão das chuvas durante o ciclo de desenvolvimento das culturas de segunda safra.

No Rio Grande do Norte, a cultura do sorgo com dupla aptidão vem se tornando uma das principais alternativas de alimentos volumosos para os rebanhos, sobretudo os bovinos, já que a maior parte da produção da planta vai para ração animal (forragem). A área do sorgo forrageiro cresceu nesta safra, porém, como o levantamento considera somente o sorgo granífero, estima-se na presente safra uma área de 1,3 mil hectares em relação a 1,3 mil hectares da safra passada, ou

seja, retração de 0,5%. A produção estimada do grão será maior em 6,3% do que a safra 2017.

Em Mato Grosso, no atual ciclo, houve menor plantio de sorgo no estado devido à competição de espaço com outras culturas de segunda safra, tais como o milho e o feijão-caupi. Os 32 mil hectares de lavoura estadual estão, predominantemente, em floração e maturação. A previsão é que a colheita ocorra em junho e julho. A cultura, essencialmente, tem papel de cobertura vegetal.

Figura 27 - Lavoura de sorgo em Nova Mutum-MT



Fonte: Conab.

Em Mato Grosso do Sul, a estimativa de área a ser cultivada é de aproximadamente 7 mil hectares, uma redução de aproximadamente 9,1% em relação à safra anterior, com perspectiva de produtividade em torno de 3.300 kg/ha. Atualmente, aproximadamente 100% da área destinada à cultura já foi plantada e se encontra principalmente em desenvolvimento vegetativo e floração.

O sorgo é plantado nas regiões norte e nordeste do estado e muitos produtores plantam o cereal após a colheita da soja e plantio do milho segunda safra. Tal como o milho, a cultura tende a ter quebra de produtividade em decorrência do estresse hídrico.

Em Goiás, grande parte das áreas já estão na fase reprodutiva, com variedades de ciclo curto em torno de 125 a 130 dias. A maioria das áreas estão na fase de enchimento de grãos e outra menor parte está com as panículas em formação, ou seja, abertura. As lavouras têm boa sanidade devido aos materiais utilizados serem resistentes às doenças como antracnose e ferrugem. Em muitas áreas se observou as folhas enroladas devido à baixa quantidade de chuvas, sendo uma característica de latência, em que as plantas apresentam um mecanismo para não perder água. Embora a cultura apresente boa tolerância à falta de chuvas, mesmo assim ocorrerá uma redução na produtividade média geral do estado, 10,4% em relação à safra anterior.



Pelo fato do sorgo se apresentar mais tolerante à escassez de umidade no solo, vem sendo uma opção de cultivo de segunda safra no estado. A previsão de colheita para sorgo é a partir de julho ou agosto, com a prática da dessecação sendo realizada em torno de 45 dias antes da colheita.

Figura 28 - Lavoura de sorgo em Goiás



Fonte: Conab.

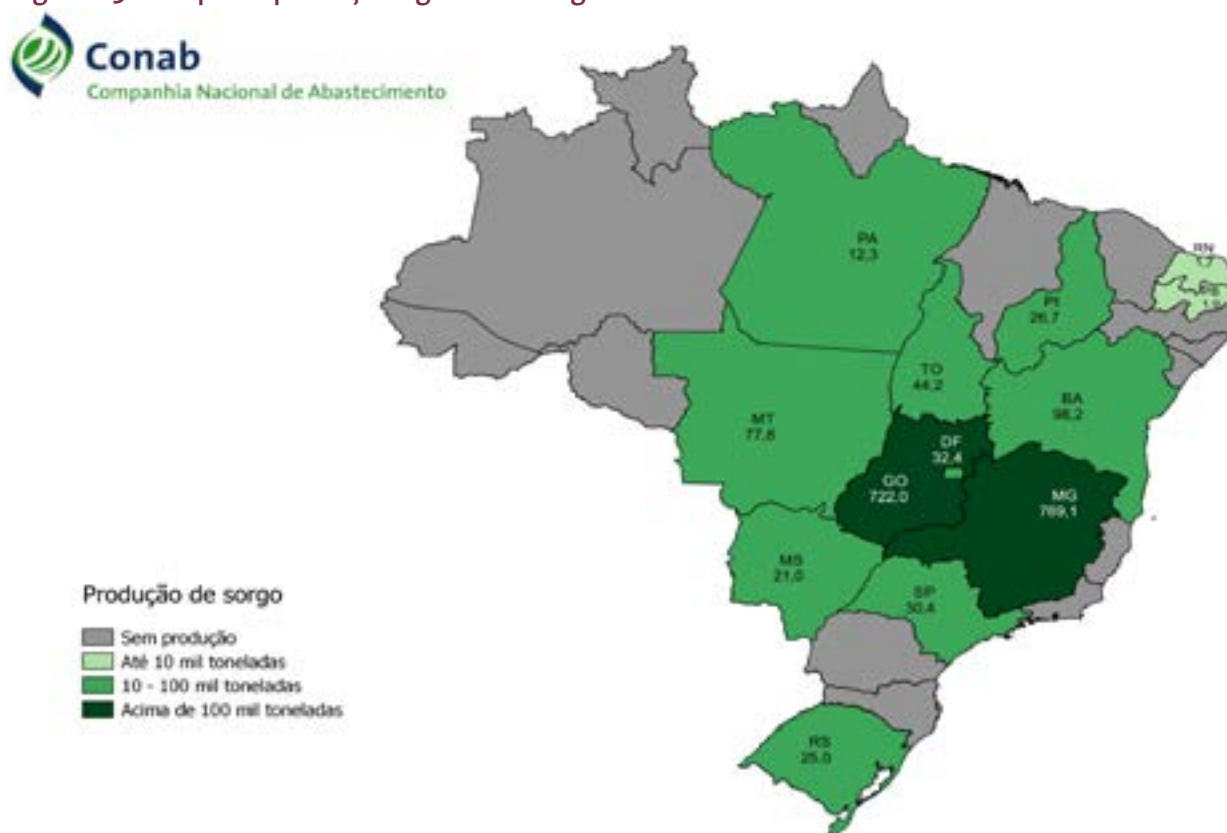
Em Minas Gerais, a área de sorgo segunda safra está estimada em 211,3 mil hectares, 15,4% superior à safra passada em razão do fechamento da janela de plantio para o milho segunda safra bem como da situação

de escassez de chuvas, melhor tolerada pelo sorgo. A produtividade inicialmente estimada para essa cultura é de 3.640 kg/ha, podendo resultar numa produção de 769,1 mil toneladas. Colheita prevista para julho e agosto.

Em São Paulo, o sorgo é bastante tolerante à seca em comparação com outros cereais. Ele também apresenta menor custo de produção e, além disso, o cultivo do sorgo fornece matéria residual rica em carbono e nitrogênio, para as culturas sucessivas. A estimativa aponta recuo na área de 1,9% nesse décimo levantamento. A produtividade deverá ter retração de 16% em relação à safra anterior devido à grande estiagem. Essa é uma cultura que suporta condições de estresse hídrico, o que permite período maior de cultivo. Esse cereal é bastante utilizado na alimentação animal e também humana, tendo sua demanda por investimentos significativamente menores que o de outras culturas. Isso representa uma opção de renda para os agricultores, tendo em vista um menor custo praticado.

O sorgo é o principal substituto do milho na fabricação de rações, o qual entra na cadeia produtiva de aves e suínos.

Figura 29 – Mapa da produção agrícola – Sorgo



Fonte: Conab.



Quadro 11 - Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Sorgo

UF	Mesorregiões	Sorgo											
		SET	OUT	NOV	DEZ	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO
TO	Oriental do Tocantins					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
PI	Sudoeste Piauiense					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
BA	Extremo Oeste Baiano					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Vale São-Franciscano da Bahia			P	P/G/DV	DV	DV/F	FR	M/C	C			
MS	Leste de Mato Grosso do Sul					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
MT	Nordeste Mato-grossense					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	C	
	Sudeste Mato-grossense					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	C	
	Norte Mato-grossense					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	C	
GO	Centro Goiano					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	C	
	Leste Goiano					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	C	
	Sul Goiano					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	C	
DF	Distrito Federal						P/G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	C	
MG	Noroeste de Minas					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
SP	Ribeirão Preto					P	P/G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas	 Favorável	 Média restrição - falta de chuva	 Baixa restrição - excesso de chuva
 Média restrição - Excesso de chuva			

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** Total ou parcialmente irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Fonte: Conab.

Tabela 36 – Comparativo de área, produtividade e produção – Sorgo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %	Safra 2016	Safra 2017	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORTE	29,4	31,7	7,8	1.889	1.783	(5,6)	55,5	56,5	1,8
PA	-	4,1	-		3.012	-	-	12,3	-
TO	29,4	27,6	(6,1)	1.889	1.600	(15,3)	55,5	44,2	(20,4)
NORDESTE	113,2	119,0	5,1	1.180	1.080	(8,4)	133,5	128,5	(3,7)
PI	11,4	16,5	44,3	2.044	1.620	(20,7)	23,3	26,7	14,6
CE	0,7	-	(100,0)	1.915	-	(100,0)	1,3	-	(100,0)
RN	1,3	1,3	(0,5)	1.244	1.346	8,2	1,6	1,7	6,3
PB	1,3	1,1	(11,6)	1.600	1.700	6,3	2,1	1,9	(9,5)
BA	98,5	100,1	1,6	1.068	981	(8,1)	105,2	98,2	(6,7)
CENTRO-OESTE	283,3	275,4	(2,8)	3.373	3.098	(8,2)	955,6	853,2	(10,7)
MT	38,5	32,0	(16,9)	2.353	2.431	3,3	90,6	77,8	(14,1)
MS	7,7	7,0	(9,1)	3.650	3.000	(17,8)	28,1	21,0	(25,3)
GO	230,1	229,2	(0,4)	3.500	3.150	(10,0)	805,4	722,0	(10,4)
DF	7,0	7,2	2,9	4.500	4.500	-	31,5	32,4	2,9
SUDESTE	193,6	221,6	14,5	3.581	3.608	0,8	693,2	799,5	15,3
MG	183,1	211,3	15,4	3.588	3.640	1,4	657,0	769,1	17,1
SP	10,5	10,3	(1,9)	3.452	2.950	(14,5)	36,2	30,4	(16,0)
SUL	9,0	9,0	-	3.000	2.777	(7,4)	27,0	25,0	(7,4)
RS	9,0	9,0	-	3.000	2.777	(7,4)	27,0	25,0	(7,4)
NORTE/NORDESTE	142,6	150,7	5,7	1.326	1.228	(7,4)	189,0	185,0	(2,1)
CENTRO-SUL	485,9	506,0	4,1	3.449	3.316	(3,9)	1.675,8	1.677,7	0,1
BRASIL	628,5	656,7	4,5	2.967	2.837	(4,4)	1.864,8	1.862,7	(0,1)

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.



9.2. CULTURAS DE INVERNO

9.2.1. AVEIA BRANCA

Em Mato Grosso do Sul, muitas áreas foram identificadas para a colheita de grãos no estado, representando uma área de aproximadamente de 30 mil hectares e produtividade estimada de 1.600 kg/ha. Como há indefinição em relação às áreas destinadas para produção de grãos ou para cobertura do solo, o total da área de produção será estipulado com maior precisão nos levantamentos posteriores.

A aveia branca não está entre as principais culturas no estado, porém é de grande importância em relação às práticas de manejo cultural, tais como: rotação de culturas, incremento de palhada e manejo de plantas invasoras através da alelopatia.

O mercado do cereal é muito instável e vários produtores cultivam a aveia após a colheita do milho safrinha, para a cobertura de solo, pastagens anuais de inverno e, caso haja preços favoráveis na ocasião da colheita, é feita a comercialização de grãos para indústrias e nutrição animal. Parte da produção é destinada para outros estados e atualmente o Mato Grosso é um dos principais compradores de aveia branca do Mato Grosso do Sul.

O plantio após a colheita do milho safrinha ocorre atra-

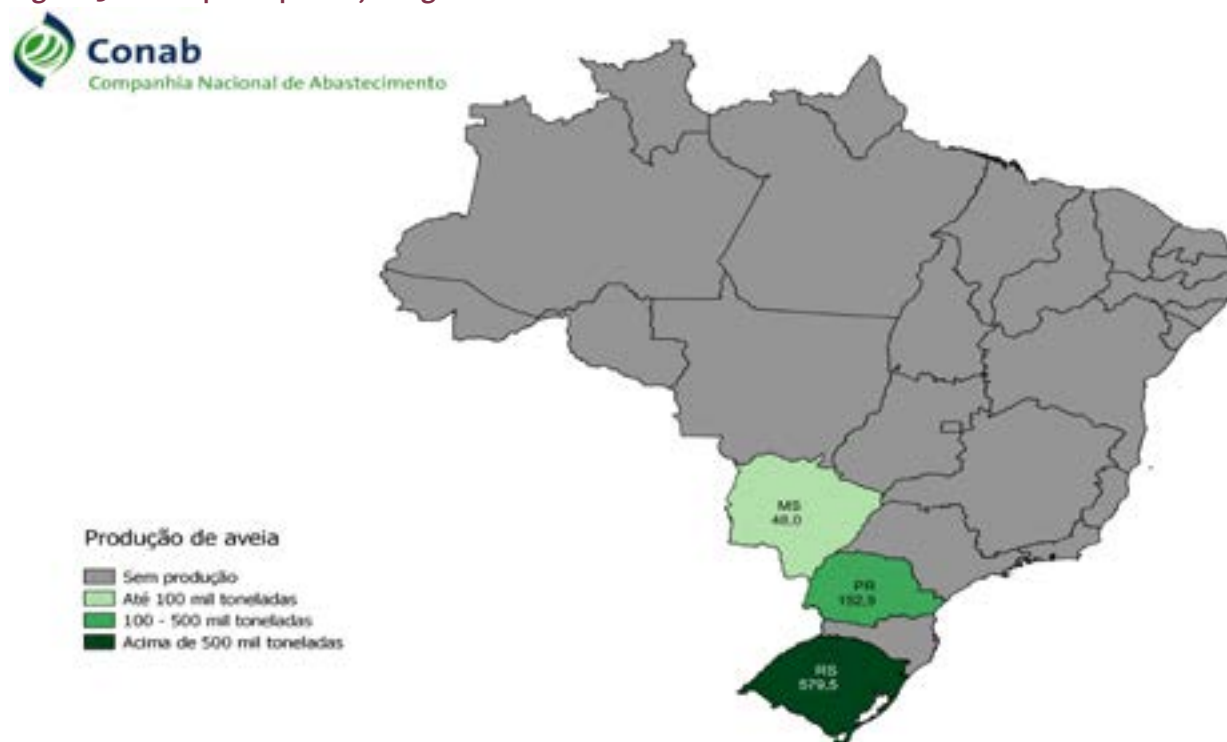
vés do sistema de plantio direto, aproveitando a palhada. A semeadura ocorre a lanço, porque a cultura não é exigente em relação aos solos, pragas e doenças, além da rusticidade climática.

No Paraná, a com 93% da área plantada, se confirma a área do levantamento anterior, de 69,2 mil ha, o que representa um aumento de 9,7% quando comparada à safra passada. Este aumento de área é devido ao baixo custo da semente e da possibilidade de o produtor decidir ao longo da safra se fará a colheita do grão ou se fará a incorporação para cobertura, caso o preço do grão não seja compensatório.

A previsão da produtividade é de 2.209 kg/ha, o que representa um acréscimo de 7,3%, em comparação à safra anterior, devido ao clima favorável à cultura neste período. A maior parte das lavouras do Estado encontram-se em boas condições.

No Rio Grande do Sul, na zona sul, há expectativa de redução de área em razão de dificuldades na comercialização e preços, porém as regiões de Passo Fundo e Caxias do Sul se destacam pela tendência de aumento de área em torno de 10% e 2%, respectivamente. Lavouras já implantadas, na fase de desenvolvimento vegetativo.

Figura 30 – Mapa da produção agrícola – Aveia



Fonte: Conab.



Quadro 12 – Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Aveia (safra 2016/17)

UF	Mesorregiões	Aveia											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MS	Sudoeste de Mato Grosso do Sul				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
PR	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C	
	Centro Ocidental Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	M/C	C		

Legendas:

 Baixa restrição - falta de chuvas	 Favorável	 Média restrição - falta de chuva	 Baixa restrição - excesso de chuva
 Restrição por falta de chuva e geadas			

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Fonte: Conab.

Tabela 37 – Comparativo de área, produtividade e produção – Aveia

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
CENTRO-OESTE	29,0	30,0	3,4	1.552	1.600	3,1	45,0	48,0	6,7
MS	29,0	30,0	3,4	1.550	1.600	3,2	45,0	48,0	6,7
SUL	311,3	322,6	3,6	1.891	2.270	20,0	588,8	732,4	24,4
PR	63,1	69,2	9,7	2.058	2.209	7,3	129,9	152,9	17,7
RS	248,2	253,4	2,1	1.849	2.287	23,7	458,9	579,5	26,3
CENTRO-SUL	340,3	352,6	3,6	1.862	2.213	18,9	633,8	780,4	23,1
BRASIL	340,3	352,6	3,6	1.862	2.213	18,9	633,8	780,4	23,1

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.

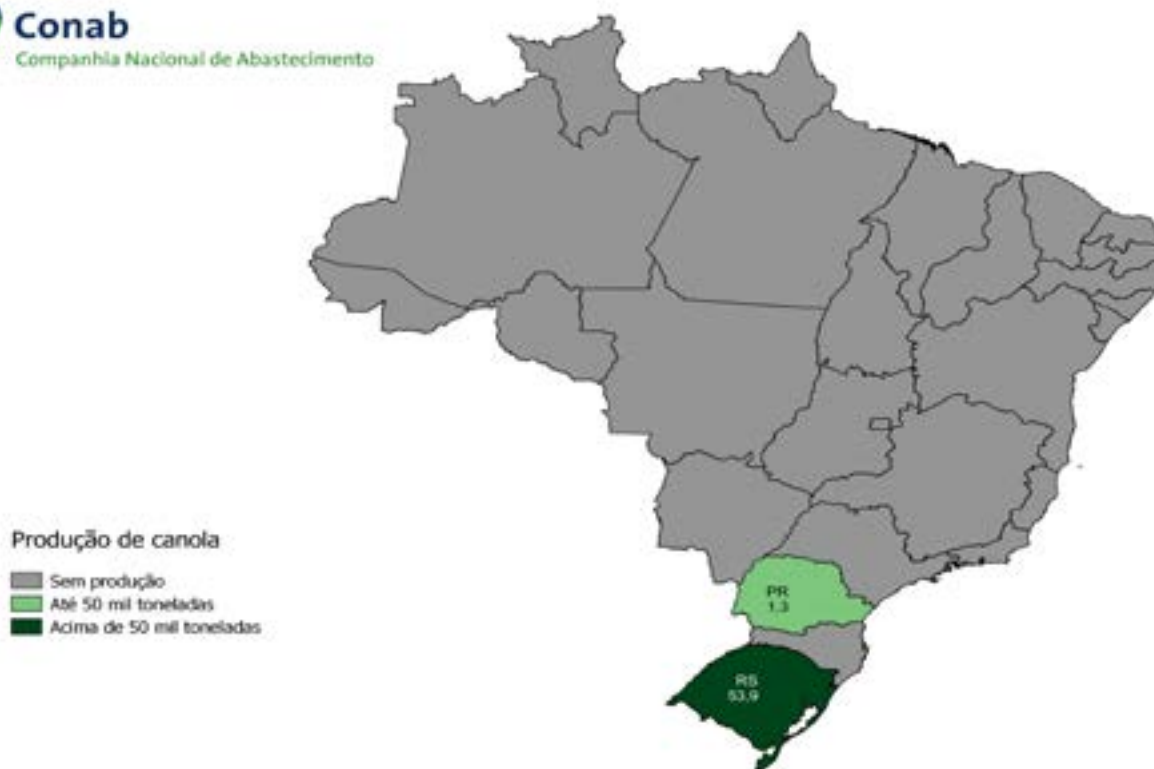
9.2.2. CANOLA

No Paraná, com relação a área de 1.000 ha, 47% já está plantada e com produtividade esperada de 1.343 kg/ha. Considerando que são pouquíssimos produtores de canola no Paraná, a redução da área em 79%, em relação à safra anterior, ocorreu porque o único produtor na região de Jacarezinho migrou para outra cultura, além de ser motivado principalmente pela falta de fomento do produto. Até o ano passado, a indústria de óleo garantia a compra, porém com a queda na utilização de óleo de canola pela população e consequente queda na produção do produto, a indústria de óleo não garante mais a compra da produção. Somado com as quebras nas safras anteriores, os agricultores preferem não ariscar, optando por manter as áreas em pousio.

No Rio Grande do Sul, há drástica queda de área em relação à safra passada. Segundo os informantes, os produtores não vão optar pela cultura devido aos prejuízos da quebra da safra anterior. No sentido inverso da aveia, Caxias do Sul e Passo Fundo, municípios tradicionais no cultivo de canola, reduziram a área cultivada dessa safra em 60 e 22%, respectivamente. Lavouras já implantadas, em pleno desenvolvimento vegetativo. Alguns municípios da região noroeste também apontam para uma manutenção de área e tendência de queda em locais tradicionais, onde empresas que fomentavam a cultura estão passando por problemas financeiros, que afetam diretamente a cultura.



Figura 31 – Mapa da produção agrícola – Canola



Fonte: Conab.

Tabela 38 – Comparativo de área, produtividade e produção – Canola

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	48,1	43,9	(8,7)	848	1.257	48,2	40,8	55,2	35,3
PR	4,8	1,0	(79,0)	1.286	1.343	4,4	6,2	1,3	(79,0)
RS	43,3	42,9	(0,9)	799	1.257	57,3	34,6	53,9	55,8
CENTRO-SUL	48,1	43,9	(8,7)	848	1.257	48,2	40,8	55,2	35,3
BRASIL	48,1	43,9	(8,7)	848	1.257	48,2	40,8	55,2	35,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.

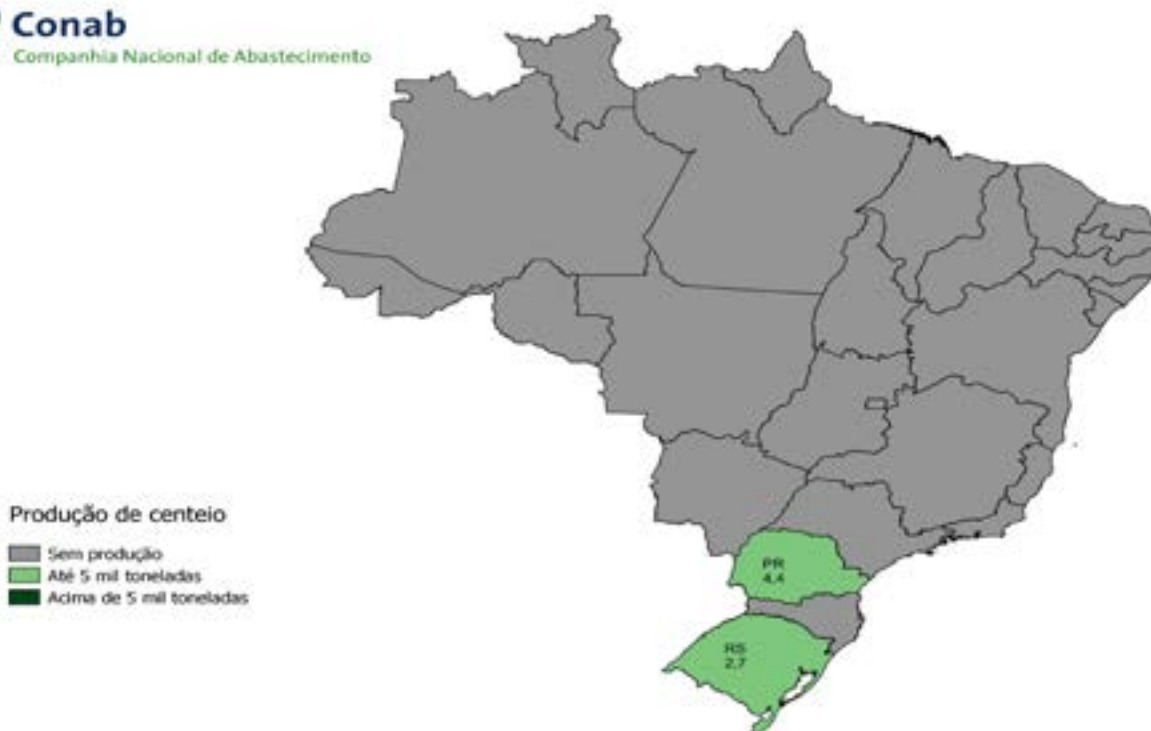
9.2.3. CENTEIO

No Paraná, mesmo com pouca expressão econômica, o plantio do centeio apresentou pequeno incremento de 4,7% na área, passando de 2,1 para 2,2 mil hectares. Mais de 70% da área já se encontra semeada devendo ser concluída no mês de julho. O aumento de área se deve principalmente ao incentivo que as cooperativas, que utilizam o produto para fabricação de farinha, dão aos cooperados com o pagamento de bonificação.

Mesmo sendo de ciclo mais longo, muitos produtores optam pelo plantio por conta das vantagens da sua palhada farta e que se decompõe lentamente no plantio direto, trazendo economia na aplicação de herbicidas nas lavouras seguintes (soja e milho). As lavouras, que se encontram em estágio de desenvolvimento, devem ter rendimento de 1.994 kg/ha, chegando a produzir mais de 4 mil toneladas de grãos.



Figura 32 - Mapa da produção agrícola - Centeio



Fonte: Conab.

Tabela 39 – Comparativo de área, produtividade e produção – Centeio

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	3,6	3,7	2,8	1.722	1.919	11,4	6,2	7,1	14,5
PR	2,1	2,2	4,7	1.678	1.994	18,8	3,5	4,4	25,7
RS	1,5	1,5	-	1.826	1.806	(1,1)	2,7	2,7	-
CENTRO-SUL	3,6	3,7	2,8	1.722	1.919	11,4	6,2	7,1	14,5
BRASIL	3,6	3,7	2,8	1.722	1.919	11,4	6,2	7,1	14,5

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.

9.2.4. CEVADA

Nesta safra no Paraná, a área plantada com cevada deverá atingir 53,7 mil hectares, incremento de 7% em relação à safra anterior. As maltarias instaladas no Paraná fomentam a produção do cereal, garantindo a compra de 100% da produção, desde que atinja qualidade para malte. O plantio teve início neste mês de junho em 61% da área devendo o restante ser finalizado no mês de julho. Aproximadamente 80% da área está em emergência e 20% em perfilhamento, estando as lavouras em boas condições fisiológicas.

O rendimento estimado é de 3.589 kg/ha, com expecta-

tativa de produção de 192,7 mil toneladas.

Em Santa Catarina, apenas o município de Campos Novos, na região meio-oeste, apresentou registro de intenção de plantio de cevada, a qual deve ser destinada à produção de malte em cooperativa do Paraná. Esta tem a intenção de contratar 600 hectares em 2018, 50% a menos que a safra anterior, quando foram plantados 1.200 hectares. A produtividade esperada é de pelo menos 3.000 kg/ha e a produção total de 1,8 mil toneladas. O financiamento da produção deverá



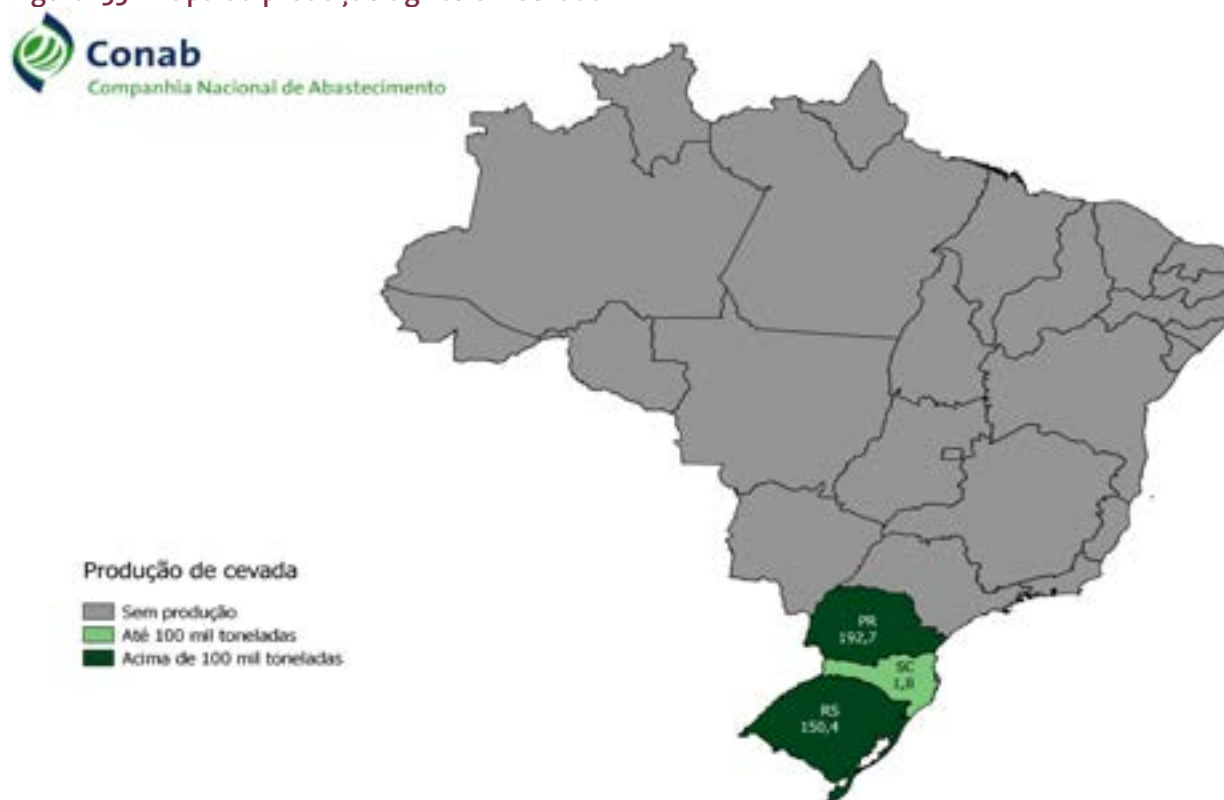
ser feito pela cooperativa local.

O plantio iniciou-se em meados de junho e a colheita deverá ocorrer em novembro. A área semeada se encontra 100% no estágio de germinação.

No Rio Grande do Sul, para a cevada, o cenário ainda é obscuro. A Ambev restringiu o incentivo ao produtor nesta safra devido à péssima qualidade dos cere-

ais destinados à indústria na safra passada, onde não atingiram o grau de germinação necessário para fabricação de cerveja. Com isso, adotamos como número inicial de área, estimativas levantadas pelo IBGE, para que, depois de uma definição da cadeia, poder chegar num número fidedigno. Semeadura ainda em andamento. A área prevista para plantio é de 65,4% mil hectares, incremento de 14,7% em relação à safra anterior.

Figura 33- Mapa da produção agrícola - Cevada



Fonte: Conab.

Tabela 40 – Comparativo de área, produtividade e produção – Cevada

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUL	108,4	119,7	10,4	2.602	2.882	10,8	282,1	344,9	22,3
PR	50,2	53,7	7,0	3.301	3.589	8,7	165,7	192,7	16,3
SC	1,2	0,6	(50,0)	1.700	3.000	76,5	2,0	1,8	(10,0)
RS	57,0	65,4	14,7	2.006	2.300	14,7	114,3	150,4	31,6
CENTRO-SUL	108,4	119,7	10,4	2.602	2.882	10,8	282,1	344,9	22,3
BRASIL	108,4	119,7	10,4	2.602	2.882	10,8	282,1	344,9	22,3

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.



9.2.5. TRIGO

Na Bahia, estima-se que sejam cultivados 5 mil hectares desse cereal. As lavouras estão distribuídas em cinco propriedades, entre os municípios de Barreiras, Luís Eduardo Magalhães, Riachão das Neves, São Desidério e Formosa do Rio Preto.

A motivação dos pioneiros, com a introdução do trigo na região, esteve ligada aos benefícios como a redução da incidência de doenças como Fusariose e Esclerotinia, por não ser o trigo seu hospedeiro, diminuição na ocorrência de nematoides e plantas daninhas, na diversificação e cobertura do solo, segundo o consultor Pedro Júnior, integrante do Conselho Técnico da Aiba.

O cultivo é irrigado e foi realizado em meados de maio, quando a temperatura noturna atinge 17° C, e a colheita em agosto e setembro.

Em Mato Grosso do Sul, a estimativa de área a ser cultivada no estado é de aproximadamente 28 mil hectares, um aumento de 40% em relação à safra anterior, com perspectiva de produtividade em torno de 2.200 kg/ha. Atualmente, aproximadamente 80% da área destinada ao trigo já foi plantada e a maioria das lavouras estão no estágio de desenvolvimento vegetativo.

A cultura se adapta tanto a solos arenosos quanto argilosos. Porém, nos solos com alto teor de argila, há relatos de dificuldades para a germinação das plântulas. O uso de grades aradoras e aplicações de defensivos em lavouras com restos culturais do milho segunda safra são práticas comuns no cultivo do cereal. Nos solos, onde a cultura é plantada em pós-colheita da soja, os restos culturais se decompõem e o produtor mantém um período em pousio, facilitando a semeadura nessas áreas, realizando apenas análise de solo para correções com adubações e posterior plantio do cereal.

Algumas áreas apresentaram ataques de pulgão em plântulas e, aplicações corretivas com defensivos, apresentaram-se eficientes ao controle do inseto. Os monitoramentos constantes têm apresentado resultados esperados pelos produtores.

O câmbio apresentou alta nesse semestre e desfavoreceu as traders a importarem o cereal dos países vizinhos, como o Paraguai e Argentina, gerando expectativas de melhores preços aos produtores locais por ocasião da colheita.

O trigo em Goiás é todo irrigado (sistema pivô central). A safra ocorre em regiões altas como Cristalina, Luziânia e Água Fria de Goiás, justamente na entressafra de outros países. na região. O trigo plantado na região leste na condição de sequeiro foi semeado em março

com as primeiras áreas sendo colhidas neste final de junho com produtividade média entre 1.500 a 1.700/ha. Enquanto a cultura irrigada na região leste com colheita prevista para agosto e setembro deve atingir produtividade em torno de 5.446 kg/ha. Áreas menores estão situadas no sul do Estado tanto sequeiro como irrigado. Áreas destinadas primeiramente para plantio de feijão foram substituídas por trigo principalmente na região leste do Estado onde a altitude supera 800 metros, fator este importante para implantação da cultura.

Figura 34 - Lavoura de trigo em rio Verde - GO



Fonte: Conab.

No Distrito Federal, o cenário para a próxima safra define uma área semelhante à cultivada na safra anterior, em 900 hectares. O rendimento médio estimado é de 6.200 kg/ha, 3,3% superior ao obtido na safra anterior, ocasionado, sobretudo, pelas boas condições de clima observadas até o momento.

O plantio foi efetivado e as lavouras ultrapassam o bom estágio de germinação e desenvolvimento vegetativo. A maior parte do trigo cultivado é com irrigação, e as barragens se encontram em seu potencial máximo de abastecimento.

O triticultor da região central do Brasil tem a vantagem de ser o primeiro colhido no país, o que favorece a comercialização. Além dos preços atrativos de mercado, favorece também o período de escassez do produto por ser a entressafra da produção nacional.

A desvalorização do real ajudou apenas a frear o movimento de alta dos preços internos. Daqui adiante, e até a nova colheita, a variação cambial no Brasil definirá o rumo dos preços do trigo.

O plantio de trigo teve início no final de março e deve se estender até julho. A área de plantio está estimada



em 81,3 mil hectares, 3,9% inferior em relação à safra anterior. As lavouras de sequeiro respondem negativamente ao período de estiagem e baixas temperaturas, prenunciando baixas produtividades para esta safra. As lavouras irrigadas apresentam bom desenvolvimento vegetativo e estimativas de rendimento normais.

Em São Paulo, diante deste levantamento realizado a campo, ficou evidenciado, com relação ao trigo safra 2018, que o plantio está significativamente atrasado devido à ausência de chuvas no estado. O estado vem atravessando forte estiagem.

Conforme relata as cooperativas locais e também as casas de agricultura, os produtores estão plantando sem maiores expectativas. Muitos deles semearam o trigo no pó, ou seja, jogaram a semente do cereal nas lavouras, cientes da possibilidade de não haver boa colheita. Essa realidade se faz presente para aqueles produtores que plantam no sequeiro.

Situação já bastante diferente do produtor que planta sob pivô de irrigação. Esse produtor semeou o trigo na janela agrícola recomendável, efetuou o plantio em meados de maio, e está com suas lavouras permanentemente irrigadas.

As áreas de trigo deverão sofrer redução, se comparada com a safra passada. O motivo elencado pelos informantes é a falta de chuva, onde originou atraso no plantio.

O produtor planta o trigo com o seguro agrícola, mas diante da estiagem ocorrida, o calendário recomendável ficou comprometido. Segundo muitos municípios a data ideal para o plantio inspirou em 20 de maio.

A maior área do trigo de São Paulo, é banhada pela região de Itapeva. Nessa localidade independente de existir pivôs para irrigação, onde o plantio seguiu normal, a presença do sequeiro também deve ser considerada, visto que o produtor desistiu da semeadura do trigo, optando pela aveia preta (cobertura de solo), produto de maior resistência e custo menor.

Quanto aos preços do trigo no estado, neste momento, estão em patamares elevados. Praticamente sem negócios devido à ausência do cereal.

A área apresenta neste levantamento um recuo de 16,01% e estabilidade na produtividade.

A área de trigo no Estado está estimada em 1.062,5 mil hectares, o que representa um aumento de 10,5% com relação à safra anterior, devido à substituição das áreas de milho. Até o momento aproximadamente 52% fo-

ram semeados e a maioria (78%) das lavouras encontra-se em fase de emergência.

No norte do Paraná o plantio e a emergência foram um pouco prejudicados pela estiagem na segunda quinzena de junho, mas mesmo assim o plantio foi concluído. Nesta região as lavouras necessitam de um pouco mais de umidade. Nas demais regiões as condições estão muito boas para o desenvolvimento, com pouca umidade e frio. Falta um pouco de luz para as lavouras que foram semeadas em junho, mas nada que prejudique o potencial produtivo, estimado em 2.672 kg/ha. Para essas últimas também é desejável quedas maiores nas temperaturas nos próximos dias para que haja bom perfilhamento. Os estádios das lavouras estendem-se desde a emergência até início da floração. As condições das lavouras estão entre boas e regulares e não há registro de doenças. Os produtores estão com boa expectativa de comercialização

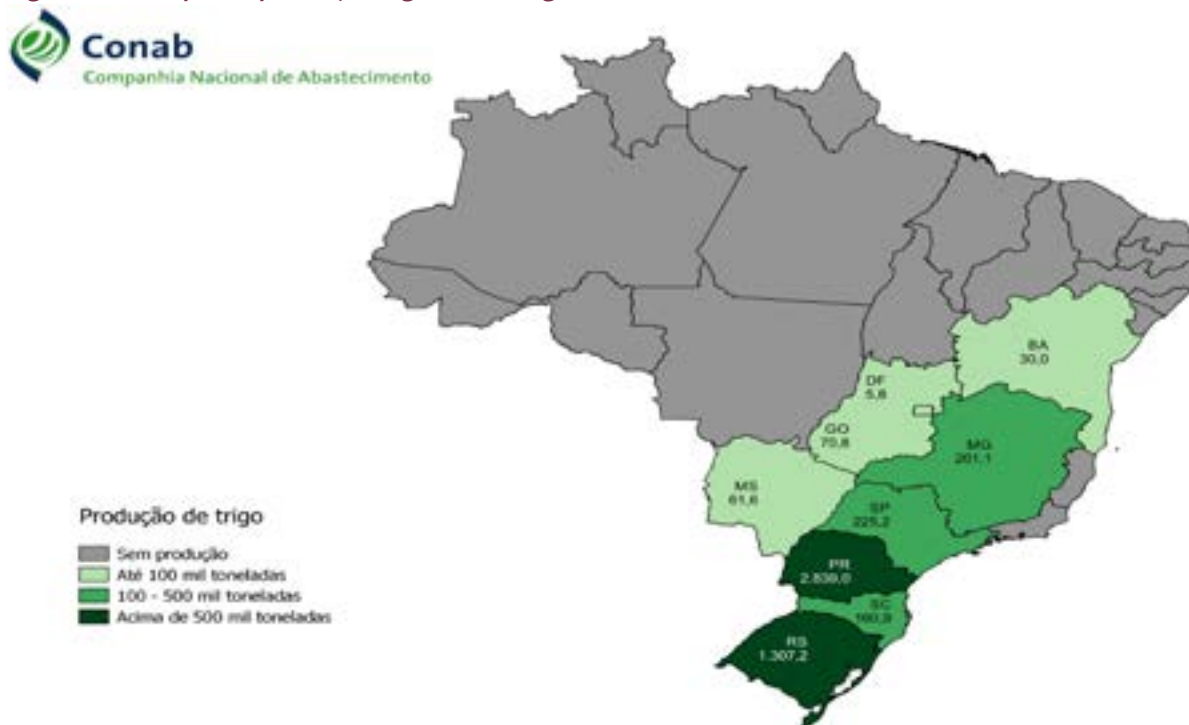
Em Santa Catarina, as estimativas para a safra de trigo atual ainda estão em consolidação, pois a semeadura, que iniciou em meados de maio, deverá se estender até final de julho. Em relação ao levantamento anterior, houve uma reversão nas expectativas de plantio, saindo de uma estimativa de plantio de 51,5 mil hectares, 4,5% menor que a safra anterior, que foi de 53,9 mil hectares, para 55,6 mil hectares, 3,2% maior que a safra passada.

Essa alteração no cenário está relacionada a uma mudança de preço pago ao produtor nos últimos dois meses. As condições climáticas têm sido favoráveis à semeadura, possibilitando o produtor seguir o calendário de colheita e semeadura conforme o recomendado para a cultura. O financiamento necessário para a condução da cultura deverá provir 26% de bancos oficiais, 56% de empresas e 24% de capital próprio. No momento, 87% da área semeada se encontra em germinação e 13% em desenvolvimento vegetativo.

No Rio Grande do Sul, o panorama está começando a se definir nos municípios e, de acordo com os informantes, a tendência é de aumento da área nas principais regiões produtoras. Na região noroeste a semeadura está praticamente concluída. Nos municípios de Erechim e Sarandi, por exemplo, o aumento chega a 10% em relação à safra anterior, com cerca de 80% das lavouras já semeadas. Na região de Bagé 60% da área foi plantada e 75% na região de Pelotas. Estima-se redução em relação à safra passada de 16% na área plantada em Bagé e 20% em Pelotas. Os baixos preços pagos na safra passada e a baixa expectativa em relação ao mercado futuro estão os principais fatores responsáveis pela retração.



Figura 35 - Mapa da produção agrícola - Trigo



Fonte: Conab.

Quadro 13 – Histórico das condições hídricas gerais e possíveis impactos nas diferentes fases* da cultura nas principais regiões produtoras do país – Trigo (Safrá 2016/17)

UF	Mesorregiões	Trigo											
		JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba			P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C			
SP	Itapetininga				P	DV	F	FR	M/C	C			
PR	Centro Ocidental Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Norte Central Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Norte Pioneiro Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C			
	Centro Oriental Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Oeste Paranaense				P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C		
	Sudoeste Paranaense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	
	Centro-Sul Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudeste Paranaense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
SC	Oeste Catarinense					P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Norte Catarinense					P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Serrana					P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
RS	Noroeste Rio-grandense					P	P/G	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Nordeste Rio-grandense						P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C
	Sudoeste Rio-grandense					P	G/DV	DV/F	F/FR	FR/M	M/C	C	

Legendas:

- Baixa restrição - falta de chuvas
- Favorável
- Média restrição - falta de chuva
- Baixa restrição - excesso de chuva
- Restrição por falta de chuva e geadas

* - (PP)=pré-plantio (P)=plantio; (G)=germinação; (DV)=desenvolvimento vegetativo; (F)=floração; (FR)=frutificação; (M)=maturação; (C)=colheita.

** - Irrigado. O que não elimina, no entanto, a possibilidade de estar havendo restrições por anomalias de temperatura ou indisponibilidade hídrica para a irrigação.

Fonte: Conab.



Tabela 41 – Comparativo de área, produtividade e produção – Trigo

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
NORDESTE	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
BA	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
CENTRO-OESTE	31,9	41,9	31,3	3.229	3.298	2,1	103,0	138,2	34,2
MS	20,0	28,0	40,0	1.950	2.200	12,8	39,0	61,6	57,9
GO	11,0	13,0	18,2	5.330	5.446	2,2	58,6	70,8	20,8
DF	0,9	0,9	-	6.000	6.400	6,7	5,4	5,8	7,4
SUDESTE	164,5	148,9	(9,5)	2.996	2.863	(4,4)	492,9	426,3	(13,5)
MG	84,6	82,1	(3,0)	2.662	2.450	(8,0)	226,6	201,1	(11,3)
SP	79,9	66,8	(16,4)	3.333	3.371	1,1	266,3	225,2	(15,4)
SUL	1.714,6	1.813,8	5,8	2.122	2.375	11,9	3.637,6	4.307,1	18,4
PR	961,5	1.062,5	10,5	2.308	2.672	15,8	2.219,1	2.839,0	27,9
SC	53,9	55,6	3,2	2.630	2.893	10,0	141,8	160,9	13,5
RS	699,2	695,7	(0,5)	1.826	1.879	2,9	1.276,7	1.307,2	2,4
NORTE/NORDESTE	5,0	5,0	-	6.000	6.000	-	30,0	30,0	-
CENTRO-SUL	1.911,0	2.004,6	4,9	2.215	2.430	9,7	4.233,5	4.871,6	15,1
BRASIL	1.916,0	2.009,6	4,9	2.225	2.439	9,6	4.263,5	4.901,6	15,0

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.

9.2.6. TRITICALE

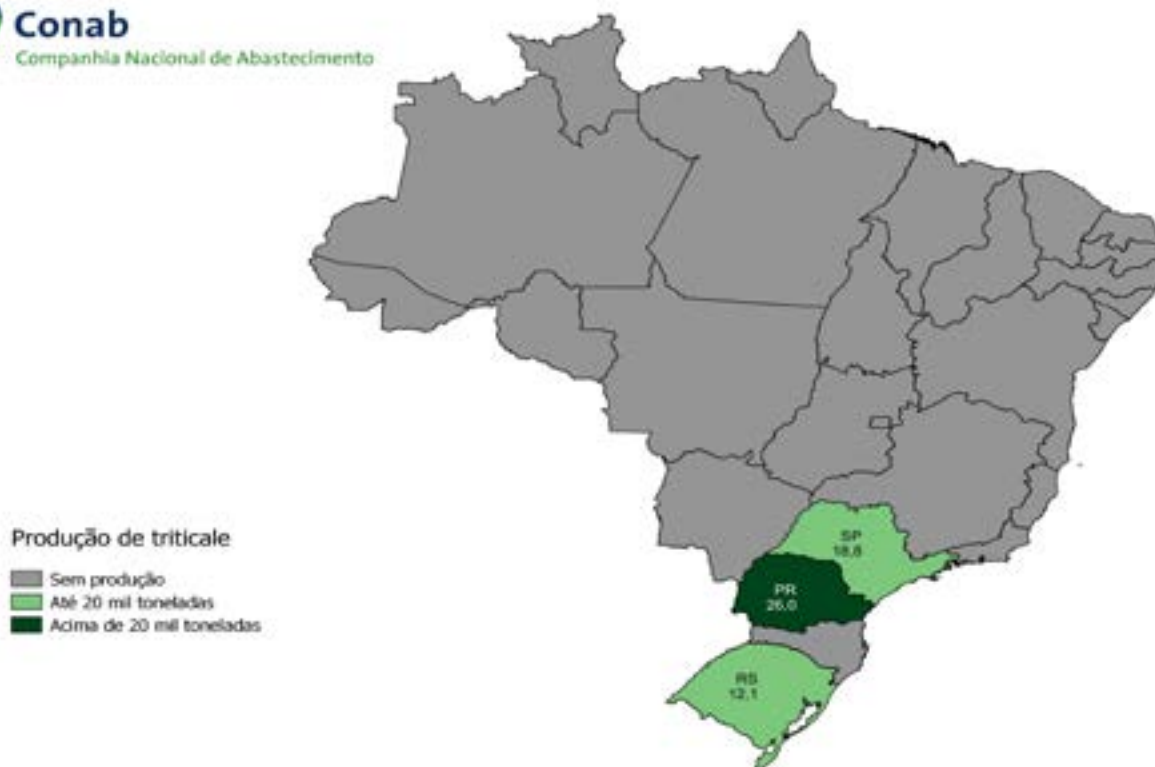
Em Santa Catarina, a cultura do triticale também apresentou incremento de intenção de plantio, assim como os demais cereais de inverno. O bom preço praticado atualmente pelo trigo influencia o preço dos demais cereais, incentivando o plantio. A área deverá ultrapassar os 10 mil hectares, e produzir mais de 26 mil toneladas de grãos. O plantio foi efetuado em 14% da área e deve se estender até julho.

Em São Paulo, apresenta plantio nas regiões onde se apresenta também o trigo. Itapeva, Avaré, Itaí, Itararé e Itaberá. A área é de 6.580 mil hectares e a produtividade com redução de 3,3% em relação à safra anterior. O produto se destina à produção de bolacha, e seu preço se mantém inferior ao trigo.

No Paraná, os levantamentos de campo apontam para uma redução de 2,9% na área plantada, que poderá sofrer ajuste no próximo mês. Ainda falta confirmar o plantio em alguns municípios. Por enquanto a expectativa é que se plantem 9,5 mil ha de triticale. Em alguns municípios há fomento de moageiras para produção de panificados diferenciados e bolachas integrais. São lavouras que, devido a destinação do produto final, são conduzidas com maior tecnologia e maior produtividade. Em outras regiões a produção se destina a ração animal e têm menor investimento. O rendimento está estimado em 2.733 kg/ha, ou seja, 20% maior que a safra passada devido ao clima favorável. O plantio já se encaminha para o final e as lavouras, que estão em germinação e desenvolvimento vegetativo, apresentam boa evolução.



Figura 36 – Mapa da produção agrícola – Triticale



Fonte: Conab.

Tabela 42 – Comparativo de área, produtividade e produção – Triticale

REGIÃO/UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %	Safra 2017	Safra 2018	VAR. %
	(a)	(b)	(b/a)	(c)	(d)	(d/c)	(e)	(f)	(f/e)
SUDESTE	7,5	6,6	(12,0)	2.773	2.848	2,7	20,8	18,8	(9,6)
SP	7,5	6,6	(12,0)	2.779	2.847	2,4	20,8	18,8	(9,6)
SUL	15,5	15,2	(1,9)	2.110	2.507	18,8	32,7	38,1	16,5
PR	9,8	9,5	(2,9)	2.277	2.733	20,0	22,3	26,0	16,6
RS	5,7	5,7	-	1.826	2.123	16,3	10,4	12,1	16,3
CENTRO-SUL	23,0	21,8	(5,2)	2.326	2.610	12,2	53,5	56,9	6,4
BRASIL	23,0	21,8	(5,2)	2.326	2.610	12,2	53,5	56,9	6,4

Fonte: Conab.

Nota: Estimativa em julho/2018.





10. RECEITA BRUTA

A receita bruta dos produtores rurais das lavouras de algodão, arroz, feijão, milho e soja da safra 2017/18, estimada com base nos dados do nono levantamento e nos preços recebidos pelos produtores em maio de 2018, atinge o total de R\$ 211,10 bilhões de reais. Esse número é 25,1% superior ao registrado na temporada anterior, quando a soma atingiu R\$ 168,80 bilhões. O percentual de acréscimo supracitado pode ser explicado pela alta dos preços da soja, com crescimento na produção e principalmente nos preços praticados, pela maior produção do algodão e sua valorização no mercado e, por fim, a cultura do milho apresenta queda na produção, mas a valorização do produto é elevada.

Tabela 1 – Receita bruta dos produtores rurais – Produtos selecionados

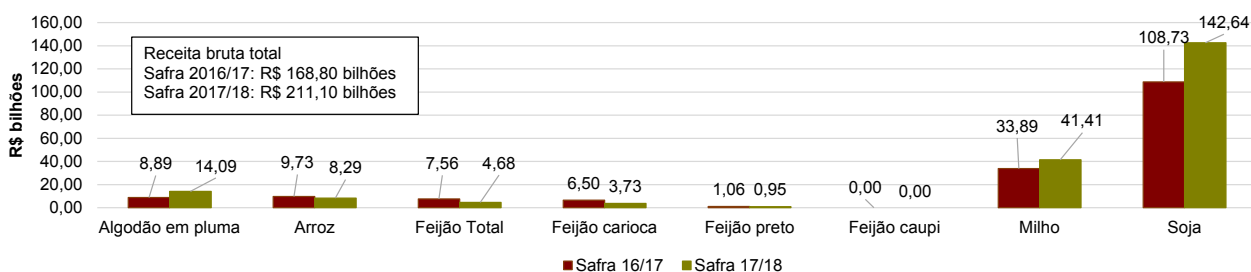
PRODUTO	PRODUÇÃO (Em mil t)			PREÇO MÉDIO - R\$/unidade				VALOR DA PRODUÇÃO - R\$ Milhões		
	Safra 16/17	Safra 17/18	Variação	Unid.	03/2017	03/2018	Variação	03/2017	03/2018	Variação
	(a)	(b)	(b/a)	kg	(c)	(d)	(d/e)	(f)	(g)	(g/f)
Algodão em pluma	1,53	1,96	28,1%	15	87,20	107,89	23,7%	8,89	14,09	58,4%
Arroz	12,33	11,74	-4,8%	60	47,34	42,36	-10,5%	9,73	8,29	-14,8%
Feijão Total	3,40	3,38	-0,6%	60	133,40	83,10	-37,7%	7,56	4,68	-38,1%
Feijão carioca	2,18	2,03	-6,7%	60	179,09	110,21	-38,5%	6,50	3,73	-42,6%
Feijão preto	0,51	0,49	-4,4%	60	124,76	117,43	-5,9%	1,06	0,95	-10,0%
Feijão caupi	0,71	0,86	21,0%	60	0,00	0,00	-	0,00	0,00	-
Milho	97,84	84,94	-13,2%	60	20,78	29,25	40,8%	33,89	41,41	22,2%
Soja	114,08	118,05	3,5%	60	57,19	72,50	26,8%	108,73	142,64	31,2%
TOTAL	-	-	-	-	-	-	-	168,80	211,10	25,1%

Fonte: Conab.

Nota 1: Estimativa de produção em junho/2018 e preços de maio de 2017 e 2018.

Nota 2: Devido à inexistência dos preços em maio/2017 - entressafra- para o feijão caupi, a receita bruta relacionada à esse produto não foi calculada.

Gráfico 1 – Receita bruta dos produtores rurais – Produtos selecionados – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

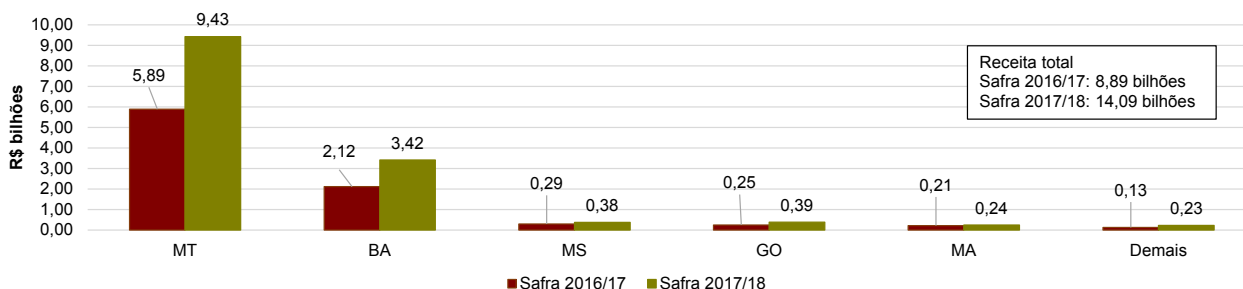
Nota: preços de maio/2017 a maio/2018

10.1. ALGODÃO

A produção do algodão apresenta incremento de 28,1% no escopo nacional. Paralelamente, o preço médio nacional para a fibra apresenta aumento de 23,7%. Essas duas grandezas culminaram no aumento do valor da receita bruta dos produtores, que apresenta um

valor de R\$ 14,09 bilhões para a safra em questão, um aumento de 58,5% em relação à safra anterior, ou seja, tanto o aumento da produção como o incremento do preço médio impactaram na receita bruta.

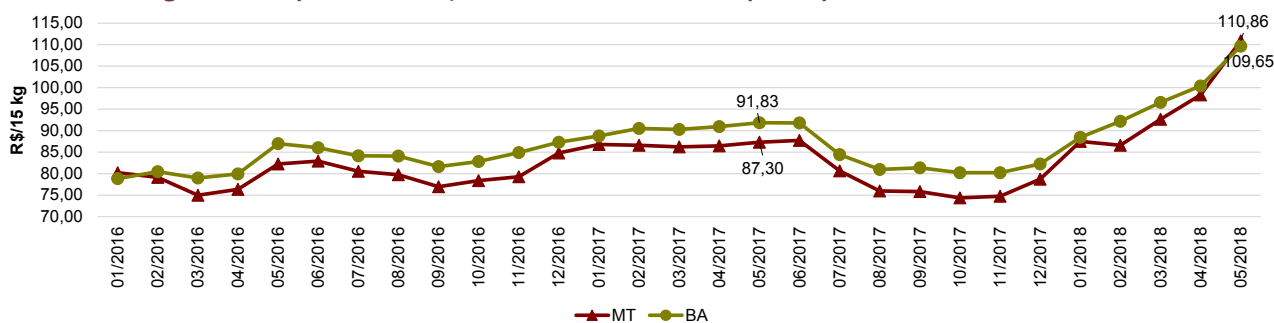
Gráfico 2 – Algodão em pluma – Preços recebidos pelo produtor – maio/2017 a maio/2018



Fonte: Conab.



Gráfico 3 – Algodão em pluma – Preços nominais recebidos pelos produtores



Fonte: Conab.

As Unidades da Federação com maior produção da fibra supracitada são o Mato Grosso e a Bahia. O valor da receita bruta para o maior estado produtor, Mato Grosso, foi de R\$ 9,43 bilhões e para a Bahia R\$ 3,42 bilhões, aumentos de 60,2% e 61,3%, respectivamente.

É importante ressaltar os grandes avanços na produção na Bahia, a qual passou de 346 mil toneladas para 468 mil, e no Mato Grosso, a qual passou de 1.011 mil toneladas para 1.275 mil, aumentos de 35,1% e 26,1%, respectivamente.

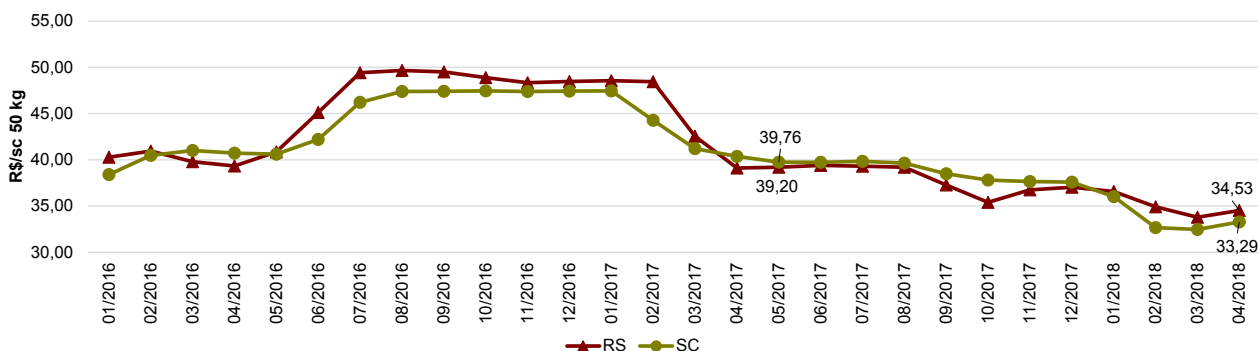
10.2. ARROZ

O arroz tem a produção concentrada na Região Sul, fator que indica forte participação dos estados produtores como Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, para a formação da receita bruta dos produtores do arroz. O maior estado produtor, Rio Grande do Sul, apresenta decréscimo na produção de 6% e para San-

ta Catarina, observa-se aumento de 1,5%.

Além disso, quando comparados os valores de maio de 2017 a maio de 2018, verifica-se decréscimo no valor médio nacional de 10,5%, influenciado pela queda média de 11,4% nas Unidades da Federação supracitadas.

Gráfico 4 – Arroz em casca – Preços nominais recebidos pelos produtores

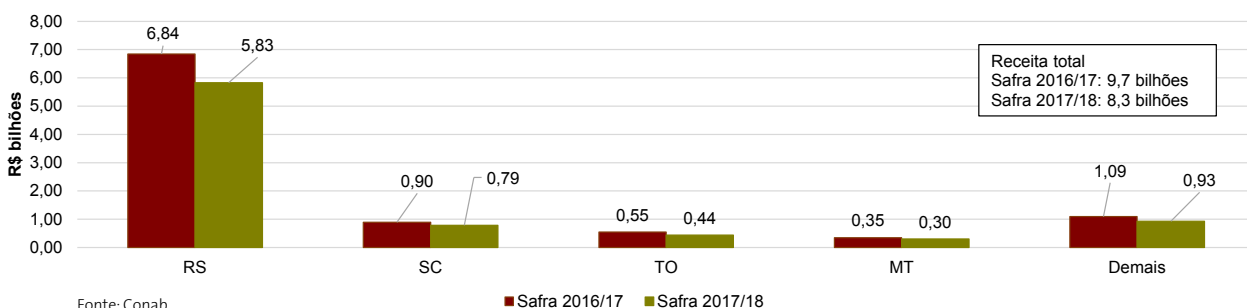


Fonte: Conab.

Esses dois fenômenos culminaram na diminuição da estimativa da receita bruta para os produtores de ar-

roz. Ao ser comparado com o mesmo período do ano anterior, o decréscimo foi de 14,8%.

Gráfico 5 – Receita bruta dos produtores rurais – Arroz – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

Nota: preços de maio/2017 a maio/2018

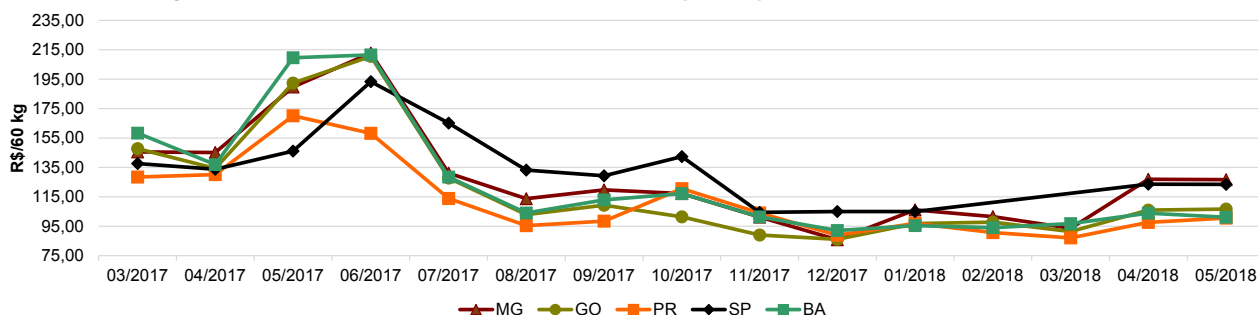


10.3. FEIJÃO-CARIOCA

O feijão é uma cultura permanente no Brasil, possuindo três distintas safras, que incorrem em plantio e colheita simultâneos em diversas localidades no Brasil. Para o feijão-carioca, observa-se decréscimo na produção em distintos estados produtores, na safra em

análise, inclusive para o Paraná, com queda de 17,5%. O maior estado produtor – Minas Gerais – apresenta estabilidade, com incremento de 0,5%. Além disso, há queda nos preços praticados com o produtor ao compararmos os valores de maio de 2017 e maio de 2018.

Gráfico 6 – Feijão carioca – Preços nominais recebidos pelos produtores

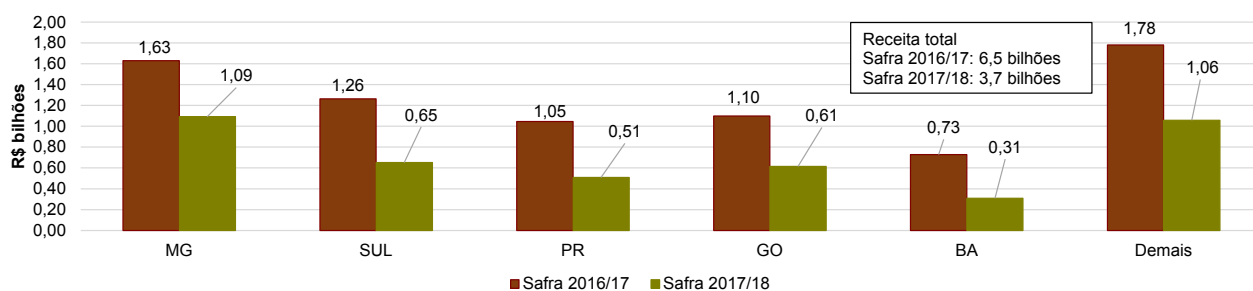


Fonte: Conab.

Essa diminuição nos preços acarretou em queda na estimativa da receita bruta total para o feijão-carioca, apresentando valor de 3,73 bilhões para 2017/2018;

42,6% menor que o observado na safra anterior, de 6,5 bilhões em 2016/17.

Gráfico 7 – Receita bruta dos produtores rurais– Feijão-carioca – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

Nota: preços de maio/2017 a maio/2018

10.4. FEIJÃO-COMUM PRETO

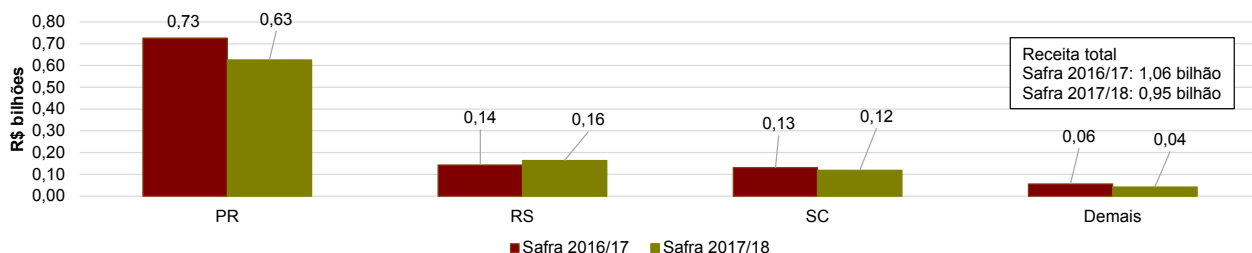
A cultura de feijão-comum preto, fortemente concentrada na Região Sul do Brasil, apresenta comportamento semelhante ao feijão carioca. O Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, juntos, correspondem a 94% da produção do feijão-comum preto. O Paraná apresenta queda na produção e decréscimo de 6,6% nos preços recebidos pelos produtores, situação semelhante ocorre com Santa Catarina. Já para o Rio

Grande do Sul, observa-se incremento na produção – 11,3% - e decréscimo médio no preço de 2%.

A partir desse cenário de queda nos preços praticados e na produção, a estimativa total da receita bruta para o feijão-comum preto, na safra 2017/18, foi de 0,95 bilhão de reais, esse valor é 10% menor que o observado na safra 2016/17 de 1,06 bilhão.



Gráfico 8 – Receita bruta dos produtores rurais– Feijão-comum preto – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

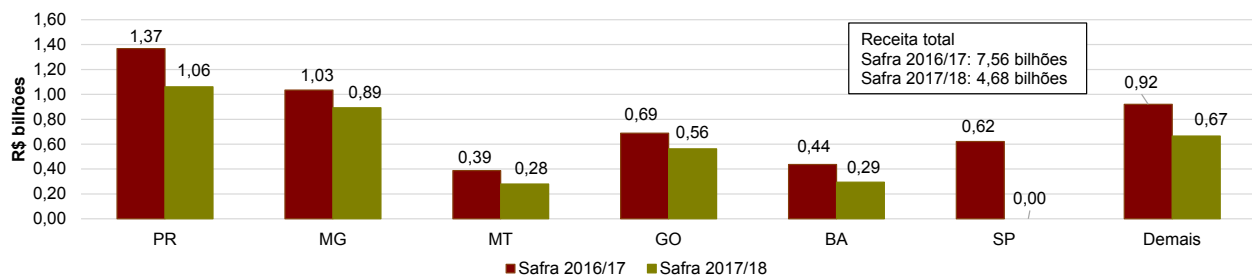
Nota: preços de maio/2017 a maio/2018

10.5. FEIJÃO (CARIOCA E PRETO)

Consolidando os valores estimados para a receita bruta do feijão-carioca e do preto, obteve-se a receita bruta

do total de feijão de R\$ 7,56 bilhões na temporada 2016/17 e R\$ 4,68 bilhões em 2017/18, queda de 38,1%.

Gráfico 9 – Receita bruta dos produtores rurais – Feijão total – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

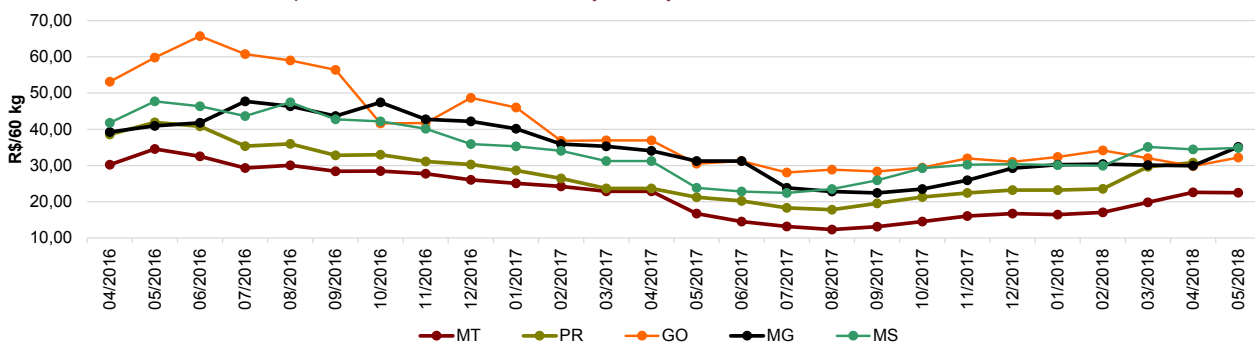
Nota: preços de maio/2017 a maio/2018

10.7. MILHO

O milho apresenta duas safras no Brasil e, com isso, observa-se plantio e colheita simultâneos em distintas regiões brasileiras. Além dessa característica, a cultura do milho está presente em todas as Unidades da Federação. Os dois maiores estados produtores são o Mato Grosso e o Paraná.

Os preços internos apresentam tendência de recuperação nos períodos recentes. Nesse sentido, na comparação de maio de 2017 e maio de 2018, os preços recebidos pelos produtores apresentam incremento médio de 40,8%.

Gráfico 10 – Milho – Preços nominais recebidos pelos produtores



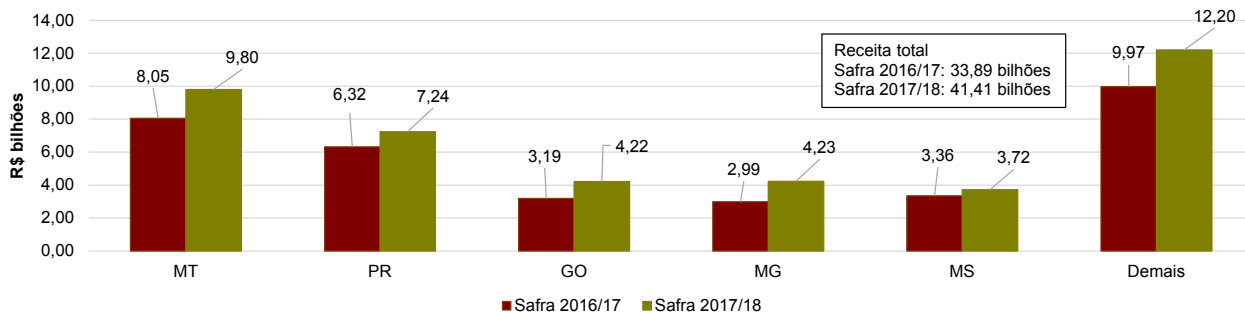
Fonte: Conab.



Os preços praticados apresentaram incremento no âmbito nacional e apresentou diminuição na produção nacional inclusive nos maiores estados produtores. A estimativa da receita bruta total para o milho

foi de 41,41 bilhões de reais para a safra 2017/18, já para a safra de 2016/17 observa-se a estimativa de 33,89 bilhões, ou seja, um aumento no valor da receita de 22,2%.

Gráfico 11– Receita bruta dos produtores rurais– Milho – Safras 2016/17 e 2017/18



Fonte: Conab.

Nota: preços de maio/2017 a maio/2018

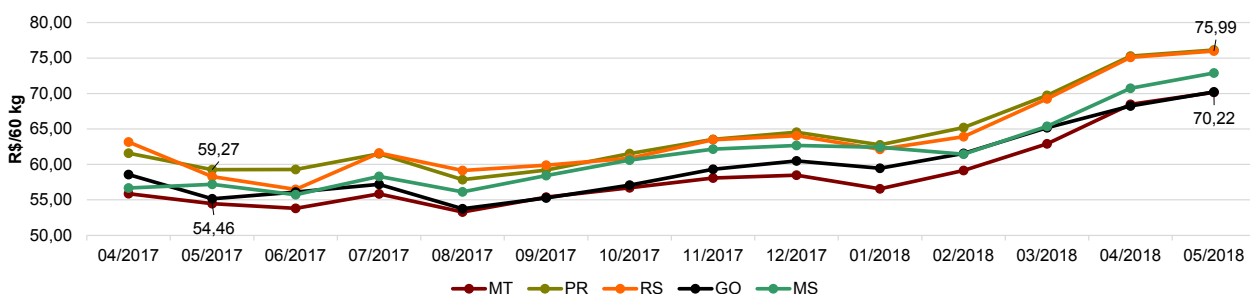
10.8. SOJA

A produção da safra 2016/17 foi calculada em 114 milhões de toneladas, já para a safra 2017/18, espera-se a produção de 118 milhões de toneladas, um incremento de 3,5%. Todavia, as Unidades da Federação, caracterizadas como grandes produtores, como o Paraná e Rio Grande do Sul, experimentam quedas de 2,1% e 8,4%, respectivamente. Por outro lado, o maior estado

produtor – Mato Grosso – apresenta estimativa de incremento de 4,5%.

Além disso, os preços da oleaginosa apresentam aumento em todos os 16 estados produtores, com incremento médio de 26,8% nos preços recebidos pelos produtores.

Gráfico 12 – Soja – Preços nominais recebidos pelos produtores



Fonte: Conab.

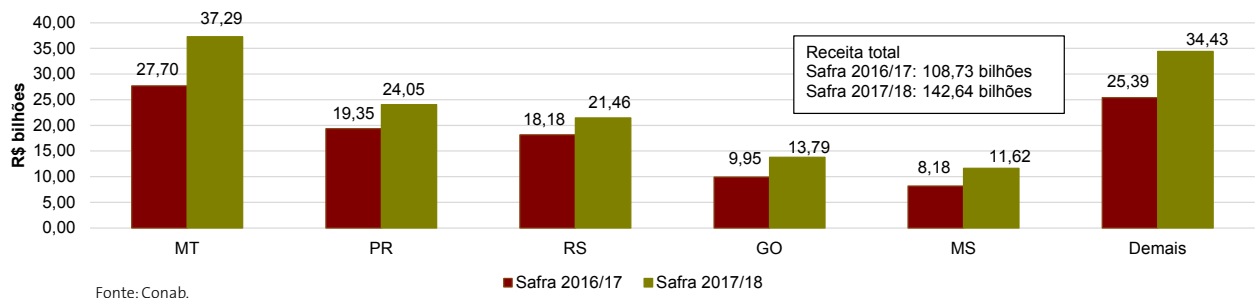
Isso posto, o movimento de aumento na produção e o incremento nos preços recebidos pelo produtor culminaram na majoração da estimativa da receita bruta total para a soja na safra 2017/18. De forma particular, o Mato Grosso apresenta estimativa de receita bruta para a oleaginosa de 37,29 bilhões de reais para a temporada 2017/18. Já, para a safra imediatamente anterior, a estimativa ficou em 27,7 bilhões, com acréscimo relativo de 34,6%. A Unidade da Federação produtora que apresentou maior incremento percentual na receita bruta estimada para a soja foi o Piauí, com 45,9% de aumento, resultado de 20,9% de aumento na produção e 20,7% no valor recebido pelo produtor para a saca de 60 quilos. Esse fenômeno é mais

um indicativo da consolidação da região do Matopiba para a produção de soja. Isso posto, a produção desses quatro estados, em conjunto, apresentou crescimento médio de 14,6%, incremento médio no preço recebido pelo produtor de 20% e, por fim, experimentou a majoração média de 37,8% para a receita bruta dos produtores dessa região, ao compararmos os preços praticados em maio de 2017 e maio de 2018.

Isso posto, a estimativa total para a receita bruta da soja na safra 2017/18 foi de 142,64 bilhões de reais, frente à estimativa de 108,73 bilhões da safra anterior, um aumento de 31,2%.



Gráfico 13 – Receita bruta dos produtores rurais – Soja – Safras 2016/17 e 2017/18





11. BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA

11.1. ALGODÃO

11.1.1. PANORAMA NACIONAL

Segundo o nono levantamento, a produção brasileira de algodão, estimada para a safra 2017/18, é de 1.964,7 mil toneladas de pluma, esse volume é 28,5% superior ao produzido na safra anterior, que foi de 1.529,5 mil toneladas. Apesar do aumento estimado para a produtividade ser de 2,6%, a companhia estima um aumento de 25,2% na área.

O mercado brasileiro do algodão fechou junho com amena redução no atacado, de 1,13% em relação ao mês anterior. A proximidade com o núcleo da colheita e, conseqüentemente, com a expansão da oferta são os principais fatores que reverteram a tendência de alta do mercado observada no primeiro semestre.

Em meio a este cenário, a indústria só adquire a matéria-prima que for estritamente necessária. Com a alta dos custos dessas indústrias, o setor têxtil terá dificuldade de adquirir metade das quase 2 milhões de toneladas esperadas para serem colhidas. Com isso, o setor terá que se esforçar para exportar mais de 1 milhão de toneladas de pluma. O dólar valorizado e a alta da Ice Futures deverão contribuir para isso.

11.2. ARROZ

Em maio, o Brasil exportou 201,6 mil toneladas de arroz base casca e importou 57,4 mil toneladas. Sobre os preços comercializados, o Brasil vendeu o arroz branco beneficiado em uma média de US\$448,09 a tonelada, enquanto os preços de aquisição, principalmente dos nossos parceiros de Mercosul, mantiveram-se em patamar inferior.

Sobre as compras brasileiras de arroz internacional em novembro, o Paraguai, maior exportador para o mercado brasileiro, comercializou 49,7 mil toneladas de arroz base beneficiado em uma média de US\$327,29 a tonelada de arroz polido. Cabe destacar que o arroz paraguaio continua sendo direcionado, em sua maioria, para os mercados da Região Sudeste, com destaque para São Paulo e Minas Gerais. Para o final da comercialização da safra 2016/17, já consolidada, a importação identificada foi de 1.042 mil toneladas e exportação de 1.064,7 mil toneladas.

Acerca do consumo, esse foi consolidado nesta atual publicação em 12 milhões de toneladas para a safra 2016/17. Esse dado é estimado por meio do fechamento do quadro de suprimento, com a publicação do levantamento dos estoques privados de 689,25 mil toneladas, somados aos estoques públicos de 22,36

mil toneladas no dia 28 de fevereiro de 2018. Para a safra 2017/18, projeta-se uma manutenção do consumo interno por volta de 12 milhões de toneladas, volume semelhante à média identificada nos últimos dez períodos comerciais.

Sobre a produção nacional, a safra brasileira de arroz 2017/18 deverá ser 4,6% inferior em relação à safra 2016/17, atingindo 11,7 milhões de toneladas. Essa retração da produção ocorre em razão do atraso de parte das áreas no Rio Grande do Sul, do frio intenso em fevereiro, que prejudicou a formação dos grãos e da menor capitalização dos produtores, que reduziram a quantidade de insumos nas lavouras. Sobre a balança comercial, a expectativa é de superávit de aproximadamente 150 mil toneladas na atual safra, com uma possível valorização do arroz brasileiro no segundo semestre e, conseqüentemente uma desaceleração das exportações.

Com base no cenário descrito no quadro de suprimento, espera-se uma redução dos estoques de passagem ao longo de 2018, sendo estimado um estoque final de 711,6 mil toneladas para a safra 2016/17 (fevereiro de 2018) e de 321,3 mil toneladas para a safra 2017/18 (fevereiro de 2019).

11.3. FEIJÃO

11.3.1. FEIJÃO-COMUM CORES

No atacado, em São Paulo, o mercado permanece calmo, com sucessivas reduções de preços, principalmente dos tipos superiores. Esse comportamento é atribuído à maior oferta do produto, por conta da continuidade das colheitas na Região Centro-Sul do país e da retração nas compras pelos empacotadores.

Nota-se que em vários dias o mercado operou com poucas ofertas e, na maior parte, com sobras de mercadorias. Mesmo assim, os preços recuaram, mostrando que a oferta continua sobrepondo às necessidades da demanda.

A expectativa dos agentes de mercado para junho é de sucessivas quedas dos preços, à medida que vai avançando a colheita na Região Centro-Sul do país. Diante desse quadro, os compradores estão mais precavidos, adquirindo pequenos lotes ou buscando algum diferencial de preço nas fontes de produção.

Na Região Sul, o clima frio e seco está permitindo o avanço da colheita, que se encontra em fase final. No Paraná, estima-se que 98% da área foi colhida com a

leguminosa da segunda safra, e 70% da produção comercializada pelos produtores, e as lavouras se encontravam 100% em maturação. Quanto à terceira safra, ou safra de inverno, as áreas irrigadas começam a ser colhidas em julho e, posteriormente, as conduzidas no regime de sequeiro.

Cabe esclarecer que, mesmo com os baixos preços em todos os segmentos do setor, a demanda não reage, e nas redes de supermercados o giro do produto continua lento, significando menor reposição da mercadoria no varejo. Dessa maneira, a sustentação dos preços continua ameaçada pela quantidade ofertada do grão, que segue acima do interesse de compras.

Portanto, nesse foco, é difícil estimar o comportamento dos preços. Contudo, tomando-se como parâmetro o quadro de suprimento, nota-se que o volume total disponível para alcançar a primeira safra da próxima temporada, 2018/19, talvez não seja suficiente para manter, a contento, o abastecimento interno, a não ser que o consumo caia ainda mais.



11.3.2. FEIJÃO-COMUM PRETO

No atacado, em São Paulo, a expectativa era de queda nas cotações em virtude da intensificação da colheita no Paraná, só que os preços seguem estáveis em razão, basicamente, da forte valorização do dólar.

Já nas zonas de produção, mesmo com a redução no volume estimado na segunda safra, em virtude da menor área plantada, os preços oferecidos aos produtores recuaram. No entanto, por se tratar de produtores familiares, sem condições de segurar o produto, muitos acabam vendendo sua mercadoria para saldar dívidas.

A segunda safra está praticamente concluída, e a temporada dessa variedade se encerra nesse segundo plantio, cuja colheita está praticamente concluída. Doravante, o país passará a depender de importações, majoritariamente da Argentina, que encerrou o seu cultivo em março. Do volume a ser produzido naquele

11.3.3. SUPRIMENTO

Para 2017/18, prevê-se o seguinte cenário: computando as três safras, o trabalho de campo realizado por técnicos da Conab em junho, chega em um volume médio de produção estimado em 3,3 milhões de toneladas, 2,7% inferior à colheita anterior.

Nesse cenário, partindo-se do estoque inicial de 302,6

país, cerca de 70% da produção de feijão-comum preto é destinada ao Brasil.

Nas redes de supermercados, as diversas promoções a preços realmente baixos não estão sendo suficientes para atrair os consumidores. Diante dessa situação, muitos empacotadores estão com dificuldades em negociar sua mercadoria junto ao setor varejista, já que muitas vezes a oferta fica aquém de suas “pedidas” que, segundo eles, já está no limite, inviabilizando, em muitos casos, a operação.

O décimo levantamento registra, para a segunda safra, aumento de 7,7% na área cultivada. A produção, por sua vez, até o momento está estimada em 1.293,2 mil toneladas, ou 92,3 mil toneladas a mais que a registrada em 2017.

mil toneladas, o consumo em 3,3 milhões de toneladas, as importações em 120 mil toneladas e as exportações de 120 mil toneladas, o resultado será um estoque de passagem na ordem de 310,6 mil toneladas, correspondendo, aproximadamente, a um mês e meio de consumo.



11.4. MILHO

11.4.1.MERCADO INTERNACIONAL

Os preços de milho na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) continuam em baixa, alguns fatores importantes têm influenciado nos preços, mas os principais fatores são:

- 1- Guerra comercial entre China e Estados Unidos, que tem influenciado negativamente nos preços de todas as commodities.
- 2- Um provável aumento de área plantada de milho nos Estados Unidos.
- 3- Clima favorável para o desenvolvimento da lavoura de milho com um possível aumento de produtividade.

11.4.2.MERCADO NACIONAL

No mercado nacional, a comercialização interna está travada devido aos altos preços de frete. Onde os preços atuais de frete alcançam valores 30% maiores que a média praticada no mesmo período dos últimos anos.

Além disso, a soja também está com sua comercialização travada e deve afetar nas exportações de milho

Em junho de 2018, os preços médios de milho spot na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT) ficaram 8,55% menores que os preços praticados em maio de 2018, passando de US\$ 398,86/bu em maio, para US\$ 364,75/bu em junho.

O clima dos Estados Unidos continua muito bom, por isso, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) estima que 94% da área plantada norte-americana de milho está em estado regular (18%), bom (55%) e excelente (21%), no mesmo período de 2017 esse valor era de 92%, o que comprova um possível aumento de produtividade de milho para a safra 2018/19.

segunda safra, por isso, estima-se que as exportações de milho para safra 2017/18 sejam de 30 milhões de toneladas.

Com uma produção total estimada pela Conab em 82,93 milhões de toneladas, e um consumo de 59,84 milhões de toneladas, os estoques finais de milho para a safra 2017/18 deverá ser de 10,83 milhões de toneladas.



11.5. SOJA

11.5.1. MERCADO INTERNACIONAL

Assim como no mês anterior, a notícia de que a China poderá taxar em 25% a soja importada dos Estados Unidos foi o principal fator de variação de preços internacionais em maio de 2018.

A possibilidade de que a China taxe as importações de soja em grãos dos Estados Unidos se intensificam, por isso, o mercado continua a precificar os preços internacionais baseado nesse fundamento. Por esse motivo, os preços “spot” na Bolsa de Valores de Chicago (CBOT), em junho de 2018, variaram entre US\$ 10,21/

bu e US\$ 8,58/bu, com a média de US\$ 9,25/bu, o valor CBOT cotado no dia 29 de junho de 2018 (US\$ 8,58/bu) foi o menor desde março de 2016.

Além disso, a lavoura americana de soja estão se desenvolvendo muito bem e, caso não aconteça nenhum problema climático até setembro de 2018, data do início da colheita americana, os americanos devem colher acima dos 116,48 milhões de toneladas estimados pelo Departamento de Agricultura Americano (USDA). O que deve pressionar ainda mais os preços internacionais para baixo.

11.5.2. MERCADO NACIONAL

No mercado interno, junho foi marcado por pouquíssima comercialização de soja em grãos, motivada pelos altos preços de frete praticados após a greve dos caminhoneiros.

Os preços de fretes praticados em junho de 2017 estão 31% superiores aos praticados no mesmo período de 2017, com isso, os produtores resolveram “travar” sua comercialização, apesar que o dólar foi cotado em média ao valor de R\$ 3,77. Os preços internacionais tiveram uma grande queda. Por isso, os preços de paridade de Sorriso-MT, para de junho, deveriam estar no valor médio de R\$ 64, valor bem abaixo do que estava sendo praticado antes da greve dos caminhoneiros, que era de R\$ 70 a saca de 60 quilos.

Segundo a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), as exportações de junho foram estimadas em mais de 10,42 milhões de toneladas, esse valor está dentro da

expectativa de exportação para o mês, e mais de 1 milhão de toneladas maior que o exportado em junho de 2017.

O consumo interno é estimado em 47,40 milhões de toneladas. Devido aumento está relacionado ao crescimento do uso do biodiesel proveniente da soja e também do possível aumento de exportação de farelo de soja (17%) e de óleo de soja (8%), oriundos de uma redução das exportações dessas commodities, na Argentina.

Finalmente, a produção de soja no Brasil foi estimada pela Conab em, aproximadamente, 118,88 milhões de toneladas. Já as exportações em 72 milhões de toneladas, gerando um estoque de passagem de 1,48 mil toneladas, dentro da normalidade e média dos últimos anos.



11.6. TRIGO

Ainda que o mercado tenha se mantido lento, a indefinição acerca dos preços dos fretes, a contínua elevação na taxa cambial, os altos patamares dos preços internacionais e a restrição na oferta do grão permaneceram elevando as cotações do trigo e seus derivados ao longo de junho. Diante da menor liquidez no mercado, os produtores concentraram seus esforços no cultivo do cereal na Região Sul, aproveitando as boas condições climáticas predominantes no período.

De acordo com a Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento do Paraná (Seab), até o dia 2 de julho 97% da área destinada para o trigo foi plantada, no estado, onde 11% se encontravam em fase de germinação, 88% em desenvolvimento vegetativo e 1% em floração. Segundo o órgão, 83% do que foi plantado estava em boas condições, enquanto 14% apresentava condições medianas e 3% do total semeado se encontrava em condições ruins. No Rio Grande do Sul, segundo os dados da Emater/RS, até o dia 28 de junho o cultivo do trigo já havia se aproximado de 80% do total previsto para o estado, com lavouras apresentando bom aspecto em virtude das favoráveis condições climáticas.

Ao longo de junho o Brasil internalizou 584,9 mil to-

neladas de trigo, sendo a Argentina responsável pelo fornecimento de 84,2% do total, seguida pelo Canadá, com 10,4%, Paraguai 4,5%, França 0,9% e Uruguai, com 0,1% do total. A menor disponibilidade do trigo argentino e a contínua redução nos preços internacionais, ao longo do mês, contribuíram para que houvesse uma maior diversificação na origem do produto estrangeiro. Por outro lado, praticamente não houve qualquer operação de exportação do trigo brasileiro no período.

Com o contínuo aumento dos preços internos e a necessidade de atendimento à demanda interna, o Brasil deverá manter um volume de importação acima da média da atual safra, atualmente em 511 mil toneladas por mês. Dessa forma, espera-se que o volume de importações atinja um volume total de 6,2 milhões de toneladas até o final de julho. Com a menor disponibilidade de trigo no mercado interno, o volume a ser exportado não deverá superar 210 mil toneladas no mesmo período.

Em relação à previsão para a safra 2018/19, espera-se que haja um aumento de 4,9% na área cultivada, totalizando 2.009,6 mil hectares, que deverá resultar numa produção de 4.901,6 mil toneladas do grão.



Tabela 1 - Balanço de oferta e demanda - Em mil toneladas

PRODUTO	SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÃO	SUPRIMENTO	CONSUMO	EXPORTAÇÃO	ESTOQUE FINAL
Algodão em pluma	2011/12	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
	2012/13	470,5	1.310,3	17,4	1.798,2	920,2	572,9	305,1
	2013/14	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
	2014/15	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
	2015/16	349,1	1.289,2	27,0	1.665,3	660,0	804,0	201,3
	2016/17	201,3	1.529,5	33,6	1.764,4	685,0	834,1	245,3
	2017/18	245,3	1.964,7	15,0	2.225,0	720,0	1.010,0	495,0
Arroz em casca	2011/12	2.569,5	11.599,5	1.068,0	15.237,0	11.656,5	1.455,2	2.125,3
	2012/13	2.125,3	11.819,7	965,5	14.910,5	12.617,7	1.210,7	1.082,1
	2013/14	1.082,1	12.121,6	807,2	14.010,9	11.954,3	1.188,4	868,2
	2014/15	868,2	12.448,6	503,3	13.820,1	11.495,1	1.362,1	962,9
	2015/16	962,9	10.603,0	1.187,4	12.753,3	11.428,8	893,7	430,8
	2016/17	430,8	12.327,8	1.042,0	13.800,6	12.024,3	1.064,7	711,6
	2017/18	711,6	11.759,7	1.050,0	13.521,3	12.000,0	1.200,0	321,3
Feijão	2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
	2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
	2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
	2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
	2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
	2016/17	186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6
	2017/18	302,6	3.308,0	120,0	3.730,6	3.300,0	120,0	310,6
Milho	2011/12	4.459,6	72.979,5	774,0	78.213,1	51.894,0	22.313,7	4.005,4
	2012/13	4.005,4	81.505,7	911,4	86.422,5	53.263,8	26.174,1	6.984,6
	2013/14	6.984,6	80.051,7	790,7	87.827,0	54.503,1	20.924,8	12.399,1
	2014/15	12.399,1	84.672,4	316,1	97.387,6	56.611,1	30.172,3	10.604,2
	2015/16	10.604,2	66.530,6	3.338,1	80.472,9	54.972,4	18.883,2	6.617,3
	2016/17	6.617,3	97.842,8	953,6	105.413,7	57.330,5	30.836,7	17.246,5
	2017/18	17.246,5	82.927,9	500,0	100.674,4	59.844,8	30.000,0	10.829,6
Soja em grãos	2011/12	3.020,4	66.383,0	266,5	69.669,9	36.754,0	32.468,0	447,9
	2012/13	447,9	81.499,4	282,8	82.230,1	38.694,3	42.791,9	743,9
	2013/14	743,9	86.120,8	578,7	87.443,5	40.200,0	45.692,0	1.551,5
	2014/15	1.551,5	96.228,0	324,1	98.103,6	42.850,0	54.324,2	929,4
	2015/16	929,4	95.434,6	400,0	96.764,0	43.700,0	51.581,9	1.482,1
	2016/17	1.482,1	114.075,3	300,0	115.857,4	46.100,0	68.154,6	1.602,8
	2017/18	1.602,8	118.885,8	400,0	120.888,6	47.400,0	72.000,0	1.488,5
Farelo de Soja	2011/12	3.176,7	26.026,0	5,0	29.207,7	14.051,1	14.289,0	867,6
	2012/13	867,6	27.258,0	3,9	28.129,5	14.350,0	13.333,5	446,0
	2013/14	446,0	28.336,0	1,0	28.783,0	14.799,3	13.716,3	267,4
	2014/15	267,4	30.492,0	1,1	30.760,5	15.100,0	14.826,7	833,8
	2015/16	833,8	30.954,0	0,8	31.788,6	15.500,0	14.443,8	1.844,8
	2016/17	1.844,8	32.186,0	1,0	34.031,8	17.000,0	14.177,1	2.854,7
	2017/18	2.854,7	33.110,0	1,0	35.965,7	17.500,0	16.500,0	1.965,7
Óleo de soja	2011/12	988,0	6.591,0	1,0	7.580,0	5.172,4	1.757,1	650,5
	2012/13	650,5	6.903,0	5,0	7.558,5	5.556,3	1.362,5	639,7
	2013/14	639,7	7.176,0	0,1	7.815,8	5.930,8	1.305,1	579,9
	2014/15	579,9	7.722,0	25,3	8.327,2	6.359,2	1.669,9	298,1
	2015/16	298,1	7.839,0	66,1	8.203,2	6.380,0	1.254,2	569,0
	2016/17	569,0	8.151,0	40,0	8.760,0	6.800,0	1.342,5	617,5
	2017/18	617,5	8.385,0	40,0	9.042,5	7.100,0	1.450,0	492,5
Trigo	2011	2.201,6	5.788,6	6.011,8	14.002,0	10.144,9	1.901,0	1.956,1
	2012	1.956,1	4.379,5	7.010,2	13.345,8	10.134,3	1.683,9	1.527,6
	2013	1.527,6	5.527,8	6.642,4	13.697,8	11.381,5	47,4	2.268,9
	2014	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	10.713,7	1.680,5	1.174,6
	2015	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	10.367,3	1.050,5	809,3
	2016	809,3	6.726,8	7.088,5	14.624,6	11.517,7	576,8	2.530,1
	2017	2.530,1	4.263,5	6.200,0	12.993,6	11.287,4	210,0	1.496,2
2018	1.496,2	4.901,6	6.500,0	12.897,8	11.301,4	300,0	1.296,4	

Fonte: Conab.

Notas: Estimativa em junho 2018/ Estoque de Passagem - Algodão, Feijão e Soja: 31 de Dezembro - Arroz 28 de Fevereiro - Milho 31 de Janeiro - Trigo 31 de Julho.



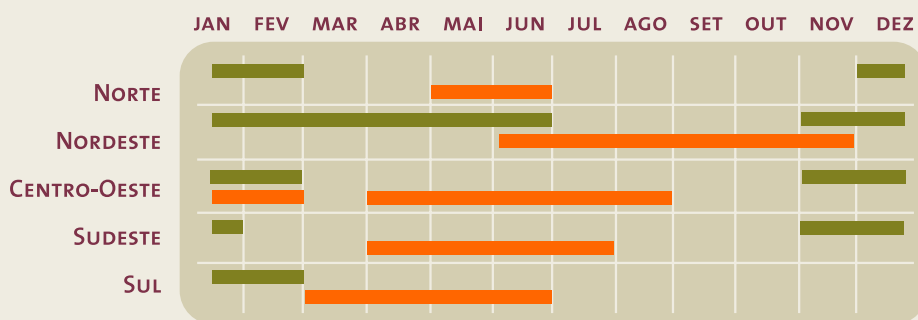


12. CALENDÁRIO AGRÍCOLA DE PLANTIO E COLHEITA

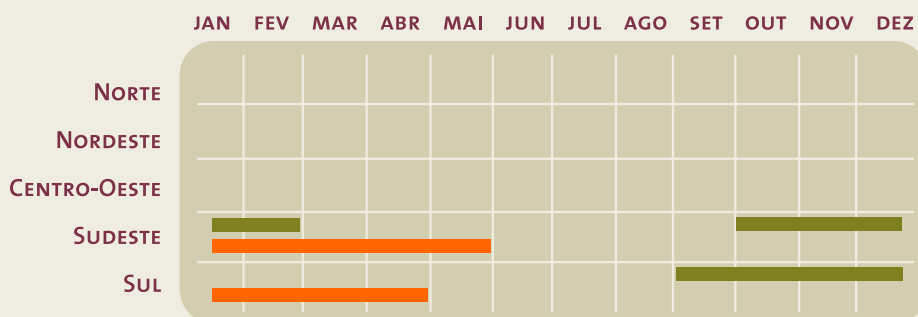
■ Plantio ■ Colheita



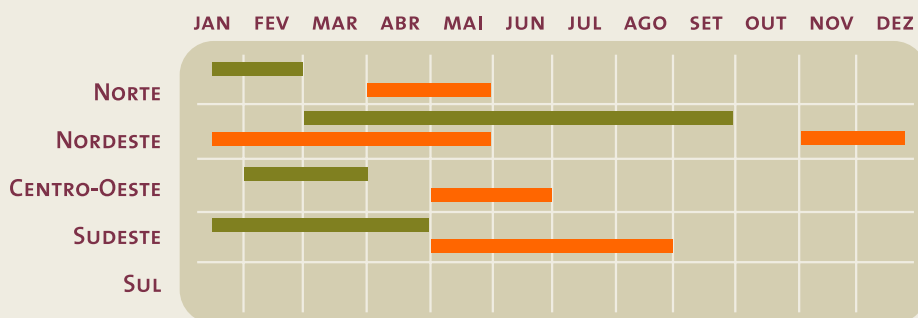
Algodão



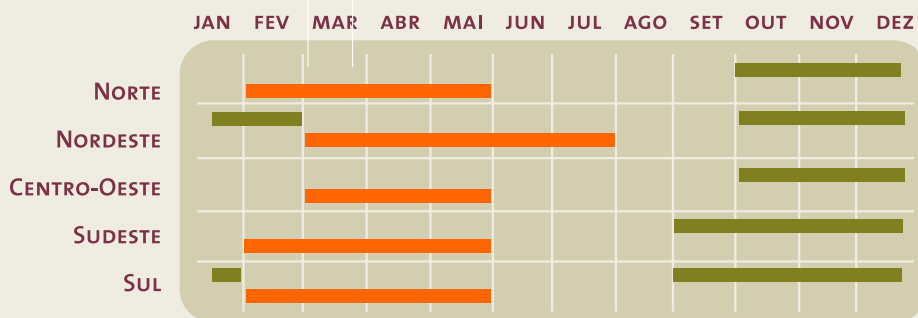
Amendoim
1ª safra



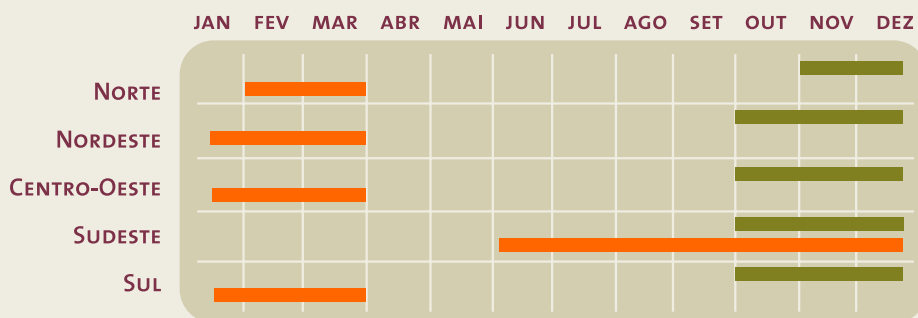
Amendoim
2ª safra



Arroz

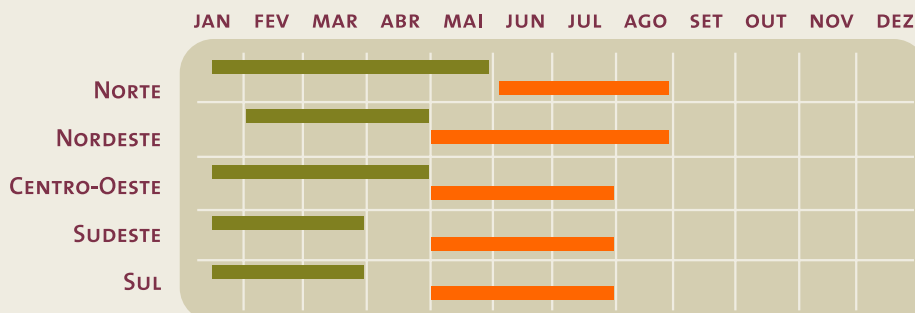


Feijão 1ª safra

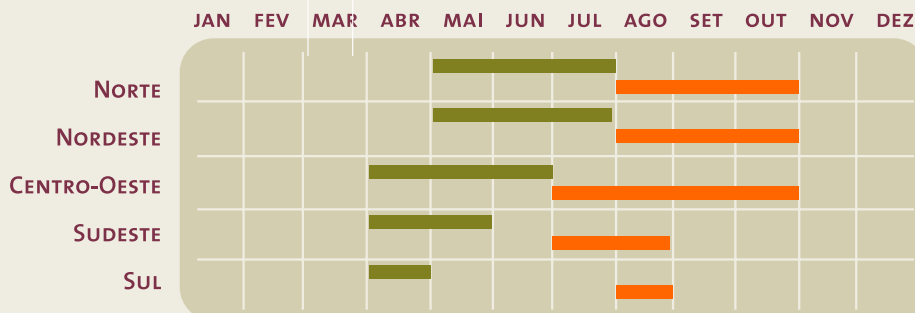




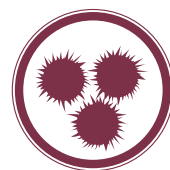
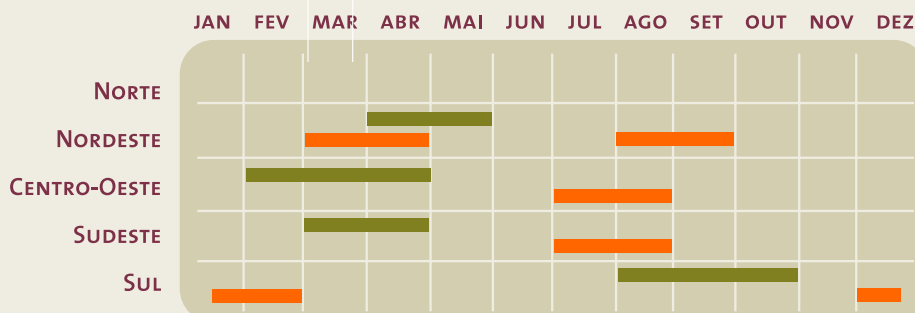
Feijão 2ª safra



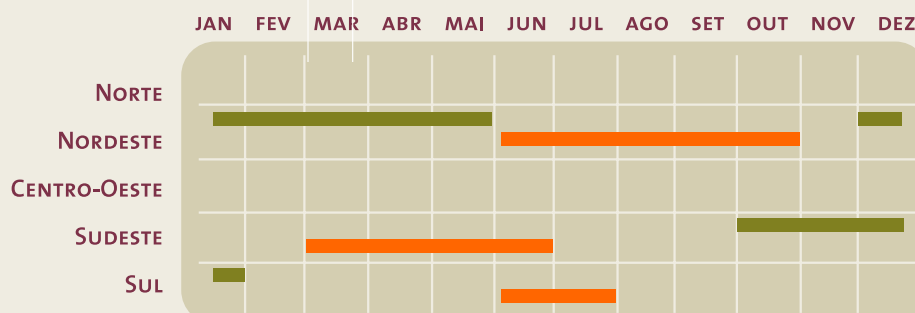
Feijão 3ª safra



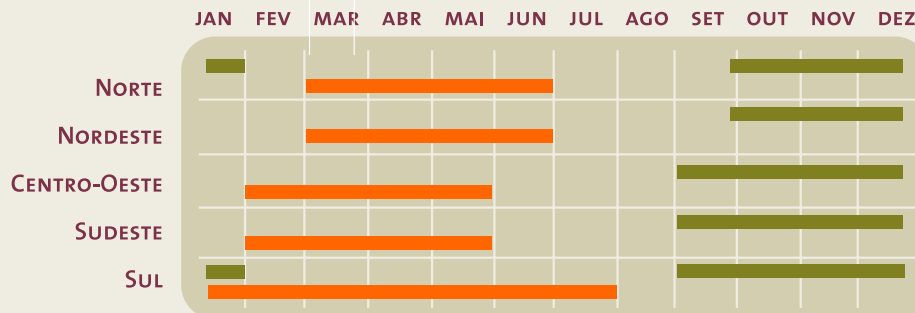
Girassol



Mamona

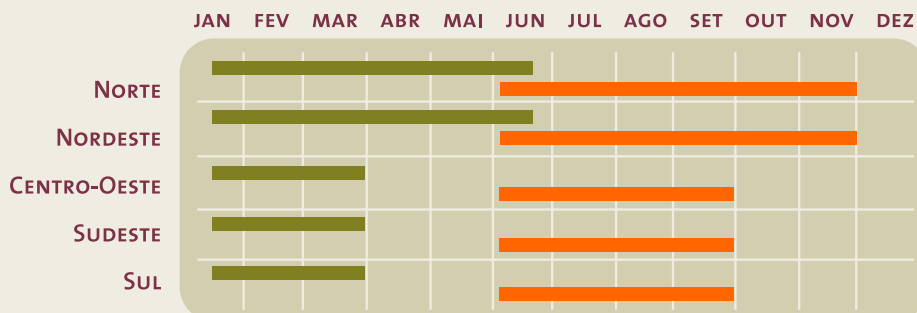


Milho 1ª safra

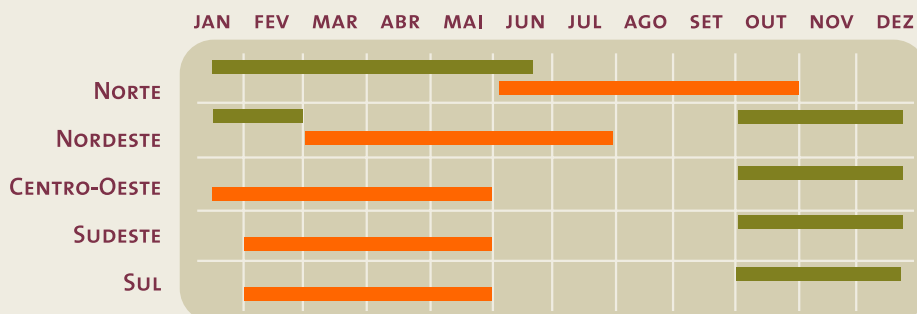




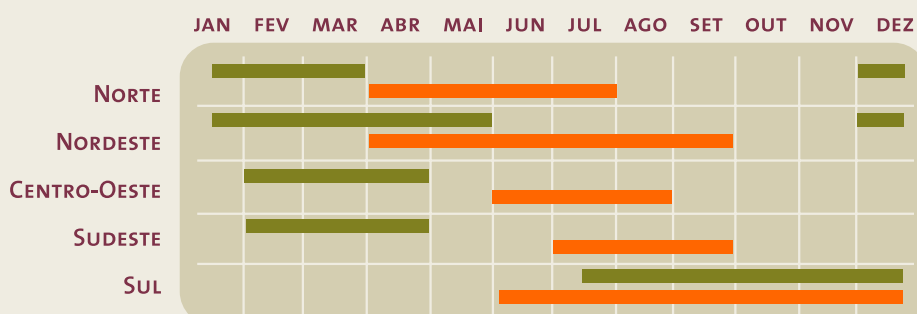
Milho 2ª safra



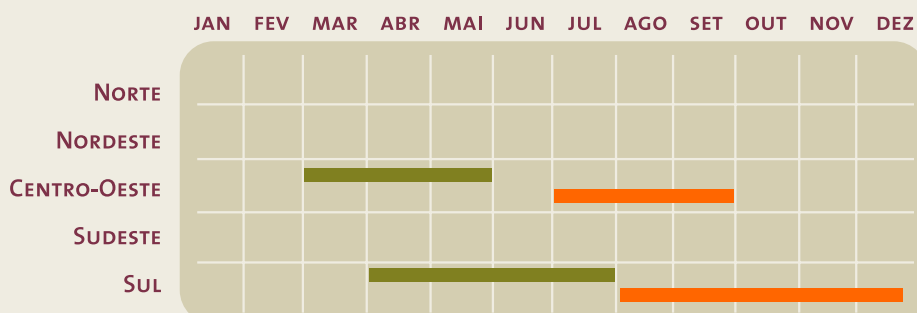
Soja



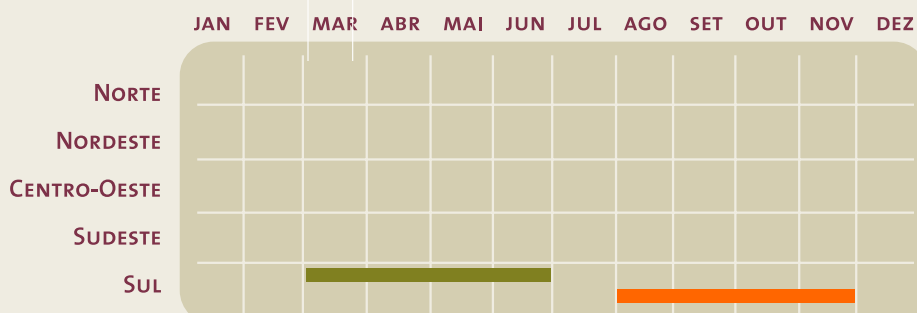
Sorgo



Aveia

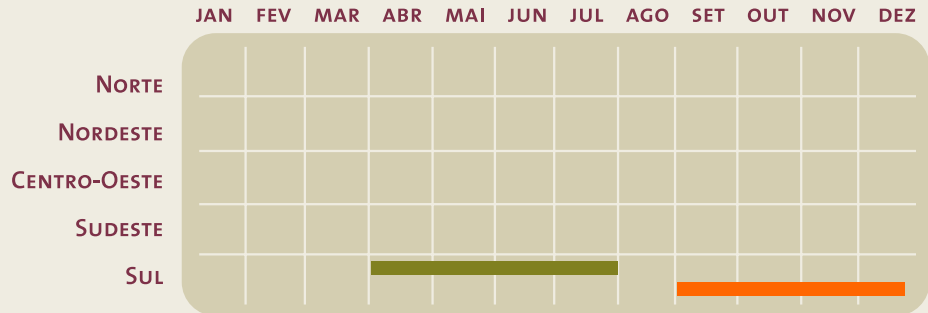


Canola

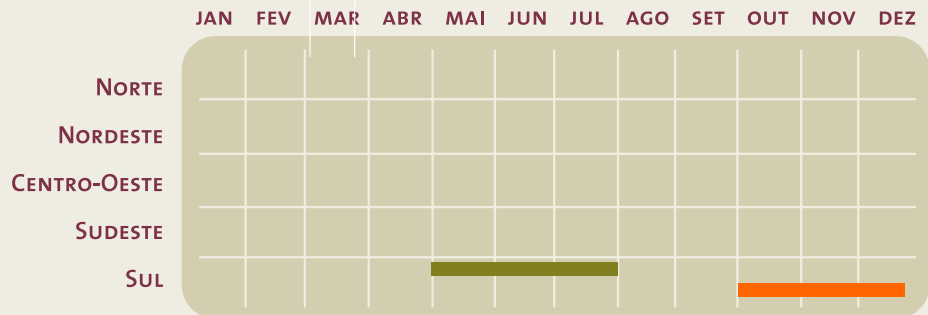




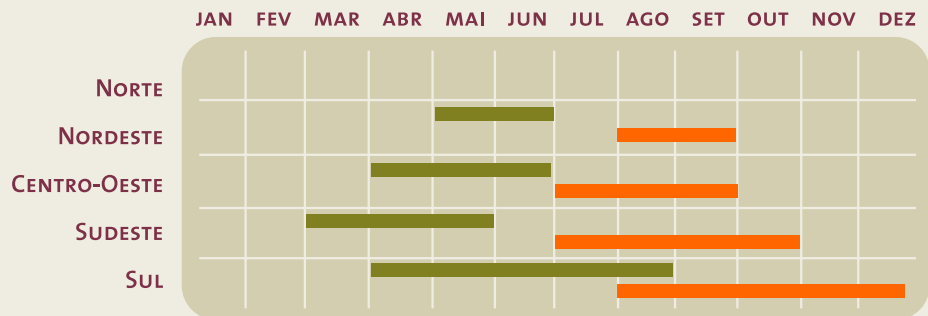
Centeio



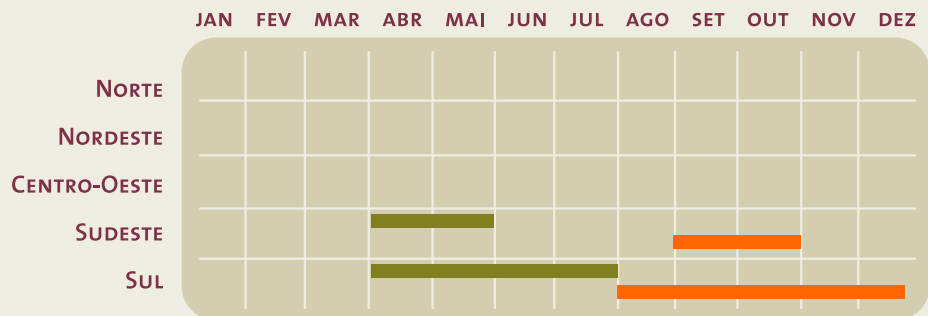
Cevada



Trigo



Triticale





Distribuição:
Companhia Nacional de Abastecimento (Conab)
Diretoria de Política Agrícola e Informações (Dipai)
Superintendência de Informações do Agronegócio (Suinf)
Gerência de Levantamento e Avaliação de Safras (Geasa)
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6277
<http://www.conab.gov.br> / geasa@conab.gov.br



Conab

MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA,
PECUÁRIA E
ABASTECIMENTO

GOVERNO
FEDERAL

